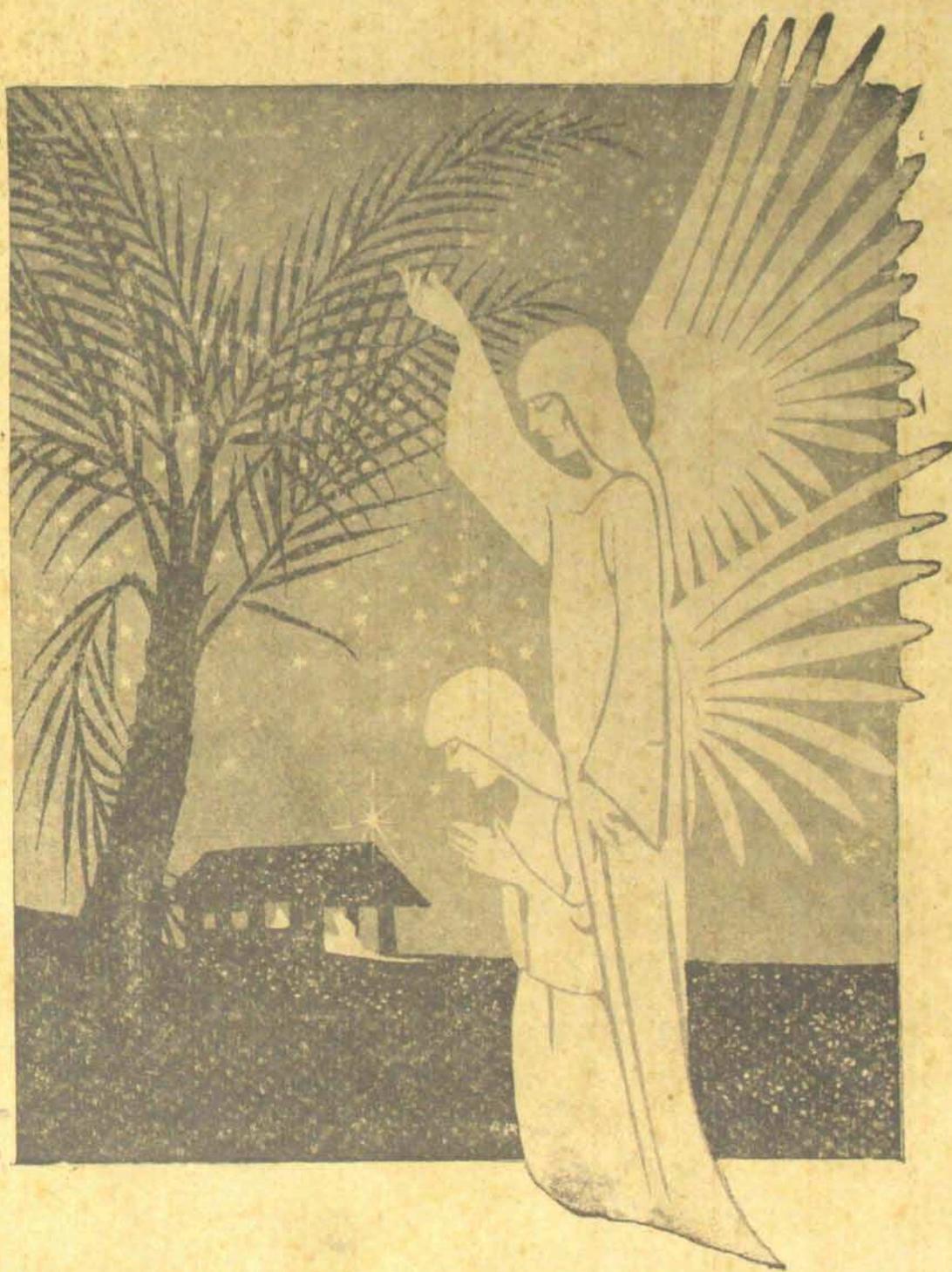


Atualidades



1140
1151
1152

BIBLIOTECA PÚBLICA
Reg. nº 3904
* FLORIANÓPOLIS *
20/3/70

ARP & CIA, FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"

"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"

"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES

RUA TRAJANO, Nº. 19 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

**COMPANHIA
BRASILEIRA
DE TRIGO**

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

**COMPANHIA
SIDERURGICA
BELGO MINEIRA**

USINAS EM SABARÁ E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados!

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA!

Peçam informações a

H. G. MOLENDAS

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.342

FLORIANÓPOLIS

Biblioteca Pública do Estado FLORIANÓPOLIS	Data
9938	

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

O N A T A L

Mais um hino cristão, ó minha lira,
uma saudade mais que desabroche
com místico perfume à raiz d'alma!

.....
Estrêla dos três reis — sê minha musa!

João de Lemos

Arcanjos divinais que os hinos santos
Da Sião imortal cantais ferventes,
De vossos plectros d'ouro refulgentes
Dai-me um raio celeste aos pobres cantos!

Vós, que os lírios mimosos da Poesia
Entre as urzes da terra desparzis,
A minh'alma banhais ness'harmonia
Que das célicas harpas desferis.

Arcanjo da Poesia! O Ser divino
Que do Vate cristão preside aos cantos,
Unge meus versos co'os perfumes santos,
Que os Magos ofertaram ao Deus Menino!

I

Envôlta nos véus da noite
Há muito Belém dormia;
Nem um só éco se ouvia
Nas choupanas do pastor;
Lá, no azul do firmamento
Mil estrêlas cintilavam
E as campinas se doiravam
Da lua ao doce esplendor.

Ao fresco rócio da noite
Os prados reverdeciam;
Mil açucenas abriam,
Mil rosas desabrochavam.
Nos vastos campos relvosos,
Fechadas em seus redis,
Branças ovelhas gentis
De quando em quando balavam.

No meio da solidão
Daquele ermo ditoso,
Num val'amenoso e formoso
Profunda gruta se erguia;
Festão de mil trepadeiras
Lhe enlaçava a austera agrura
Que de um manto de verdura
Macio musgo cobria.

Quando o rude pegureiro
Seu rebanho apascentava,
Das chuvas lá se abrigava,
Recolhendo o manso armento;
E na tosca mangedoura
Que ali na rocha entalhara
Sempre o rebanho encontrara
Farto, gramíneo sustento.

Foi aí (mistério augusto!)
Que o Rei dos reis quis nascer!
Quem poderá conceber
Do Presepe o grão poema?...
Ah! pobre Musa mesquinha,
Da terra no pó manchada,
Rompe a cadeia pesada
Com que êste mundo te algema!...

Maga estrêla dos Magos do Oriente,
Ensina-me os caminhos de Belém;
Quero ir-me a Jesus levar também
As puras flores de minh'alma crente!

II

A noite ia em meio:
Os pobres pastores
Seus rudes labores
Já vão começar,
Ao val's'encaminham...
Da noite ao relento
O dócil armento
Lá iam guardar.

Qual fôra num sonho
De magos encantos
De luz e de cantos
Cercados se viram.
Que doces eflúvics
De místico incenso,
Que júbilo imenso
Que pasmo sentiram!

Do súbito assombro
Que os tinha pasmados,
Cairam prostrados
Co'os olhos nos Céus,
Talvez procurando
No livro sidéreo,
O fundo mistério
Traçado por Deus!

D'esplêndida nuvem
No áureo regaço,
Um anjo do espaço
Baixava radioso;
Co'a nívea roupagem
A terra tocando,
No gesto, mui brando,
Falou majestoso:

"Não temais! feliz nova aqui vos trago,
Que encherá todo o povo de alegria,
De bênção e de amor,
Pois de Jessé na hástea venturosa
Brotou a doce flor imaculada,
— O Cristo Redentor!
Ide, além, num presépio reclinado,
Envolto nas mantilhas da indigência
Um menino achareis...
É este o Cristo!
É este o Salvador!"

E as asas brilhantes,
De argêntea plumagem,
Por sôbre a paragem
Sereno estendeu;
Da nuvem mimosa
No áureo regaço,
Formoso se ergueu...
Ao célico espaço,

Alou-se, alou-se o divo mensageiro,
Té perder-se no ar resplandesciente,
E aos magos poderosos do Oriente
Foi-se a nova levar, breve, ligeiro.

III

Já desperta o val'formoso,
Todo em galas, jubiloso,
Todo em risos festivos;
Fresco orvalho rega as flores,
Mais frescura, mais odores
Espalhando nos rosais.

Já se vão pastores ledos
Ensaçando mil folguedos
Ao Deus menino adorar...
Uns levavam mel mais puro,
Outros o fruto maduro
Do seu viçoso pomar.

Aqui — a infância contente,
Carregando o leite quente
Da mansa ovelha diletta;
Ali — pastoras singelas
De suas flores mais belas
Levando of'renda seleta;
Além, um velho curvado
Sôbre nodoso cajado,
Alvo cordeiro levava;
A seu lado, o moço lesto,
Meigos pombinhos num cesto
Prazenteiro carregava.

E à gruta ditosa
Humilde chegaram;
No chão se prostraram
Ao Deus adorando;
Das puras ofertas
Os mimos singelos
Com santos desvelos
Ao Cristo ofertando.

Lá da celeste abóbada fulgente,
Mais um côro d'arcanjos vem baixando,
Hinos sacros de glórias entoando
Ante o berço de Deus Onipotente!

"Glória a Deus nas alturas! Paz na terra,
Que a luz do Céu as trevas dissipou,
Mais brilhante que o dia radioso
Que de aurora serena despontou!

Glória a Deus nas alturas! Paz aos homens,
Que do mundo nasceu o Redentor!
Graças mil sôbre a terra já derrama
Em mil bênçãos de amor o Eterno Amor!"

IV

Formosa, no espaço,
Brilhava uma estrêla
Mais pura, mais bela
Que a estrêla do albor:
Por ela guiados
Os reis caminharam
E ao berço chegaram
Do Deus Salvador
Lá, ante o exemplo
De um Deus entre os pobres,
Os magos tão nobres
Pasmados estão!

E a mirra, o incenso,
O ouro mais fino,
Of'recem ao Menino
Co'as fronteiras no chão.

Celeste ventura
De um gôzo inefável
Da Mãe adorável
O seio inundava;
Tão terna fitando
Seu meigo Jesus,
De amor nesta Luz,
Seus olhos banhava.

José piedoso,
No sólo prostrado,
Medita, enlevado,
Mistério tão fundo,
E os anjos celebram
Nas líras supernas
As glórias eternas
À face do mundo!

Senhor! não pode a lira humilde e rude
Do Messias cantar a glória ingente
Que o Céu nas harpas d'oiro celebrava,
Nem de um mortal as vozes poderiam
Jamais dizer a celestial ventura
Que de Maria a alma transportava;
Porém o meu espírito enlevado,
A doce luz da Fé contempla absorto
O Presépio ditoso de Belém,
E ouvindo do vale abençoado
Doces ecos de um hino descantado,
Aos sons da lira humilde diz também:
— Glória ao Excelso Padre Onipotente!
Glória ao Filho, do mundo Redentor!
Glória ao Espírito Santo Onisciente!
Glória á Mãe Virginal do Salvador!

BRASILIA SILVA
(Delminda Silveira)

(Do "Sul Americano", de 1-1-1902)

Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana

Primeiro Congresso de História Catarinense

DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

Em nossa última edição, foram circunstanciadamente noticiadas as atividades do Congresso nos dias 4 e 5 de outubro. A seguir, são descritas as que subseqüentemente se processaram.

DIA 6 DE OUTUBRO, QUARTA-FEIRA

Excursão à volta ao Morro

Às 9 horas e 30 minutos, conforme estava marcado no programa-calendário, da Praça Quinze de Novembro, de junto da estátua de Fernando Machado, partiram os Congressistas para a primeira das excursões organizadas com o intuito de mostrar localidades onde se fez sentir a influência da colonização açoriana. Consistiu a excursão na "volta ao Morro", que é um dos passeios tradicionais da Cidade de Nossa Senhora do Destêro e em cujo percurso fica a vila da Trindade, um dos primeiros núcleos de localização dos velhos insulanos. Ali pararam os Congressistas, que, numerosos e alegres, foram conduzidos em dois ônibus, tendo visitado a igreja local.

Visita ao Governo do Estado

Às 11 horas, compareceram os Congressistas a palácio, em visita ao Poder Executivo Estadual.

Recebidos no salão de honra pelo Sr. Dr. José Boabaid, Presidente da Assembléia Legislativa no exercício do cargo de Governador, que estava acompanhado do secretariado e de suas casas civil e militar, usou da palavra o Sr. Professor Dr. Hélio Vianna, Primeiro Vice-presidente do Congresso, que proferiu a seguinte erudita oração:

— "Senhor Governador! No impedimento eventual do Sr. Desembargador Henrique da Silva Fontes, presidente efetivo do 1º Congresso de História Catarinense, cumpre-me expressar a V. Exa., em seu nome e no de todos os Congressistas, as nossas saudações e agradecimentos pela cooperação do Governo do Estado de Santa Catarina aos trabalhos do conclave comemorativo do bi-centenário da colonização açoriana no sul do Brasil.

Sem o apóio oficial não são possíveis os empreendimentos desse gênero, sabido que é que o seu caráter cultural e patriótico transcende os limites dos simples esforços individuais, elevando-se às condições de verdadeira tarefa educativa, principal dentre as que preocupam os estadistas dignos deste nome.

Eis porque, Sr. Governador, nós, os participantes do 1º Congresso de História Catarinense, aqui vimos agradecer o apóio governamental às nossas comemorações. Aqui estamos, não apenas em sinal de gratidão pela hospitalidade tão generosa que nos foi prodiga-



Visita ao Governador. S. Exa. está à direita; à esquerda, está o Professor Hélio Vianna lendo o seu discurso.

lizada, mas principalmente por termos compreendido, em toda a sua extensão, o significado da nossa reunião.

Porque não estamos simplesmente festejando uma efeméride interessante da nossa história, porém, assinalando um ponto decisivo da própria formação nacional. Portugal alterou, na história da América, um princípio político de grande uso na Europa: em vez de "dividir para reinar", usou, no Brasil, "dividir para povoar". E transfundindo o bom sangue lusitano com o dos indígenas do Novo Mundo, aqui veio criar uma outra nacionalidade, moldada na sua, com a mesma unidade de língua e de religião, mas enriquecida pelas novas características forjadas no ambiente americano.

Para essa obra de séculos, muito contribuiu o colono açoriano, o pobre ilhéu que, isolado no Oceano, modelou sua alma entre o embalo das ondas e a dureza das suas rochas vulcânicas.

Trazido ao Maranhão e Grão-Pará, como depois a Santa Catarina e ao Rio Grande de São Pedro, soube adaptar-se ao nosso meio, multiplicou-se nos trabalhos da paz, combateu nos da guerra, radicou-se, expandiu-se, participou, enfim, da elaboração do Brasil de hoje, pelas suas origens, delas orgulhoso, através das éras de bonança e de dificuldades em que temos evoluído.

Por tudo isso, Sr. Governador, pela compreensão com que o governo de V. Exa. ajudou as nossas comemorações, pela colaboração, mais que todas imprescindível, a elas facultada, agora apresentamos, com os nossos agradecimentos de hóspedes acumulados de gentilezas, os cumprimentos que são devidos aos que bem merecem da Pátria, aos que, não descuidando do Presente e preparando o Futuro, não esquecem o Passado e seus ensinamentos, o muito que lhe devemos, tudo o que somos, tudo o que seremos".

Agradecendo a visita, respondeu o Sr. Governador do Estado, que mais uma vez realçou a importância do Congresso, renovando seus votos para que êle alcançasse êxito completo.

Visita aos Poderes Municipais

Às 11 horas e 30 minutos, compareceram os Congressistas à Câmara Municipal, que convocara sessão especial para os receber.

Aberta a sessão, a que estiveram presentes todos os Vereadores, o Presidente da Câmara Sr. João Batista da Costa Pereira, convidou o Sr. Professor Hélio Vianna, Primeiro Vice-presidente do Congresso, a sentar-se à mesa e, em seguida, deu a palavra ao Vereador Sr. Osvaldo dos Passos Machado, que, brilhantemente, assim discorreu:

"Os Açores são um arquipélago que a natureza com caprichos de beleza, plantou em pleno Atlântico, na intersecção das grandes rotas marítimas, entre a América do Norte e Central e entre a América do Norte e a África.

Descobertas, a partir do ano de 1432, as Ilhas Açorianas pertenceram sempre a Portugal.

Nelas os portugueses estabeleceram sua civilização; modificaram-lhes a flora e a fauna; transformaram-nas num dos mais lindos jardins de cultura do mundo.

Superpovoadas a partir do século dezoito, as Ilhas têm mandado seus filhos para as terras americanas e asiáticas, desenvolvendo correntes migratórias para a América do Norte. Ali, para onde emigraram e ainda emigram os pescadores de baleias, na terra americana do norte, transformam-se os açorianos em agricultores dos mais hábeis e avançados.

Atesta-o, sem dúvida, a esplêndida ocupação agrícola do vale de San Joaquim, na Califórnia.

Excelentes agricultores, demons-

tram também grande capacidade na pesca, para a prática da qual, aliás, constituíram grandes grupos localizados na Nova Inglaterra e no Labrador.

De extrema adaptabilidade, o povo açoriano se ambienta rapidamente nas novas terras para onde emigra. Sua população se estende até às Filipinas e Hawái, onde se dedicam às fainas agrícolas, especialmente à cultura do ananás.

Há duzentos anos trabalham os açorianos um sólo pobre, arenoso, bastante diverso do rico sólo vulcânico das suas Ilhas.

Os Açores desempenharam no passado relevante papel; a posição excepcional que lhes deu a natureza permitiu aos navegadores portugueses um sólido ponto de apoio para as explorações e aventuras oceânicas.

Hoje, as Ilhas fazem reviver o relevante papel do passado como ponto de apoio as modernas rotas aéreas.

O Conselho Ultramarino, por Provisão de 9 de agosto de 1747, deu a Gomes Freire, então governador do Brasil, instruções para a localização de colonos açorianos em Santa Catarina.

E aqui se estabeleceram a partir do ano de 1748, em consequência do relatório do governador da Ilha, Brigadeiro José da Silva Pais, que nele pedia a colonização da Capitania.

Diferenciações de toda sorte determinaram rumos completamente novos nas suas práticas agrícolas. Todavia, a essência da cultura e o colorido das tradições açorianas, a fidelidade aos valores mais altos da sua herança ancestral, jamais sofreram o menor câmbio ou a mais leve diminuição.

É verdade que as imposições e exigências do solo determinaram uma base econômica muito diversa da açoriana. Mas, apesar de alterados os hábitos culinários e dietéticos, decorrentes da impossibilidade material de repetir, na terra eleita, a tradição original das suas Ilhas, a descendência açoriana que aqui se fixou, nesta ilha verde, e se espraiou pelo litoral sul-brasileiro, soube conservar intactas as peculiaridades do linguajar, sonoro e cantante; o ritmo e a poesia, as emoções das lendas e festas populares; o apego e adoração aos mesmos sentimen-



Visita aos Poderes Municipais. O Presidente da Câmara Vereador Batista Pereira, tendo a seu lado o Professor Hélio Vianna e os vereadores Hamilton Ferreira e José do Vale Pereira.

tos religiosos; a devoção aos mesmos santos; a mesma maneira de laborar a terra; o mesmo tipo de sub-divisão da propriedade; o mesmo gosto e as mesmas reações aos valores estéticos, a par da repetição rigorosa dos mesmos costumes e sistemas de vida em sociedade.

São decorridos duzentos anos, desde a chegada, a esta Ilha, dos primeiros casais açorianos.

A distância do tempo não nos modificou. Ilhéus, seus descendentes, mantemos vivas as mesmas tradições e as mesmas artes domésticas, tão graciosamente representadas pelas delicadas obras de paciência, de beleza e de ingênua poesia que são as rendas e bordados que tanto honram e popularizam o engenho creador da mulher ilhóia; na cerâmica primitiva e rústica, reveladora da capacidade inventiva e do sentimento estético dos nossos ceramistas; no harmonioso equilíbrio e senso de estabilidade que nossos canoeiros e artesãos ilhetrados imprimem às suas construções e com as quais enfrentam, destemidos, os mares e as procelas.

Canta o coração catarinense nesta homenagem a um povo que deixou o bucolismo e a amenidade das suas nove maravilhosas Ilhas, joias que a mão divina engastou na es-

meralda do Atlântico, para vir repetir, nesta ilha de esplendente beleza e de tradições tão caras, a magnífica e encantadora civilização plantada pelo gênio luso no mais oceânico dos arquipélagos atlânticos.

Senhores Congressistas.

Membro da Câmara Municipal de Florianópolis, em seu nome e nome de todos os seus componentes; líder, eventualmente, do Partido Social Democrático, expressão majoritária dos sentimentos e ideais políticos do povo deste município; descendente desse valoroso e altivo povo insular, revivo convosco toda a grandiosa tradição portuguesa insular que nos legou o sabor dos nossos costumes; as instituições com que nos regemos; as virtudes cívicas e morais de que tanto nos ufanamos; a tenacidade, a audácia, a bravura da altaneira gente das "Ilhas Desconhecidas", como mui propriamente batizou Raul Brandão o histórico arquipélago lusitano incrustado em meio a imensidão atlântica.

Tôca-nos o espírito e o coração a lembrança dos grandes valores açorianos; de navegadores que, como Pedro Barcelos, João Coelho e João Labrador, cujo nome vive para sempre na denominação dada à grande península canadense, exploraram todos os mares; de guerreiros que, como Figueiredo Utra, Soares de Sousa e Hercules Barbosa "dilataram as fronteiras da fé e do império"; de exploradores que, como Roberto Ivens, trilharam o incógnito de todos os continentes; de missionários que, como Bento de Góis, levaram a voz e o conforto de Deus às estepes da Tartária e às colinas da China; ao jângal das Índias, como Manoel Pimheiro e João Teixeira; às planícies sem fim da América do Norte, como Antônio de Araújo; às miríades insulares da Indonésia, como Braz Soares; de cientistas e estetas que, como Manoel de Faria, Sousa Enes, Antero de Quental e Teófilo Braga, dilataram as grandes fronteiras do conhecimento e da beleza.

A Câmara Municipal de Florianópolis, senhores, vos franqueia a terra e vos abre o generoso coração catarinense, para que, conosco, partilheis das mesmas alegrias e da mesma satisfação com que, orgulhosos e desvanecidos, comemoramos o



Visita aos Poderes Municipais. O Vereador Osvaldo Machado lê o seu discurso. A sua direita estão o Deputado Nunes Varela e o Vereador Jairo Calado.

transcurso do segundo século da colonização açoriana em Santa Catarina.

Confiamos em que, cessados os entraves e as dificuldades de ordem técnica, sanitária e econômica que desde os primórdios têm impedido um maior avanço no adequado ajustamento dos descendentes açoritas a esta paisagem, poderão eles repetir nestas plagas a civilização empolgante e encantadora que o genio luso fixou em pleno Atlântico, naqueles "nove galeões petrificados", ancorados pelos bravos portugueses no centro do mais importante mar do mundo, fustigados pelos ventos, mas embalando os sonhos, as esperanças e as gloriosas memórias daquele povo de quem já se disse que "contando com o menos, mais fez em toda a História".

Em agradecimento, falou eloqüentemente o Sr. Professor Dr. Dante de Laytano, Segundo Vice-presidente do Congresso, que, em síntese, assim se exprimiu:

Coubera-lhe a honra de ser o intérprete dos Congressistas para agradecer aquela recepção, tão cativante e tão amável aos seus corações de brasileiros. Depois de ouvir a palavra do Orador da Casa, que ligou aos fatos do passado a sua bela peça oratória, sentiam-se os pesquisadores e historiadores e os que têm o hábito de tratar com o passado perfeitamente bem, verdadeiramente felizes, por verem que a história e o cultivo da tradição ainda ocupam lugar numa casa de administração e de interesse público. Com prazer, lembrava ainda que, momentos antes, quando se encaminhavam para aquela brilhante recepção, memorara também o Deputado Varela a figura de Silva Paes e a sua notável obra de político, general e administrador. Pois bem, como rio-grandense, — e pedia licença aos Congressistas para frisar a sua qualidade de rio-grandense —, sentia-se perfeitamente à vontade naquele instante em que se podiam citar homens da estirpe de Silva Paes, a quem o Rio Grande deve a sua própria fundação. E aqui, mais uma vez, o Rio Grande e Santa Catarina, como desde os primórdios das crônicas das origens do Brasil, estão ligados não só por laços verdadeiramente fraternais, mas históricos e sociológicos também: Silva Paes; mais tarde, os açorianos; depois, Laguna e os farraços; depois, 93. Em todos os grandes capítulos da história brasileira, Santa Catarina e o Rio Grande serviram lado a lado, juntos nos mesmos interesses, juntos nos mesmos ideais. E Laguna e Florianópolis, da mesma forma que Porto Alegre e Viamão, estão também entrelaçados entre si de uma forma verdadeiramente impressionante, porque de Laguna saíram os que iriam implantar cidades no Rio Grande, e os rio-grandenses sabem quanto devem a Santa Catarina e aos lagunenses ilustres, troncos seculares do Rio Grande, mais jovem, mas, nem por isso, menos brasileiro. E, ao agradecer a manifestação tão gentil e tão cativante, não pretendia dizer mais coisas sobre Santa Catarina nem sobre os açorianos, imitando-se a evocar que Santa Catarina foi chamada o Paraíso Terreal; e que a antiga vila de Nossa Senhora

ra do Destêrro e atual Florianópolis, que é esse Paraíso Terreal, e que a velha Capitania e a velha Província e o atual Estado de Santa Catarina estão projetados nas páginas da história brasileira, pelos seus homens, não só grandes e bravos e ilustres marinheiros, soldados dignos e heróicos, mas também poetas do porte de um Luís Delfino, que foi o maior lírico do Brasil, no dizer de Coelho Neto, e de um Cruz e Sousa, a quem deve o Brasil o nascimento da poesia simbolista; e por um pintor insigne, como Vitor Meireles, que ocupa o mais alto lugar na história das artes brasileiras.

Para todos os Congressistas era motivo de grande júbilo poderem estar em Florianópolis em contacto com a vida de Santa Catarina, sentindo a sua história não só na paisagem como nas casas, nos livros e nos documentos; e poderem, em contactos pessoais, trocar idéias e impressões, fazendo do Congresso, que é homenagem ao velho homem dos Açores, a quem também o Rio Grande deve as suas origens e o seu nascimento econômico, uma festa de fraternidade e de confraternização dos brasileiros.

Terminou o Orador, renovando agradecimentos pela brilhante recepção que aos Congressistas haviam proporcionado a Câmara e a Prefeitura de Florianópolis, tendo sido calorosamente aplaudido.

Visita à Assembléa Legislativa

Às 14 horas e 30 minutos, compareceram os Congressistas à Assembléa Legislativa do Estado, estando já aberta a sessão sob a presidência do Deputado Sr. Rui César Feuerschuette, Primeiro Vice-presidente. O Deputado Sr. Nunes Varela, líder da maioria, informou a Casa sobre a presença dos Congressistas, que se achavam no salão nobre.

O Sr. Presidente da Assembléa, tendo, inicialmente, feito convidar para tomarem assento na Mesa o Jornalista Sr. Jorge Lacerda, representante do Ministro da Justiça, e o Professor Hélio Viana, Primeiro Vice-presidente do Congresso e representante do Presidente efetivo, que não comparecera por motivo de força maior, nomeou uma co-

missão constituída pelos Deputados Srs. Nunes Varela, Oswaldo Cabral, Braz Alves e Cardoso da Veiga para introduzir no recinto os visitantes, os quais, ao entrarem, foram saudados com vibrantes palmas, não só dos Srs. Deputados como da assistência, que enchia as galerias e demais dependências do palácio da Assembléa.

Após terem os Congressistas tomado assento em poltronas reservadas, pediu a palavra o Deputado Sr. Oswaldo Cabral, que começou por declarar ser-lhe gratamente honroso o encargo de apresentar à Assembléa Legislativa as personalidades ilustres, que compunham o Primeiro Congresso de História Catarinense.

Santa Catarina, — disse, em resumo o orador, — está vivendo um instante ímpar na história da sua cultura, reunindo altas expressões intelectuais, não só do país como do estrangeiro, que conosco comungam para o êxito de um certame de tão altas finalidades. Não será possível comemorar o bicentenário da colonização açoriana, sem apresentar ao Brasil e aos povos irmãos a nossa ascendência. Não basta que o nosso Cambirela se assemelhe aos picos alcantilados do Faial; não basta que Florianópolis e Angra do Heroísmo pareçam ter saído do mesmo molde; mas é preciso saber que a alma do nosso povo continua ainda arraigada à religião dos povoadores; que continuamos, como eles, a amar a Deus; que a língua aí está com a mesma música; que os costumes, os hábitos, a tradição enfim, ainda vivem em nós, aliados ao orgulho, que sentimos, por descender de tão nobres antepassados.

Trazendo os ilustres membros do Congresso a esta Casa, — continuou o orador, — estávamos certos de que eles seriam recebidos de braços abertos para serem estreitados junto a corações que pulsam não só por Santa Catarina, mas pela grande Pátria comum a todos nós.

E, dirigindo-se aos ilustres visitantes, concluiu, entusiasticamente, o orador:

"Senhores Congressistas: Estais na Casa dos Representantes do Povo de Santa Catarina. Escutai o que eles vos irão dizer".



Na Assembléa Legislativa. No segundo plano, o Deputado Oswaldo Cabral proferindo o seu discurso. No primeiro plano, da esquerda para a direita, os Congressistas Oscar Martins Gomes, Paiva Boléo, Jorge Godofredo Felizardo e Gilberto de Trompowsky Livramento.

Terminados os aplausos que vitoriarão o discurso do Sr. Oswaldo Cabral, concedeu o Sr. Presidente a palavra ao Deputado Sr. Pedro Lopes Vieira, para saudar os visitantes em nome da bancada do Partido Social Democrático.

Proferiu S. Exa. o seguinte discurso:

"Sr. Presidente, Sr. Representante do Ministro da Justiça, Srs. Congressistas, Srs. Deputados.

É sobremodo honrosa aos representantes do Povo Catarinense a visita dos eminentes participantes do 1º Congresso de História, ora reunido nesta capital.

O conclave, pela significação também histórica, reúne as mais destacadas figuras do cenário cultural do Brasil e de Portugal, vultos de incontestável valor, que emprestam um realce todo especial e dignificante.

Santa Catarina, que há dois séculos, precisamente, via desembarcar os seus primeiros povoadores açoritais e madeirenses, comemora o evento condignamente. O Congresso de História barriga-verde é também um hino de louvor à brava gente vinda do arquipélago, que nos legou tradições e bem assim uma descendência que honra o Estado e a Pátria.

Naquela época, recebíamos braços rijos, e hoje, estamos recebendo inteligências vigorosas e de escólo.

Não só os Açores e a Madeira estão ligados ao Brasil, mas sim o velho Portugal que nos envia um legítimo embaixador da sua cultura que, com raro saber, pontifica na tradicional Universidade de Coimbra, por onde passaram várias gerações de brasileiros.

Assim como procedeu Coimbra mandando-nos seu lente de Filologia, o fazem também as universidades brasileiras de Porto Alegre, Paraná, São Paulo e do Brasil enviando seus embaixadores, professores, escritores e jornalistas cuja presença nesta casa, a casa dos legítimos representantes das nossas tradições democráticas, tem um cunho de profundo sentido patriótico.

O Congresso de História, iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico do nosso Estado, e que tem o alto patrocínio do Poder

Executivo e desta Assembléa Legislativa, reúne homens eminentes, nos quais, nesta convivência, embora rápida, vemos o retrato da inteligência brasileira e da cultura da gente lusa.

Rememorar a chegada das levas sucessivas dos casais ilhéus, neste segundo centenário da colonização açoriana e madeirense, é homenagear nossos irmãos de além mar, é cultivar o passado de uma gente nobre, vigorosa e idealista.

Nesta mesma ilha fixou-se o elemento vindo dos Açores congestionados, que D. João V, com a provisão régia nos enviou, reconhecendo a necessidade da emigração. Passados dois séculos de progresso e de evolução, a nossa terra volta os olhos ao passado lembrando auspiciosamente os feitos heroicos e a lêmpera inquebrantável dos povoadores — nossos bandeirantes.

Saudar, em nome do Partido Social Democrático, os eminentes congressistas, é tarefa que também nos honra e enobrece.

Agradeço, em nome da minha bancada, a honrosa visita dos integrantes do Congresso de História e formulo votos, os mais sinceros, no sentido de que seja a todos venturosa a estadia em terras catarinenses.

Srs. Congressistas: Que o vosso conclave seja coroado do êxito merecido; que o vosso trabalho, em prol da cultura, seja um exemplo para todas as gerações; que a vossa visita seja escrita na memória e nos corações de todos os catarinenses, que se engrandecem diante de tão destacadas figuras, — são os nossos sinceros votos. Sêde bem vindos."

Calorosas palmas coroaram as palavras do orador, a quem sucedeu na tribuna o Deputado Sr. João José de Sousa Cabral, líder da União Democrática Nacional, que, em síntese, assim se expressou, recebendo grandes aplausos: A saudação da Assembléa aos preclaros visitantes já estava feita no brilhante discurso acabado de proferir pelo seu ilustre e nobre colega Deputado Lopes Vieira, que, falando em nome da bancada do Partido Social Democrático, havia externado, afinal, o sentir de toda a Casa. Sendo dada, porém, a cada partido a oportunidade para assinalar que é unânime o sentimento, o



Na Assembléa Legislativa. O Deputado João José de Sousa Cabral proferindo o seu discurso.

respeito e a admiração pela obra que se realiza, sente-se bem em poder declarar que o Congresso de História, que neste momento se reúne em Santa Catarina, elevando a nossa cultura, vale não apenas como uma afirmação de amor à tradição, mas muito particularmente como homenagem às virtudes da nacionalidade. Nós nos orgulhamos da nossa ascendência e, por isso mesmo, vemos na obra dos Congressistas além do esforço que ela representa, uma altíssima demonstração de civismo a ligar o Presente ao Passado. A Assembléa rendia, pois, aos Congressistas o tributo do seu apreço, vendo na obra que estavam realizando o amor da Pátria sublimado por um alto sentimento continental.

Falou, a seguir, em nome do Partido Trabalhista Brasileiro, o Deputado Sr. Braz Alves, proferindo o seguinte conceituoso discurso:

— Grande honra — Senhores Congressistas — grande honra conferistes a esta Assembléa, inserindo no calendário dos vossos trabalhos, uma visita à casa do Povo Catarinense.

Muito nos dignifica o receber a visita de tão ilustres historiadores. É que, legislando no presente para o futuro, nem assim esta Assembléa está despartada do Passado, pois nêle, bastas vezes, temido buscar inspiração e ensinamento com que nortear a sua ação legislativa em prol do progresso desta santa terra e do seu generoso povo.

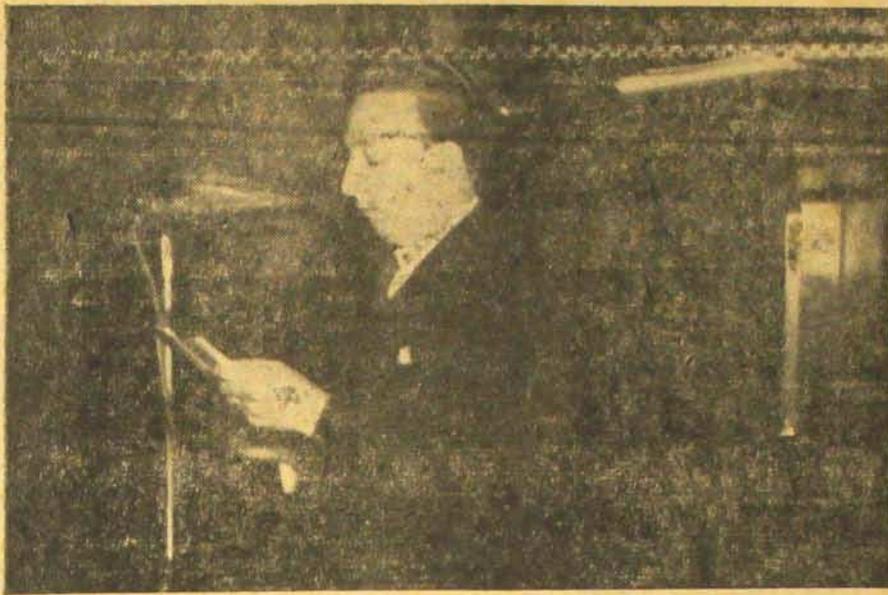
Porque, srs. Congressistas, "o progresso não pode ser o esquecimento do passado, porque o passado está sempre conosco, no fundo das nossas lembranças, no cofre de nossas saudades, no seio de nossas glórias".

Não seria por demais encarecer o quanto, para nós catarinenses, significa a realização deste Congresso, em que, congregados num alto espírito de fraternidade, se reúnem tão altas expressões da cultura histórica daquem e dalem-mar, para conosco celebrar o bi-centenário da Colonização Açoriana.

Em nome, pois, da bancada do Partido Trabalhista Brasileiro saudamos tão insignes Congressis-



Na Assembléa Legislativa. O Deputado Lopes Vieira lendo o seu discurso.



Na Assembléa Legislativa. O Deputado Braz Joaquim Alves lendo o seu discurso.

las, almejando a todos uma feliz estadia na terra barriga-verde e formulando nossos melhores votos para o êxito integral do magno conclave".

Manifestando ainda os aplausos dos legisladores catarinenses à ação dos Congressistas, o Deputado Sr. José Maria Cardoso da Veiga, do Partido de Representação Popular, proferiu as seguintes expressivas palavras:

— Exmo. Snr. Presidente Exmas. Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas, Nobres Deputados, Ilustres Congressistas.

O Partido de Representação Popular, por intermédio de seu representante nesta Casa, declara com imensa satisfação, que se associa, com entusiasmo, às justas e merecidas homenagens que, neste momento, esta Assembléa presta aos senhores membros do 1º Congresso de História de Santa Catarina.

Grande honra é dada ao nosso Estado com a presença de tão eminentes personalidades de Portugal e dos Estados do Brasil, os quais, com os representantes da cultura catarinense, realizam, nesta semana, o 1º Congresso de História da nossa terra, ao mesmo tempo que comemoramos festiva e condignamente o bi-centenário da Colonização Açoriana em Santa



Na Assembléa Legislativa. O Deputado José Maria Cardoso da Veiga lendo o seu discurso.

Catarina. Esta Assembléa, tão honrada com a nobre visita que agora, recebemos, sente-se também imensamente agradecida pela deferência e homenagem que ora lhe é prestada pelos ilustres visitantes.

Assim, senhor Presidente, o Partido de Representação Popular, reafirmando seu pleno apoio às homenagens prestadas a SS. Excias. pelas demais bancadas, apresenta aos ilustres e nobres visitantes os mais sinceros votos de feliz permanência nesta capital e no nosso Estado, desejando, ao mesmo tempo, o mais pleno êxito aos trabalhos do 1º Congresso de História de Santa Catarina, os quais representam, pelas múltiplas e importantes léses apresentadas, uma notável contribuição ao patrimônio cultural de nossa Pátria".

Para agradecer as homenagens prestadas ao Primeiro Congresso de História Catarinense pelo Poder Legislativo de Santa Catarina, subiu à tribuna, em meio de entusiásticas palmas, o Sr. Professor Manuel de Paiva Boléo, Terceiro Vice-presidente do Congresso, que pronunciou o seguinte luminoso discurso:

— "Sr. Presidente da Assembléa Legislativa, Srs. Deputados, Prezados Congressistas:

Os congressistas reunidos em Florianópolis para comemorar o 2º Centenário da Colonização Açoriana, tiveram a gentileza de me eger 3º vice-presidente da Mesa do Congresso, e designaram-me para, nessa qualidade, saudar os ilustres deputados do Estado de Santa Catarina e agradecer-lhes as palavras de boas-vindas. Sei que essa distinção não recaiu propriamente sobre a minha pessoa, mas sobre o delegado de Portugal e o professor da Universidade de Coimbra. Por esse motivo, aceitei o pesado encargo.

Lamento, no entanto, haver preenchido o dia de ontem com ocupações diversas, pelo que só hoje de manhã, e à pressa, pude redigir estas palavras. Um congressista que vem de longe, como eu, e que se encontra pela primeira vez neste imenso Brasil, onde a terra e o mar parecem nunca mais acabar, traz o espírito disperso pelas mil e uma emoções que esta visita lhe sugere e não tem, por isso, o re-

cominamento necessário para escrever um discurso digno deste lugar e do acontecimento que nos reúne.

Se às minhas palavras falta o "estilo grandiloquo e corrente" de que fala o Épico e em que os brasileiros são mestres, em compensação sobejam-lhes franqueza e sinceridade, características do heirão que me orgulho de ser.

Como intérprete dos sentimentos dos congressistas, julgo poder afirmar que vós todos, em particular os que vimos de outros Estados ou do estrangeiro, nos sentimos honrados com o convite que nos dirigiu a Comissão Executiva do Congresso, o qual não se tem poupado a esforços para que este resulte brilhante e proficuo. É grande, ao mesmo tempo, a nossa satisfação por verificarmos que na capital do Estado de Santa Catarina — nesta linda e pitoresca Florianópolis "à beira-mar plantada", — há o gosto, direi melhor, a paixão pelos estudos sérios. Não foi para nós uma surpresa encontrar aqui um núcleo de trabalhadores que se dão com afinco aos estudos históricos, geográficos, folclóricos e a outros ainda, pois temos seguido a atividade do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da sua valiosa revista.

Também não esquecemos que foi nesta cidade que se realizou há poucos anos, com notável êxito o IX Congresso de Geografia. Mas o que certamente causou surpresa, pelo menos a alguns congressistas, foi o verificarem que é grande o número desses estudiosos.

Há em Florianópolis um esla-recido amor da própria terra, o qual leva os homens a investigar o passado para melhor compreender o presente, e a estudar o presente para mais facilmente esla-recer o passado. Uma geração nova, criada e formada neste ambiente de estudo desinteressado e idealista, nunca poderá fazer sua frase orgulhosa e insensata dum personagem moço do "Fausto": "O mundo não existiu antes que eu o criasse"! Ter consciência dos laços que nos prendem aos nossos Maiores não é viver debruçado preguiçosamente sobre o passado; é antes mergulhar bem fundo as raízes no humus da pátria, para que a árvore da vida nacional seja mais robusta e frondosa e resista mais facilmente, portanto, aos vendavais que assolam o mundo.

É esta a primeira lição do Congresso: contra os que nada empreendem sem calcular previamente o ganho material que d'elles pôde advir, o Congresso afirma o valor do Espírito e da generosidade do coração, contra os pessimistas e os críticos de café — desses que existem em quasi todos os países e que sabem resolver, com admirável facilidade, os mais complexos problemas da vida nacional e internacional —, o Congresso afirma que "ludo vale a pena, se a alma não é pequena" (para empregar a frase dum poeta português de nossos dias), e reconhece a necessidade do método científico e da modéstia intelectual — virtude esta que resulta da consciência de que os nossos conhecimentos, por mais profundos que



Na Assembléa Legislativa. O Congressista Professor Manuel de Paiva Boléo lendo o seu discurso.

nas palavras de boas-vindas que nos acabam de ser dirigidas está implícito o desejo de colaboração efetiva. Por isso, como congressistas, duplamente as agradecemos".

Ao terminar a sua oração, foi o Sr. Professor Paiva Boléo vibrantemente aplaudido.

A seguir, a requerimento do Sr. Nunes Varela, foram, em homenagem ao Congresso de História, suspensos os trabalhos; e, a requerimento do Sr. Oswaldo Cabral, foi mandado transcrever na ata dos trabalhos o magnífico discurso do sábio professor de Coimbra.

Na opinião de Deputados e de freqüentadores da Assembléa, a sessão dêsse dia está entre as mais brilhantes e gloriosas realizadas pelo legislativo catarinense, em sua actual fase.

Inauguração da Exposição Histórica, Geográfica e Folclórica

As 14 horas, foi inaugurada, no sobrado do Albergue Noturno, a Exposição Histórica, Geográfica e Folclórica, organizada de acôrdo com o plano e sob a direção do Engenheiro Vítor Antônio Peluso Júnior, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia.



Na Exposição Histórica. O Engenheiro Peluso Júnior lendo o seu discurso.

dor do Estado, estando presentes ao ato altas autoridades, numerosos Congressistas e grande massa popular.

O organizador da Exposição preferiu as seguintes palavras explicativas:

"Inauguramos, neste momento, a Exposição do 1º Congresso de História Catarinense, com que se comemora o Segundo Centenário da Colonização Açoriana. Não preparamos, neste recinto, um mostruário de originalidade, nem tão pouco algo de dinâmico que prescindia da cooperação e inteligência dos visitantes.

Qualquer exposição necessita de interesse e de simpatia para ser compreendida; a alma dos objetos reside em nós, que os colocamos no dinamismo social em que exerceram determinada função.

Veremos, nos primeiros quadros, algumas vistas dos Açores. Devemo-las à gentileza de distintos açorianos e de ilustre historiador rio-grandense, que se empenharam para que o catarinense, descendente de insulano, contemple as belezas da terra de seus antepassados. Passaremos por gráficos estatísticos que falam das condições económicas de Santa Catarina; analisaremos ligeiramente algumas particularidades da língua portuguesa em terras catarinenses; compararemos a influência dos elementos físicos na alimentação do açoriano e do catarinense, para, em seguida, nos determos nos fatos geográficos mais característicos da adaptação de um grupo social ao ambiente físico: habitação e trabalho. Procuramos focalizar algumas minúcias das atividades agrícolas e das indústrias tradicionais, para atingir, depois de algumas indicações sobre transporte e comércio, o quadro em que homenageamos a gente açoriana em seus descendentes que se destacaram na vida pública, na arte e na literatura. Lamentamos sinceramente não podermos incluir todos os rebentos de insulanos que se distinguiram entre nós; são por demais numerosos, e seus nomes venerados entre os catarinenses que honram suas tradições.

Depois de alguns quadros sobre vida artística, religião e folclore, a que se seguem peças de coleções de antiguidades encontradas no litoral de Santa Catarina e peças do

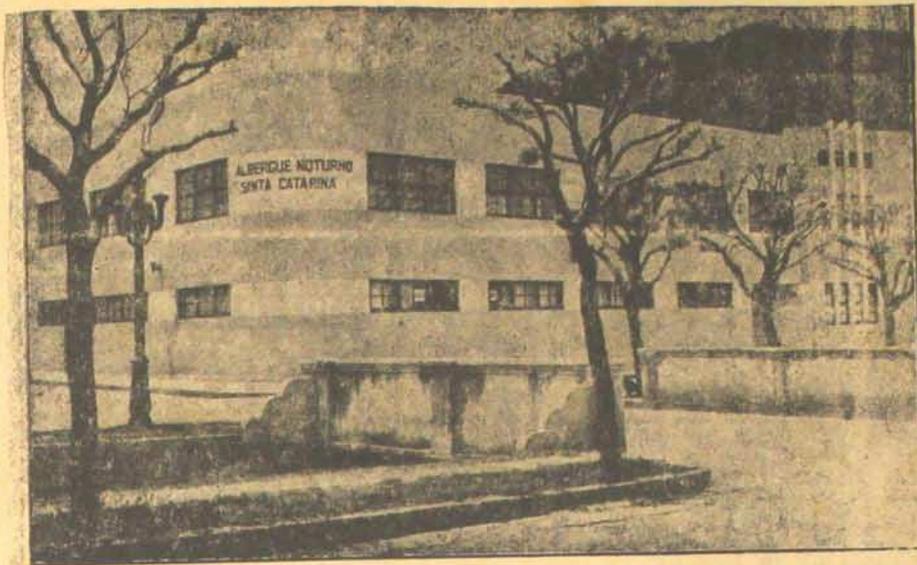
Sejam todas estas coisas velam sempre limitados pletos.

Além destas, uma outra ainda mais alta e mais este Congresso a outros do Brasil e até a outros continente americano, li se apresenta ao meu esp estrangeiro talvez com dez (seja-me perdoada a tia) do que ao dos próprios: o simples facto d sível realizar este Cong tra que o Estado de Sa na atingiu há muito a poderia chamar, à falta expressão, a "maturidade psicológica", quero dizer está tão consciente da su dade, que não receia p blica homenagem, sem p objectividade científica, a to que mais contribu formar a grande naç sileira. Longe de causar estranheza nos catarin idéia do Congresso, éle antes geral aprovação e mo, bem patentes não só rências que ao delegado gal têm dispensado as au a população e a impre rências que reconheço), mas sobretudo to de grande número de se sentir honrada quan bre que descende desse nos humildes, mas trab e honestos, que vieram colonizar e cristianizar de Santa Catarina.

Pelas conversas que te com ilustrados congressi adquiriram um nome com os trabalhos de sêr gação que publicaram, te ficado que a quasi totali brasileiros com responsa intelectuais — sejam qu as restrições de pormen nha a fazer —, está pront ever aquele pensamento ontem, na sessão inaugura nhor Governador do Esta me ficou na memória: "guês tudo o que temos de ro e profundo".

Visto que estou procurar pretar, aliás, de forma m perfeita, o pensar e o ser congressistas, não queria passar esta oportunidade, dir licença para dizer a res deputados do Estado ta Catarina que nós es muito do Poder Legislati Estado. Diz-se, com fr que os únicos resultados dos Congressos são o cont soal, por vezes tão fecu sugestões e estímulos int dos congressistas e os vol Actas, onde se reúnem o país trabalhos apresenta porém, somos nobremen ciosos, e por isso dese quem a assinalar este C algumas iniciativas que tem progresso real no c cultura.

Suponho estar no pensar todos os congressistas re mínimo as moções e voto lhes um caráter prático, o em conta as necessidades bilidades do meio brasile ta forma, será fácil à As Legislativa do Estado o Catarina estudar os probl julgar mais urgentes e realidade. Tenho a certeza



O edifício do Albergue Noturno, onde se instalou a Exposição.

museu de armas da nossa ilustre Polícia Militar, a magnífica mostra que fazem os filatelistas de Florianópolis, completa nossa exposição.

Nosso pensamento, ao organizarmos esta exposição, foi exibir as condições sociais que caracterizam a região povoada por descendentes de açorianos.

Não tememos apresentar o que de primitivo há nas atividades agrícolas, nem patentear o baixo nível econômico desse grupo, que participa frouxamente das principais produções catarinenses. Já em 1820 Saint-Hilaire discutia a decadência da colonização açoriana. Em nossos dias, em virtude do entusiasmo que despertam as atividades de núcleos possuidores de centros industriais, encontramos facilmente quem apregoe a falência do grupo que povoou o litoral catarinense.

Conceitos tão simples como vitória e fracasso são menos claros do que parecem; não podem ser deduzidos da comparação precipitada entre grupos distintos. Na realidade, é do confronto das atividades do grupo que descende de açorianos, com as do que provém de alemães, que nasce a injúria feita aos nossos conterrâneos.

Esta exposição, se compreendida, mostrar-vos-á que a gente açoriana perdura na geração que vive. O açoriano venceu entre nós, porque a vitória de um grupo social não se mede pela aceitação passiva de instrumentos técnicos de outros grupos, mas pela sobrevivência de padrões que o caracterizem.

O conflito entre cidade e campo é demasiadamente chocante entre nós. As atividades urbanas integram-nos facilmente nas exigências culturais cujo padrão máximo é a vida norte-americana, inclinándonos a ver fracassos ou vitórias na medida desse padrão.

O campo, porém, mantém-se em sua tradição, e sua evolução não se faz à custa de todos seus hábitos e instituições, mas na fusão destes com os novos elementos que absorve.

O viajante apressado extasia-se ante o progresso e riqueza da bacia do Itajai. Não conhece, sem dúvida, a tragédia que naquela região se desenrola ante a erosão do solo, a rotina de processos agrícolas e a deficiência da rede comercial. A repercussão desses fatos não nos choca, porque a noção de conforto, trazida pelo imigrante teuto do

século XIX, tinha o avanço de 100 anos sobre o que o açoriano trouxera, e no qual se manteve, em parte, em virtude do isolamento em que ficou.

Tôdas as comparações nesse setor são inadequadas. Não alcançamos ainda o estágio de integração de todos os grupos étnicos localizados em Santa Catarina para apurar o vencedor. Entretanto a imposição da língua e a unificação dentro da mesma pátria foram dadas pelo descendente de açoriano a todos os grupos ao sul do vale do Itajai. Nesta exposição verificaremos a permanência de sua técnica de trabalho obsoleta, segundo os moldes da economia dominante nas cidades, que não é a mesma dos campos; veremos a forma pela qual se adaptou à evolução dos transportes, que evoluíram como ligações entre cidades e não como servidores do meio rural; veremos, enfim, os testemunhos evidentes de uma vida social baseada em suas próprias tradições e a serviço de nossa pátria.

Tenho dito".

A Exposição obedeceu, de fato, à seguinte orientação geral: demonstrar as condições culturais da população de origem açoriana, ressaltando tanto quanto possível, a sobrevivência de costumes vindos dos Açores e também da Madeira e a evolução sofrida por esse grupo no Estado de Santa Catarina.

Da Exposição, a que a Associação Filatélica de Santa Catarina anexou uma secção da sua especialidade e a que vários colecionadores de antiguidades levaram preciosos objetos, foi publicado minucioso catálogo.

Sobre ela publicou A GAZETA a seguinte notícia:

"Ante-ontem às 16 horas, foi inaugurada a exposição do Primeiro Congresso de História Catarinense. O sr. prof. Barreiros Filho, representante do sr. Governador do Estado, abriu a exposição depois do discurso do eng. Victor Peluso Jor. Achavam-se presentes ao ato o sr. Desembargador Henrique Fontes, Presidente do Congresso, o sr. Almirante Antão Barata com seu Estado Maior, altas autoridades, grande número de Congressistas e considerável massa popular.

Foram muito apreciadas na exposição as peças de antiguidade expostas por colecionadores de Florianópolis. O sr. Tom Wildi expôs valiosíssimas peças de móveis, porcelana e medidas antigas que foram apreciadíssimas. O sr. Claudino Nóbrega, que foi o maior expositor, apresentou numerosos móveis antigos, porcelanas e cristais. Também os srs. drs. Leoberto Leal e Aujor Luz e srs. Charles Edgar Moritz, e família Firmo de Oliveira e sra. Marta Simas e muitos outros colecionadores permitiram que o povo contemplasse as antiguidades que são guardadas em nossa cidade.

A exposição de selos e moedas, cujo valor honra o grau de cultura de Florianópolis, merece os maiores elogios. A Associação Filatélica, com a amostra que fez, impôs-se à admiração dos que apreciam os esforços dispendidos nas iniciativas que honram a comunidade.

As coleções de fotografias das Ilhas de Açores e Madeiras, expostas pelos senhores eng. Euclides Rosa e Walter Spalding, além dos objetos cedidos por outros açorianos, foram imensamente apreciados. As fotografias cujos dizeres narram costumes e atividade de catarinenses, e os gráficos executados no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, são os elementos de ligação entre todos os objetos apresentados, concorrendo tudo para mostrar a situação cultural da população de Florianópolis e arredores. Há na exposição interessante coleção de louças de barro, objetos de palha, toalhas de linho plantado e colhido na Trin-



Na Exposição Histórica. Visitantes examinam o quadro de descendentes dos colonizadores insulanos.



Na Exposição Histórica. Mostruários da secção filatélica. No primeiro plano, da esquerda para a direita, o Deputado Ricarte de Freitas e o Vereador Osvaldo Machado.

dade no século passado e os tradicionais "pão por Deus".

O horário da exposição será das 9 às 21".

Visita ao Tribunal de Justiça

Na visita que, em seguida à que fizeram à Assembléa Legislativa, levou os membros do Primeiro Congresso de História Catarinense ao Tribunal de Justiça, falou, em nome deles, o Sr. Professor José Bueno de Oliveira Azevedo Filho, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, respondendo-lhe o Sr. Desembargador Urbano Müller Salles, Presidente do Tribunal.

Foram as seguintes as formosas palavras do Sr. Professor Bueno de Azevedo Filho:

"O Congresso de História visita a Casa do Direito.

Não se trata de mera formalidade, mas de ato inadiável e insubstituível.

Inútil insistir na similitude entre o Direito e a História: ambos normas de vida; ambos impondo ao Homem o exemplo do pretérito para o êxito no presente e no futuro.

Passo a passo o Direito tem acompanhado a vida e evolução da Humanidade e isso é a História.

A História relata as relações entre os homens — e isso é o Direito.

Quando estudamos a História, desde a antiguidade oriental e a clássica, passando pelas épocas intermediárias como a nossa, vemos o papel saliente que o Direito ocupa.

Quando estudamos o Direito, nas suas fontes e origens, não deixamos de perpassar pela História das grandes fases da Humanidade.

Se perece o Direito, extingue-se a chama da História; se falha a História, desaparece o Direito.

Um curso de Direito é curso prático de História; um curso de História é curso prático de Direito.

Não há minguar tais relações.

É por isso, Sr. Presidente, que os membros do I Congresso de História Catarinense aqui se encontram.

Vêm os do Templo da História iluminar-se nas tochas fulgurantes do Templo do Direito. Não porque o Presidente do primeiro seja um

dos eméritos componentes do segundo, nem porque o Presidente do segundo seja um dos mais eminentes entre os do primeiro. Mas porque, ao examinarmos a História, não deixamos de casá-la ao Direito.

Como as musas, Egéria não faz mal aos doutores.

O "suum cuique tribuere" que é a regra primeira do Direito, também o é da História.

A História, tanto quanto o Direito, dá a cada um o que é seu: exalta o justo e humilha o injusto.

Cada gesto do homem é julgado pelo Direito; cada ato da Humanidade o é pela História.

Assim, impossível seria desassociar um da outra. Eis porque o Congresso de História visita a Casa do Direito.

O silêncio das nossas bibliotecas é muitas vezes quebrado com a bulha de visitantes que procuram conhecer e provar o fruto das nossas meditações, estudos e pesquisas.

Agora, Sr. Presidente, êste augusto recinto também se enche de visitantes acostumados a lavrar o campo da História, que, por meu intermédio, querem manifestar a sua respeitosa admiração pelos que aqui labutam no campo fértil do Direito, fazendo-o pelos seus conhecimentos florescer, e querem também, pela minha palavra, saudando V. Excia. e seus ilustres pares, dizer porque o Congresso de História não poderia deixar de visitar a Casa do Direito".

Foi o seguinte o ponderado e brilhante discurso de agradecimento do Sr. Desembargador Presidente:

— "Senhores Congressistas: Em nome do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que tenho a satisfação de presidir, cabe-me o prazer imenso de agradecer-vos a gentileza desta visita.

É altamente honroso que tão ilustres personalidades brasileiras, e às quais se aliou, para honra nossa, o destacado professor da Universidade de Coimbra, que se reúnem em memorável Congresso de História Catarinense, tragam a esta Casa as suas saudações, num gesto cativante e prestigiante para a justiça catarinense.

Tirastes, senhores Congressistas,

um pouco do vosso tempo, tão precioso aos vossos estudos, para voltar a atenção para os magistrados que aqui estão sempre reverenciando o Direito e a Justiça, sem alarde, mas mantendo o império e a celsitude da Lei.

Vós, senhores Congressistas que vos reunis em Congresso Histórico — de tradições e de costumes, de empreendimentos e de realizações —, fivesseis por certo o consolador gesto de demorar por alguns instantes o vosso pensamento nos magistrados de Santa Catarina, que se esforçam em guardar as suas honrosas tradições, e, acredito mais, que vós, afeitos à verdade histórica, estendesdes a vossa lembrança ao monumento histórico do direito, às tradições jurídicas do Brasil, as quais se conservam íntegras e cada vez mais fortalecidas, por aqueles que sabem que a justiça é sustentáculo primordial do país e pedra angular da humanidade.

E já disse alguém: "Assegurar o reino do Direito e a paz entre os cidadãos; traçar a cada um, com mão imparcial e firme, os limites do seu direito e dos seus deveres; condenar e reprimir a injustiça em qualquer lugar que se coloque, e sob qualquer manto com que ela se cubra; fortalecer a moral pública, aplicando a espada da lei sobre os que a ofendem; enfim, representar a sociedade inteira no seu poderio e na sua majestade; ordenar, defender, punir em seu nome, é a missão bela e grandiosa da magistratura. É a missão dos juizes nos países onde domina e impera a liberdade. Nós aqui, senhores Congressistas, somos modestíssimos obreiros desta grande causa e, por isso, o vosso gesto de uma visita, que nos cativa, vai ao fundo d'alma, para trazer de lá o nosso melhor agradecimento.

Acompanhamos com simpatia e com admiração sincera os vossos trabalhos.

Para consagrar-lhes o valor, se não bastassem os nomes de tão brilhantes inteligências ao serviço de tão elevado propósito, se me afiguraria suficiente o poderoso incentivo que a vossa reunião depara ao estudo imparcial da história, da qual se irradiam, com tamanho esplendor, magníficas lições de experiência humana no culto do passado, — e os que têm o respeito do passado, escreveu Rénan, são verdadeiros homens do progresso. E para respeitar o passado, apreciando sua influência benéfica no destino de um povo, é mister conhecê-lo exatamente — o que muitas vezes, depende de reconstrução paciente. E o vosso conclave é de austera e feliz investigação no relembrar os açorianos que, há dois séculos, vieram trabalhar em terras catarinenses, com a bravura da gente lusitana.

E se associarmos a essa afirmação os demais estudos que objetivam o insigne Congresso: — História Geral Catarinense; História Demográfica e Política; Colonização Insulana; História Econômica; História Social e Cultural; Língua e Folclore; Geografia Histórica e Cartografia; História Local, Genealogia e Bio-bibliografia, bem podemos avaliar a grandeza e os benefícios que não de-



No Tribunal de Justiça. O Presidente, Desembargador Urbano Müller Salles, lendo o seu discurso.

admirar da vossa proveitosa, utilíssima e aplaudida reunião.

E por acompanharmos, assim, o valor do empreendimento de tão esclarecidas intelectualidades, — tendo a frente Henrique Fontes, que nesta Casa muito nos deu do seu grande saber, — é que quero retribuir a saudação dos ilustres Congressistas com outra saudação, efusiva, que lhes fazem os Desembargadores d'êste Tribunal de Justiça, formulando votos pela continuação do êxito do importante conclave e pela felicidade de seus eruditos componentes”.

Visita ao Sr. Arcebispo Metropolitano

Às 17 horas e 30 minutos, foi uma grande comissão de Congressistas visitar o exmo. Sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, que sempre prestigiou as Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana, já fazendo cantar, a 22 de fevereiro, solene *Te Deum*, que encerrou a primeira parte das Comemorações e em que S. Exa. Revma. proferiu magníficas palavras gratulatórias, já prestigiando o Congresso com outro ofício religioso, constante do programa-calendário no dia 10 de outubro, domingo: missa solene com assistência pontifical e nova oração gratulatória.

Foi o Sr. Arcebispo, em nome dos visitantes, saudado pelo Sr. Professor Jorge Godofredo Felizardo, da Universidade do Rio Grande do Sul, tendo S. Excia. Revma. agradecido em palavras cordialíssimas.

Foram as seguintes as palavras de saudação do Sr. Professor Jorge Godofredo Felizardo:

“Exmo. e Revmo. Sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, D.D. Arcebispo de Santa Catarina.

A Comissão Organizadora do Primeiro Congresso de História Catarinense quis que V. Exa. Revma. fizesse parte da Comissão das Comemorações e o plenário escolheu a mim, um gaúcho, para apresentar a V. Excia. Revma., em nome do Congresso, a sua saudação e as manifestações da sua veneração e do seu respeito.

A iniciativa magnífica do Instituto Histórico e Geográfico de San-

ta Catarina de comemorar o segundo centenário da colonização açoriana no Brasil meridional, concretiza a sua homenagem aos destemidos desbravadores, que, vindos de além mar, para aqui trouxeram, com a expressão da sua inteligência, com a força de seus braços vigorosos afeitos ao trabalho e com o sentimento profundo de sua religiosidade cristã, a civilização da pátria comum a que todos pertenciam — Portugal.

As possessões atlânticas portuguesas no século 18 compreendiam o Arquipélago da Madeira, o Arquipélago dos Açores e o Brasil, tão grande como um continente.

Mas, enquanto as nossas terras imensas e ricas careciam de homens para a sua civilização, a plethora de população criava um problema angustiante para as pequenas ilhas açorianas. Então o governo português, sentindo a imperiosa necessidade de, no Brasil, ocupar as suas terras da zona sul, até a Colônia do Sacramento, resolveu transferir, primeiramente para Santa Catarina e depois para o Rio Grande de São Paulo, de primeiros colonos açorianos e também madeirenses, para que, trabalhando a sua terra e desenvolvendo a sua civilização, constituíssem um marco vital da posse da opulenta coroa portuguesa.

O Portugal dos mares foi que deu ao Brasil o maior contingente para a colonização do seu setor meridional; e é o evento memorável de aqui terem aportado, há duzentos anos, os seus primeiros povoadores açorianos, que levou o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina a realizar êste Congresso, que se inicia tão promissoramente.

Santa Catarina, conclamando todos os brasileiros para o seu Congresso, recebe, em seus braços abertos, os peregrinos da história de vários Estados, aqui estando representação do Distrito Federal, de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, não lhe faltando a expressão da cultura portuguesa, que aqui também se encontra na pessoa do eminente professor Manuel de Paiva Boléo, catedrático da Universidade de Coimbra.

Também, neste mesmo ano, o meu Estado tem o seu centenário,

pois foi a 7 de junho de 1848 que, por bula papal, foi criado o bispado de São Pedro do Rio Grande do Sul; e lá, como aqui, realizaremos um Congresso de caráter nacional e todos nós, os gaúchos, de braços e corações abertos, agasalharemos os peregrinos da fé, para adoração de Jesus-Hóstia.

Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Estados irmãos dentro d'êste grande Brasil, estão intimamente ligados desde os primórdios da sua civilização, pois a penetração rio-grandense, partiu da Laguna de Brito Peixoto.

Hoje, como ontem, os mesmos laços de sangue e de tradição, os estão unindo cada vez mais, permanecendo em ambos a mesma unidade de fé, de história, de interesses e de aspirações.

Exmo. e Revmo. Senhor Arcebispo Metropolitano.

O Plenário do Congresso de História Catarinense saúda cordialmente a V. Exa. Revma. e todos os seus filhos espirituais beijam-lhe respeitosamente as mãos venerandas e paternais.”

Reunião das Comissões

As 20 horas, na Faculdade de Direito, reuniram-se as várias Comissões em que se divide o Congresso, cada uma em sala especial, dando início aos respectivos trabalhos.

DIA 7 DE OUTUBRO, QUINTA-FEIRA

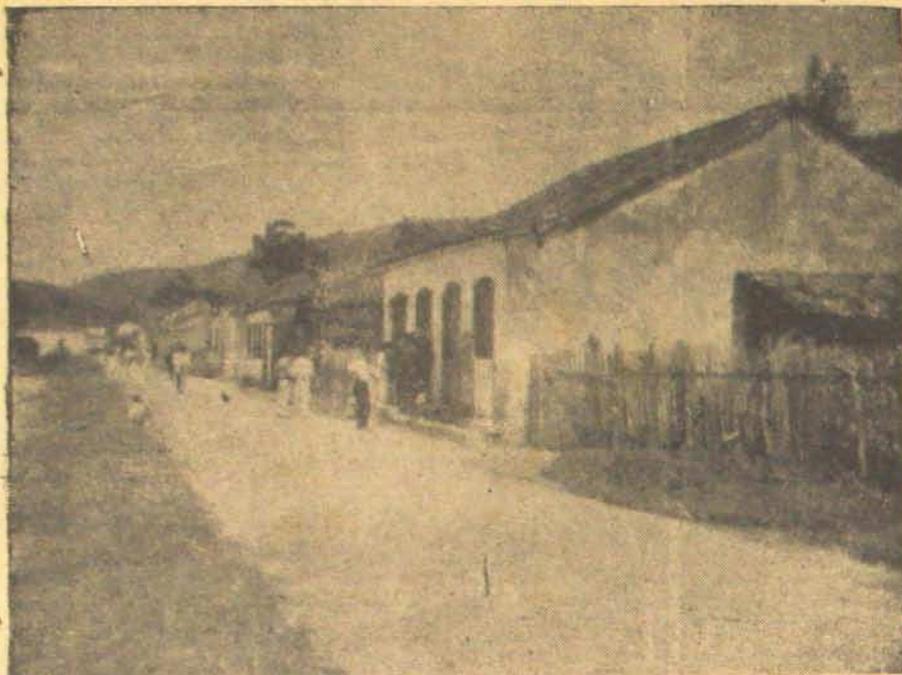
Visita a São Miguel

As 9 horas, dirigiram-se numerosos Congressistas, em dois ônibus, à vila de São Miguel, que foi um dos primeiros núcleos da colonização insulana e que, por circunstâncias várias que, há muito lhe tolheram o progresso inicial, conserva muita coisa capaz de retratar as condições de vida de seus velhos moradores.

À vila de São Miguel assim se referiu, nos meados do século passado, o cronista Manoel Joaquim de Almeida Coelho:

“Está situada na terra firme numa excelente enseada, em localidade aprazível e pitoresca, 4 léguas ao norte da Capital e para dentro da fortaleza de Santa Cruz; limita o seu Município ao norte com o de Porto Belo pelo rio Tijucas-Grande, ao sul com o Município de São José pelo rio Quebracabaço, pelo nascente com a vistosa baía de Santa Catarina, e pelo poente com o Município de Lajes.

Foram seus primeiros moradores colonos açoritais para ali mandados, edificando-se-lhes logo, nos termos da provisão de 9 de agosto de 1747, uma igreja dedicada ao Arcanjo S. Miguel, a qual foi criada matriz com a mesma invocação no ano de 1750. Foi elevada à categoria de vila pelo Presidente da Província em sessão do Conselho Administrativo de 1º de março de 1833, cuja instalação foi feita pelo Presidente da Câmara Municipal da Cidade do Destêrro, o Sargento-mór Marcos Antônio da Silva Mafra, em 16 de maio do mesmo ano, diferindo juramento e dando posse aos vereadores eleitos da referida vila, que até então fazia parte do Município da Cidade, Capital da Província.



São Miguel. A casa da escola pública, onde foram obsequiados os Congressistas.

Além da Freguesia da Vila de São Miguel, contém este Município a de São João Batista do Tijucas-Grande, criada pela lei provincial n. 90, de 19 de abril de 1838" (Memória Histórica, págs. 159 e 160).

Como se vê, iam as terras do Município para oeste até o Município serrano de Lajes e nelas estava compreendida grande parte do atual Município de Tijucas.

O Município de São Miguel está hoje convertido no de Biguaçu, tendo tomado tal denominação, porque sua sede, que em 1864 passara a cabeça de comarca, foi, depois de uma primeira mudança realizada em 1886 e anulada em 1888, transferida definitivamente, em 1894, de São Miguel para Biguaçu, freguesia criada em 1882.

Em São Miguel, foram os Congressistas cordialmente recebidos pelo Vigário Revmo. Sr. Padre Rodolfo Machado, pelo Inspetor Escolar Sr. José Figueiró de Siqueira, pela escola pública dirigida pelas Professoras DD. Anita Borba e Almira Borba, e por muitas pessoas do povo. Visitaram demoradamente a velha igreja, onde puderam ver livros do arquivo paroquial e imagens e objetos sacros antigos, entre eles os vetustos sinos; visitaram também o cemitério, contíguo à igreja, indo depois examinar um velho e grande prédio de estilo colonial e a chácara que lhe pertence.

Aos visitantes foi oferecida, na escola pública, farta mesa de café, doces e sanduíches, havendo também as tradicionais roscas de polvilho.

Visita a Santo Antônio e Canasvieiras

Às 14 horas, realizou-se a segunda excursão programada para o dia, dirigindo-se os Congressistas, em três ônibus, a Santo Antônio e Canasvieiras, localidades situadas na Ilha de Santa Catarina e pertencentes ao Município da Capital.

Em Santo Antônio, foram recebidos pelo Revmo. Vigário, que minuciosamente mostrou a igreja

local e as antiguidades nela existentes.

Em Canasvieiras, cuja visita tinha por objetivo principal apresentar a sua praia como uma das muitas que embelezam o litoral catarinense, tiveram os Congressistas oportunidade de assistir a um lance de rede, que, se não foi notável pela quantidade do pescado colhido, lhes deu, entretanto, a conhecer uma rede de grandes dimensões, pois, segundo informaram os pescadores, tinha 350 braças de comprimento a de que se estavam utilizando.

Muitos dos presentes viram, também, pela primeira vez o interessante aparelho de pesca, inteirando-se do seu manejo, que ocupou os pescadores durante cerca de quatro horas.

Dest'arte, encheram os Congressistas alegremente a tarde numa praia de mar grosso; mas tiveram de regressar ainda com dia, porque deviam jantar na cidade e porque, também, para a noite estava marcada a primeira sessão plenária do certame.

A primeira sessão plenária

Realizou-se a sessão no salão de honra da Faculdade de Direito de Santa Catarina.

No livro de presença foram exaradas as seguintes assinaturas: Henrique da Silva Fontes, Luís Trindade, João Kuehne, Ildefonso Juvenal, Antônio Adolfo Lisboa, Zedar Perfeito da Silva, Padre João Alfredo Rohr, Martinho Calado Júnior, Isaar Carlos de Camargo, Andreilino Natividade da Costa, Trajano José de Oliveira e Sousa, João dos Santos Areão, Osvaldo Pilotto, Antenor Moraes, Pedro Paulo de Salles Oliveira, Jorge Godofredo Felizardo, Nelson de Abreu, João Teixeira Rosa Júnior, Ricarte de Freitas, Francisco Machado de Sousa, Braz Joaquim Alves, Vitor da Luz Fontes, Jorge da Luz Fontes, David da Luz Fontes, Acácio Garibaldi S. Thiago, Afonso Wanderley Júnior, Waldir Mendonça, Arnaldo S. Thiago, Demerval Cordeiro, Alves Pedrosa, Lucas Alexandre Boiteux, Walter Anselmo F. de Oliveira Cruz, Walter

Spalding, Guilherme Butler, Luiz de Castro Faria, Oscar Martins Gomes, Fernando Corrêa de Azevedo, Custódio Francisco de Campos, Geraldo Gama Salles, Dante de Laytano, Jairo Silveira de Mattos, Marinho Laus, Hélio Vianna, Manuel de Paiva Boléo, Alfredo Zimmer, T. C. Jamundá, Telmo Vieira Ribeiro, Padre Alvino Braun, João A. de Senna, Celestino Sachet, Olivério José de Carvalho Costa, Antônio Fleury Barbosa, Acary Silva, Clementino Fausto Barcelos de Brito, Osvaldo Ferreira de Melo, Carlos da Costa Pereira, Almiro Caldeira de Andrade, Gécio Sousa e Silva, Dalmiro Caldeira de Andrade, Osmar Florentino Machado, José Figueiró de Siqueira, Wilmar Dias, Walter Piazza, Jorge Kaszás, Ayres Gama Ferreira de Melo, Bueno de Azevedo Filho, José Lupércio Lopes, Paulo Fontes, Stella Maciel d'Ávila, Christiano d'Ávila, José Rocha Ferreira Bastos, Hélio Milton Pereira, Fernandino Caldeira de Andrade, Cônego Manoel Aquino Barbosa, Nunes Varela, Olyntho Sanmartin e Carlos Gomes de Oliveira.

Às 20 horas, tomando lugar à mesa os Srs. Henrique da Silva Fontes, Presidente; Lucas Alexandre Boiteux, Presidente de Honra; Hélio Viana, 1º Vice-presidente; Manuel de Paiva Boléo, 3º Vice-presidente; Osvaldo Pilotto, Secretário Geral; Luís Sanches Bezerra da Trindade, 1º Secretário, e Ruben Ulysséa, 2º Secretário, declarou o Presidente aberta a sessão, procedendo o 2º Secretário à leitura das atas da sessão preparatória e da sessão inaugural, que foram aprovadas com pequenas modificações, feitas à primeira pelo Sr. Bueno de Azevedo Filho e à segunda pelo Sr. Afonso Wanderley Júnior.

A seguir, pediu a palavra o Sr. Jorge Godofredo Felizardo e propôs que os nomes dos Congressistas, ao serem referidos na ata, não fossem procedidos dos títulos respectivos, mas simplesmente do tratamento "senhor", o que foi aprovado.

Passou-se à leitura do expediente, do qual constavam: um telegrama de S. Exa. o Sr. Dr. Nerêu Ramos, Vice-presidente da República, dando a razão do seu não comparecimento e formulando votos pelo êxito do Congresso; uma mensagem de S. Eminência o Sr. Dom Jaime Cardeal Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, saudando o Congresso; um telegrama de saudações do Governador de Ponta Delgada, em seu nome e no das autoridades, dos intelectuais e da população de São Miguel, nos Açores; um telegrama do Sr. Deputado Octacílio Costa comunicando que a Câmara Federal aprovara o seu requerimento de congratulações com os membros do Congresso de História Catarinense; um ofício de saudações do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, subscrito por toda a sua Diretoria; um ofício da emissora local Rádio Guarujá comunicando que no dia 8, às 20 horas, irradiaria um programa com poesias e músicas populares da Ilha de Santa Catarina; um ofício do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade

de São Paulo credenciando como seu representante o Acadêmico Pedro Paulo de Sales Oliveira; saudações dos Srs. Ministro Clóvis Pestana; Senador Ivo d'Aquino; Deputados Aristides Largura, Daniel Faraco e Octacílio Costa; Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre; Presidente da Câmara Municipal de São Francisco do Sul; Prefeito Municipal de Laguna; Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Dr. José Torres de Oliveira, Presidente do Instituto Histórico de São Paulo; Frei Elzeário, Superior da Província Franciscana; Dr. Sérgio Buarque de Holanda, Diretor do Museu Paulista; Centro Cultural de Itajaí; Presidente do Centro Cultural Antônio Guimarães Cabral, de Laguna; Presidente do Clube de Cooperação Cultural de Brusque; Presidente do Clube Esperantista de Florianópolis; Drs. Adolfo Konder, Afonso Costa, Jacinto Matos, Rosário Farani Mansur Guérios, Virgílio Gualberto, Laércio Caldeira de Andrada, Paulo Machado da Costa e Silva e Emanuel da Silva Fontes; Professoras Marisa Lira, Castorina Lobo de S. Thiago e Anésia Walter Crespo; Nerêu Corrêa, José Gusmão de Andrade, Walter Dachs, Hermínio Miles, Padre Rodolfo Machado, Evaldo Pauli, Genésio Lins, Coronel Gaston Hasslocker Maseron, Comendador Norberto Jorge e Jornalista Monçaide Ferreira.

A seguir, foi lida e aprovada uma indicação do Sr. Dante de Laytano no sentido de integrarem a representação da Comissão Nacional de Folclore os Srs. Fernando Corrêa de Azevedo, Osvaldo Pilotto, Walter Spalding, Oscar Martins Gomes e êle proponente.

Tendo sido presente à casa o pedido de inscrição do jornalista português Dr. Armando de Aguiar, então em Curitiba, para proferir uma conferência que se enquadraria no programa do Congresso, foi resolvido negativamente, por não comportar o mesmo programa outros trabalhos além dos previamente estabelecidos.

Pelos Srs. Bueno de Azevedo Filho e Heitor Stockler de França, foram apresentados os pareceres já votados na 9ª e 10ª Comissões, sendo submetidos a discussão e votação. No correr da discussão, a propósito dos trabalhos que só dessem lugar a que se louvasse o esforço do autor, apresentou o Sr. Carlos Gomes de Oliveira a seguinte indicação, que foi unanimemente aprovada: "Indico que se dê à Comissão de redação dos Anais deste Congresso poderes para que a mesma possa sugerir ao autor de tese não recomendada para publicação que a modificou ou melhor, para êsse fim".

O Sr. Custódio de Campos apresentou a seguinte indicação, também subscrita pelo Sr. Antônio Taulois de Mesquita: "Considerando que o Primeiro Congresso de História Catarinense visa, principalmente, a comemorar o segundo centenário da colonização açoriana; considerando que deve ser um dos mais elementares deveres de gratidão divulgar os nomes dos pioneiros daquela colonização; considerando que existe na Reparti-

ção de Terras do Estado livros de termos das concessões de sesmarias a contar de 2 de junho de 1753; indicamos que, por intermédio da Mesa, seja solicitada do Governo do Estado a relação daqueles registros para que seja publicada nos Anais". Tendo a matéria suscitado debates, apresentou o Sr. Osvaldo Cabral o seguinte substitutivo: "Atendendo a que nos Anais do Congresso não devem ser incluídos trabalhos que, pelo seu vulto e tamanho, possam vir trazer dificuldades à sua publicação; atendendo, entretanto, a que a comunicação do Sr. Professor Custódio Francisco de Campos relativa à existência, na Diretoria de Terras do Estado, de livros de termos de concessões de sesmarias a contar de 2 de junho de 1753, encerra matéria da maior relevância; indicamos: que o Congresso se dirija ao Governo do Estado encarecendo a necessidade da publicação integral dos documentos a que se refere a mesma comunicação, por um de seus Departamentos especializados".

Este substitutivo foi unanimemente aprovado, tendo sido logo após, em vista do adiantado da hora, encerrada a sessão.

É o seguinte o teor do telegrama do Sr. Dr. Nerêu Ramos:

"Urgente. Desembargador Henrique Fontes — Fpolis.

Rio, 5, 19 horas. — É com imenso pesar que me vejo privado, pelo estado periclitante da saúde de meu Pai, de estar presente aos trabalhos do Congresso comemorativo do 2º Centenário da Colonização Açoriana, que hoje se inaugura, graças aos esforços da ilustre comissão organizadora sob sua direção. Enviando-lhe e aos congressistas minhas congratulações, formulo sinceros votos pelo completo êxito dêsse certame, que, estou certo, será um índice eloqüente da cultura Catarinense. Cordiais saudações. Nerêu Ramos."

São êstes os termos da mensagem do Sr. Cardeal:

"Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1948.

A nímia gentileza da Comissão Executiva das Comemorações do Segundo Centenário de Colonização Açoriana de Santa Catarina está a merecer de minha parte uma correspondência muito mais elevada. Reconhecendo a importância do acontecimento e a magnificência de suas comemorações, como consta do bem elaborado programa, era meu desejo manifestar de modo mais explícito a parte cordial e afetiva que tomo, de longe embora, em tudo quanto se relaciona com o querido Estado natal.

Queira, entretanto, a Exma. Comissão Executiva relevar-me a falta, justificada, creio, pela situação de trabalhos aqui, e receba, na pessoa de seu digno Presidente, o caro mestre Desembargador Henrique da Silva Fontes, a homenagem de minha representação.

Com votos de máximo brilho nas festivas comemorações,

(a) Jaime Cardeal Câmara
Arcebispo do Rio de Janeiro."

Ao Congresso também foi dirigida mensagem pelo Sr. Moisés

Lupion, Governador do Paraná, a qual foi lida na sessão preparatória de 4 de outubro, constando dos seguintes termos:

"Curitiba, 1º de outubro de 1948.
Senhor Presidente:

Na ocasião em que se comemora o segundo centenário da colonização açoriana no Brasil, o Paraná associa-se ao júbilo catarinense, reafirmando, na associação dêste instante, a amizade permanente.

A delegação do Paraná a essas festividades é, sobretudo, a delegação cordialíssima da amizade.

As cidades das nossas fronteiras confundem-se de tal modo, que mal se pode dizer sejam, em cada caso, duas cidades.

Do mesmo modo, tais afinidades nos aproximam que não cabe ao Paraná e Santa Catarina outra denominação que a de Estados irmãos.

Temos, tramando-se nos acidentes das circunstâncias históricas, um destino comum, como uma alma comum.

Levamos, por isso, u'a manifesta intenção política nesta mensagem, entendida a palavra política no seu mais alto sentido.

O povo e o governo de Santa Catarina recebam a fraternidade do governo e do povo do Paraná.

(a) Moysés Lupion,
Governador do Estado do Paraná."

O ofício do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia assim reza:

"Cidade do Salvador, 27 de setembro de 1948.

Exmo. Sr. Presidente do Primeiro Congresso de História Catarinense.

No momento em que vos reunis, em Congresso, para memorar acontecimento que bem representa um marco para a civilização e para a vida econômica de todo o país, permiti que os bahianos, pela Comissão Organizadora do Primeiro Congresso de História da Bahia a reunir-se na Cidade do Salvador, em 19 de março do ano vindouro, se associem ao vosso júbilo, mandando-vos a palavra fraterna de congratulações e apóio.

Ao vos trazer a solidariedade espiritual que se concretiza nesta mensagem, fazemo-lo com o direito da ancianidade, sem privilégio de primogenitura na herança de bravura e de fé, que Portugal nos legou.

Aceitai, pois, Historiadores Catarinenses, ora reunidos em patriótica assembléia, a saudação e as homenagens dos vossos confrades da Bahia, que se sentiriam sobremodo honrados se, accedendo ao convite que ora vos dirigem, pudessem contar com as luzes do vosso saber e a valia das vossas presenças no Congresso em que se comemorará o quarto centenário da instalação do Governo Geral do Brasil e da fundação da Cidade do Salvador.

(as.) Braz do Amaral — Presidente; Cônego Manoel de Aquino Barbosa, Francisco da Conceição Menezes, Alberto Silva, Alfredo Pimentel, Afonso Rui de Sousa, Antônio Viana."

O ofício do sr. Dante de Laytano é o seguinte:

Exmo. Sr. Desembargador Henrique Fontes.

Tenho a subida honra de comu-

nicar a V. Excia. que o Dr. Renato Almeida me distinguiu com a investidura, neste I Congresso de História Catarinense, de representante da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, funcionando no Ministério do Exterior como órgão nacional da UNESCO.

Encontrando-se, no I Congresso de História Catarinense, diversos outros elementos componentes de Sub-comissões estaduais de Folclore, permito-me a liberdade de solicitar a V. Excia. que considere as seguintes pessoas como integrantes da comissão que representará, em Florianópolis, o IBEC através da sua CNF: Dante de Laytano, Fernando de Azevedo, Walter Spalding, Osvaldo Pilotto e O. Martins Gomes.

Aproveito o ensejo para reiterar os meus protestos de elevada estima e muita consideração.

(a.) Dante de Laytano".

DIA 8 DE OUTUBRO SEXTA-FEIRA

Reunião das Comissões

Na Faculdade de Direito, às 9 horas, reuniram-se as várias Comissões do Congresso, para estudar os trabalhos que lhes foram distribuídos.

Visita ao Ribeirão e sul da Ilha

Em três ônibus, que, às 14 horas, partiram da Praça Quinze de Novembro, foram numerosos Congressistas visitar o sul da Ilha de Santa Catarina, dirigindo-se à vila do Ribeirão. Lá se detiveram a examinar, minuciosamente, a igreja matriz, que tem a invocação de Nossa Senhora da Lapa.

De Ribeirão dá José Boiteux, em seu *Dicionário Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, a seguinte notícia: "Distrito de paz situado na Ilha de Santa Catarina a 20 quilômetros ao sul da Capital. Foi criada paróquia por alvará de 11 de julho de 1809, sendo governador o Tenente D. Luís Maurício da Silveira. A construção da sua igreja, que foi por alguns anos capela filial, data do ano de 1802. Por provisão do Cabido, de 24 de janeiro de 1807, foi-lhe conferido o título de capela curada, sendo seu



A dança do Cupido e da jardineira. Os figurantes, com seus arcos floridos, formam o jardim.

primeiro cura o rev. Dr. Caetano de Araujo Figueredo Mendonça Furtado. Depois de instituída matriz, foi seu primeiro pároco o rev. Tomás Francisco da Costa, nomeado por provisão episcopal de 15 de novembro de 1809, com a cônica anual de 100\$000".

Boiteux transcreve uma notícia escrita pelo Arcipreste Oliveira Paiva, da qual consta o seguinte tópico: "O arraial desta freguesia está assentado sobre uma colina da qual descem duas ruas laterais, e a sua igreja, pequena porém elegante, oferece uma bela perspectiva. No ano de 1835, foi em certa noite praticado um sacrilégio inaudito, seguido porém de um milagre estupendo. O autor deste atentado não logrou o fruto de tão grande desacato. No momento em que envolvia num amietto os vasos sagrados, depois de derramar pelo pavimento as Sagradas Formas, apoderou-se d'ele um tal terror que ficou imóvel encostado a uma porta, sem mais poder atinar com a que lhe dera entrada, segundo a própria confissão, e assim se conservou até alto dia, em que foi preso. O ato do Desagravo foi muito concorrido pelos fiéis até das freguesias vizinhas, fazendo-se procissão de penitência com muito fervor e compunção, e pregando o insigne orador Padre João de S. Boaventura Cardoso".

Danças tradicionais

As danças tradicionais que se realizaram à noite, no estádio da Polícia Militar do Estado, eram um número do programa de festejos que estava sendo aguardado com grande simpatia, não só pelos Congressistas como pela população em geral, conforme o demonstrou a grande massa de pessoas de tôdas as classes sociais que a elas compareceram.

As danças foram organizadas pelo Congressista Sr. João Chrysóstomo Paiva, com a cooperação do Sr. Álvaro Tolentino de Souza, Tesoureiro da Comissão Organizadora do Congresso. Delas participaram pessoas do povo afeitas a êsses divertimentos, escolares — meninos e meninas — do Estreito e músicos da Polícia Militar.

Foram apresentadas duas danças: a do "boi-de-mamão" ou "bumba-meu-boi", e a "dança do Cupido e da jardineira", que foram entusiasticamente aplaudidas.

A dança do boi, além das figuras comuns do boi, do cavalinho, do vaqueiro, do doutor e dos vários músicos e cantadores, apresentou ainda a cabrinha, o urubu, o urso, o macaco e a "bernúncia", o bicho que engole gente.

Da "dança do Cupido e da jardineira" dá o Sr. Álvaro Tolentino de Souza, em trabalho folclórico apresentado ao Congresso, a seguinte descrição:

"Esta dança é composta de dez cavalheiros e dez damas e de uma criança representando Cupido, o deus do Amor da Fábula, vestido a caráter, empunhando arco e flecha e trazendo a tiracolo a aljava. As vestes dos cavalheiros são calças curtas, paletó saco, faixa larga à cintura e chapéu de palha, tricórnio, com enfeites berrantes. As damas vestem-se ao estilo português antigo, com saias não muito compridas, enfeitadas de flores, e blusas e chapéus de palha também com enfeites.

Cavalheiros e damas trazem, a tiracolo, varas enfeitadas de flores.

Todos trazem, pendente do cinto, um prato de folha-de-Flandres, imitação dos usados nas bandas musicais.

A dança assim se desenvolve: damas e cavalheiros colocam-se em duas filas em direção ao trono



A dança do boi-de-mamão. No primeiro plano, está o cavalinho.

em que se sentará Cupido; estendem os braços horizontalmente, cruzando-os e enlaçando as mãos, com o que formam o canhão pelo qual Cupido subirá ao trono; sobre esse estrado de braços é colocado Cupido, que caminha amparado dos lados por uma dama e um cavalheiro, que lhe seguram as mãos.

Assim que Cupido se dirige ao trono, cantam os figurantes:

"Cupido subiu ao trono;
Descansou, pisando flores,
Dizendo: — Viva quem ama!
Morra quem não tem amores!"

Cupido subiu ao trono,
Pisando, pisando flores,
Dizendo: — Viva quem ama!
Morra quem não tem amores!"

Depois de Cupido subir ao trono, os componentes da dança formam roda, empunhando, em arco, as varas floridas que traziam a tiracolo e que se tornam significativas de um jardim.

Cupido, do alto do trono, assim se dirige a todos: "Vou mostrar-vos um jardim composto das mais belas e delicadas flores". O mestre-da-dança, dando um sinal com apito, faz mover tódas as figuras, formando assim o jardim.

Executada esta parte, começa a dança dos pratos, que são empunhados um por dama e outro por cavalheiro, que, formando pares, os fazem soar, acompanhando a dança, que é alegre e vivaz.

Passa-se depois ao "pau-de-fita". É um mastro de madeira, que mede de dois a três metros de altura, todo enfeitado no topo com flores artificiais ou naturais; dêle pendem fitas de várias cores, tantas quantas são as figuras. Todos fazem roda em torno do mastro e, a um sinal do mestre, tomam as fitas pela extremidade solta. A um segundo sinal, principia a dança, passando as figuras, em zig-zag, ora por dentro, ora por fora da roda, movendo-se as damas numa direção e os cavalheiros noutra, até o entrelaçamento das fitas no mastro, que fica todo coberto, em xadrez. De novo apita o mestre, e as figuras, em movimentos contrários aos anteriores, desfazem o trançado de fitas que cobria o mastro.

Realiza-se depois a descida de Cupido do seu trono, pelo mesmo caminho de braços, pelo qual a ele ascendeu, cantando os figurantes em coro:

"Cupido desce do trono,
Envolto em carinho é flores,
Dizendo: — Viva quem ama!
Morra quem não tem amores!"

DIA 9 DE OUTUBRO, SÁBADO

Excursão ao Sul do Estado

Na excursão ao Sul do Estado, tomaram parte mais de setenta Congressistas e muitas senhoras e senhorinhas, que, lotando três ônibus da Empresa Auto-Viação Catarinense, partiram da Praça Quinze de Novembro, às 7 horas.

Pararam em São José, onde os esperava o Vigário Sr. Padre Plácido, tendo visitado a igreja matriz e a capela do Senhor do Bom Fim. O Congressista Sr. Cônego Manoel de Aquino Barbosa, da Bahia, chamou a atenção dos companheiros para a imagem do padroeiro da capela, por ser igual à da famosa igreja bahiana do Bom Fim.

Pararam também em Enseada de Brito, no Município de Palhoça, e visitaram a velha igreja local, acompanhados do Sr. Vigário da Freguesia.

Fizeram nova parada em Paulo Lopes, também no Município de Palhoça, para ligeira refeição.

Em Vila Nova

Vila Nova, no Município de Laguna, engalanara-se para receber os Congressistas, levantando nas ruas arcos festivos, com inscrições gratulatórias e expressivas de boas vindas. Houve feriado local e a ele aderiu a vizinha vila de Imbituba, pelo que não houve expediente na Companhia Docas, nem na Cerâmica e em outras indústrias, para que os seus trabalhadores pudessem associar-se às demonstrações de alegria dos vilanovenses. A vila de Garopaba, do Município de Palhoça, também delas participou por numerosos de seus moradores, que compareceram em ônibus especial.

Autoridades e povo acorreram à grande praça em que fica a igreja,

para estrondosa manifestação. Lá estavam, à frente da grande massa popular, o Vigário da Paróquia, as autoridades distritais e os presidentes dos sindicatos de trabalhadores, bem como o Prefeito de Laguna, acompanhado de brilhante representação da mesma cidade, sendo a aproximação dos Congressistas anunciada a um quilômetro de distância, por meio de rojões.

Os Congressistas passaram pelo meio de alas formadas pelos alunos das escolas públicas, sendo vitorizados por gerais e entusiásticas palmas e pela banda musical da Companhia Docas, que executou vibrante dobrado. Saudou-os em substancioso e belo discurso o Vigário, Sr. Padre Paulo Hobold, tendo o Congressista Sr. Tenente Ildefonso Juyenal da Silva, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, agradecido em brilhantes e instrutivas palavras a carinhosa acolhida.

Aos Congressistas foi oferecida farta mesa de doces e bebidas, gentilmente servida por senhorinhas da sociedade local.

Depois de visitarem a quase bisseccular igreja e de apreciarem as suas antiguidades, encantados com a espontânea e cordialíssima recepção da boa e modesta gente de Vila Nova, que não se poupava a canseiras nem a despesas, seguiram os visitantes para Laguna em dois carros da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, postos à disposição do Congresso de História pelo Diretor Engenheiro Annes Guálberto.

Foi o seguinte o discurso do Sr. Padre Paulo Hobold:

"Exma. Caravana de Congressistas, Senhores e Senhoras.

Quem mais e mais se familiariza com os estudos da evolução histórica do Brasil a começar dos dias de seu descobrimento até às imediações de sua independência nacional, perceberá, sem despende grande esforço, algo que sempre preocupou a mente atilada dos estadistas reinóis, algo, aliás de muito normal e psicológico, a saber: a plena posse da novel colônia das Américas somente será realidade quando exercido o sistema de colonização. As infindas riquezas, as preciosas madeiras, as muitas jazidas minerais, a competição corsária, sobretudo a dos domínios espanhóis de La Plata, emprestavam, dia a dia, à nova colônia, uma importância cada vez mais crescente, e a sua simples exploração, isolada e periférica, não constituía ao governo lusitano seguranças bastante vigorosas para errolar o Brasil entre as possessões de domínio definitivo. Foi mister, dessa forma, utilizar e fomentar o que por natureza das coisas condiciona a irrevogável fixação do homem ao solo: a agricultura.

É isto, aliás, o que bem exprime a sábia pena do professor Roberto Simonsen quando em uma das páginas de sua "História Econômica do Brasil" escreve: "No Brasil, compelidos por diversas circunstâncias a ocupar definitivamente a terra, foram os portugueses forçados a recorrer à agricultura, a fim de assegurar a base e o rendimento da nova colônia".



A dança do Cupido e da jardineira. O pau-de-fita.

Pondo-nos sob o prisma dessas situações, facilmente compreenderemos a evolução histórico-socio-econômica das Terras de Santa Cruz, nos seus primeiros períodos de existência, como se nos tornará patente a história inicial da Província de Santa Catarina, especialmente no que lhe concerne à sua colonização, a qual, transpondo, no corrente ano, o limiar dos seus 200 anos de existência, assinala os presentes dias, como apalparamos e emocionados sentimentos, de galas e brilhos festivos, compelindo uma massa compacta de homens e mulheres, catarinenses ou estrangeiros, descendentes ou sucessores, estudiosos ou amadores, a sublimarem com honras e louvores àqueles que com o suor dos seus rostos, com abundância de dedicações e trabalhos, estratificaram de benemerências este solo que pisamos, e onde atualmente, graças aos mesmos, pode um povo inteiro usufruir em paz uma soma de felicidades.

Mas, se a curiosidade de alguém se aprouver a inquirir a origem da colonização de Santa Catarina, ver-se-á, de súbito, transportado a umas pequenas nesgas de terra, com que Deus enflorou a solidão das águas atlânticas, as risonhas ilhas Açores e Madeira.

Correm os fins do ano de 1746 e os inícios de 1747. Um borbório desusado, já alvorôço, perpassa as famílias açorianas e madeirenses. Por toda a extensão das ilhas, nas esquinas, pelas lavou-ras, pelos empórios, acham-se afixados longos cartazes, ou, senão, metálicas vozes lançam vibrantes pregões ao ar.

Que acontecera? Qual a novidade? El-rei D. João V baixara um edital, e, segundo este, o governo português convocava, dentro das ilhas, 4.000 válidos, homens na média de 40 anos, e mulheres de 30, para os mesmos efetuarem a colonização de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, prometendo, aos mais minguados de recursos, ajuda parcial em ferramentas e alimentação, sendo o transporte totalmente a expensas da Real Fazenda.

A imaginação, por certo, não poderá adivinhar o que de sentimentos tenham invadido então os ânimos daqueles habitantes. Pois, de um lado, lhes sorriam as fagueiras esperanças de melhores terras rurais e melhores fortunas; mas, de outro lado, vagueavam-lhes ante os olhos sinistras e amargas sombras: deixar tudo, abandonar o que mais se estima — os lares, as igrejas, os túmulos, as tradições, para, sobre novos horizontes, abrirem-se-lhes ante os passos os quadros das incertezas e dos sobresaltos, de envolta com episódios empolgantes e peripécias? Bem duras eram as alternativas.

Matar as mais doces lembranças, despedir amigos e parentes, ver corações lacerados, ver lágrimas e abraços últimos, sim, quem dirá não seja tudo cruel. Os colonos açorianos, porém, embora dotados das mais finas sensibilidades, mas, em cujos peitos, também, os elementos rijos da natureza, as ondas sempre encapeladas e os ventos sempre bravios, haviam estruturado ânimos da mais formidá-

vel têmpera de aço, se levantam, e como homens, que o destino assinalou para os grandes cometimentos, se alteam, acendem em suas almas os fachos do destemor e do ideal, e feitas as últimas malotagens, em veleiros após veleiros, zarparam dos seus portos, cheios de encantos. Na frente, distende-se-lhes a imensidade do misterioso oceano de envolta com os sonhos fascinantes das novas terras. Atrás, no fundo das esteiras marinhas, ficam as silhuetas dos acenos saudosos, os murmúrios das preces ardentes, para, por fim, diluírem-se ao longe, quais flocos de alva neblina, as fimbrias encantadoras do idolatrado torrão natal.

O 1º transporte composto de 461 pessoas chega à ilha de Santa Catarina pelo ano de 1748, segue o 2º em março de 1749, com 600 colonos, tendo ambos a mais hospitaleira acolhida do então governador da capitania — Brigadeiro José da Silva Paes. Em dezembro do mesmo ano, estando já então à frente da Capitania o Coronel Manuel Escudeiro Ferreira de Sousa, desembarca outro transporte com 1.066 pessoas, em seguida, o 4º, o 5º, sendo o último em 1753. Havia desembarcado na ilha e no local São José, do continente, um total de 4.024 pessoas.

E Vila Nova, onde no momento nos achamos, qual a sua referência com a colonização açoriana? Formulamos a pergunta, porque a sua resposta não é comum aos costumados moldes do falar humano. Diremos que a colonização açoriana de Vila Nova tem um significado bem mais profundo do que possa parecer ao primeiro relance de olhos. Diremos que a colonização de Vila Nova é obra açoriana, sim, mas antes de ser açoriana, é obra da Providência de Deus. Explicamo-nos. Com a simples enunciação de dois fatos referentes à colonização de Vila Nova, cremos provar, à evidência, a afirmativa feita.

Como refere a história, o 1º contingente de açorianos enviado ao sul da ilha, foi habitar os campos de Viamão. Ficaram, porém, os mesmos insatisfeitos com aquelas terras, que, além de pouco fecundas, eram úmidas e, assim, pediram urgente migração. Manoel Escudeiro escolheu então os campos do Xavier e Una, que constituem exatamente o local onde nos achamos neste momento.

Não vos parece entrever, neste acontecimento, ao menos de longe, o dedo de Deus guiando os açorianos para Vila Nova? Segundo fato. Por ordem do governo partem duas pequenas do local São José com destino ao Rio Grande do Sul. Mal houveram as naveas transposto a ponta sul da ilha, um terrível pampeiro desaba sobre a pequena expedição, estraçalhando-a quase de todo de encontro aos penedos próximos. Apenas 77 pessoas escaparam ilesas. Umam continuam a viagem, rumo ao destino; outras, temendo talvez piores avarias em seu navio, desembarcam nestas margens que aí vêdes, obra de metros, e que encerram encantos comunicativos.

Não vêdes de novo o dedo da

Providência guiando os açorianos, em direção de Vila Nova?

Não vêdes, em dupla forma, a Providência que, nos seus desígnios insondáveis, traça o rumo aos homens e aos povos, está impelindo também, os nobres filhos dos Açores, para, na freguesia de Sant'Ana de Vila Nova, se tornarem as pedras angulares da mais próspera das colônias no Sul-Brasil?

Aos novos habitantes, como é natural, se apresentam obstáculos de toda a ordem. É sempre assim. A concretização de qualquer ideal, seja menor ou maior sua sublimidade, está sujeito ao intrincado nó das dificuldades. Como o do céu, também o reino terrestre exige a violência e o sacrifício.

A faina, a luta, de início, vai lenta; depois, mais vigorosa. De ferramentas em punho, põem mãos à obra. Tombam os altos troncos, palmo a palmo são lavradas as terras. As águas, sobretudo a lagoa, abundantes em peixes, são cortadas por velozes canoas e proporcionam grande parte da alimentação.

Nada os apavora, ou faz recuar, ostentem embora hostilidades as feras bravias ou os elementos rebeldes da natureza.

E se, neste instante, fôsse dado revocar à existência os velhos filhos dos Açores, aqui tombados, para individuarem suas biografias, escutaríamos estarrecidos os mais comoventes entrecos de peripécias e vicissitudes, de sofrimentos e sacrifícios. Eles, porém, sempre firmes, sempre "arando esperanças" prosseguiram na obra encetada. E se, no meio daquelas lutas e trabalhos que os contornavam dias e noites, à maneira da página bíblica lhes lançássemos o grito: "Sentinelas, o que vêdes dentro da noite"? Suas vozes, em côro, ao som do trabalho, serenas e sonoras haveriam de responder: "Amanhece".

Sim, Vila Nova amanhecera. Ao sol fulgente dos possantes braços açorianos amanhecia para o convívio nacional a novel colônia, atirando ao longe as suas roupagens antigas e rôtas de Vila Velha. Nascia Vila Nova. Sob o signo da atividade agrária, a harmonia, a paz, a prosperidade, de mãos dadas, felicitavam os lares dos colonos açorianos.

Nascia Vila Nova, para em breve ser uma das mais belas, amenas e esperançosas colônias do Sul-Brasil, a mãe dadivosa, de cujos seios mais tarde refluiria o sangue que deveria alentar as zonas sul-catarinenses e os planaltos sul-riograndenses.

E estai certos, em meio a esse panorama geral, como mesmo ordenavam as instruções de El-rei, elevava-se dominante o centro sublimador da vida daquele povo, a pequena capela de pau a pique, que, mais tarde, se transmudaria neste impressionante templo que nos ladeia, dedicado à Senhora Sant'Ana.

Em verdade, as impressões que nos sugere a história da colonização açoriana, são empolgantes. E se a Camões houveram razões mais que sobejas para em páginas épicas descantar os varões e os feitos assinalados do seu povo, se

Ihe fôsse possível, por certo teria incluído os varões açorianos e os seus valentes feitos na obra da Colonização Catarinense.

Porém, mais que ao vate cego de Macau, cabe a nós elevar a nossa voz, ainda mais que, à feição de ordem, no-lo concita o cantor bíblico quando exclama: "Laudemus viros gloriosos et parentes nostros". Exaltemos os varões gloriosos e os nossos antepassados, os varões e antepassados das virtudes heróicas e dos merecimentos insuperáveis, e que são para o Estado de Santa Catarina — os bravos colonizadores açorianos. Gloriosos são, pelo sublime ideal que lhes informou a vida: gloriosos, pelo valor hercúleo no enfrentar os obstáculos; gloriosos, porque, não permanecendo apenas na esfera dos anseios e dos sonhos, de fato concretizaram a obra a que se haviam devotado de corpo e de alma.

É certamente, pois, o mais elementar dever de justiça rendermos solenes homenagens a êsses benemeritíssimos e indômitos vanguardeiros do desenvolvimento rural do Estado de Santa Catarina. Porquanto, repassando sob os olhos da recordação os seus dias históricos, averiguamos que não foram os de românticos Tarzans, mas como em todos os grandes cometimentos e obras que se apresentam no decurso dos séculos, também nestes deparamos, em suas vizinhanças, vestígios de sangue. Nem sempre o sangue das veias, mas sempre o sangue-suor, o sangue-abnegação, o sangue-sacrifício, que não raramente constitui preço bem mais alto, sobretudo quando considerada a sublimidade do ideal pelo qual é empenhado.

Justos, pois, os festejos dessas glorificações; justa esta comunicação de homenagens. As reminiscências da história colonial, rediadas aos olhos dos contemporâneos, exaltadas nos seus valores, sob os auspícios desvanecedores do Primeiro Congresso de História Catarinense, serão penhor de mais vigorosas realizações em seus descendentes ou pósteros. Açorianos foram os primeiros colonizadores, açoriana é a alma destes dias festivos, açoriano é o perfume que exalam todos os corações catarinenses.

O espetáculo magnífico que nos correntes dias se nos antolha, irresistivelmente nos impulsiona a saudar os nobres e denodados filhos dos Açores. É mister que as suas imagens vivam indelêvelmente nos refolhos de todas as almas catarinenses, e sejam sempre perene fonte de maiores obras e realizações. Sim, que êles vivam sempre nos filhos de Santa Catarina.

E no dia de hoje, enquanto os congressistas juntamente com o povo vila-novense se debruçam sobre as muradas das épocas remotas, lembrando respeitosamente, em panorama, a história e a vida coloniais, êles, os protagonistas açorianos, embora bissecularmente distanciados no tempo, projetam de forma imaterial, não menos palpável, as suas frentes emolduradas de glória por sobre os horizontes do presente e do futuro, apontando a todos indistintamen-

te uma mensagem confortadora: "Avante, descendentes; avante, filhos desta promissora terra. Avante, pela grandeza de Santa Catarina, cujo solo virgem, nós os primeiros, empapamos com as bagas do nosso suor, escancarando de par em par as portas de sua grandeza. Avante, não pareis na empreza por nós encetada. Avante, cumpre a vós continuar e progredir."

Senhores Congressistas. Queremos terminar. A vossa visita honra e é lisonjeira ao povo de Vila Nova. Será registrada a mesma com letras de ouro nos anais de sua história. Recebei, pois, dêste povo a saudação amiga, o testemunho do apoio integral aos elevados e nobres intuítos destas comemorações e do Primeiro Congresso de História Catarinense.

Srs. Congressistas. Continuai em nosso meio, e onde quer que fordes, êste préstito de ovações e de honras, bendizendo os pioneiros intemoratos da colonização catarinense. Avançaí sempre, incansáveis, gravando de forma indelével e grata, no relicário das consciências, os gloriosos vultos açorianos que, nestas terras de Santa Catarina, chantaram a grande, a verdadeira e a única base que propicia riquezas e felicidades aos povos e que constitui a salvação das nações: a agricultura".

O Sr. Tenente Ildefonso Juvenal discursou nos seguintes termos:

"Srs. Congressistas, Exmas. senhoras.

Eis-nos chegados à séde do distrito de Vila Nova de Sant' Ana, pertencente ao Município de Laguna, — lugar onde, no remoto ano de 1752, inumeras famílias açoritas se estabeleceram, fundando a respectiva povoação.

Um ano antes, "em março de 1751, Manoel Escudeiro Ferreira de Sousa, Governador da Capitania de Santa Catarina, conforme carta datada de 4, dirigida a Diogo de Mendonça, Ministro do Reino, mandou para Laguna 40 casais com 215 pessoas, em duas sumacas, ordenando fundassem vila para o sul, na direção dos campos do Viamão, em um sitio chamado Magalhães", 4 léguas além de Laguna. Os açoritas porém, recusaram-se permanecer no referido sítio, o que levou Diogo de Mendonça a indagar do Governador, em carta de 8 de abril de 1752, qual a razão de semelhante recusa, tendo Manoel Escudeiro em data de 24 do aludido mês e ano, lhe comunicado em resposta, que, "fazendo averiguação do successo e capacidade do campo, lhes achava razão em o rejeitarem, por ser sumamente úmido e em parte apantado, sem barro e com pouca madeira para poderem armar seus ranchos".

A providência foi então Manoel Escudeiro mandar escolher outro local. "O lugar escolhido foi o admirável sitio chamado os campos do Xavier e do Una, onde ao mesmo tempo mandou erigir capela para Freguezia, dedicada à Senhora Sant' Ana, denominando a povoação de VILA NOVA, para a qual chegou das Ilhas, na ocasião, um sacerdote proposto pelo Bispo de Angra, para Pároco". Afimava o Governador Escudeiro, em carta ao Ministro, "ser uma das melhores que até então se havia fundado, achando-se os seus

moradores em grande consolação, porque dispunham de uma espaçosa lagôa, abundante em todo o tempo de peixe, excelentes terras para criação e cullura, como também, a pouco mais de meia légua de distância, com um abrigado portinho no mar grosso, para lanchas, no qual desembarcou o General Gomes Freire de Andrade quando agora saiu desta Ilha, continuando dali a sua viagem para o Rio Grande".

O sítio de que nos fala Escudeiro, é o lugar onde estamos. No ano seguinte, outras dezenas de açorianos, naufragos de duas sumacas que se dirigiam para o Sul, e sossobraram na ponta da ilha, conhecida dal'então por "Naufragados", não mais quiseram seguir para o Rio Grande do Sul, vindo estabelecer-se neste lugar.

Como igreja existiu primeiramente uma pequena capela de pau a pique, barreada, e coberta de palhas, a qual foi, dentro em pouco tempo, substituída por êste velusto edificio que estamos admirando, mandado construir de accordo com as instruções de 9 de Agosto de 1747, de D. João V, e de conformidade com o parecer do seu Conselho Ultramarino.

Tem esta igreja quasi dois séculos de existência. As paredes externas, como vemos, têm quasi um metro de espessura. O piso da sacristia e dos corredores laterais, são de tijoleiras de barro cozido, muito comum naqueles tempos. O penoso trabalho de sua construção, devemos-lo, em a sua maior parte, aos escravos.

No preparo da argamassa que uniu as pedras e tijolos de suas paredes, foi empregado azeite de peixe, então indispensável para cimentação das grandes obras.

Foram poucas, muito poucas as alterações sofridas neste templo secular, no sentido da sua conservação.

É ele a mesma casa de Deus, onde os avós dos atuais habitantes do lugar, como o fazem hoje os seus netos e bisnetos, LHE ofereceram as mais fervorosas preces, e onde receberam os sagrados sacramentos do Batismo e do Matrimônio.

Em 1765 esta igreja era erigida Matriz da Paróquia, porém, a investidura do respectivo titulo foi efetivada somente em 1781. Em 1836 perdia a igreja de Vila Nova, as prerogativas de Matriz, as quais foram por Decreto da Assembléia Provincial, tranferidas para a igreja da Vila de Mirim.

Em 1752, a Camara de Laguna deu a Vila Nova um Juiz Vintenário, Juiz ordinário de que se fazia precisa toda localidade que contasse mais de vinte moradas.

Em 1762, porque já existiam aqui em Vila Nova, mais de 60 pessoas capazes de pegar em armas, o Conde de Bobadela creou nesta localidade, uma Companhia de Ordenanças.

Edificada, como vemos, à beira mar, não podia a pesca deixar de ser a maior preocupação dos seus habitantes.

Primeiramente, a pesca em pequena escala, de toda a espécie de peixe de que eram abundantes os seus mares e a sua enseada.

De quando em vez, eram arpoados baleotes e grandes peixes; depois, a pesca da baleia, em grande escala, iniciada em 1795, com a armação de Garopaba, cujos

arrematadores procuraram no ano seguinte, estabelecer armação em Imbituba.

A pesca do referido cetáceo tomou tamanho incremento, que raríssima era a casa onde não existiam vértebras de baleia, servindo de mólho ou branco, para uso da família. Muitas hortas e quintais eram cercados com grandes ossos das costelas de baleias.

A não ser esta igreja, já não se encontra aqui, em Vila Nova outra qualquer edificação bi-centenária.

As únicas casas daqueles tempos, até há bem pouco existentes, eram: a da fábrica da igreja, ao lado desta, em cujo lugar está sendo construído o amplo e moderno prédio para residência paroquial, e um solar que fôra a casa grande de um rico senhor de escravos. Esta, ficava defronte à igreja, no outro lado desta praça principal. Era uma casa de quatro águas, com enormes e pesadas janelas para todos os lados, grossas paredes de pedra e tijolos, resistentes portais de madeira de lei, vidraças e bandeirões com caixilhos em forma de triângulos e losângos, pesadas portas sustentadas por enormes e resistentes dobradiças e trincos de ferro, e a porta principal a clássica fechadura, cuja chave pesava sempre de 100 a 200 gramas.

Infelizmente, pouco se sabe da história da povoação de Vila Nova de Laguna ou da Senhora Sant'Ana, pois as traças, esses necrófagos terríveis, perfuraram e destruíram os documentos que nos poderiam fornecer valiosos esclarecimentos. Outros, mãos profanas de hereges, descrentes da divindade da História, os retiraram dos tabernáculos onde eles se encontravam, levando-os não sabemos para onde, nem para que fim.

Estas breves notas, nós as coligimos, graças à generosidade de dois ilustres garimpeiros do ouro velho da História Catarinense: Osvaldo Rodrigues Cabral e Ruben Ulysséa, e nos valendo também da conceituada obra CASAIS, do consagrado historiador gaúcho General Borges Fortes e das luminosas NOTAS PARA A HISTÓRIA CATARINENSE, do erudito Almirante Lucas Alexandre Boiteux.

A história de Vila Nova de Sant'Ana, porém, se encontra atestada, simbolizada nesta igreja bi-centenária. Ela nos fala desse passado distante, pelo lagedo do seu chão, pelas pesadas vigas do seu tecto, pela fortaleza das suas espessas paredes, pela expressão da imagem da sua padroeira, — imagem talhada em madeira de lei, a golpes inteligentes do formão e da goiva, da groza e do escópro e outras ferramentas, — reliquia capaz de atravessar incólume duas ou mais vezes, outros duzentos anos; e pela voz do bronze dos seus sinos, que falam à alma dos crentes por tempo ainda mais longo, porque o bronze é o símbolo da Eternidade, e o Criador o fez para que nele fosse gravado tudo o que deve perdurar séculos sem fim.

Dignas autoridades e laborioso povo de Vila Nova: Em nome dos membros do 1º Congresso de História Catarinense, por designação do ilustre sr. Presidente da Embaixada, agradeço às dignas autoridades de Vila Nova, ao estimado e ilustre Vigário Reverendíssimo Padre Paulo e ao seu laborioso e digno povo, esta magnífica, estu-

penda manifestação de apreço, comprobatória do elevado civismo e da grandeza e generosidade de alma da honrada gente desta localidade, cujo passado fala tão eloquentemente ao nosso sentimento de catarinenses, e nos faz recordar os abnegados açorianos pioneiros do nosso progresso, que, há duzentos anos passados, levantaram este monumento de nossa fé cristã e cimentaram pelo seu trabalho honrado a grandeza do sul catarinense. Salve! Vila Nova de Santa Ana".

Em Laguna

Novas horas de prazer estavam reservadas aos Congressistas na gloriosa e histórica Laguna.

Recebidos na estação férrea pelos elementos mais representativos da cidade, foram logo levados ao Clube Blondin, onde os esperava o respectivo Presidente Sr. Dr. Paulo Carneiro, acompanhado dos membros da Diretoria, e onde a Prefeitura Municipal lhes tinha preparado lauto almoço.

À cabeceira da mesa, que tinha a forma de lira, sentaram-se o Prefeito Sr. Alberto Crippa, os Srs. Comandante Lucas Boiteux, Professor Hélio Vianna, Desembargador Edgar Pedreira, Engenheiro Annes Gualberto e outras pessoas gradas, tendo tomado parte no ágape mais de oitenta convivas.

Foi servido o seguinte cardápio: Sopa de espargos — bacalhoda à portuguesa — galinha assada com farofa — bife à milanesa com purée de batatas — vinho — água mineral — cerveja — sobremesa — café.

À sobremesa, discursou eloquentemente o Sr. Professor Ruben Ulysséa, para manifestar a alegria dos lagunenses pela desvanecedora visita, tendo o Congressista Sr. Professor Fernando Corrêa de Azevedo, em belas palavras, agradecido, em nome de seus companheiros, as carinhosas homenagens que estavam recebendo.

O Congressista Sr. Dr. Heitor Stockler de França, da Academia de Letras do Paraná, recitou, sob grandes aplausos, os seus versos "Estelário do Brasil".

Depois de terem visitado a igreja, matriz e outros pontos da Cidade Juliana, dela se despediram os

Congressistas, muito gratos pelas atenções recebidas, dividindo-se em duas turmas, tendo uma tomado o ônibus para regressar imediatamente a esta Capital e seguindo a outra, de trem, para a cidade de Tubarão.

Foi o seguinte o discurso do Sr. Professor Ruben Ulysséa:

"Senhores Congressistas:

Muitos de vós, vindos de longes terras, tinheis, por certo, um vivo interesse em conhecer esta cidade quasi tri-centenária, erguida, por uma estranha coincidência, sobre a velha linha tordesilheana que assinalava a divisa entre as terras de Portugal e de Castela.

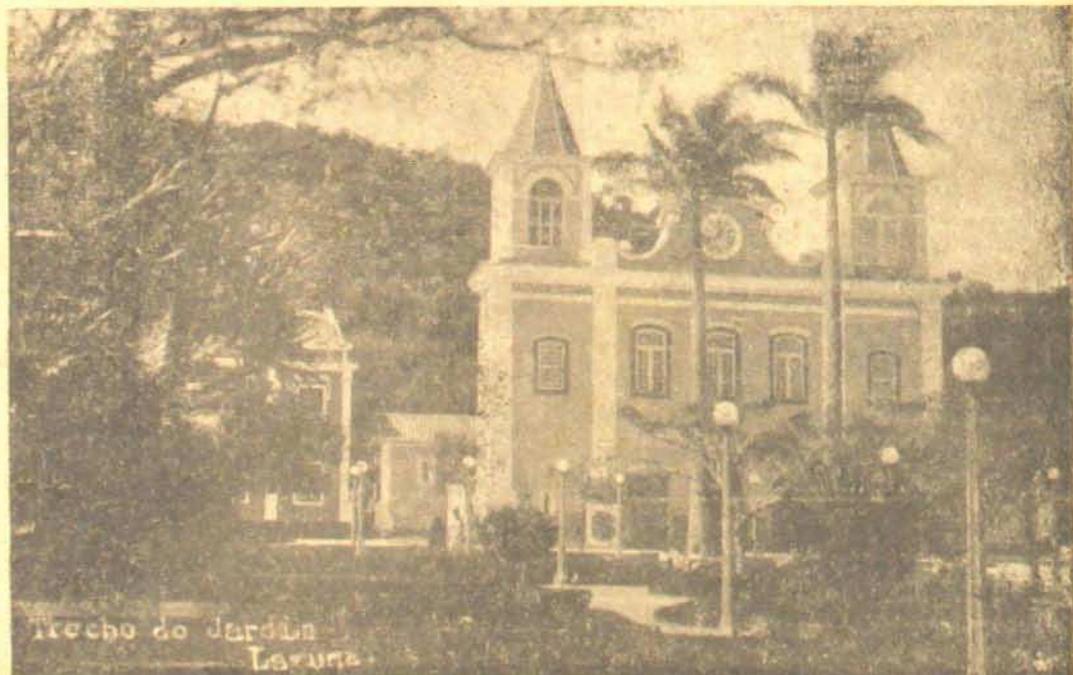
Talvez a achastes demasiado pequena para o seu longo passado; talvez demasiado moderna, em seu delineamento, para uma cidade de fundação seiscentista; talvez demasiado acanhada, em seus domínios, quando no século das conquistas meridionais, estendeu a sua jurisdição da península de Pôrto Belo até além das savanas do Rio Grande; da orla do Atlântico, pelos campos de serra acima, até os sertões de Lajes.

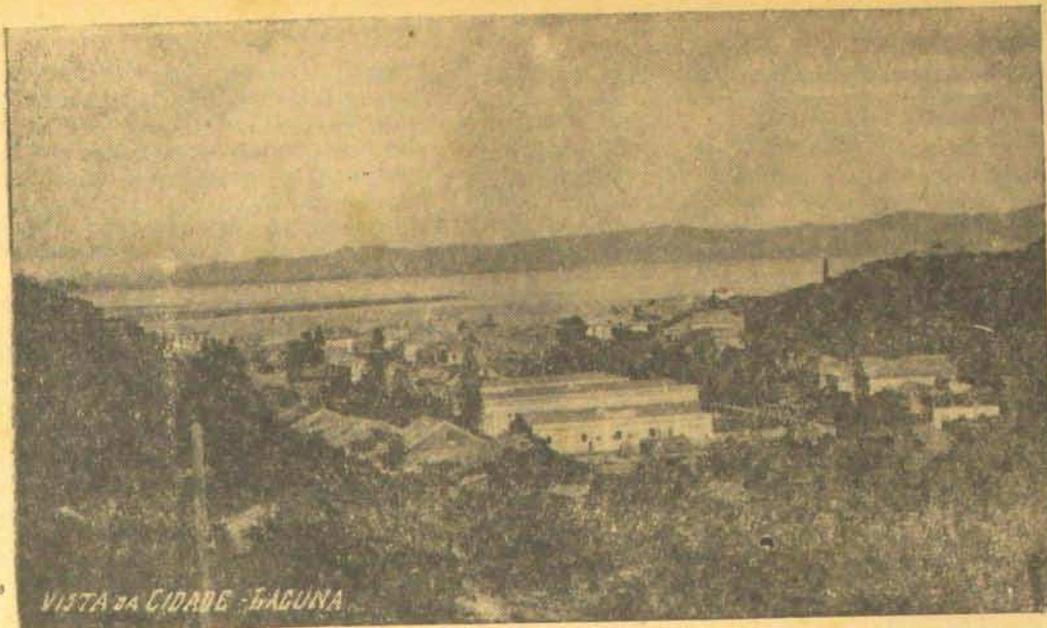
Viestes encontrá-la, perdidas as suas melhores terras, em desmembramentos sucessivos, e, cumprida a sua função histórica, toda voltada para as ocupações do seu comércio e para o movimento do seu pôrto. E é possível que nela muito pouco encontrastes a recordar a sua glória bandeirante.

Mas, pouco importa a impressão que vos terá causado a cidade hoje, no aspecto vulgar da paisagem urbana, e nas atividades cartaginesas a que, no presente, se entrega a sua população. Vós bem conheceis o seu passado heróico e o papel que os nossos ancestrais, desbravadores e soldados, desempenharam, ainda no alvorecer da nacionalidade.

Com efeito, fundada no segundo século da existência brasileira, em pleno período da expansão colonizadora, Santo Antônio dos Anjos da Laguna foi a última das povoações paulistas levantadas aqui no litoral, o derradeiro empreendimento dos bandeirantes de S. Vicente na conquista do Meridiano.

Mas, os pioneiros vicentinos que aqui encerraram as suas ativida-





Vista da cidade de Laguna

des, legariam aos lagunenses o gosto da aventura e o espírito de conquista a serviço de d'El-Rei. E a eles coube, então, continuar a empresa audaciosa e abrir caminhos para o sul, avançando para o Rio da Prata naquela vigorosa competição com os espanhóis pela posse da margem esquerda do grande estuário.

Lembraís-vos, certamente, de que, apenas assegurada a posse da terra e rechaçados os carijós para as matas da outra banda, daqui seguiram, pela estrada aberta das praias retilíneas, as expedições exploradoras que penetraram os campos do Tramandaí e do Viamão, devassando virgens matas do continente, espavorindo os minuanos e os tapes nas suas arremetidas resolutas.

Nessas entradas audaciosas chegam até a Botucari, onde os padres das missões cultivam verdes ervais e que obrigam os bandeirantes a retroceder, contra eles atirando a indiada numerosa e aguerrida.

Numa dessas expedições aprestadas pelos próprios Brito Peixoto, tomba, varado pela flexa dos tapes, Sebastião de Brito Guerra, filho do fundador. Mas, não importa; outros pioneiros retomam-lhe o lugar. E as bandeiras prosseguem pelas coxilas verdejantes, devassando os longos horizontes, traçando as rotas, que estabeleceriam o contacto entre a póvoa vicentina e a Colônia do Sacramento, permanentemente ameaçada pelos castelhanos de Buenos Aires.

Ah! Senhores, quanto sacrificio e quanta bravura ilustram esses primeiros tempos da gente lagunense.

Depois, é o cuidado vigilante em assegurar a conquista; é Francisco de Brito Peixoto, o capitão-mór, a intimar os jesuitas, que pretendem multiplicar os seus aldeamentos, a desistirem de qualquer empresa sobre aquele território da conquista lusa; é a expedição colonizadora de João de Magalhães, genro de Francisco, aqui aprestada, para iniciar, nas imediações do Tramandaí, o povoamento do Rio Grande; é o comércio do gado fugindo dos campos das missões, que os lagunistas arrebanham para enviar às feiras de Curitiba e Sorocaba; é a emigração, que se processa por to-

do o século XVIII, da gente da Laguna que vai fundar, na vastidão dos pampas, as primeiras estâncias e dar origem, pela fusão com os açorianos do Porto dos Casais, a essa raça de centauros heróicos que povoaria as verdes planuras do Continente de S. Pedro.

Desses primeiros povoadores lagunenses é que surgiriam as velhas estirpes gaúchas dos Pinto Bandeira; dos Souza Brasil, de que procedem os Assis Brasil; dos Prates, de que descende Júlio de Castilhos; dos Braz Lopes, de que descendem os Flôres da Cunha.

Bem sabeis, no entanto, que a função de Laguna não se restringiu à de centro de expansão colonizadora. Foi, ainda, naqueles tempos afastados a guarda avançada da Colônia do Sacramento; sentinela vigilante na sua defesa e fonte de abastecimento nas suas necessidades de viveres e munições. Acorreu à luta sempre que a ameaçaram os espanhóis confinantes. Mandou-lhe toda a população capaz de pegar em armas, numerosa cavahada, viveres, tudo, quando do ataque de D. Miguel de Salcêdo.

Importante sob este aspecto, foi o papel que desempenhou. Ainda em 1777, quando d. Pedro de Ceballos se apoderou da Ilha de Santa Catarina, após a fuga inexplicável das forças de Furtado de Mendonça, foi nesta Laguna heróica que se organizou a reação. Foi com a ajuda de seus homens, que dos pais herdaram as energias temperadas nas campanhas platinas, que aquele valente capitão Cipriano de Barros Leme impediu o desembarque das tropas castelhanas na enseada de Imbituba e obrigou a náu de guerra ali fundeada a regressar para o Destêrro. Foi esta mesma gente que varreu do continente as patrulhas inimigas, forçando-as a passarem à Ilha, que seria restituída a Portugal pelo tratado de Santo Ildefonso.

Trinta e nove foi outra página palpitante na bravura e no idealismo da nossa gente. Aqui encontrariam os farroupilhas o clima democrático que lhes facilitaria a proclamação da "República Catarinense"; mas encontrariam, também, a reação que se ergueria enérgica quando, vendo perdida a sua causa, os democratas se fizeram tiranos.

Senhores, eu não vos quero cansar, e nem devo roubar-vos mais tempo do pouco de que dispodes para a vossa amável excursão. Seria indelicado, se não fosse apenas ingênuo, alongar-me nestas digressões sobre a história local. Vós a conheceis. Tomais parte num Congresso a que dão lustre, pela força da sua inteligência e pelo vigor da sua cultura, historiadores diante dos quais me considero apenas um modesto principiante; representantes dos mais altos centros de estudo do nosso país e de Portugal, e que, neste momento, compiacentemente, me escutam.

Se me permitís, eu vos lembrarei que a Laguna esteve sempre presente nas jornadas cívicas que empolgaram a alma brasileira. Jamais deixou de corresponder aos apêlos da Pátria. Mas, foi, sem dúvida, o da expansão colonizadora o mais belo capítulo que a sua gente escreveu. Esta é, sem dúvida, a verdadeira expressão histórica da pequena cidade que vos hospeda. Sêde a ela benvindos.

Em nome do seu governo e do seu povo, eu vos saúdo!"

Foram as seguintes as palavras do Sr. Professor Fernando Corrêa de Azevedo:

"Foi com a maior satisfação que nós, os Congressistas reunidos em Florianópolis, vimos incluída no programa do Primeiro Congresso de História Catarinense, uma visita à cidade de Laguna.

Sabíamos de antemão, Senhor Prefeito Municipal, do seu grande cavalheirismo e da distinção com que seríamos recebidos nesta cidade, pois não nos é desconhecida a tradicional amabilidade do povo lagunense, sempre pródigo em atenções e gentilezas. Mais uma vez se confirma a tradição nesta homenagem que aos Congressistas prestam o governo e o povo de Laguna.

Sentimo-nos felizes, digo-o muito sinceramente, de pisarmos o solo desta terra, palmilhado um dia, — e dia bendito aquêle, — por Domingos de Brito Peixoto, que, atraído pelo encantamento destas colinas, aqui plantou um marco de civilização, sem de longe supor que a vila de Santo Antônio viesse com o tempo a transformar-se no maior porto escoador da riqueza agrícola do Sul de Santa Catarina.

O contacto com esta cidade nos faz evocar as figuras ilustres dos seus grandes filhos, já projetados no cenário político e histórico da nação, pelo seu valor e pelo seu heroísmo. É Anita Garibaldi, a heroína dos Dois Mundos, personificando a bravura da mulher brasileira e elevando, nas plagas da velha Europa, pelo destemor com que enfrentou o mundo, o conceito da pátria comum.

É Jerônimo Coelho, fundador da imprensa catarinense, presidente da Província do Pará, Ministro da Guerra, ocupante de muitos e honrados cargos no país, e a quem José Boiteux chama "Catarinense número 1."

É Manoel de Sousa França, o grande amigo da Instrução.

É o Almirante Jesuíno Lamego Costa, Barão de Laguna, Senador do Império, político dos mais eminentes e destacados do seu tempo.

É José Henrique Teixeira, herói

de Farrapos, que, encarregado da defesa do porto, escudou a frota republicana a bordo do Itaparica, perecendo heróicamente no combate de 15 de Novembro, com o peito despedaçado por um balaço inimigo.

São todos os seus habitantes, filhos que honram hoje a cultura de Santa Catarina e do Brasil com o vigor de sua inteligência e a perseverança do seu trabalho fecundo e construtivo.

Evocando, senhores Congressistas, neste ambiente de pacata beleza, vultos grandiosos do passado que Laguna deu ao Brasil e que, como nós hoje, contemplaram estas praias e êstes marros e sentiram, como hoje sentimos, tôda a emoção que dêles dimana, eu não posso calar o sentimento de simpatia que nos invade a alma e nos liga espiritualmente a êste pedaço de terra barriga-verde. Saudovos, por isso, Senhor Prefeito Municipal, e ao nobre povo de Laguna, herdeiro de uma tradição gloriosa e por todos os títulos merecedora de admiração.

É-me particularmente grato fazer esta saudação. Professor da Universidade do Paraná, representante do Governo e do Instituto Histórico daquele Estado, eu sinto neste momento tôda a vivacidade das palavras enviadas pelo Senhor Governador do Paraná ao povo catarinense, na mensagem de que eu e o meu companheiro de delegação fomos portadores:

"As cidades das nossas fronteiras confundem-se de tal modo, que mal se pode dizer sejam, em cada caso, duas cidades. Do mesmo modo, tais afinidades nos aproximam, que não cabe ao Paraná e Santa Catarina outra denominação que a de Estados irmãos. Temos, tramando-se nos acidentes das circunstâncias históricas, um destino comum".

Senhor Prefeito Municipal. Todos os Estados aqui representados, todos os Congressistas aqui reunidos, agradecem-vos, por meu intermédio, a cordialidade desta recepção, a generosa hospitalidade dêste povo e desta terra, que há de cumprir, através, dos tempos, o seu glorioso destino histórico.

Que Deus abençoe a Laguna!"

Em Tubarão

Na estação da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, esperava os Congressistas o Sr. Dr. Francisco Carlos Régis, Prefeito Municipal, que os acompanhou em visita pela cidade, mostrando-lhes obras, edifícios e instituições.

Partiram os Congressistas de Tubarão já à noite, dirigindo-se para Vila Nova, onde os aguardavam dois ônibus dos que até ali os tinham conduzido; pararam em Paulo Lopes para restauradora refeição, tendo chegado a esta Capital à 1 hora do dia 10.

A festa veneziana

A festa veneziana, embora não estivesse mencionada no programa-calendário, fôra previamente assentada entre a Comissão Organizadora do Congresso de História e o Sr. Mário Cândido da Silva, prestigiosa figura dos nossos meios

desportivos. Não constava a festa do programa-calendário, porque o dia e o local da sua realização, — se na Baía do Norte ou na Baía do Sul, — estavam na dependência das condições atmosféricas.

O tempo mostrou-se favorável para a Baía do Sul no dia 9, pelo que foi nêle amplamente anunciada a linda festa marítima.

Organizada pelo Clube Náutico Riachuelo, com o concurso do Clube de Regatas Aldo Luz, realizou-se à noite, sendo presenciada por considerável parte da nossa população.

O C. N. Riachuelo compareceu com diversas embarcações, tôdas cuidadosamente ornamentadas e iluminadas com lanternas japonesas. Dentre as suas embarcações, em número de onze, sobressaíam três elegantes gôndolas, comboiadas por três grandes cisnes, que, sem dúvida, constituíram o ineditismo da festa.

O C. R. Aldo Luz também se apresentou galhardamente, salientando-se, dentre as demais, uma embarcação em que foi armado um grande moinho giratório.

Tôdas as embarcações, movendo-se compassadamente, queimavam fogos vistosos e multicores que, em conjunto com as girândolas e outros fogos atirados ao longo do cais, iluminaram maravilhosamente as águas tranqüilas da baía e a noite calma e poética, enchendo de encantamento a multidão que se apinhava à beira mar.

A festa náutica era indispensável ao programa do Congresso de História, porque êste, esforçando-se por exibir o que há de típico na zona de influência açoriana, não poderia omitir um desporto em que primam os florianopolitanos e em que tem glórias a terra catarinense.

O baile do Lira Tênis Clube

Comemorando a 9 de outubro o seu dia natalício, abriu o Lira Tênis Clube os seus elegantes salões para um baile de gala, para o qual a esforçada Diretoria, que tem como Presidente o Sr. Dr. Oswaldo Bulcão Vianna, gentilmente convidou os membros do Congresso de História.

A festa começou às 22 horas, decorrendo em meio de grande distinção e júbilo.

DIA 10 DE OUTUBRO, DOMINGO

A missa solene

O Congresso teve também uma parte religiosa: a missa solene, celebrada na Catedral, às 10 horas de domingo, dia 10, com assistência pontifical do exmo. e revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

O ato teve grande concorrência, havendo o venerando Chefe da Arquidiocese proferido as seguintes doudas e magnificas palavras gratulatórias:

"Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça; exmo. Sr. Presidente da Comissão pro-Segundo Centenário da Colonização; exmos. Poderes e Autoridades estaduais e federais, civis e militares; Srs.,

"A presente comemoração; êsses

longos dias de exaltação cívico-patriótica; a presença, nesta Capital, de tantos e tão ilustres representantes do pensamento e da cultura nacional e extra-nacional, nas suas diferentes e autorizadas afirmações; e ainda agora, grave e solene, a convocação nêste templo, onde se honra, sim, Aquêle que, como Deus, é o "Senhor das ciências", não se venera menos um relicário de tradições, algumas das quais perpetuadas nos seus frescos e na moldura de seus vitrais, desde a cruz que precedeu a construção da primitiva ermida, à Sé, de 1922, e, entre ambas, a Matriz de 1753, sempre idêntica a si mesma, apenas com mais dois braços e duas flechas, que assistiu e abençoou, na austeridade das suas linhas arquitetônicas, o esforço e a religiosidade dos subseqüentes e mais felizes desbravadores; — tudo isso que se vê e a que assistimos, na mais perfeita consonância com o sentir de outros Estados, entidades e institutos, está a indicar quanto foi elevado e altamente compreendido o Edital d'El-Rei, de agosto de 1747, que, acudindo, embora, às imediatas precisões dos moradores insulanos, aliviando as ilhas densamente povoadas, para aqui transplantava, em levadas sucessivas e numerosas, aquêles que, apetrechados para a nova empresa, estavam destinados a ser, sobre cavouqueiros e "cultores", os vanguardeiros e zeladores das fronteiras meridionais do Brasil.

Em verdade, o novo refôrço, quanto à natureza do elemento humano, não podia ser melhor nem mais adequado. Distinguiam-no, entre tantos que, depois, lhe sucederam, as máximas qualidades de adaptação e fusibilidade. Dotado da mesma língua, continuava, no novo território, as mesmas tradições. Participava da mesma crença e integrava-se na sua história. E o que é a língua, e o que é a crença, — a crença dos nossos maiores, essa fé robusta de antanho, sempre viva, a despeito das peripécias e mesmo das contradições próprias do tempo, viva ou rediviva ao soar, pelo menos, da hora extrema — digam-no as lutas que sempre se travaram contra o aventureiro e invasor herege, ao sul, para impedir a formação da "França Antártica"; em Pernambuco, entoando a **Salve Rainha** e ao brado de **Deus e Liberdade** contra o interesseiro, abusivo e só passageiramente benéfico domínio holandês.

E vinham de um tudo apetrechados: ferramenta indispensável ao mister, sementes e um quarto de légoa em quadro, para cultura, alguns animais de serviço e outras utilidades, dinheiro para ajuda de custas. Nem lhes faltaria igreja, aliás prevista, para as suas preces e para as suas devoções, verificando-se aqui, uma vez chegados os novos moradores, o que dos de S. Paulo disse, em memorável circunstância, notável escritor: "Iam à missa aquêles paulistas de há quatrocentos anos!" Até sobre ruas se providenciou, pois deviam ter "pelo menos quarenta palmos de largura".

E qual o resultado de tão minuciosos preparativos? Como se houveram os novos elementos enquanto cultores ou agricultores? Qual o confronto com as experiências

reconhecidamente benéficas que, depois, se lhe seguiram?

Antes de tudo, como vem geralmente acentuado, as condições previamente estabelecidas para fixar o homem à terra e inculcar-lhe o amor e o carinho pela sua pequena propriedade, por circunstâncias talvez imprevisas, não puderam ser atualizadas. Em vez da agricultura, talvez a "cultura", e logo, ao chegar, à terra catarinense, comenta distinto escritor, foram sujeitos ao regime da caserna, obrigados ao serviço militar e aos trabalhos públicos". Em vez de atraídos ao amanhã das terras, foram, contínua, "coagidos a abandonar as suas plantações". Em lugar do arado e da familiarização com os instrumentos do campo, o emprêgo na construção "de diversos edifícios públicos". Eram, por ventura, construções e empregos úteis e talvez, mesmo, necessários. E, contudo, assaz diferentes e mesmo antagonísticos com a primitiva destinação. Com eles, poderiam, certamente, aquelas atividades prosperar. Mas não são os mais adequados para estabelecer e fazer florir uma colônia.

Haja vista o que se verificou no vale formoso do rio Itajaí. "Fundada em 1852 (aliás 2 de setembro de 1850), a colônia Blumenau floresceu rapidamente, não obstante a circunstância de, por princípio rígido, não poder contar com o auxílio do braço escravo" (*A Indústria de Fiação e Tecelagem em S. Catarina*, 1937, p. 11).

"Por princípio rígido", isto é, por sentimento cristão, mas também avisadamente. De fato, lá está, no art. 14 da "proposta de colonização." Fica desde já e para sempre proibida a entrada de escravos nas terras concedidas pelo Governo à Companhia e seus colonos". Avisadamente, porque o sistema contrário, isto é, do serviço pelo braço escravo tenderia a desinteressar o possuidor pelas terras, senão mesmo o desamor pelo esforço e pelo trabalho, "porque (já o ponderou o autor da *Memoria sobre as Minas na Capitania de Minas Gerais*), porque julgam que isso é só próprio da escravidão". E não se dirá que seja essa uma das menores nem menos funestas consequências daquele antigo sistema agrário. Pelo contrário, o trabalho próprio, assim no campo como em tudo mais, além das conhecidas vantagens, gera um interesse e dedicação na razão direta do esforço dispendido.

A tal ponto levava o acatado colonizador a sua dedicação pela empresa; tal é tão alto o conceito que formava da sua obra — da obra que lhe perpetuaria o nome —, que assumiu consigo mesmo o nobilitante e expressivo compromisso que o levou a assegurar: "Eu não bebo, não jogo e não sou dado a conquistas amorosas, pois quero dar aos meus colonos um bom exemplo" (J. Ferreira da Silva, *Dr. Blumenau* pág. 79).

Chegou, mesmo, a preocupar-se com "o espírito de irreligião" do dr. Fritz Müller, sábio que estacionou e faleceu naquelas paragens, cuja influência receava viesse refletir sobre aqueles homens simples, favorecendo "a desunião, o desentendimento e o desinteresse dos imigrantes" (Id., *Fritz Müller*,

p. 42). Assim, que trabalho e trabalho pertinaz, honradez a toda a prova, religião, como geradora da ordem, eis os alicerces em que assentou as bases sólidas da nova construção. Em tais condições, não há empreendimento que não progrida, vença e prospere.

Arreligioso, era, contudo, o dr. Müller especializado em botânica e zoologia. De tudo pode necessitar a cultura da terra, pois da sua boa ou má composição, da riqueza ou pobreza dos elementos que a constituam é que em grande parte depende o rendimento das lavouras. Tais espécies para determinados terrenos. O que estes não dão, aqueles produzem. Adubado, irrigado, é preferivelmente utilizado para cana, de que o Brasil, aliás, já é o quarto produtor do mundo. Rico em azoto, potássio e fósforo, para algodão. Azoto que, como se sabe, se insuficiente, impede o desenvolvimento das plantas; se excessivo, o das flores e frutos, favorecendo, pelo contrário, um crescimento demasiado. Potássio, para a resistência contra as moléstias. Fósforo, para o desenvolvimento regular da planta, sobretudo quando se forem repetindo e renovando as plantações.

Foi precisamente por falta desses e outros cuidados, e, em particular, por escassez do indispensável tirocínio do mister, que não medrou nem progrediu a colonização de Nova Itália, à margem do rio Tijucas, por elementos sardos, apesar das preferências sobre os nacionais (L. Boiteux, *Prim. pág. da colon. em S. Cat.*, pág. 36).

Quanto à que nos ocupa, interessante seria averiguar o influxo que sobre ela exerceu, imprimindo-lhe novas diretrizes, o Abolicionismo de 1888.

Não se trata, pois, de confronto entre povo e povo. A nação, que despachou para o Brasil Maurício de Nassau, com seu governo efêmero, não logrou formar na América nações que rivalizem com qualquer dos países vizinhos. Os Estados Unidos, mais do que à Inglaterra — aliás, proclamada a primeira colonizadora do mundo — devem a sua grandeza às suas minas de carvão e petróleo, e outras riquezas minerais, aos climas adequados a toda a sorte de cultura,

de modo que "é bem provável, pondera acatado escritor, que os Estados Unidos viessem a ser o mesmo grande país e potência que são, fôssem quais fôssem os aventureiros que primeiro os descobrissem e ao depois os povoassem" (Léo Vaz, "*Est. de S. Paulo*", 5-8-45).

Srs. Congressistas: Está para terminar o setenário das vossas justas comemorações. O valor da obra há duzentos anos aqui começada está justamente no testemunho das vossas autorizadas palavras e no brilho das vossas distintas presenças. Vós não vos teríeis abalado, de perto e de longe; não teríeis acorrido a este certame, ferrados de tanto saber e experiência, para comemorar um fato comezinho e sem relêvo nos destinos nacionais.

Percorrestes, debruçados sobre as coisas do passado, vários e interessantes pontos catinos. Perlustrastes a pérola da Ilha granítica. Ainda ontem estívestes na Lagoa heróica. E, de certo, de toda a parte, de N. S. da Conceição da Lagoa, como de S. Francisco de Paula, de N. S. das Necessidades, como de N. S. da Lapa do Ribeirão teríeis colhido elementos de operosidade e, em particular, da religião dos antepassados. Aqui mesmo, onde nos achamos, destas paredes e destas naves, alguma coisa parece desprender-se e misticamente pairar, recordando êsses tempos antigos.

E dos vossos lábios pareço eu mesmo escutar "Louvores aos que arquitetaram, passo a passo, os elementos para o instante que vivemos" — Glória aos que, por um modo ou por outro, com brilho, ou anônimamente, concorreram para a prosperidade do Brasil!"

A churrascada no Colégio Catarinense

O almoço dos Congressistas, nesse domingo, foi uma churrascada, que a Comissão Organizadora, por obséquio e com a colaboração dos revmos. Padres Jesuítas do Colégio Catarinense, fez servir, depois do meio dia, no pátio desse acreditado estabelecimento de ensino.

Substituiu vantajosamente cerimonioso almoço que se efetuasse em recinto fechado, porque, inde-



Na churrascada. Os Professores Dante de Laytano e Paiva Boléo entre os Deputados Alfredo Campos, Antônio Nunes Varela, Raul Schaefer e Joaquim Pinto de Arruda.



Na churrascada. À esquerda, da frente para o fundo, os Congressistas Custódio de Campos (de costas) e Carlos da Costa Pereira. À direita, da frente para o fundo, os Congressistas Antônio Taulois de Mesquita, Jorge Godofredo Felizardo, Henrique da Silva Fontes, Hélio Vianna e Norberto Bachmann.

pendentemente de cálculos prévios, pôde reunir, por tempo dilatado, convivas em grande número e de todas as classes, simplificando ainda as complexidades de precedências, de trajas especiais, de discursos e do serviço de mesa. Nem era menos de considerar a parte financeira. No caso, foram ainda menores as despesas, porque o Congressista Sr. Celso Ramos, do alto comércio desta Capital, ofereceu a carne que foi necessária, tendo a Cervejaria Catarinense, de Joinville, por intermédio do Congressista Sr. Ademar Garcia, oferecido cerveja de sua fabricação e tendo os Congressistas Srs. João Caruso Macdonald e Torquato Tasso, Prefeito de Urussanga, mandado, também obsequiosamente, vinhos daquele Município.

Foi grande a concorrência, prestigiada ainda com a participação de muitas senhoras e senhorinhas.

A refeição correu no meio do mais sadio bom-humor, tendo havido recitação de alegres versos, ouvindo-se também, de quando em quando, breves e engraçadas saudações e bons ditos, boas "piadas", como se diz correntemente. Brilharam, principalmente, os Congressistas Oscar Martins Gomes, Olyntho Sanmartin, Guilherme Butler e Oswaldo Cabral.

Foram tiradas muitas fotografias.

A visita ao Museu do Colégio

Após o churrasco, visitaram os Congressistas o Museu Etnológico do Colégio Catarinense, que é notável pela variedade e riqueza de objetos pertencentes aos nossos índios, a maioria dos quais pertenceu à coleção do Sr. Carlos Berenhauer.

Uma notícia desse Museu, que está sendo cientificamente classificado, foi, pelo Diretor do Colégio Sr. Padre João Alfredo Rohr, mandada como tese para o Congresso de História, sob o título de "Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina". Foi aprovada e será publicada nos Anais.

O coquetel no Instituto Brasil- Estados Unidos

O Instituto Brasil-Estados Unidos, de que é Presidente o Sr. Erasmo Macedo, significou sua simpatia ao Primeiro Congresso de História Catarinense, oferecendo aos seus componentes um coquetel às 17 horas de domingo.

Compareceram muitos Congressistas e muitos sócios do Instituto, que, durante mais de uma hora, se mantiveram em cordial conversação.

A soirée do Clube Doze de Agosto

A mais antiga das nossas sociedades recreativas, o amável Clube Doze de Agosto, ora presidido pelo Sr. Solon Vieira, não se esqueceu do Congresso, tendo aberto seus amplos e confortáveis salões para uma soirée oferecida aos Congressistas, que decorreu com muita elegância e animação.



Na churrascada. À esquerda, da frente para o fundo, os Deputados Antônio Nunes Varela, Raul Schaefer e Oswaldo Cabral (de pé). À direita, o Jornalista Zedar Perfeito da Silva, os Deputados Alfredo Campos e Joaquim Pinto de Arruda e os jornalistas Hermes Guedes e Ary Cabral.



Na churrascada. O Prefeito Dr. Tolentino de Carvalho e o Padre Dr. João Alfredo Lutterbeck em companhia de acadêmicos da Faculdade de Direito.

Carvalho Costa, Irmã Marilza Melchhiades de Souza, Hieronides Vieira, Antônio Taulois de Mesquita, Ruben Ulysséa, Luiz de Castro Faria, Walter Anselmo Firmo de Oliveira Cruz, Paulo Fontes, Telmo Vieira Ribeiro, David da Luz Fontes, José Rocha Ferreira Bastos, Antônio Adolfo Lisboa, Gustavo Zimmer, Fernandino Caldeira de Andrada, Uri Coutinho de Azevedo, Jairo Lisboa, Gécio Sousa Silva, Protásio Leal, Hélio Callado Caldeira, Alvaro César Beduschi, Lauro Barbosa Fontes, Cláudio Beduschi, João A. Senna, Waldir Fausto Gil, Walmor Cardoso da Silva, Osvaldo Bulcão Vianna, Alcides Abreu, Abelardo da Costa Arantes, Lydio Martinho Callado, Almiro Caldeira de Andrada, João Kuehne, Afonso Wanderley Júnior, Osvaldo Melo, Victor Fontes, Manoel Donato da Luz, Childerico Antônio Meneguzzo, Rid Silva, Aroldo Carneiro de Carvalho, Jorge da Luz Fontes, Hélio Milton Pereira, Nelson de Abreu, Silvia Amélia Carneiro da Cunha, Jorge Kaszás, Olyntho Sanmartin, Antônio Nunes Varela, Fernando Ferreira de Melo e Ayres Gama Ferreira de Melo.

A reunião das Comissões

Às 9 horas, no edifício da Faculdade de Direito, reuniram-se as várias Comissões do Congresso, tendo discutido e votado os seus últimos pareceres.

A segunda sessão plenária

Às 14 horas, no salão nobre da Faculdade de Direito, reuniu-se a segunda sessão plenária do Congresso, tendo tomado assento à mesa os Srs. Henrique da Silva Fontes, Presidente; Lucas Alexandre Boiteux, Presidente de honra; Hélio Vianna, Dante de Laytano e Manuel de Paiva Boléo, Vice-presidentes; Osvaldo Pilotto, Secretário Geral; e Luiz Sanches Bezerra da Trindade e Ruben Ulysséa, Secretários.

O Sr. Presidente, encarecendo a contribuição do Sr. Oswaldo Rodrigues Cabral nos trabalhos de orga-

nização e desenvolvimento do Congresso, propôs fôsse o mesmo Congressista, presente no recinto, saudado com uma salva de palmas, em razão de naquele dia festejar o seu aniversário natalício, o que se fez.

Ante o convite feito pelo Sr. Comandante do 5º Distrito Naval para as comemorações do primeiro centenário do nascimento do Almirante Alexandrino de Alencar que se realizariam no dia seguinte na sede do mesmo Distrito, designou o Sr. Presidente para representar o Congresso uma comissão composta dos Srs. Dante de Laytano, Fernando Corrêa de Azevedo, Isaar Carlos de Camargo, Arnaldo S. Thiago, Manoel de Aquino Barbosa, Jorge Felizardo, Luiz de Castro Faria e Manuel de Paiva Boléo.

Foi lida uma comunicação do Sr. Governador do Estado do Rio Grande do Sul designando o Sr. Jorge Godofredo Felizardo para representar o mesmo Estado, o que levou êsse Congressista a pedir a palavra para solicitar fôsse considerado representante do seu Estado desde a abertura do Congresso, o que, com aplausos, foi deferido.

Foram lidos vários telegramas de cumprimentos pela realização do Congresso.

Informando o Sr. Presidente que se encontrava no recinto o Sr. Dr. Paul Vanorden Schaw, representante da ONU, propôs fosse S. Exa. saudado com uma salva de palmas, o que foi feito, tendo o ilustre diplomata agradecido a homenagem.

O Sr. Walter Spalding, pedindo a palavra, enalteceu a cooperação da Imprensa local, pela divulgação que vem fazendo das atividades do Congresso, e propôs fôsse nomeada uma comissão para visitar os jornais e, em nome dos Congressistas, agradecer essa colaboração. Aprovada a proposta, designou o Sr. Presidente, para lhe dar cumprimento, uma comissão constituída pelos Srs. Walter Spalding, Heitor Stockler de França e Teobaldo Jamundá.

Teve a palavra o Sr. Luiz de Castro Faria, Presidente da 6ª Comissão, para apresentar o resultado dos trabalhos à mesma atribuídos. No correr da exposição, travou-se acalorado debate sôbre a publicação dos pareceres, formando-se várias correntes de opinião: 1ª serem publicados todos os pareceres; 2ª só serem publicados os pareceres que envolvessem recomendações de ordem técnica; 3ª não publicar nenhum parecer; 4ª publicar os pareceres em volume à parte; 5ª ficar ao critério da Comissão dos Anais a escolha dos pareceres que devam ser publicados. Intervieram na discussão os Srs. Carlos Gomes de Oliveira, Luiz de Castro Faria, Manuel de Paiva Boléo, Custódio Campos, Walter Spalding e Oscar Martins Gomes. Finalmente, posta em votação a matéria, foi vitoriosa a corrente que deixa à Comissão dos Anais o decidir sôbre os pareceres que neles devam ser divulgados.

Quando foi discutido e votado o parecer da 6ª Comissão relativo ao trabalho "Superstições comuns ao Brasil e ao Açores", do Sr. Dr. Luís da Silva Ribeiro, Presidente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, falou elogiosamente sôbre o Autor o Sr. Walter Spalding, tendo o Sr. Luiz de Castro Faria sugerido lhe fôsse enviada uma mensagem em que se lhe significasse o aprêço do Congresso à sua colaboração. Sôbre o Sr. Dr. Silva Ribeiro falou também o Sr. Manuel de Paiva Boléo, que esclareceu ter êle outros trabalhos que interessam ao programa do Congresso. Lembrou ainda-



Na churrascada. No primeiro plano, os Congressistas Olyntho Sanmartin e Oscar Martins Gomes.

para a remessa de idêntica mensagem, outro autor que se consagra a trabalhos congêneres: o Sr. Professor Francis Millet Rogers, da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que mandou para o Congresso vários trabalhos já publicados. Ambas as mensagens foram unânimesmente aprovadas. Foi também, por proposta do Sr. Dante de Laytano, aprovada uma mensagem de cordialidade ao Sr. Professor Manuel da Silveira Cardoso, da Universidade Católica de Washington, pelo interesse que lhe merecem os assuntos de língua portuguesa.

Ao ser discutido e votado o parecer sobre o trabalho "Folclore Catarinense", do Sr. Álvaro Tolentino de Souza, fez o Sr. Presidente elogiosas referências às qualidades de pesquisa e de observação que possui o Autor.

O Sr. Heitor Stockler de França, Presidente da 10ª Comissão, deu conta à Casa dos trabalhos realizados pela mesma Comissão, os quais foram discutidos e votados.

O Sr. Presidente lembrou que, tendo, por motivo de serviço, regressado para São Paulo o Sr. Ciro Ferreira Mendes, que fôra eleito Relator Geral, era necessário dar novo provimento a esse cargo, e para êle sugeria o Sr. Cônego Manoel de Aquino Barbosa, representante do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. A indicação foi aprovada por aclamação do plenário.

O Sr. Presidente comunicou à Casa que os intensos trabalhos da presente sessão plenária e das subsequentes não o deixariam com forças para presidir à sessão solene de encerramento, razão pela qual pedía ao Sr. Hélio Vianna, Primeiro Vice-presidente, que tomasse a si o encargo de dirigir os trabalhos da mesma sessão.

A terceira sessão plenária

A sessão, sob a presidência do Sr. Henrique da Silva Fontes, começou às 20 horas, no salão nobre da Faculdade de Direito.

Declarou o Sr. Presidente que a ata da sessão anterior não pudera ser lavrada, porque a mesma sessão, como era do conhecimento da Casa, terminara às 18 horas.

Foi lido um telegrama do Sr. Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nomeando seu representante o Sr. Roberto Lacerda.

Informou o Sr. Presidente que acabava de lhe ser entregue um trabalho de autoria do Sr. Tito Carvalho e de assunto referente à 6ª Comissão, que já encerrara as suas atividades; por esse motivo, consultava o plenário sobre se deveria, ou não, receber o mesmo trabalho. Discutido o caso, foi decidido o seu não recebimento.

O Sr. Bueno de Azevedo Filho, Presidente da 9ª Comissão, deu conta dos pareceres por ela adotados, que foram discutidos e votados. Ao tratar-se do trabalho "Raízes seculares de Santa Catarina", do Sr. Osvaldo Rodrigues Cabral, o Sr. Bueno de Azevedo Filho, que dele fôra relator, teceu considerações sobre a importância que o mesmo tem para o estudo das genealogias catarinenses, declarando ter iniciado trabalho aná-

logo, quando essa comissão no Arquivo Público de São Paulo, mas que o interrompera, ao cessar a mesma comissão. O Sr. Jorge Godofredo Felizardo, pedindo a palavra, encareceu também a valia de trabalhos desse gênero e por si e em nome dos demais companheiros da 9ª Comissão, fez um apêlo ao Sr. Bueno de Azevedo Filho para que continuasse o trabalho interrompido, tendo sido esse apêlo apoiado pelo plenário.

O Sr. Heitor Stockler de França, Presidente da 10ª Comissão, relatou novos pareceres da mesma, que foram discutidos e votados.

O Sr. Olyntho Sanmartin, Presidente da 3ª Comissão, relatou os trabalhos que ela efetuara, sendo êles discutidos e votados. Um trabalho de autoria do Presidente da Comissão foi relatado pelo Sr. Osvaldo Rodrigues Cabral.

O Sr. Presidente declarou que se encontrava sobre a mesa a lista de inscrição de oradores para a sessão de encerramento. Depois de viva discussão, em que tomaram parte os Srs. Osvaldo Rodrigues Cabral, Arnaldo S. Thiago, Walter Spalding, Jorge Godofredo Felizardo, Paulo Malta Ferraz, José Medeiros Vieira, Silvino Carneiro da Cunha, Manuel de Paiva Boléo e Afonso Wanderley Júnior, ficou resolvido que os oradores, incluídos os oficiais, não seriam em número superior a seis.

O Sr. Hélio Vianna, Presidente da 1ª Comissão, expôs os trabalhos que ela realizara, sendo os mesmos submetidos ao julgamento do plenário.

O Sr. Antônio Nunes Varela, no impedimento do Sr. José Lupércio Lopes, Presidente da 8ª Comissão, relatou as atividades da mesma, lendo os pareceres correspondentes aos trabalhos que a ela foram encaminhados, sobre os quais se pronunciou o plenário.

Dado o adiantado da hora, pediu o Sr. Osvaldo Cabral fôsse encerrada a sessão, pedindo também, ao Sr. Presidente que submetesse a votos a proposta de que, nas próximas sessões, considerando a angústia de tempo, não tratassem os Srs. Congressistas de outros assuntos além das discussões dos pareceres, e naturalmente, das indicações e moções que, como de costume, seriam apresentadas na última sessão plenária. A proposta foi aprovada, encerrando-se a sessão.

DIA 12 DE OUTUBRO, TERÇA - FEIRA

A quarta sessão plenária

A sessão iniciou-se às 9 horas, no salão nobre da Faculdade de Direito, tomando lugar à mesa os respectivos membros, Srs. Henrique da Silva Fontes, Lucas Alexandre Boiteux, Hélio Vianna, Dante de Laytano, Manuel de Paiva Boléo, Osvaldo Pilotto, Luiz Sanches Bezerra da Trindade, Ruben Ulysséa e Manoel de Aquino Barbosa, este último na qualidade de Relator Geral, conforme eleição feita na segunda sessão plenária.

Declarou o Sr. Presidente não ter sido possível lavrar-se a ata da última sessão da véspera, em razão da hora adiantada em que ela terminara.

O Sr. Guilherme Butler, Presi-

dente da 7ª Comissão, expôs os trabalhos por ela efetuados, lendo os respectivos pareceres, que foram discutidos e votados. Também foram os da 2ª Comissão, relatados pelo seu Presidente Sr. Arnaldo S. Thiago. O trabalho intitulado "Contribuição à história da colonização alemã no vale do Itajaí", do Sr. Max Tavares d'Amaral, suscitou longa e veemente discussão. O parecer do Relator, Sr. Ríd Silva, favorável à publicação nos Anais, sofrera restrições dentro da própria Comissão: lidas essas restrições, a propósito delas travaram-se os debates, em que tomaram parte os Srs. Alves Pedrosa, Walter Spalding, Osvaldo Rodrigues Cabral, Ferreira Bastos e Antônio Fleury Barbosa, bem como o autor do trabalho, que defendeu o seu ponto de vista, explicando os conceitos nele emitidos, com base no princípio de que não considera o português um colono estrangeiro, mas sim um povoador. Falou também o Presidente da Comissão, que teceu considerações em torno do problema da colonização alemã em face da política internacional. Falou ainda o Sr. Ferreira Bastos, justificando as restrições que fizera ao parecer. Falaram finalmente, para encaminhar a votação, os Srs. Carlos Gomes de Oliveira e Osvaldo Cabral, tendo o Sr. Alves Pedrosa feito declaração de voto. Submetido o assunto à apreciação do plenário, foi decidido: a) que o trabalho fosse aprovado e publicado depois de suprimidos ou modificados os tópicos que constituíam infração do Regimento; b) que, conjuntamente com o trabalho, fôsem publicados o parecer e as declarações dos outros membros da comissão.

O Sr. Presidente declarou encontrar-se sobre a mesa uma indicação subscrita pelos delegados do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Srs. Jorge Godofredo Felizardo, Walter Spalding, Olyntho Sanmartin e Dante de Laytano, sugerindo seja inserto em ata um voto de congratulações pela passagem da efeméride centenária do Almirante Alexandrino de Alencar, ilustre descendente de povoadores açorianos, e que a Mesa do Congresso telegrafe à autoridade naval desta Capital, ao Sr. Ministro da Marinha e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, apresentando cumprimentos pela passagem do evento. A indicação foi unânimesmente aprovada, depois de sobre ela ter falado o Sr. Ricarte Freitas.

Por proposta do Sr. Presidente, foi o Sr. Carlos Gomes de Oliveira, presente no recinto, saudado com uma salva de palmas, por motivo do transcurso, nesse dia, do seu aniversário natalício.

O Sr. Luiz de Castro Faria, Presidente da 6ª Comissão, relatou vários pareceres da mesma Comissão, que foram discutidos e votados.

O Sr. Dante de Laytano pediu a palavra, para informar à casa que fôra criada a Sub-comissão Catarinense da Comissão Nacional de Folclore, a qual era constituída pelos Srs. Osvaldo Rodrigues Cabral, Almiro Caldeira de Andrada, Victor Peluso Júnior, Custódio Campos, Carlos da Costa Pereira, Alvaro Tolentino de Souza, João dos Santos Areão e Osvaldo Ferreira

de Melo. Congratulava-se, por isso, com o Congresso, cujos trabalhos já estavam frutificando, e o fazia também pelos seus companheiros que, nêle, representavam a mesma Comissão Nacional.

O Sr. Heitor Stockler, Presidente da 10ª Comissão, apresentou mais um parecer por ela votado, que foi objeto de deliberação, tendo sido, em seguida, encerrada a sessão.

A quinta sessão plenária

Presidiu à sessão, que se iniciou às 14 horas, o Sr. Henrique da Silva Fontes, tendo a ela comparecido os demais membros da Mesa.

O Sr. Dante de Laytano deu ciência ao plenário da homenagem que a delegação gaúcha prestara à cultura catarinense, indo, naquele dia, depositar flores na herma de José Boiteux. Esta comunicação foi recebida com aplausos.

Foi ultimada a votação dos pareceres, tendo êles sido relatados pelos Srs. Heitor Stockler de Franca, Jorge Lacerda e Carlos Gomes de Oliveira, Presidentes respectivamente da 10ª, 5ª e 4ª Comissões.

Foram, em seguida, votadas as indicações e moções que são publicadas em outro local desta revista.

Esgotados, assim, os trabalhos sobre os quais incubia ao Congresso manifestar-se, pediu a palavra o Sr. Oswaldo Rodrigues Cabral, para se congratular com o Presidente pelo êxito do certame e pedir um voto de louvor à Mesa, aos dactilógrafos e a quantos com ela colaboraram. Falou o Sr. Jorge Godofredo Felizardo, agradecendo as atenções dispensadas à embaixada gaúcha. Análogamente, em nome dos paranaenses, falou o Sr. Oscar Martins Gomes, que ainda salientou, como uma das vitórias do Congresso, a fundação da Subcomissão de Folclore. Falou também o Sr. Manuel de Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra, ressaltando a hospitalidade da gente catarinense. O Sr. Lucas Alexandre Boiteux agradeceu as homenagens que, durante o Congresso, haviam sido prestadas à memória de seu irmão José Artur Boiteux.

O Sr. Presidente, depois de convocar os membros da Comissão Organizadora e da Mesa e os Presidentes das Comissões para uma reunião em que, na forma do Regimento Interno, seria escolhida a Comissão dos Anais, agradeceu a cooperação de todos os presentes e de quantos haviam contribuído para o brilho e eficiência do Congresso e, salientando a ordem, harmonia e bom humor em que decorreram as suas atividades, declarou encerrada a sessão, dando graças a Deus.

Assinaram o livro de presença das duas sessões plenárias as seguintes pessoas: Henrique da Silva Fontes, Luiz Sanches Bezerra da Trindade, Walter Spalding, Alves Pedrosa, Ruben Ulysséa, Walter Fernando Piazza, Andreilino Natividade da Costa, João dos Santos Areão, Guilherme Butler, Jorge Godofredo Felizardo, Lucas Alexandre Boiteux, Osvaldo Pilotto, Luiz de Castro Faria, Fernando

Corrêa de Azevedo, Olivério José de Carvalho Costa, Hieronides Vieira, Gilberto de Trompowsky Livramento, Jorge da Luz Fontes, José Cordeiro da Silva, Heitor Stockler, Dante de Laytano, Oscar Martins Gomes, Antônio Fleury Barbosa, Hélio Vianna, Paulo Malta Ferraz, Almirão Caldeira de Andrada, Max Tavares d'Amaral, Francisco Machado de Sousa, Abelardo da Costa Arantes, Teobaldo Jamundá, Olyntho Sanmartin, Carlos Gomes de Oliveira, Geraldo Gama Salles, Demerval Cordeiro, Manuel de Paiva Boléo, Custódio Francisco de Campos, Alvinô Braun, Zedar Perfeito da Silva, Ríd Silva, Arnaldo S. Thiago, Manoel de Aquino Barbosa, Pedro Paulo de Salles Oliveira, José Rocha Ferreira Bastos, Antônio Adolfo Lisboa, Osvaldo Melo, Alfredo Zimmer, Hélio Milton Pereira, João Alfredo Rohr, Paulo Fontes, Roberto Lacerda, Trajano José de Oliveira e Sousa, João Kuehne, Carlos da Costa Pereira, Wilmar Dias, Wilson Moura, Antenor Moraes, Isaar Carlos de Camargo, Fernandino Caldeira de Andrada, Ayres Gama Ferreira de Melo, Antônio Taulois de Mesquita, Walter Anselmo Firmo de Oliveira Cruz, José Lupércio Lopes, Hélio Callado Caldeira, Ricarte Freitas, Arol do Carneiro de Carvalho, Alcides Abreu, Otávio da Costa Pereira, Antônio Nunes Varela, Walmor Cardoso da Silva e Gécio Sousa Silva.

A Comissão dos Anais do Congresso

A Comissão dos Anais do Congresso, escolhida de acordo com o art. 9º do Regimento Interno, ficou constituída pelos membros da Mesa da Comissão Organizadora: Srs. Henrique da Silva Fontes, Oswaldo Rodrigues Cabral, Heitor Blum, Carlos da Costa Pereira, Carlos Gomes de Oliveira, Clementino Fausto Barcelos de Brito e Alvaro Tolentino de Souza, e mais os srs. Luiz Sanches Bezerra da Trindade, José Lupércio Lopes, Victor Peluso Júnior, Antônio Nunes Varela e Antônio Taulois de Mesquita.

A sessão solene de encerramento

A sessão solene de encerramento do Congresso, realizou-se, com grande imponência, às 20 horas no Teatro Alvaro de Carvalho.

Presidiu-a o Sr. Dr. José Boabaid, Governador em exercício, o qual, na mesa, tinha à sua direita os Srs. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano; Dr. Hélio Vianna, 1º Vice-presidente do Congresso; Dr. Saulo Ramos, Presidente em exercício da Assembléia Legislativa; Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, Prefeito Municipal; Cônego Manoel de Aquino Barbosa, representante do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Dr. Jorge Lacerda, representante do Sr. Ministro da Justiça, e Arnaldo S. Thiago, representante da Sociedade Brasileira de Geografia; e à esquerda, os Srs. Comandante Lucas Alexandre Boiteux, Presidente de honra do Congresso; Desembargador Urbano Müller Salles, Presidente do Tribunal de Justiça; Almirante Antão Álvares Barata, Comandante do 5º Distrito Naval; Tenente-coronel Paulo Weber Vieira da Rosa, Comandante do 14 Batalhão de Caçadores; Desembargador José Rocha Ferreira Bastos, representante do Tribunal Regional Eleitoral; Deputado Antônio Nunes Varela, representante da Assembléia Legislativa, e Dr. Carlos Gomes de Oliveira, Orador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Aberta a sessão aos acordes do Hino Nacional, executado pela banda de música da Polícia Militar do Estado, foi dada a palavra ao Sr. Dr. Hélio Vianna, Primeiro Vice-presidente do Congresso, que, explicando a ausência do Presidente Sr. Desembargador Henrique da Silva Fontes, leu o discurso que este deveria proferir.

Seguiram-se com a palavra os Srs. Deputado Antônio Nunes Varela, que falou em nome da Assembléia Legislativa; Dr. Jorge Lacerda; Professor Arnaldo S. Thiago, em nome da Sociedade Brasileira de Geografia, e Dr. Carlos Gomes de Oliveira, em nome do Instituto Histórico. Todas as brilhantes orações, que, a seguir,



A sessão de encerramento. O Sr. Dr. Hélio Vianna, Primeiro Vice-presidente do Congresso, usando da palavra. Está à direita do Governador Sr. Dr. José Boabaid e do Sr. Comandante Lucas Boiteux, e à esquerda do Sr. Dr. Saulo Ramos.

publicamos, foram calorosamente aplaudidas pela numerosa e ilustre assistência.

Finalmente, em breves mas conceituosas palavras, o Sr. Governador Dr. José Boabaid, pondo em realce a importância do certame, o interesse que ele despertara e o valor e a dedicação dos seus componentes, agradecendo a contribuição que assim recebera o renome do Estado, e agradecendo também aos presentes o seu comparecimento à sessão, deu por encerrados os trabalhos do Primeiro Congresso de História Catarinense, em meio de prolongada salva de palmas.

Discurso do Presidente do Congresso

— “Meus Senhores, As Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana e o seu Primeiro Congresso de História Catarinense deram à nossa quieta cidade capital dias de festiva animação, mostrando as possibilidades de Santa Catarina no sector intelectual; mostrando também que ela, no seu povo e no seu governo, não está metida “no gosto da cubiça e da rudeza dum austera, apagada e vil tristeza”; mostrando, assim, que não fracassaram os descendentes da forte gente que para cá se transferiu há duzentos anos.

Patentearam por igual que Santa Catarina merece atenção e confiança de grandes centros culturais de língua portuguesa, pois deles acudiram não simples representantes oficiais de pura cortesia, e sim mestres e estudiosos capazes de brilhar em qualquer douto congresso de ilustre metrópole.

Não é, pois, louca fantasia declarar que Santa Catarina se apresentou satisfatoriamente na atrevida empresa do seu certame espiritual.

E este não terminará hoje com esta esplendorosa Assembléa.

Pelos trabalhos que foram apresentados; pelo cunho científico dado ao exame dos mesmos; pela ausência de ferocidades desanimadoras, substituída por espirito de animação; pela compreensão que houve por parte de autores de teses na critica construtiva que delas se fez; pelas luzes e orientações trazidas para o estudo dos diversos tópicos, mormente dos atualísimos de linguagem e folclore; pelos mostruários em que foi concretizada a exposição histórica, geográfica e folclórica e pelas idéias que ela sugere; pelo afervoramento de estudiosos já empenhados em pesquisas e pela conquista de novos outros; por tudo isso, se mais não houvesse, não é o Primeiro Congresso de História Catarinense empresa que vá encerrar sua escrita e apresentar balanço final nos Anais que há de publicar; é, sim, sementeira lançada em terra boa e quadra propícia, de que já se colheram abundantes frutos maduros e sãos, e de que, se Deus quiser, outros — copiosos, grados e fecundos — hão de prosperar, para proveito da nossa brasilidade, que é glória do velho e sempre moço Portugal”.

Discurso do Deputado Dr. Antônio Nunes Varela

“Exmo. Sr. Governador do Estado. Exmo. Sr. Presidente da Assembléa Legislativa. Exmo Sr. Presidente do Tribunal de Justiça. Exmo. Sr. Representante do Sr. Ministro da Justiça. Exmo. Sr. Presidente do Congresso de História. Exmas. Autoridades. Srs. Deputados. Srs. Congressistas. Minhas Senhoras. Meus Senhores.

A Assembléa Legislativa do Estado conferiu-me o mandato de lhe ser intérprete, neste memorável conclave, que hoje se encerra.

Vivemos nós, catarinenses — orgulhosos de hospedar uma pléiade de eminentes intelectuais — momentos de intensa vibração, em contemplando por vários dias, num convivio indelével, o retrato da inteligência luso-brasileira, representado por valores culturais de alta expressão em suas letras.

A ressonância que paira, ainda, nos ares da terra catarinense, permanece em continua vibração, que vem do conclave, centro irradiador dessa grande festa do espirito e da inteligência.

Estamos nós, congressistas, revivendo o passado, buscando e rebuscando na História, para organizar numa biblioteca: os Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense — com os quais assentaremos uma pedra em meados do século, anunciadora de nova era para a terra de Jerônimo Coelho, Cruz e Sousa, Luiz Delfino, nunes tutelares da nossa constelação intelectual. Realizastes, senhores, obra meritória, de alto alcance social. Curvamo-nos diante da vossa contribuição generosa, que está implícita na doação de dezenas de teses, julgadas nas comissões e amplamente debatidas no plenário, além das formosas orações que legítimos representantes da cultura do país e do estrangeiro pronunciaram no decorrer deste bi-centenário do povoamento pelos casais ilhéus.

Reputamos como escrita a história da gente portuguesa, em grande parte já divulgada em livros, jornais e revistas. Escrevestes monografias e ensaios. Cantastes em prosa e verso a glória da brava gente açoriana e madeirense, ligando-a à sua descendência, que, enfeixada nos Anais, será, por sem dúvida, a consolidação do vosso trabalho, esforço e dedicação.

Erguestes, senhores congressistas, um monumento com o vosso saber, assinalador do inicio de uma época. Este Congresso de História é um episódio marcante em nossa vida cultural, que obteve, de imediato, e tão expressivamente, o apoio valioso e indispensável do poder público.

Disse-o já, do alto da tribuna, o nosso eminente HENRIQUE FONTES, autêntico herói desse empreendimento, que a Comissão promotora pode considerar-se vitoriosa. A vitória é do talento, da perseverança, da cooperação, enfim, a vitória do espirito, que redonda na glorificação de uma tarefa ingente.

Esta data recorda o descobrimento do Novo Mundo e por feliz coincidência no dia da América, encerrais as vossas atividades. Sois, também, descobridores. Colombo encontrou a terra americana e vós encontrastes a nossa gratidão.

Destes-nos mais estímulo e entusiasmo.

Já há mais luz para pesquisas em torno a homens, coisas e fatos do passado. Problemas de sociologia, de etnia, lingüística, de economia, de demografia e geografia histórica estão praticamente equacionados.

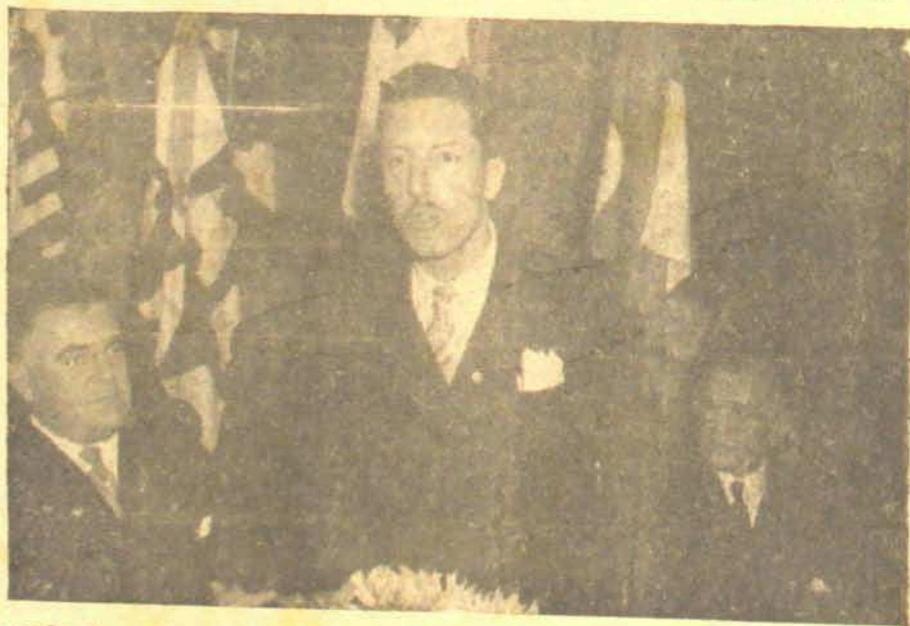
Os arquivos para investigação séria e profunda, que uma obra dessa natureza determina, forneceram, sobretudo, um expressivo manancial de conhecimentos de assuntos insulanos. Não fôra, apenas, a tradição oral que servira de roteiro aos estudiosos, senão mesmo a paciência e angustiosa tarefa que ao historiador se depara no objetivo de desvendar o passado.

Há dois séculos agitara-se a então Capitania subalterna para a recepção aos casais ilhéus.

Nossos antepassados se surpreenderam.

A ilha e o litoral catarinense agitavam-se. Estavam vindo os povoadores de além-mar, desbravadores da terra quase virgem. Isso foi ontem, ontem para a História, em que os anos são minutos.

Hoje, porém, minha geração, que mal entrava na escola quando terminava o 1º conflito mundial e dela saíra quando se iniciava a maior guerra que os tempos assistiam, surpreende-se e se agita para receber os que vieram palmilhar as povoadas e freguesias fundadas por açorianos, abrindo, assim, uma clareira na floresta, facultando-lhe a



A sessão de encerramento. O Sr. Deputado Dr. Antônio Nunes Varela lendo o seu discurso. A sua direita, está o Desembargador José Rocha Ferreira Bastos; e à esquerda, o Sr. Dr. Carlos Gomes de Oliveira.

penetração de um raio de sol. A gente açoriana, vinda do velho mundo, tem no território por ela pisado, os seus historiadores que hoje se despedem e que aqui deixam discípulos.

Usos, costumes, tradições são fontes para que a História immortalize os feitos de toda uma estirpe.

Muito se escreveu e não há pouco para ser escrito.

Coimbra, o velho laboratório científico, orgulho da Europa e de que o Brasil tanto se enaidece, manda-nos por mensageiro eminente a voz de Portugal, que há dias ressoava da tribuna da Assembléa Legislativa, com a mesma melodia, o mesmo timbre e a mesma autoridade com que fulgorantemente brilha na cátedra da grandiosa Universidade portuguesa.

A Bahia, de Rui e Castro Alves; o Distrito Federal, de Machado de Assis e Bilac; São Paulo, dos Andradas e Alvares de Azevedo; Paraná, de Rocha Pombo e Emilio de Menezes, e o Rio Grande do Sul, de Borges Forte e Aurélio Porto, enviam também as suas representações, frutos de ouro de sua árvore cultural, cujas vozes despertam, também, encantamento, pelo valor de que se revestem. Escutando-os, o nosso espírito se volta a essas estrêlas nacionais.

Ouvindo o mestre lusitano, o nosso pensamento se dirige para Herculano, Camilo, Garrett, Eça e Junqueira, essas jóias, entre muitas, que Portugal e o Brasil não se cansam de reverenciar.

Viestes ao encontro de brasileiros de um Estado privilegiado, cantar as suas glórias, admirar a beleza ilhóia e litorânea que é eterna; conhecestes a terra que se ufana de ser berço de uma lagunense que o denodo, a bravura, a intrepidez e o idealismo sagraram como heroína de Dois Mundos: Anita Garibaldi.

Viestes receber os louros da vitória que a antiga Nossa Senhora do Desterro, esta ilha deslumbrante, entrega em noite memorável, a tão festejados peregrinos da intelectualidade de duas Pátrias irmãs, debruçadas sobre o mesmo oceano, ligadas pela mesma história e pelas mesmas tradições.

Oxalá, senhores, possam os governantes e intelectuais do país prosseguir nessas jornadas que são academias e universidades transitórias, de inestimável valia à ciência, onde se situa a História, "síntese de tudo no tempo".

Estudar seriamente a História nêsse esforço eloqüente e sobrehumano, cuja preocupação já vem do século passado, é conhecer a própria humanidade, na concatenação de fatos, no estudo das causas e consequências que produzem no meio social.

Os historiadores, antigos ou contemporâneos, espalhados em todos os recantos da terra, são cientistas, porque a História é ciência.

Investigam o passado e estudam o presente, para, como no conceito de BOSSUET, "abranger com o pensamento tudo que há de grande entre os homens, e assegurar, por assim dizer, o fio de todas as questões do Universo".

A Santa Catarina, berço de heróis e de artistas, de homens de gênio e de ciência, o Congresso de História marca uma fase expressiva, justamente no ano em que o mundo

perde Emil Ludwig e a latinidade comemora o centenário de Chateaubriand; numa época em que o Brasil se enluta para chorar Monteiro Lobato, acompanhando os despojos de Bernanos.

Esta noite é de gala para o governo e o povo de minha terra. E o fim da semana de cultura, sonho de José Boiteux, que se viu concretizado através da tenacidade do humanista e filólogo Henrique Fontes, o nosso consagrado Presidente.

Senhores Congressistas. Após um pleito livre e democrático, todas as regiões do Estado, através de suas organizações partidárias, ou sejam partidos políticos-nacionais, viram diplomados e empossados seus representantes corporificando o Legislativo, dando-lhe existência constitucional, em observância à Magna Carta.

Invocando a proteção de Deus, plasmamos o atual estatuto político, promulgado a 23 de julho de 1947.

Os meus nobres pares, investidos em funções constituintes, após junção de tendências, cumpriram missão histórica, enfrentando problemas de extrema delicadeza e iniciando a constitucionalização do Estado.

Houve preocupação séria do legislador constituinte, ao orientar e fixar princípios atinentes ao desenvolvimento cultural do povo. Em referência ao título Educação e Cultura, onde nos encontramos em plano elevado, podemos entre outros preceitos constitucionais destacar o consagrado pelo artigo 183 e seu respectivo parágrafo, por onde se observa que "cabe ao Estado e aos Municípios proteger as obras monumentos e documentos de valor histórico e artístico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza. O Estado estimulará o desenvolvimento das ciências, letras, e artes, subvencionando pesquisas de relevante interesse e premiando obras e trabalhos apresentados em concurso promovido pelo Governo em colaboração com as entidades representativas das classes culturais".

Como vêdes, Srs., num Estado-membro da Federação, que possui patrimônio inalienável, porque incorporado à História Pátria, o texto

constitucional ampara e resguarda a própria tradição que nos cabe preservar.

Ao se incluir, sábiamente, na lei básica, êsse dispositivo, teve-se em vista que obras, monumentos, documentos, são fontes históricas diretas e indiretas, determinando soma incalculável ao progresso humano.

Em suas Disposições Transitórias, no art. 16, criou-se a Casa de Santa Catarina, "destinada a servir de sede às associações de alta cultura do Estado, estabelecendo, no entanto, outro dispositivo que ao Estado cabem os estudos para a criação da Universidade de Santa Catarina—justo anseio da mocidade estudiosa de nossa terra. Cogita-se, outrossim, em legislação ordinária da criação de um Museu Histórico e Artístico.

Daremos, senhores congressistas, com o pensamento no futuro, o que ela, além do que tanto possui, prova inequívoca de boa vontade e compreensão de seus legisladores. Quando o Poder Legislativo entendeu de patrocinar, também, este conclave, estava certo de seu êxito, da benemerência de seus fins, do alto serviço prestado à nacionalidade, com o brilhantismo do vosso concurso e a honra do vosso comparecimento.

Ide e dizei a toda gente:

— Santa Catarina, no presente, como no passado, honra a cultura brasileira".

Discurso do Dr. Jorge Lacerda

"— A colonização açoriana adquire uma alta significação nacional, pois se incorpora como um dos capítulos mais expressivos da história da consolidação da nossa Pátria.

Investiguem-se as causas, busquem-se os fundamentos que elucidem o fenômeno dessa unidade; todos êsses fatores representarão, por certo, legítimas forças componentes dessa esplêndida realidade, que é o Brasil uno e indivisível, aureolado pela mesma história e coberto pela mesma bandeira.

Entre êsses fatores avulta, porém, a contribuição portuguesa para a atual configuração geográfica



A sessão de encerramento. O Sr. Dr. Jorge Lacerda lendo o seu discurso. A sua esquerda, estão os Srs. Professor Arnaldo S. Thiago, Cônego Manoel de Aquino Barbosa e Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho.

da terra de Santa Cruz no continente americano. A experiência colonizadora, iluminada pelos ideais cristãos; a luta titânica com o meio cósmico, primitivo e bárbaro; o domínio das águas atlânticas; a resistência indomável aos invasores de diferentes raças, na hora inaugural da nossa formação; as marchas temerárias pelas florestas; os rudes recontros com as tabas insurretas; a batalha da fundação das primeiras feitorias; o lançamento das bases da nossa agricultura, tudo isto é a contribuição da bravura e do espírito da gente portuguesa.

E no decurso da nossa história, converteram-se os lusitanos na poderosa força aglutinadora na imensa dispersão geográfica do país; no caldeamento étnico processado à luz dos trópicos, foram eles o denominador comum das raças que aqui confluíram, e através da língua portuguesa representaram a medula do processo da nossa unificação.

Por isto, meus senhores, a colonização açoriana representa um dos mais importantes marcos peninsulares, fincados em terras brasileiras, em prol da consolidação da unidade nacional.

Os bravos habitantes do coração do Atlântico souberam dominar, aqui, as asperezas de um solo diferente do que lhes oferecia o arquipélago distante, e nestes dois séculos impuseram a sobrevivência das características de suas tradições, de seus costumes e de sua alma.

E é a essa gente, como aos seus patrícios que povoaram o resto do Brasil, que devemos não se ter repetido entre nós o espetáculo da fragmentação do mundo hispânico desenrolado em terras da América.

Confessemos que a opulência das nações mais ricas não nos pagaria o milagre dessa unidade, que devemos ao colonizador português.

Meus senhores!

Parecia haver uma predestinação da influência lusiada na formação nacional. A Providência ligara o nosso destino ao de Portugal.

A mesma cruz que sangrava nas velas do descobrimento viria encontrar sua projeção na cruz de estrelas suspensa nos céus iluminados da nossa Pátria.

Os nossos feitos e os nossos empreendimentos foram marcados pela matriz original.

O espírito que gerou a maravilha gótica do mosteiro da Batalha e o soberbo manuelino dos Jerônimos e da Torre de Belém — músicas petrificadas na paisagem da península — foi o mesmo espírito que crispou os dedos dilacerados do Aleijadinho para a variação dos templos barrocos das montanhas mineiras e daqueles profetas do Adro da Igreja de Congonhas do Campo, onde, patéticos e solenes, voltados para o infinito, parecem, como outrora, suplicar para o próprio Deus, diante da angústia dos homens.

O espírito que insuflou a alma do Infante D. Henrique, no Promontório de Sagres, para a conquista dos mares, e o espírito que levou D. Sebastião, êsse Quixote ardente da raça, a anoitecer no pó e no sonho da aventura africana, foi o mesmo, sem dúvida, que arrebatou os bandeirantes para o domínio dos sertões e engrandecimento físico da Pátria.

Esse alado impulso das Bandeiras foi desdobramento do impeto

das velas lusiadas, dessas asas rebeladas contra o terror do mistério, e que vieram resgatar dos confins do Atlântico, com sangue e sacrifício, a terra desconhecida.

Este mesmo espírito é o que celebramos nesta hora memorável que o idealismo e a cultura de Henrique Fontes converteram em momentos de verdadeira união patriótica, com a presença e participação, em nossa terra, dessa pleiade de inteligências de Santa Catarina e de todo o Brasil, e dêsse eminente e discreto professor Paiva Boléo, o maior filólogo vivo de Portugal.

Meus senhores!

Este espírito de que vos falei, e que povoa esta nossa Ilha, é o espírito daquelas ilhas solitárias do Oceano, derradeiras sobreviventes, quem sabe, da lendária Atlântida; ecos perdidos dessa antiga civilização que se afogou no anfiteatro das águas; ilhas predestinadas que testemunharam, num momento singular da história, a marcha processional da civilização europeia em demanda dos cenários virgens da América, que, ainda no seio mágico das selvas e dos rios, urdia, com suas lendas, o tecido da fantasia dos filósofos e navegadores.

E a elas coube, meus senhores, enviar a Santa Catarina, ao lado da experiência da civilização europeia, a velha mensagem atlântica, por intermédio de seus filhos queridos, cuja memória evocamos nesta semana.

E há dois séculos, precisamente, ó rudes e heróicos açorianos, viesdes até nós, enfrentando as águas sublevadas do oceano, dêste "Mar Português", que Fernando Pessoa, o maior poeta contemporâneo da nossa língua, assim cantava:

"Ó mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães

[choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar,

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo

[deu,

Mas nele é que espelhou o céu!"

Enfrentando tôdas as fúrias de-

sencadeadas do velho mar, cantado pelo poeta, lutando em seguida num cenário povoado de espantos e inçado de surpresas, aqui vos radicastes, ó açorianos de 1748, e aqui morrestes, misturando-vos com o chão acolhedor da nossa Pátria, e com êle vos fundistes para os misteriosos ritos das núpcias do sonho de Portugal com o espírito da terra do Brasil!"

Discurso do Professor Arnaldo S. Thiago

— "Senhor Presidente do Primeiro Congresso de História Catarinense, Sr. Representante da Assembléia Legislativa do Estado. Dignas autoridades. Exmas. Senhoras. Meus Senhores.

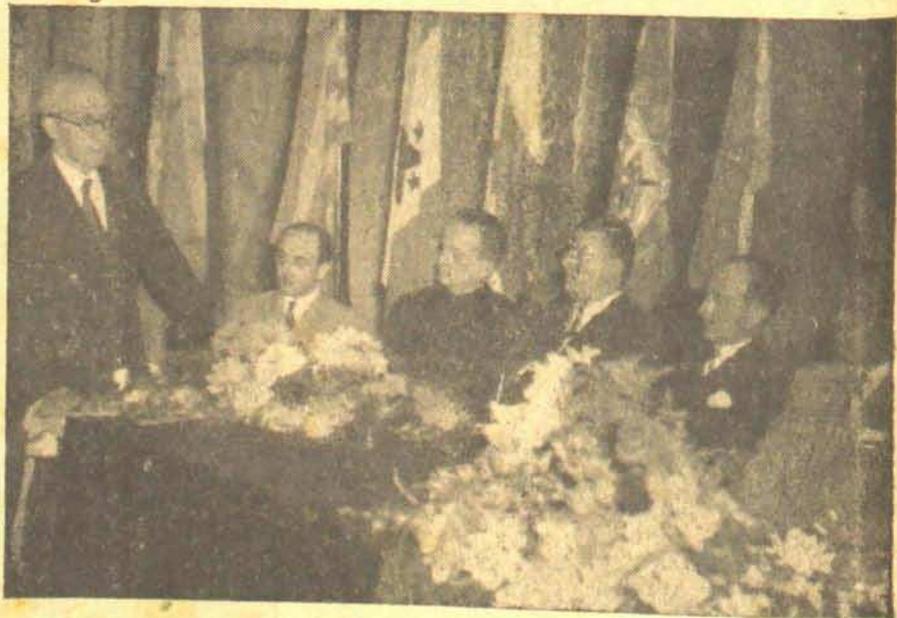
Terminados os férteis labôres do 1º Congresso de História Catarinense, aqui estamos reunidos para esta solenidade cívica — balisa extrema de uma jornada feliz durante a qual um pequeno grupo de veteranos da História, assistidos por auxiliares secundários, de indole acomodícia e bem dispostos de intensões, em cujo número voluntariamente me inscrevo, assentaram roteiros indispensáveis a porvindouros desbravamentos das umbrosas regiões da História Catarinense.

Todo o caminho percorrido nos mostrou os férteis vales e as escarpadas montanhas da História, por onde transitámos, afoitos, mas imensamente felizes de nos encontrarmos numa região que oferece perspectivas de grandioso futuro.

Vamos agora descançar das árduas arremetidas pelos invios sertões ou das travessias menos ásperas através de clareiras que nos foram abertas por predecessores intemeratos. Estamos realmente com os nossos espíritos fatigados, em virtude de pequenas incompreensões que, reunidas, perfazem um total de alguma forma acabrunhador para quem deseja a paz entre os homens. Sentimo-nos, porém, confortados, à vista dos resultados obtidos.

Um breve descanso e retomaremos o trabalho cotidiano, cada um à feição dos seus pendores ou dos seus deveres profissionais.

O acervo que ficou, temos a ventura de confiá-lo às mãos hábeis e ao senso esclarecido de velhos companheiros que nos indicaram



A sessão de encerramento. O Sr. Professor Arnaldo S. Thiago proferindo o seu discurso. À sua esquerda, estão os Srs. Dr. Jorge Lacerda, Cônego Manoel de Aquino Barbosa, Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, Dr. Saulo Ramos e Dr. Hélio Vianna.

Tarefas e nos cometeram trabalhos correspondentes ao alcance do nosso entendimento.

Como é confortadora esta certeza! Como é digna de homens cultos esta confiança que depositamos uns nos outros, esta proverbial honestidade dos que pesquisam os meandros da História!

Aqui procura-se a verdade no passado, sem malbaratar os esforços dos que coligem pequenas parcelas dessa verdade.

Não se constroem soberbos edifícios sem as humildes pedras e os mil pequenos objetos necessários à edificação.

Não há propósitos amesquinhadores na devassa. Por vêzes há escarpelamentos dolorosos.

A História, ou antes, a Filosofia da História, para ser útil ao entendimento dos destinos humanos, precisa situar os fatos na sua época e dentro dos hábitos da sociedade, trate-se de nobres ou de plebeus, no passado. Hoje, estamos caminhando celeremente para um mundo melhor, em que os passíveis de apedrejamento não se disfarçam, não escondam os seus vícios em atitudes moralistas e em gestos de apedrejamento dos que, por usarem sempre de sinceridade, deixam, por isso mesmo, que apareçam, pequenos rasgões na sua indumentária moral...

Se não fôr a esta reforma de costumes que pretenda a História chegar, melhor será não tirá-la jamais das arcas do passado.

Chamaram-na "Mestra da Vida" — e ela o é, em verdade. Mas, para que bem o seja, imprescindível se torna que lhe não deturpemos a essência.

O 1º Congresso de História de Santa Catarina, quer me parecer, teve por supremo escopo esse alto padrão de História modelar, em que se escalpa a carcassa do passado, sem mutilações indecorosas, desnecessárias.

Bato-me com tôdas as fôrças do meu idealismo pela preservação dos nossos grandes valores. Um povo que não respeita os seus heróis e os seus mártires, é um povo condenado à escravidão — seja a escravidão política, seja a escravidão da ignorância... qualquer das formas de escravidão que degradam os povos.

Perdoem-me, senhores historiadores, esta rude franqueza com que venho, no encerramento dos nossos trabalhos, abrir-vos o coração para dizer-vos o que penso da História; sim, da História — Mestra da Vida.

Todos os homens são imperfeitos, mas evoluem. Em cada época há um padrão de ideal e um índice de atividade pessoal ou coletiva. Consideremos as atitudes, a ação dos antepassados, medindo-lhes o esforço por esse padrão de ideal, por êsses índices de atividade — e teremos o homem histórico.

Esse nos indicará as rotas da verdade. O outro, aquele homem a quem se faz como fêz o poleá à mosca azul de Machado de Assis, é o nosso pobre irmão que nos antecedeu nos caminhos da vida, entregue aos brincos, às infantilidades dos que fazem História pelo simples prazer de deixarem de si próprios alguma coisa na História. São êstes os grandes e ferozes demolidores.

Não fomos assim, neste Congres-

so a encerrar-se: construímos, ou antes, construístes, Senhores.

Essa a vossa glória. Eu vos saúdo em nome da Sociedade Brasileira de Geografia, presente a esta solenidade, como esteve representada no Congresso, pelo menor dos seus associados".

Discurso do Dr. Carlos Gomes de Oliveira

— "Senhores. Estamos no fim da jornada que encetamos com a iniciativa dêste Congresso de Geografia e História.

Teria sido cansativo o nosso esforço?

O que se faz com prazer, inspirado num ideal, sobretudo sob a direção de um guia que foi, em tôdas as horas, uma força inspiradora e um exemplo — Henrique Fontes, dá compensações espirituais que sobrepujam as canseiras.

Pudemos assim, reunir aqui uma pleiade de intelectuais ilustres de "aquem e de além mar", para suscitar e debater coisas de Santa Catarina.

E do convívio desta semana, ficará a lembrança das atenções pessoais de que resulta sempre um amável sentimento de cordialidade entre os indivíduos; e, mais do que isso, ficará a sensação de estima que os contactos intelectuais provocam, ficarão as lições que as teses apresentadas nos proporcionaram.

E já os itens contidos no programa do Congresso dizem bem da amplitude dos objetivos que aqui nos congregaram.

E realizamos um esforço útil e meritório, sem dúvida, no estudo dessa matéria — dos fatos históricos, dos homens, da terra, dos aspectos sociais, políticos e econômicos; num abrangimento de quase tôda a vida catarinense.

E se nem sempre as teses apresentadas esgotaram os assuntos, ao menos, abriram clareiras, que serão rumos novos e seguros para estudos mais aprofundados.

E, dinamizando os espíritos, despertando curiosidades por tantos assuntos sugestivos e neles interessando os moços, o Congresso, dentro da idéia que preside a ação do Instituto Histórico e Geográfico, terá demonstrado que estas instituições não são apenas grêmios de reunião para homens que vivem de recordar, "debruçados na janela do passado", procurando na história um derivativo espiritual para consolo de saudades.

É falsa a idéia do comodismo de muitos que não se queiram dar ao estudo sério das coisas.

Se a história é "a mestra da vida" como nô-lo lembrou, outro dia, Walter Spalding a quem deve ela aproveitar mais do que aos moços que na vida se estão iniciando?

E como conhecer instituições políticas, sociais ou jurídicas, senão procurando saber o que foram, e o destino que tiveram na vida dos povos?

Como elaborar uma lei reclamada pelos interesses da coletividade, senão investigando o que já exista algures, a respeito?

Fora disso, será a improvisação e o empirismo que se não coordenam mais com o espírito científico do nosso tempo.

Como os fatos da natureza física, os fatos que se constataam na vida de uma coletividade hão de ser perscrutados nas suas causas, pa-

ra que os possamos compreender e corrigir quando deles resultem inconvenientes para o bem estar social.

E a História, como a Geografia, na amplitude do seu conceito atual, abrangendo o homem, a terra e os fenômenos deles decorrentes, se tornam, mais do que nunca, elementos imprescindíveis à solução dos mais graves problemas públicos.

Assim, senhores, nas oitenta e tantas teses apresentadas ao nosso Congresso, vimos o que foi e o que fêz o açorita localizado em terras de Santa Catarina.

Os seus esforços nas lides que os esperavam na terra desconhecida e agreste, os descendentes que nos deram em genealogias ilustres, nas letras, nas artes, na música, na carreira militar, na política; a sua contribuição na formação das cidades garridas do nosso litoral, do espírito da sua gente alegre e acolhedor como nenhum outro, da língua que tomou acentos musicais para ser amável e encantadora. Vistes também, em São Miguel, Vila Nova, Ribeirão, Enseada de Brito, que mais poderiam ter feito no terreno das realizações materiais a gente que imigrou para esta região, como o fizeram os núcleos de populações que nos vieram da Europa Central.

A comparação é inevitável, mas desairosa, às vêzes, para as populações de descendência lusa, num mundo em que a faina construtiva das formigas é mais considerada do que a arte encantadora das cigarras.

O conceito do "tanto vales quantos tens" estabeleceu a noção de pobre e de rico entre indivíduos como entre povos e nações, embora já esteja formulada reação no sentido de evitar que uns poucos tenham mais do que valem, em detrimento de muitos.

Mas, de qualquer modo, é pelo "standard" de vida que se afere o grau de progresso individual ou coletivo.

E como puderam uns prosperar e opulentar-se, quando outros, a grande maioria, ficaram em situação econômica modesta, senão precária?

O trabalho será um fator apreciável de êxito, mas há circunstâncias que sobremaneira o favorecem.

Com a invenção da máquina, os povos do fim do século dezoito para cá, passaram a ser classificados em produtores de matérias primas ou agricultores, e manipuladores delas ou industriais, sem considerar o trabalho que, naqueles, era maior e menos recompensado.

E mesmo entre atividades idênticas, encontramos próspero o lavrador que trabalha em terras boas, e pobre aquele que não teve sorte na escolha do seu terreno.

Os acorianos que aportaram aqui, em 1748, eram um povo simples, com as mais rudimentares noções de lavoura e foram espalhados pelo nosso extenso litoral, onde houve sempre e há muito impudismo e anquilostomíase e onde pouca era a fertilidade da terra.

Num período de lentas comunicações, a colonização açoriana foi a dispersão e o abandono.

Um século depois, chegavam os imigrantes da Europa Central, levando já o seu jornal, com as suas revistas, acompanhados de mestres e

Proposições aprovadas

pele Primeiro Congresso de História Catarinense

INDICAÇÃO N. 1

Indico que se dê à Comissão de Redação dos Anais deste Congresso poderes para que a mesma possa sugerir ao autor de tese não recomendada para publicação que a modifique ou melhore para esse fim.

Florianópolis, 7 de outubro de 1948.

Carlos Gomes de Oliveira

INDICAÇÃO N. 2

Atendendo a que nos Anais do Congresso não devem ser incluídos trabalhos que, pelo seu vulto e tamanho, possam vir a trazer dificuldades à sua publicação;

Atendendo, entretanto, a que a comunicação do Sr. Professor Custódio Francisco de Campos relativa à existência, na Diretoria de Terras do Estado, de livros de termos de concessões de sesmarias a contar de 2 de junho de 1753, encerra matéria da maior relevância:

Indicamos:

que o Congresso se dirija ao Governo do Estado encarecendo a necessidade da publicação integral dos documentos a que se refere a mesma comunicação, por um de seus Departamentos especializados.

Sala das Sessões, 7 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral

INDICAÇÃO N. 3

Em defesa do patrimônio artístico de Florianópolis

Agora, que Santa Catarina vive momentos de intensa e comovida vibração, quando tão justa e merecidamente se enaltece o valor dos seus primeiros colonizadores, daqueles casais açorianos que, trocando a vida calma de sua terra, plenos de sonho e de vontade de vencer, para aqui vieram formar um novo mundo de realizações; agora, quando se reúne o Primeiro Congresso de História Catarinense, brilhantemente desenrolado, lança um apêlo, como catarinense apaixonado que sou pela beleza ímpar desta terra, tão rica de variados encantos, para que se conserve o aspecto colonial das nossas cidades.

Enaltecemos os açorianos, orgulhamo-nos de ser descendentes diretos de tão brava gente e devemos também salvar a arquitetura que nos legaram os seus maiores e que é, sem dúvida, um dos motivos de beleza da nossa terra.

No surto de "progresso" de Florianópolis, verdadeiros primores da arte colonial estão desaparecendo para no seu lugar serem erigidos prédios modernos, nem sempre de bom gosto; perdoem-me a franqueza, mas é pelo amor à minha terra que assim me expres-

so. Está claro que precisamos evoluir, nem sou contra o estilo moderno, antes pelo contrário, mas há muito terreno vago para as novas construções, não sendo, portanto, necessário sacrificar a parte antiga da cidade, que deve ser considerada monumento nacional, assim como o é a cidade de Ouro Preto e tantas outras do nosso imenso e belo Brasil.

Santa Catarina é um estupendo centro de turismo; ainda não compreendemos bem isso, e uma das suas maiores forças é, sem dúvida, a par da beleza natural, o ar antigo, colonial e evocador das suas cidades.

Assim como o português é a nossa língua, o estilo colonial é o nosso estilo, quer queiram quer não. Assim como a bela e cantante língua de Camões foi a que embalou o ouvido atento do índio, a linha ingênua e inegavelmente linda da casa colonial foi a que se desenhava nítida ante o seu olhar atônito, foi a que cresceu e se alastrou em todos os recantos do Brasil descoberto, do Brasil Colônia e do Brasil Império.

Há os que querem "formar" uma língua brasileira e discutem: — estilo, prosódia, colocação de pronomes, etc., etc.; que cultivam, com cuidados extremos, os neologismos na ânsia de "criar" uma língua diferente; com a casa colonial, porém, não foi preciso esse

doutores, imbuídos dos novos conhecimentos que as ciências tinham prodigalizado aos povos, munidos de outros instrumentos de trabalho. E, para os localizar, homens como o dr. Hermann Blumenau, um doutor em filosofia, percorria a costa sul-brasileira, à cata das melhores terras, antes de fixar preferência no ubérrimo vale do Itajaí.

E sempre com apoio do governo imperial, dirigiu a sua colônia, até que, não o podendo fazer sozinho, passou-se ao governo, continuando, porém, na administração dela mediante ordenado certo.

Joinville, teve a assistência das Companhias que a fundaram e orientaram, com diretores de primeira ordem.

Estradas de rodagem e de ferro abriram-lhes novas perspectivas.

E a guerra de 14, como a de 40, permitiram-lhes seguir o rumo dos povos industriais, salvando da estagnação, centros como Joinville, a que as terras, em geral, menos boas, os estavam condenando.

O espírito industrial dos povos da Europa Central que habitavam essas Colônias encontrava assim a sua oportunidade, para lhes dar o

impulso e a prosperidade que ainda não lhes tinha sorriso.

Enquanto isso, os descendentes, dos primeiros povoadores de Santa Catarina, — o nosso caboclo, continuou apegado às suas ilhas — Florianópolis e São Francisco, e ao longo da costa, no continente, pescando ou escorvando a terra, que ele ainda prepara a fogo, como os seus antepassados, há duzentos e mais anos.

E essas terras, se já não eram boas, imagine-se o que serão hoje.

Há quasi cem anos, em 1860, Araújo Brusque então Presidente da Província, encarando com rara clareza, o problema do empobrecimento das terras, dizia: — "não nos admira que as nossas terras produzam pouco; o que admira é que ainda produzam".

Não é de estranhar, pois, senhores congressistas que encontrásseis muitas das antigas povoações açorianas, em estágio de adiantamento que nos não envaidece, mau grado a disseminação de escolas e um apreciável serviço de assistência nas cidades.

É que, num mundo em que a produção individual foi ou está sendo substituída pela produção em série nós ainda estamos no regime de produção por unidade, e os próprios meios utilizados, como há dois

séculos, são ainda a unidade mínima — uma pequena gleba de terra que cada vez mais se subdivide, uma enxada à mão para cultivá-la, um cesto ao hombro para transportar o pouco produzido.

Isso quando a Agricultura, já adiantada, evolui ainda para acompanhar a mecânica industrial.

Sirvam-nos, assim, as impressões colhidas de advertência quanto à situação precária em que vivem as populações litorâneas e rurais, em geral — o que seria um resultado prático do Congresso — para que as medidas já postas em prática pelo governo do Estado, se ampliem até um plano de salvação, em que o saneamento seja condição primeira como no plano de colônia para os holandeses, ora em discussão em nossa Assembléia Legislativa.

Mas, podemos confortar os nossos corações com o espírito que nasceu com elas em terra do Brasil, e que se expressa numa língua tão harmoniosa e uniforme em que falaram nestas comemorações, homens de todas as origens — um José Boabaid, um Walter Spalding, um Dante de Laytano, um Gama d'Eça, indicando que, num país novo, aberto ao encontro de todos os povos nós podemos criar, com a semente dos açorianos, um povo só e homogêneo pelo sentimento de brasilidade.

esforço "inovador", porque o próprio clima e as necessidades de vida do nosso povo fizeram nascer um estilo que é, enraizada e definitivamente, brasileiro. E nem foi preciso querer guerrear a linha mestra, nem ir de encontro ao que tinha sido imposto pelos primeiros colonizadores da nossa pátria, a adaptação se processou naturalmente, e, assim, não vimos nunca para aqui transplantadas as grandes quintas tipicamente portuguesas e sim as majestosas casas de fazenda, as senhoriais e verdadeiras residências brasileiras.

É portanto tão justo, como justas são as comemorações a que estamos assistindo entusiasmados, este apêlo para salvaguardar o primitivo aspecto de Florianópolis.

A casa de Cruz e Sousa e a de tantos outros nomes ilustres da nossa terra não existem mais, foram destruídas; a de Vitor Meireles, salva milagrosamente da picareta avassaladora, está no entanto abandonada; devia, é outro apêlo que faço, ser conservada rigorosamente dentro da linha e do estilo da sua época, e, nela, ser instalado o Museu Vitor Meireles, onde se pudessem admirar quadros e desenhos dêste artista, que é um dos maiores nomes da história da arte brasileira.

Uma Escola de Belas Artes e uma Escola de Música também se impõem nesta cidade tão plena de espontâneos talentos.

Ainda há dias ouvi um jovem que interpreta Chopin, Tchaikowsky, Debussy e outros compositores famosos, de ouvido, através dos programas que ouve pelo rádio, e depois admirei trabalhos seus de pintura, também sem nunca ter estudado. É, inegavelmente, uma verdadeira vocação, que precisa ser cultivada. E, como êste jovem, quantos existirão nesta terra abençoada?

São êstes os apelos que faço aos ilustres componentes do Primeiro Congresso de História Catarinense, na esperança de que os encaminhem e os fortaleçam junto ao esclarecido governo de Santa Catarina.

Progresso não é só construir casas. É também saber amar a cultura e a tradição de um povo.

Florianópolis, 8 de outubro de 1948.

Gilberto de Trompowsky Livramento

INDICAÇÃO N. 4

Proponho que a Comissão da 6ª. secção — "Linguagem e Folclore" — convide o plenário a pedir, com o maior empenho, à Comissão Organizadora do Congresso se esforce por conseguir, dos poderes legislativo e executivo dêste Estado, que o precioso e instrutivo material da Exposição Histórica, Geográfica e Etnográfica fique, desde já, exposto numa ou mais salas de Florianópolis e constitua o núcleo inicial do futuro "Museu do Povo Catarinense".

Florianópolis, 11 de outubro de 1948.

Manuel de Paiva Boleo

INDICAÇÃO N. 5

Proponho que a Comissão da 6ª. secção — "Linguagem e Folclore"

—, por intermédio de seu digno Presidente, leve à aprovação do plenário as seguintes indicações:

1ª. — Que a Comissão Organizadora do Congresso, pelas formas que julgar mais convenientes (artigos em jornais e revistas, lições práticas no Instituto Histórico e Geográfico sobre o método e a técnica dos Inquéritos, etc., recomende instantaneamente aos estudiosos do folclore catarinense que transcrevam os textos com a maior fidelidade, reproduzindo tanto quanto possível a pronúncia popular, sem a preocupação de os tornar mais literários; só desta forma poderão constituir, ao mesmo tempo, valioso material folclórico e linguístico;

2ª. — Que, tanto na recolha do folclore como dos falares do Estado de Santa Catarina, haja sempre o maior cuidado em registrar a povoação a que se refere um determinado fato folclórico ou uma dada expressão, a fim de, mais tarde, se poderem elaborar trabalhos de cartografia linguística e folclórica.

Florianópolis, 11 de outubro de 1948.

Manuel de Paiva Boléo

INDICAÇÃO N. 6

Considerando que os chamados "sambaquis" ou "casqueiros" são jazidas arqueológicas de inestimável valor, não só para o estudo dos primitivos habitantes do litoral brasileiro, como provavelmente para o esclarecimento do problema do povoamento da América;

considerando que somente as pesquisas realizadas por pessoas tecnicamente instruídas e aparelhadas para êsse genero de pesquisas poderão trazer resultados satisfatórios;

considerando, por outro lado, que tais jazidas estão sendo implacavelmente destruídas para fabricação de cal e pavimentação de rodovias, num verdadeiro atentado ao patrimônio científico da nação;

PROPOMOS que a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso de História Catarinense tome a iniciativa de encarecer perante as autoridades legislativas e executivas estaduais e municipais a necessidade inadiável da proteção dessas jazidas.

Sala das Sessões, 12 de outubro de 1948.

Luiz de Castro Faria

INDICAÇÃO N. 7

Considerando:

- 1) a farta documentação existente no Arquivo Histórico Colonial de Lisboa sobre Santa Catarina
- 2) a necessidade de serem coligidos êsses documentos, elucidativos de muitos pontos controvertidos da história catarinense;
- 3) a documentação existente nos Açores e Madeira e o seu interesse para os estudos de história de Santa Catarina e do povoamento do sul do Brasil em geral;

Sugerimos ao Governo o comissionamento de pessoa capaz, para realizar pesquisas e copiar documentos nos referidos Arquivos,

de acôrdo com o que, verbalmente, nos foi lembrado pelos Drs. M. de Paiva Boléo e Osvaldo R. Cabral.

Sala das Sessões, 12 de outubro de 1948.

Luiz de Castro Faria

INDICAÇÃO N. 8

Considerando que há grande número de monumentos históricos e artísticos de incontestável interesse para Santa Catarina e e que os mesmos estão aos poucos desaparecendo por falta de um órgão que lhes garanta a preservação;

considerando que muitos dêsses monumentos não interessarão provavelmente ao Serviço do Patrimônio Nacional por não apresentarem interesse nacional mas apenas regional;

considerando que nenhum inconveniente apresenta a criação de órgãos estaduais ou municipais de patrimônio que visem a conservação de monumentos ligados à história de Santa Catarina e de objetos de arte muito expostos à cobiça de aventureiros;

PROPOMOS que o Primeiro Congresso de História Catarinense sugira ao Governo Estadual a conveniência da criação de um serviço estadual de patrimônio, a que incumba a preservação e conservação dos monumentos acima aludidos.

Sala das Sessões, 12 de outubro de 1948.

**Fernando C. de Azevedo
Osvaldo Rodrigues Cabral**

INDICAÇÃO N. 9

Considerando que a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tem evidenciado o firme propósito de organizar nesta Capital o Museu Vitor Meireles;

considerando que tal iniciativa do Governo Federal não constitui apenas um ato de reverência ao grande pintor catarinense, mas ao próprio povo do Estado, pela significação cultural contida na criação de um Museu;

PROPOMOS que a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso de História Catarinense solicite com empenho aos poderes públicos estaduais a máxima cooperação com aquêle órgão Federal, encarregado da proteção aos monumentos nacionais, no sentido de que, no mais breve tempo possível, possa ser inaugurado o Museu Vitor Meireles.

Sala das Sessões, 12 de outubro de 1948.

Luiz de Castro Faria

INDICAÇÃO N. 10

Considerando que o 2º centenário da colonização açoriana e o 1º Congresso de História Catarinense são acontecimentos de notável relevo, não só para história dêste Estado e do Sul do Brasil, senão também para a história brasileira;

considerando que êste certame deve ser assinalado da maneira mais duradoura;

considerando que não foi possível a emissão de selos comemorativos dos dois grandes acontecimentos, iniciativa que os tornaria mais conhecidos em todos os recantos do país;

considerando que é indispensá-

vel assinalar os mesmos acontecimentos, registrando-os na medallística brasileira:

PROPOMOS que a Comissão Executiva do 1º Congresso de História Catarinense mande cunhar medalhas comemorativas alusivas aos dois acontecimentos, contendo no anverso a effigie de Silva Paes, rememorando a colonização açoriana, e no reverso o escudo dêste certame.

Florianópolis, 11 de outubro de 1948.

Cônego Manoel de Aquino Barbosa

Walter Spalding

Oswaldo Rodrigues Cabral

Bueno de Azevedo Filho

A. Nunes Varella

Oscar Martins Gomes

Heitor Stockler

Oswaldo Pilotto

INDICAÇÃO N. 11

A delegação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul no Primeiro Congresso de História Catarinense,

1) considerando que o grande número de trabalhos aprovados e recomendados à publicação nos Anais vai tornar a publicação dos mesmos muito cara;

2) considerando que os recursos obtidos pela Comissão Organizadora do Congresso para essa publicação não é vultosa, sendo duvidoso que a mesma seja suficiente para a despesa, até agora não calculada;

3) considerando que a impressão de separatas por conta do Congresso sobrecarregará extraordinariamente as dotações obtidas:

SUGERE que as separatas sejam por conta dos autores que as desejarem, ficando a cargo da Comissão dos Anais prestar aos congressistas, oportunamente, os necessários esclarecimentos a respeito.

Sala das Sessões do Congresso em Florianópolis aos 12 dias do mês de outubro de 1948.

Jorge G. Felizardo

Dante de Laytano

Olyntho Sanmartin

Walter Spalding

INDICAÇÃO N. 12

O Primeiro Congresso de História Catarinense:

Considerando ser de toda conveniência o recolhimento da farta documentação histórica existente no Estado, nas Câmaras Municipais, cartórios, repartições, etc., a um só local onde possa ser colocada ao abrigo de extravio ou destruição;

considerando que a existência de um Arquivo Público destinado a êste fim, sobre ser a melhor maneira de preservar os documentos, conservando-os, restaurando-os e resguardando-os, é também a maneira mais indicada para permitir a consulta e o estudo dos que se dedicam às pesquisas históricas:

apresenta como sugestão ao Governo do Estado de Santa Catarina a necessidade de ser criado o Arquivo Público Estadual e que o mesmo faça parte integrante da Casa de Santa Catarina.

Sala das Sessões do Primeiro Congresso Catarinense de História, em Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral

Alves Pedrosa

Olyntho Sanmartin

INDICAÇÃO N. 13

O Primeiro Congresso de História Catarinense:

Considerando que constituem os arquivos das Paróquias e Freguesias de Santa Catarina os mais antigos, ricos e valiosos documentos da história de Santa Catarina; considerando que muitos dêsses arquivos se encontram em mau estado de conservação e que, muitas vezes, têm sido extraviados, com grave prejuízo para o estudo do passado;

considerando que à frente do Governo Eclesiástico de Santa Catarina se encontra um ilustrado Príncipe da Igreja, notável pelo saber e sábio nas iniciativas;

considerando que a criação de um Arquivo Eclesiástico, paralelamente à criação de um Arquivo Público, virá permitir a conservação, a restauração e o estudo de preciosos documentos do passado de Santa Catarina:

INDICA:

Seja respeitosamente solicitada do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, a criação do Arquivo Eclesiástico, destinado a reunir a documentação disseminada pelas Paróquias e Freguesias e que representa inestimável patrimônio histórico para Santa Catarina.

Sala das Sessões do Primeiro Congresso Catarinense de História, em Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oswaldo Rodrigues Cabral

Alves Pedrosa

Olyntho Sanmartin

INDICAÇÃO N. 14

Tendo em vista o alto alcance cultural da reunião de Congressos em que se reúnem os estudiosos da História;

tendo em vista o completo êxito do presente Congresso, que reuniu em Florianópolis figuras exponenciais do País e do Estrangeiro;

tendo em vista que as comemorações do bi-centenário da Colonização de Santa Catarina e Rio Grande do Sul pelos casais açorianos e madeirenses ficam encerradas com a terminação dos trabalhos do Congresso, na parte relativa a Santa Catarina;

tendo em vista que o Estado do Rio Grande do Sul comemorará em seu tempo, igualmente, o bi-centenário da chegada ao seu território dos Casais;

SUGERE à Representação Sul-riograndense a êste Congresso transmita ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul os desejos dêste pela realização de conclave semelhante no seu Estado, naquela ocasião, certo de que os trabalhos apresentados ao presente determinarão pesquisas e estudos capazes de esclarecer pontos ainda controversos e outros de interesse para a história regional e geral.

Sala das Sessões do Primeiro Congresso de História Catarinense, em Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral

Alves Pedrosa

INDICAÇÃO N. 15

O Primeiro Congresso de História Catarinense:

Considerando ter sido Manoel Joaquim de Almeida Coelho um catarinense por muitos títulos ilustre e que foi um dos seus mais reputados historiadores;

considerando ser de toda justiça o perpetuar-se o seu nome, para exemplo das gerações futuras:

INDICA:

Seja solicitado o Governo do Estado de Santa Catarina a dar o nome de Almeida Coelho a um grupo Escolar do Estado;

seja solicitada a Câmara Municipal de Florianópolis a dar idêntica denominação a um dos logradouros públicos desta Capital.

Sala das Sessões do Primeiro Congresso de História Catarinense, em Florianópolis, 11 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral

Custódio F. de Campos

Antônio Taulois de Mesquita

Alves Pedrosa

Olyntho Sanmartin

Lucas Alexandre Boiteux

Ruben Ulysséa

INDICAÇÃO N. 16

Nos Anais do Congresso, inserir-se-ão fotografias e resumidas notícias históricas das localidades ligadas à colonização insulana.

NOTA: Esta indicação resultou de substitutivo apresentado, por motivo financeiro, à seguinte proposição do Sr. Antenor Moraes:

"Para que seja dado maior realce às comemorações que se estão realizando, indico ao plenário para que organize um ALBUM com fotografias e reduzido histórico das localidades que lembram fatos relativos às citadas comemorações.

JUSTIFICAÇÃO

Êsse ALBUM que servirá atualmente como lembrança a ser distribuída entre os delegados que nos visitam, terá futuramente êsse sabor histórico que os homens deixam para o tempo valorizar.

Sala da 1ª Sessão Plenária, Florianópolis, 7 de outubro de 1948.

Antenor Moraes".

INDICAÇÃO N. 17

Senhor Presidente,

Sugerimos aos ilustres membros da Mesa que, ouvindo o plenário, se inscreva nos Anais do grandioso Certame a seguinte proposição:

Considerando que o Dicionário Histórico e Geográfico de Santa Catarina, de autoria do pranteado catarinense Dr. José Artur Boiteux, ficou incompleto, pois não foi publicado o quarto volume, por motivos superiores;

considerando que, como obra, no gênero, mereceu os maiores encômios de ilustres geógrafos e historiadores, como o Barão Homem de Mello, o senhor Gustavo Enge, e tantos outros;

considerando que seria de grande utilidade para os que desejassem conhecer esta querida terra a fundo, e, em vista de estar esgotada a tiragem dos seus três primeiros volumes:

PROPOMOS:

Que seja encarregado o Ilmo. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina de nomear uma comissão de homens afeitos ao estudo da História e da Geografia, para refundirem e ampliarem o referido trabalho, nos moldes do parecer do sr. Gustavo Enge, ao mesmo trabalho, no 1º Congresso Brasileiro de Geografia; e, assim, estaremos dando a Santa Catarina uma boa propaganda e a José Arthur Boiteux prestando uma homenagem sincera.

Sala das Sessões do 1º Congresso de História Catarinense, 11 de outubro de 1948.

Dante de Laytano

Bueno de Azevedo Filho

Oscar Martins Gomes

Walter Spalding

Walter Piazza

Ruben Ulysséa

Luiz S. Bezerra da Trindade

Heitor Stockler

Olyntho Sanmartin

A. Nunes Varela

Carlos Gomes Oliveira

Vitor da L. Fontes

T. C. Jamundá

Jorge G. Felizardo

Antônio Taulois de Mesquita

INDICAÇÃO N. 18

A 7ª. Comissão do 1º Congresso de História Catarinense,

considerando que os Reverendíssimos Padres Francisco de Faria e Bento Nogueira, da Companhia de Jesus, prestaram, durante os primeiros tempos da colonização açoriana em Santa Catarina assinalados serviços aos insulanos que povoaram a Ilha de Santa Catarina, quer assistindo-os espiritualmente, quer materialmente;

considerando que os historiadores são unânimes em reconhecer êsses serviços, que de tão alta valia foram para os primitivos colonizadores:

INDICA:

Que o 1º Congresso de História Catarinense faça colocar uma placa comemorativa da chegada, a Santa Catarina, dos referidos Padres, com os seguintes dizeres:

"O 1º Congresso de História Catarinense aos Padres Francisco de Faria e Bento Nogueira, desembarcados em 18 de março de 1748, em Anhatomirim, pelos serviços prestados aos povoadores açorianos".

Esta placa deve ser localizada no pedestal do monumento comemorativo da chegada dos primeiros casais açorianos a Santa Catarina. Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Guilherme Butler, Presidente da Comissão.

Wilmar Dias, 1º Secretário.

Walter Spalding

Oswaldo Pilotto

Lucas Boiteux

NOTA: A indicação foi aprovada, com a seguinte sugestão apresentada pelo sr. Oswaldo R. Cabral: "Que a homenagem seja com a contribuição popular, em local escolhido em tempo oportuno".

INDICAÇÃO N. 19

Exmo. Sr. Presidente do 1º Congresso de História Catarinense.

Requeremos que, ouvido o Plenário, se digne a atual presidência do conclave entrar em entendimento com a Congregação da Faculdade de Direito, no sentido de que seja colocada uma placa comemorativa à realização das sessões preparatórias e plenárias do Congresso, ficando V. Excia. autorizado a redigir seus dizeres, correndo as despesas por conta do referido Congresso.

Essa placa será colocada, solenemente, na sala em que óra nos reunimos, devendo nela haver o escudo do Brasil e as armas da Ilha Terceira.

A. Nunes Varela

José Cordeiro

Paulo Fontes

Jorge da Luz Fontes

A. Braun

Alves Pedrosa

A. Natividade da Costa

Victor da Luz Fontes

Walter Piazza

Wilmar Dias

Ricarte de Freitas

MOÇÃO N. 1

A delegação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no Primeiro Congresso de História Catarinense:

1) considerando que a data de hoje assinala a passagem do primeiro centenário do nascimento do Almirante Alexandrino de Alencar;

2) considerando que o ilustre Almirante descende em linha reta pelo lado materno de dois troncos açorianos do Rio Grande do Sul, Manoel Gonçalves Mancebo e Mateus Simões Pires, ambos naturais da Ilha Terceira, que teriam demorado em terras catarinenses;

3) considerando que, apesar de ser nascido na cidade de Rio Pardo no Estado do Rio Grande do Sul, o ilustre marinheiro teve a sua atividade ligada a vários Estados da União;

4) considerando que a efeméride transcende do Estado do Rio Grande do Sul para todo o território nacional:

SUGERE:

a) que se insira em ata um voto de congratulações pela passagem da efeméride centenária, do ilustre descendente de povoadores açorianos;

b) que a Mesa do Congresso telegrafe à autoridade naval desta Capital, ao Sr. Ministro da Marinha e ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, apresentando cumprimentos pela passagem da data.

Sala das Sessões do Congresso em Florianópolis, aos 12 dias do mês de outubro de 1948.

Jorge G. Felizardo

Walter Spalding

Olyntho Sanmartin

Dante de Laytano

O Sr. Luiz de Castro Faria, Presidente da 6ª. seção, transmitiu ao plenário o voto de pesar votado na reunião da mesma, do dia 8, e constante do seguinte trecho da respectiva ata, que leu:

"O Sr. Oscar Martins Gomes, com a palavra, propôs um voto de pesar, que vai inserido nesta ata textualmente:

"Proponho, dado o caráter desta sexta comissão de Linguagem e Folclore, que seja inserido na ata desta sessão um voto de pesar pelo falecimento dos insignes mestros professores brasileiros Oscar Lorenzo Fernandes e Ernâni Braga, cujas composições mostram frequente utilização, por um e outro, de motivos musicais do folclore brasileiro".

O voto supra foi unânimemente aprovado pelo plenário em sessão de 12 de outubro de 1948.

MOÇÃO N. 3

Proponho que conste da ata dos trabalhos os nossos mais vivos agradecimentos à Imprensa desta Capital e dos Municípios, bem como aos jornais da Capital da República e dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, e bem assim às estações difusoras, pela divulgação que deram dos preparativos e da realização do Primeiro Congresso de História Catarinense.

Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Henrique da Silva Fontes

MOÇÃO N. 4

Que a colenda assembléia do I CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, em boa hora convocado para celebrar, por entre justas demonstrações de regozijo público e homenagens excepcionais, o II CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO AÇORIANA, por intermédio de sua Mesa Diretora, tome na devida consideração o apêlo que também nós, na qualidade de um dos descendentes dos impertéritos Açorianos, que muito nos prezamos de o ser, desta página formulamos, no sentido não só de se obter junto aos poderes competentes benévola acolhida às legítimas aspirações do magistério, quer público, quer particular, mas também de se conseguir do plenário votos de simpatia e profundo reconhecimento para com todos os educadores que se esfalfaram e sacrificaram mocidade, saúde e as melhores energias em holocausto à nobilíssima campanha em prol da introdução e maior progresso do ensino em terras catarinenses.

Florianópolis, 11 de outubro de 1948.

Trajano José de Oliveira e Sousa

MOÇÃO N. 5

O Primeiro Congresso de História Catarinense:

Considerando a alta finalidade educativa da criação de um Museu Histórico e Artístico;

considerando que é pensamento dos legisladores catarinenses dotar o seu Estado de uma instituição destinada a recolher as preciosidades históricas e artísticas, como parte integrante da Casa de Santa Catarina;

vota o seu aplauso à iniciativa, certo de que os poderes públicos dotarão Santa Catarina de tão útil centro educativo.

Sala das Sessões do Primeiro Congresso de História Catarinense, em Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral
Alves Pedrosa
Olyntho Sanmartin

MOÇÃO N. 6

O Primeiro Congresso de História Catarinense:

Considerando que a idéia de José Boiteux encontrou da parte dos legisladores catarinenses na Assembléia Constituinte Estadual o justificado e merecido apoio, fazendo incluir no texto constitucional dispositivo mandando ser criada a Casa de Santa Catarina, destinada a servir de sede às suas associações culturais;

considerando que tal fundação representa um grande passo para o maior desenvolvimento cultural do Estado:

apresenta ao Governo do Estado e à Assembléia Legislativa o seu mais decidido aplauso, transmitindo-lhes também a sua esperança de que a sua concretização se verifique com a brevidade possível e de desejar, para o maior engrandecimento da terra catarinense.

Sala das Sessões do Primeiro Congresso Catarinense de História, em Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral
Alves Pedrosa
Olyntho Sanmartin

MOÇÃO N. 7

Tendo falecido, no dia 10 de setembro último, em Curitiba, com a idade de 74 anos, o escritor ROMÁRIO MARTINS, que, através de uma existência de notável e inteligente operosidade, dedicou suas aptidões intelectuais a minudentes pesquisas sobre a história do Paraná e sobre a influência tupi-guarani na formação de inúmeros vocábulos nacionais, a estudos da origem e da significação da bandeira brasileira, ao histórico da utilização da herva mate e seu beneficiamento, bem assim do pinheiro, à defesa florestal, ao aproveitamento de motivos folclóricos em peças literárias, deixando vasta obra, composta de muitos volumes, entre os quais se destaca a História do Paraná, editada pelo Governo daquele Estado, de cujo Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico, já quasi cinqüentenário, era fundador e Presidente, propomos que, ante a especial significação que a produção de ROMÁRIO MARTINS tem também para o Estado de Santa Catarina, o Primeiro Congresso de História Catarinense insira na ata dos trabalhos desta última sessão plenária, um voto de profundo pesar pelo falecimento daquela eminente figura.

Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oswaldo R. Cabral
Walter Spalding
Lucas Alexandre Boiteux
Luiz de Castro Faria
Oscar Martins Gomes

MOÇÃO N. 8

Considerando que o Professor Odilon Fernandes, desde cedo, empregou as suas atividades na tarefa da preparação intelectual da juventude brasileira;

considerando que, como jornalista, poeta e escritor, suas atividades visaram sempre a divulgação dos nossos costumes, das nossas belezas e das nossas tradições;

considerando que, por motivos alheios e superiores à sua vontade, não pôde o referido Professor prestar ao 1º Congresso a sua valiosa colaboração:

Propomos que ao Professor Odilon Fernandes seja prestada, pelo 1º Congresso de História Catarinense, uma homenagem especial como reconhecimento pelos seus assinalados serviços a Santa Catarina e ao Brasil, e que consistirá em um telegrama em que o Congresso lhe manifeste a sua simpatia e o seu louvor aos seus méritos de historiador e escritor.

Florianópolis, 11 de outubro de 1948.

Wilmar Dias
Walter Spalding
Helio Vianna
Lucas A. Boiteux

NOTA: Esta moção foi extensiva ao Sr. Prof. Altino Flores, por proposta do Sr. Oswaldo R. Cabral.

MOÇÃO N. 9

Em meu nome e no da Administração de Pôrto Alegre, tenho a satisfação de propor à Casa um voto todo especial de congratulações com o Governo de Santa Catarina e com a Mesa deste Primeiro Congresso da História Catarinense, pelo notável êxito do mesmo Congresso e, também, pelo brilhantismo com que se revestiu.

Sala das Sessões, 12 de outubro de 1948.

Walter Spalding, Delegado da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre e representante do Sr. Prefeito Dr. Ildo Meneghetti.

MOÇÃO N. 10

Transcorrendo hoje, data do encerramento do Primeiro Congresso de História Catarinense, mais

um aniversário da descoberta da América, proponho, por essa magna efeméride, cuja significação não é preciso encarecer, que se lance em ata um voto de especial júbilo e homenagem.

Sala das Sessões, Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Oscar Martins Gomes.

MOÇÃO N. 11

Os abaixo assinados, Congressistas deste I Congresso da História Catarinense propõe em um voto de louvor ao Snr. Vitor Peluso Júnior, deante do êxito obtido pela Exposição Comemorativa organizada por motivo do bicentenário da Colonização Açoriana, em Santa Catarina.

Helio Vianna
Dante de Laytano
Alves Pedrosa
Oswaldo Pilotto
Lucas Boiteux

MOÇÃO N. 12

Considerando que o Coronel Vidal Ramos tem traçado a sua vida pública por um devotado amor à sua terra natal;

considerando que, como Governador do Estado, Senador da República, entre outras elevadas funções que desempenhou, demonstrou sempre o maior apêgo às nossas tradições;

considerando que, como historiador e estudioso do nosso passado, o Coronel Vidal Ramos tem contribuído para melhor conhecimento dos nossos homens e das nossas cousas;

considerando que, devido ao seu precário estado de saúde, S. Exa. não pôde emprestar a êste Congresso as luzes da sua colaboração e o estímulo da sua presença;

propomos que o 1º Congresso de História Catarinense preste ao grande barriga-verde uma homenagem especial, endereçando-lhe um telegrama em que se expresse o reconhecimento do Congresso, ora reunido, pelo seu trabalho e seu amor a Santa Catarina.

Florianópolis, 12 de outubro de 1948.

Wilmar Dias
Alves Pedrosa
Nunes Vareka

“ATUALIDADES”

Publicação mensal iniciada em 1945
Redação e oficinas: Av. Mauro Ramos, 301
Florianópolis — S. Catarina — Brasil

Propriedade, direção, redação e gerência:

E. I. KUEHNE

Assinaturas: Anual Cr\$ 1.800
Número avulso Cr\$ 1,50

Estelário do Brasil

Poema recitado pelo Autor, no almoço que Laguna ofereceu aos membros do Primeiro Congresso de História Catarinense.

OS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
É esse fogo sagrado, lume ardente,
Belo, no "Altar da Pátria" aceso, um dia,
Para ficar, assim, perenemente
Vermelho, flamejante, áureo, febril,
Simbolizando-lhe a Soberania
Indumentada na Constituição
E descrita nas cores da Bandeira ! ...
São as notas do Hino Nacional
Canto heróico da gente brasileira,
Territórios, Distrito Federal
E os vinte Estados da Federação ! ...

O AMAZONAS — a edênica Rondônia
De Iapurús, Uíaras e mistério ...
O Inferno Verde — a rústica Amazônia,
Esmeralda e platina do hemisfério ! ...

PARÁ — atalaia alerta do Brasil
No extremo norte desta pátria imensa ...
Nababesco, fecundo, varonil,
Um cosmorama em mutação intensa !

Radiooso MARANHÃO — terra ditosa,
Ubérrima, bonita e condoreira,
Sólo do pensamento, é a luminosa
E decantada Atenas brasileira ! ...

Do marroeiro à terna evocação ...
Perante as messes da prosperidade,
Vive o PIAUÍ — sentindo o coração
Nas rimas dos seus poetas ... na Saudade ! ...

CEARÁ — concha de sól, torrão agreste
Onde, em eflúvios, Iracema esvoaça ...
Guarda o cadinho ardente do Nordeste
Em que se apura a têmpera da raça ! ...

A sombra maternal da Borborema,
Nas espumas do salso a se embalar,
O RIO GRANDE DO NORTE — segue o lema:
— Semper ascendis — Terra Potiguar ! ...

Formosa e imbele às atrações do Oceano,
Amparada à coorte de coqueiros,
A PARAIBA — do labor insano
Repousa no cantar dos seus prateiros ! ...

Os Engenhos ... Olinda ... que epopéia !
Tabocas ... Guararapes ... gente forte !
Alto rol de bravura, traz à Idéia,
PERNAMBUCO — o invencível Leão do Norte ! ...

Névoas da Paulo Afonso pelos ares
De **ALAGOAS** — resguardam como arcano,
Écos de Porto Calvo ... dos Palmares ...
E as ações de Deodoro e de Floriano ! ...

Sítio dos Caetés — solar de estetas
Que o exaltaram infinitas vezes,
Fulge o **SERGIPE** em emoções concretas,
Com Tobias Barreto de Menezes ! ...

BAÍA — de Castro Alves, Rui Barbosa,
Berço da Pátria e nobres gerações
De talento genial, vibra, orgulhosa
Do rosário de pulcras tradições ! ...

ESPÍRITO SANTO — o Eden capichaba
Da Senhora da Penha de Vitória,
É um lavor de buril que não se acaba,
Desde que o padre Anchieta o pôs na história ! ...

Nobre **ESTADO DO RIO** — o fluminense
Estuário verde sob um céu de anil,
No excelso relicário brasiliense,
É uma expressão soberba do Brasil ! ...

Com as Bandeiras lângidas de glória,
Fernão Dias, Garimpos, e o Sertão ...
Feitos que nos ficaram na memória,
É SAO PAULO — o fastígio, a tradição ! ...

Aureolado de bênçãos e riqueza,
Do Atlântico aos rincões de Gualracá,
É o Cornucópia ideal da Natureza
A Terra do Pinheiro — o **PARANÁ** ! ...

Manchester brasileira, em miniatura,
Meneando o tear que a empolga, que a fascina,
É, à cata da alegria e da fartura,
Uma colmeia, **SANTA CATARINA** ! ...

O RIO GRANDE DO SUL — gaúcho forte,
Pacífico na faina pastoril,
Indomável, a Osório, afronta a morte
Na defesa da honra do Brasil ! ...

Há em seu seio, a alquímia dos metais,
A força, o fausto e a fama, bem latentes,
Do civismo o crisol — **MINAS GERAIS**
Plasmou a Liberdade — Tiradentes ! ...

Ante o Araguaia e o Tocantins piscoso
Fluindo em leite de ouro e pedrarias,
Como um Rajá, opulento, venturoso,
GOIAZ — se acolhe às lendas e magias ! ...

Dos heróis de Dourados e Miranda
Nas veias tendo o sangue em alvoroço,
Cede ao imperativo que lhe manda
Dizer que é, sempre, o estóico **MATO GROSSO** ! ...

Oriundo de um acordo de Direito,
Com volúpia, também, de ser um astro,
TERRITÓRIO DO ACRE — foi eleito,
Mercê Rio Branco e Plácido de Castro ! ...

DISTRITO FEDERAL — o fulcro desse Todo,
Cativo do fulgor do seu rico Estelário,
Desata em vibrações, num delírio de festa,
Num arroubo vital, numa tão grande pompa,

Que a irisação da terra e os luzeiros do céu
Serão pequenos sóis, estrelas pequeninas
Sem os clarões de luz capazes de alumiar
A magnificência estuante do Brasil !

Sua Religião é o bem, seu espírito é a paz,
Duas âncoras de amor, de fraternal união
E nelas se reflete e delas se irradia
A consciência imortal, sublime e soberana.

Registra o seu braço a síntese perfeita
Do panorama real que se desenha e brilha
Do nascente até o poente e do sul até o norte,
Na glória verde-azul, no flavo do Cruzeiro ! ...

Perscruta a epopéia, evoca a Vera Cruz,
Terra de Santa Cruz, a remota Cabrália ...
E vê tudo tão longe, à distância, no tempo ...
Sombra de Dom Manoel ... enredos da colônia ! ...

Exalta a valentia, o bravo lusitano,
Sem cansa, a lutar em defesa do solo
Em que plantara a cruz e a bandeira das quinas,
Para entregar, intacto, a heróicos descendentes ! ...

Escancara o Baú repleto de alfarrábios,
Examina, perquire, analisa e se ufana ...
— Gigante o território, é quase um Continente ...
E fala a mesma língua ... a luso-brasileira ! ...

É João VI em regresso à nobre Lusitânia,
É Dom Pedro I, é Dom Pedro II,
É José Bonifácio, enfim, o Patriarca,
Que realiza e alcandora os anseios de um povo ! ...

É esse luminar Diogo Antônio Feljó,
Político sagaz — o Regente do Império
Que, enfeitando em suas mãos os negócios da Pátria,
A preserva do mal com amplo descortino.

E, em igual emergência, é um soldado invulgar,
Misto de cidadão, de apóstolo e estadista,
Egrégio Marechal — o Duque de Caxias
Que unifica a sua Terra e a livra da cizânia ! ...

É Rio Branco e Bilac — o Chanceler e o Poeta,
Num civismo alto e são a Barroso e a Floriano,
Com denodo, eficiência e máscula energia,
Elevando ao fastígio o Brasil que aqui está

Bêbedo de emoção, e vestido de flores,
No mágico esplendor desse Rio de Janeiro,
Paraíso terrenal de beleza e fascínio,
Tabernáculo erguido à nossa exaltação,

Que entesoura o passado e consagra o presente
Na atitude viril de uma raça virtuosa
e ora, assiste vaidoso, em desfile empolgante,
Este núcleo estelar — a **NAÇÃO BRASILEIRA** ! ...

HEITOR STOCKLER

Significado do Açoriano no panorama social de Santa Catarina

OSWALDO R. CABRAL
Do Instituto Histórico Brasileiro

As comemorações do bi-centenário do povoamento de Santa Catarina pelos casais oriundos dos Açores e da Madeira, não poderiam ser realizadas de maneira diversa da que foi projetada e que hoje atinge o seu ponto culminante com a instalação do Primeiro Congresso de História, conclave em que a terra catarinense expõe o alto nível intelectual e cultural da sua gente e demonstra, através de estudos, monografias e teses, que a dominante da sua trama social é o elemento luso, originário daquelas ilhas, cuja capacidade de absorção dos elementos alienígenas ainda permanece intacta e integralmente eficiente, impondo os seus costumes, a sua maneira de falar, os seus hábitos, preponderantemente, no meio social.

O Congresso de História demonstrará, pelo estudo do passado e pela observação do presente, o longo, árduo e penoso caminho percorrido nestes dois séculos e que os demais fatores, que vieram contribuir para o elevado progresso material da nossa terra, foram atraídos pelo elemento dominante, cuja capacidade reconhecem e cuja cultura aceitam.

É bem verdade que os casais açorianos, importados para o povoamento, a fim de constituírem núcleos de fixação estruturados em base agrícola, nesta última parte fracassaram completamente, dando como consequência a espantosa crise econômica que atingiu a Capitania nos últimos vinte anos do século XVIII.

Aos governadores, que retiravam das glebas os néo-povoadores, afim de incluí-los nas tropas, numa época de constantes efervescências bélicas no sul do domínio, têm vários e consagrados Autores culpado daquele fracasso; para outros, foi a pobreza do solo, de reduzida camada de **humus**, fácil e rapidamente esgotada, a causadora de tudo, não encontrando o açoriano, no êxito das suas culturas, a recompensa dos seus esforços; para outros mais, foram os calotes oficiais, a baixa cotação dos gêneros produzidos, o isolamento das povoações, as causas primordiais que determinaram o fenômeno.

Temos, entretanto, para nós, que tais causas contribuíram como adjuvantes do fracasso, pois o fator principal, determinante, foi o de não ter sido o insulano o agricultor que dele quiseram fazer e que esperavam que fôsse, os homens de Estado da Metrópole, naquele século.

Acostumados a lavrar o pequeno chão das fajãs ilhoas, para obter o imprescindível ao sustento próprio, o açoriano veio encontrar no continente virgem condições diversas das que conhecia no arqui-

pélago basáltico, de pequenas extensões cultiváveis. Não afeito à agricultura intensiva e extensiva — cultivando o chão para o trigo, para a vide e para o legume — o açoriano, nos campos e vales das ilhas, era muito mais pastor do que agricultor. A agricultura era uma condição imposta às suas necessidades de vida; o pastoreio era a sua verdadeira atividade primordial, que em séculos se firmara em sua índole. Os agricultores da Flandres fizeram-se pastores nas ilhas.

Diffícil seria fazê-los voltar à condição primitiva dos seus antepassados, voltar à terra para a lavar e daí decorre a diversidade do destino dos açorianos que permaneceram em Santa Catarina e dos que foram embarcados ao Rio Grande de São Pedro.

Aqui, a agricultura imposta, às vezes compulsoriamente — tarefa ingrata aos seus pendores, quando pensando no gado e até em "fábricas de manteigas" já desembarcavam. Lá, o ambiente propício, favorável: a pampa, o gado, o rodeio, a tarefa agradável e bem aceita do pastoreio.

Porisso, a agricultura do açoriano era sempre uma esperança renovada a cada tentativa. Iniciava-se sempre com ótimos resultados. Depois, decaía e acabava por desaparecer. Da terra nunca teve preocupação de cuidar do seu esgotamento. O aumento da produção não lhes custava dores de cabeça... Até sementes foram fervedas, para que não germinassem...

E só a mandioca, que não exigia terras gordas nem maiores cuidados, prosperou e firmou-se. Mas, firmou-se principalmente porque o trigo, que os açorianos plantavam para fazer o pão a que estavam acostumados, não deu bem no litoral catarinense...

Tal vida não serviria ao homem que possuísse outros ideais, que trouxesse outras qualidades. Daí ter o forte, o capaz, abandonado a terra, para vencer e sobrepor-se ao meio. O tímido permaneceu nela. Permaneceu e fracassou. O que destinou a outras atividades o seu labor, a sua capacidade, o seu vigor físico, moral e intelectual, estava fadado a impor-se na sociedade. O temeroso condenou-se a ficar na mandioca, no peixe e nas fruteiras do fundo do quintal, vencido, contentando-se com o pouco que obtinha das suas reduzidas atividades.

Estes elementos foram vistos por Apolinário Porto-Alegre, em 1896, e serviram para um estudo comparativo entre os descendentes dos mesmos troncos, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Estes, fortes, vermelhos, desempenados. Aqueles, diminuídos, pálidos, um tanto tímidos. Aqui, diz

o autor, era a verminose, a alimentação pobre, de farinha e peixe que determinava o aspecto do homem; lá, a vida livre, essencialmente carnívora dos pastores das campinas. Aqui, a prisão dentro da floresta; lá, a liberdade na imensidão do campo.

Não restam dúvidas sobre a influência da alimentação e dos fatores mesológicos na formação do biotipo e que aqui vegetava o descendente do açoriano ligado à terra, obrigado a ser agricultor, constrangido a trabalhar na gleba, fazendo-o sem amor e entusiasmo, enquanto lá o descendente do povoador, no ambiente que sonhara, uma ampliação em larga escala das campinas ilhoas, dava largas à sua índole, dedicando-se à pecuária, a que estava habituado e que era do seu gosto. Mas, o que não é menos verdade é que não se citará talvez um só exemplo de povoador ilhéu que se tivesse lá, no Rio Grande de São Pedro, deixando ficar preso ao pequeno chão que lhe foi inicialmente destinado para cultivo e trabalho agrícola e que se tivesse adiantado e socialmente classificado. A agricultura também lá não foi o seu forte, nem a sua atividade precípua. Também lá o que se libertou da terra, melhorou de vida. E o fez logo, tanto assim que, se de lá nos vinha o gado que o lavrador daqui necessitava, era a farinha produzida pelo seu irmão catarinense que ele consumia.

Não haviam os açorianos, com efeito, qualquer feição agrícola nos seus hábitos e costumes. Bem ao contrário. Se atendermos às festividades, aos rituais, às celebrações dos povos que lavram a terra e a consideram mãe dadivosa, veremos que são remotíssimas as oferendas aos Deuses, à Divindade, das primícias das frutificações, dos produtos da terra. Já dos filhos de Adão, o que lavrava a terra ofertava ao Senhor, nos sacrifícios, os frutos dela e o que era pastor ofertava o sangue dos cordeiros primogênitos dos seus rebanhos e a gordura deles. Foi sempre assim entre todos os povos. Ainda hoje as comunidades agrícolas realizam as festas das colheitas com que agradecem a Deus a fartura das messes.

Ora, em Santa Catarina e no Rio Grande, como nos Açores, não há qualquer celebração que lembre estas remotíssimas usanças. Bem ao contrário, o que nos ficou foi, aqui, por exemplo, comum em todas as partes onde habitou o açoriano, o BOI NA VARA, que Apolinário Porto-Alegre viu e os antigos ainda recordam, como festa, divertimento, usança, afinal, hoje já deturpada, diversão tipicamente originária dos povos pastores — e que outra coisa não é senão a

Digressões Antroponímicas

HENRIQUE FONTES

(De um trabalho sobre os nomes das Magistrandas de 1947 do Colégio Coração de Jesus, que à sua turma deram o nome do autor)

(Continuação)

ANTÔNIO, ANTÔNIA

1. Recordemos que, entre os romanos, houve o uso de serem os homens livres individualizados por três nomes, que eram o **praenomen**, o **nomen gentilicium** e o **cognomen**. O **praenomen** correspondia ao nosso nome individual: era o nome particular que a pessoa tinha entre os membros da família, aos quais eram comuns o **nomen gentilicium** e o **cognomen**, como entre nós acontece com o nome de família. Assim, em **Marcus Tullius Cicero**, é **Marcus** o nome individual, o **praenomen** do grande orador; **Tullius** é o seu **nomen gentilicium**, é o designativo da gens, a gens **Tullia**, a que pertencia sua família, indicada por último em **Cicero**, que é o **cognomen**. **Marcus Tullius Cicero** tinha um irmão por nome **Quintus Tullius Cicero**.

2. Do nome da gens **Antônia**, a que pertenceu o famoso **Marco Antônio**, procede o nome individual **Antônio**, havendo entre o nome romano e o que lhe corresponde em português e noutras linguas esta diferença relevante: o nome romano é nome gentilício e os que dêle derivaram são nomes individuais.

Tornou-se mesmo comum, para os nomes romanos, essa mudança de função, como se vê em **Marcus Tullius Cicero**, **Caius Julius Caesar**, **Tiberius Sempronius Gracchus**, etc., em que não só os nomes gentilícios (**Tullius**, **Julius**, **Sempronius**), mas também os cognomes (**Cicero**, **Caesar**, **Gracchus**), passaram à categoria de nomes individuais.

3. Tem, portanto, velhas raízes a adoção de nomes de família e quejandos como nomes individuais, sendo facilmente explicável tal fato, que não é peculiar dos

brasileiros: é uma pessoa notável ou estimável designada habitualmente pelo nome de família ou por outro que não é o individual; e admiradores ou pessoas que acham bem soante tal nome vocatório passam a tomá-lo para filhos ou afilhados, seja por ignorarem que não é nome individual, seja por não darem valor a tal circunstância.

De tais práticas surgiram muitos nomes para individualizar pessoas: **Aguinaldo**, de Emílio Aguinaldo, patriota filipino, caudilho da insurreição de 1896; **Ariosto**, de Lodovico Ariosto, poeta italiano, autor do **Orlando Furioso**; **Ayrton**, de William Edward Ayrton, electricista e inventor inglês; **Bayard**, de Pierre du Terrail, seigneur de Bayard, herói francês, cognominado "Chevalier sans peur et sans reproche"; "Cavaleiro sem medo e sem mancha"; **Bolívar**, de Simão Bolívar, libertador da Venezuela e da Colômbia e fundador da Bolívia, que dêle tomou o nome; **Colombo**, de Cristóvão Colombo, descobridor da América; **Delorme**, de Marion Delorme, dama francesa do século XVII, célebre pela beleza e pelas aventuras; **Edison**, de Thomas Alva Edison, electricista e inventor norte-americano; **Franklin**, de Benjamin Franklin, político e sábio norte-americano; **Garibaldi**, de Giuseppe Garibaldi, patriota italiano, que grandemente contribuiu para a unificação de sua pátria; **Hamilton**, de Alexander Hamilton, estadista norte-americano; **Jackson**, de Andrew Jackson, presidente dos Estados Unidos; **Jefferson**, de Thomas Jefferson, também presidente dos Estados Unidos; **Joffre**, de Joseph Jacques Césaire Joffre, Marechal de França, herói da primeira grande-guerra; **Juarez**, de Benito Pablo Juárez, patriota mexicano, que chegou à presidência do seu país (do seu nome individual **Benito**, que é a forma espanhola do latim **Benedictus**, de que saíram

"tourada à corda" — ainda usada no arquipélago.

Panorama diverso daquele fracassado elemento observa-se no que deixou a lavoura e desprezou a terra. Este elemento, elevou-se. As suas famílias, pelos seus membros, distinguem-se nas armas, nas letras, no comércio, na marinha, na navegação, em outras atividades, enfim. Vêm a formar na sua essência, aquele elemento dominante e vitorioso, a que nos referimos de início, e que, em duzentos anos, ainda tem capacidade e força para impôr a sua língua, a sua maneira típica de falar, o seu código de honra, o seu amor à família, a sua maneira de alimentar-se, a sua religião, os seus costumes. Onde o alienígena se coloca em contacto com este elemento dominante, pouco lhe dá em troca, mas rende-se a tudo isto, aos poucos, incluindo nos seus hábitos e costumes aquilo tudo que vem de trás... e das ilhas.

Se examinarmos as relações genealógicas, ficaremos surpreendidos — e mais ainda os que ignoram todas estas coisas — da elevada predominância do sangue que anda circulando nas veias do que Santa Catarina possui de mais elevado e ilustre, oriundo daqueles

trancos, daquelas raízes, daquelas cepas trazidas do arquipélago.

A família Costa, por exemplo, uma das mais numerosas, talvez a mais, a de maior descendência, já deu santos e poetas, militares e bachareis, médicos e escritores, engenheiros e políticos — e não se anda por estas ruas sem se encontrar meia dúzia dêles, todos altamente situados como expressão intelectual e cultural. Os Luzes da mesma fôrma. E mais os Vieiras da Rosa, os Dutras, os Tolentinos, os Fontes, os Silveiras de Sousa. Tudo gente que figura no Almanaque de Gotha da terra, oriunda das raízes açorianas.

É esta gente, representantes e descendentes destes trancos, que fará a festividade comemorativa desta semana, que, com ela, só poderia ser uma festa de cultura, uma reunião de intelectuais, como sóe ser o Congresso Catarinense de História.

Um dos números do programa do Congresso constitue uma verdadeira romaria: as visitas aos lugares iniciais do povoamento. Estes pontos escolhidos estacionaram na sua evolução ou a têm muito lenta, de maneira a permitir uma observação do passado através da tradição arquitetônica, de algo do vestuário, de certos costumes, de

certos falares, de utensílios, objetos de trabalho e instrumentos de uso — teares, alfadas para rendas, etc. — que poderão ser vistos e examinados como foram trazidos, ou quase, há dois séculos. Será uma romaria a pontos que, isolados, não sofreram influências externas de contactos deturpadores — uma visita ao passado, como se a máquina de explorar o tempo, de Wells, fosse posta a funcionar para o pretérito.

Assim, poderão ver os Congressistas os pontos em que inicialmente foram localizados os casais e avaliar, por este rápido olhar ao passado e pela contemplação do presente, a longa caminhada vencida nestes dois séculos.

Porque o presente, está aí: — na educação do nosso povo; na fidelidade do nosso trato; na atração que exercemos sobre aqueles que vieram compartilhar dos nossos trabalhos para engrandecimento da nossa terra, de outras pátrias e com outros costumes, chamando-os ao nosso convívio e aos nossos hábitos; e, sobretudo, na alta expressão de inteligência, capacidade e cultura dos que representam o sangue e a alma do arquipélago, no sangue e na alma dos catarinenses.

os nossos **Benedito** e **Bento**, procedeu o nome do "duce" Benito Mussolini); **Lafayette**, de Marie Jean Paul Roch Yves Gilbert Motier, Marquês de Lafayette, general e estadista francês; **Lamartine**, de Alphonse de Lamartine, poeta e político francês; **Lincoln**, de Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos; **Lutero**, de Martim Lutero, o patriarca do protestantismo; **Milton**, de John Milton, poeta inglês, autor do **Paraíso Perdido**; **Mozart**, de Wolfgang Mozart, compositor austríaco; **Murilo**, de Bartolomé Esteban Murillo, pintor espanhol; **Nelson**, de Horatio Nelson, almirante inglês; **Ney**, de Miguel Ney, Marechal de França, nas guerras napoleônicas; **Newton**, de Isaac Newton, filósofo, matemático e astrônomo inglês; **Petrarca** de Francesco Petrarca, lírico italiano; **Rivadavia**, de Bernardino Rivadavia, primeiro presidente da República Argentina; **Rubens**, de Peter Paul Rubens, pintor flamengo; **Tasso**, de Torquato Tasso, poeta italiano, autor da epopéia **Jerusalém Libertada**; **Washington**, de Jorge Washington, general americano e primeiro presidente dos Estados Unidos; **Wilson**, de Woodrow Wilson, também presidente dos Estados Unidos, etc.

Exemplos italianos de igual uso são os nomes com que Garibaldi batizou os filhos: **Menotti** e **Ricciotti**, em homenagem a Ciro Menotti e Nicola Ricciotti, mártires cívicos seus compatriotas.

O uso existe também nos Estados Unidos; e, no sul, não é raro serem dados a meninas nomes da família como prenomes. Assim **Barnett** e **Powell** podem ser simpáticos nomes femininos. A segunda esposa do General George E. Pickett, batizada com o nome de **La Salle**, era conhecida por **Sally**, **Beverly** e **Shirley** são encontrados freqüentemente. Às vezes é também uma menina chamada **George**, **Frank** ou **Charles**, do nome do pai (ver H. L. Menken, *The American Language*, 4ª edição, 1946, págs. 516 a 520).

4. Sendo **Antônio** primitivamente nome gentilício, não é de esperar tenha significação análoga à que possuem os nomes intencionalmente formados para serem impostos a pessoas, isto é, significação, em regra, auspiciosa ou descritiva. Sem embargo disso, para êle têm sido apresentadas várias interpretações desse gênero. Já foi fantasiosamente ligado ao grego **ánthos** "flor" e significaria "florescente"; foi também filiado no grego por meio de **antí** "contra" ou de **antáo** "enfrentar", para significar "aquêlê que enfrenta, aquêlê que vai ao encontro, aquêlê que ataca"; ou por meio de **antí** e **ónios** "venal", para significar "inestimável, sem preço, digno de louvor". Há ainda outras explicações, entre elas a que o tem como nome etrusco.

Parece, porém, mais seguro considerá-lo ainda como sendo de origem e significação obscuras.

5. Informa o Padre Rafael Bluteau, no suplemento do seu vasto Dicionário, que **Antônio** poéticamente se chama **Anfriso** e em Camões **Tiônio**; e que **Antônia** se diz **Antandra**, **Tiônia** e **Anfrisa**.

Deve-se, com louvor, assinalar que o velho dicionarista tratou de nomes de pessoas, no que, lamentavelmente, não foi imitado pelos sucessores.

6. Em português arcaico, tinha **Antônio** as formas **Anton** e **Antun**. **Anton** fixou-se em **Antão**, nome pelo qual é ainda designado o famoso monge da Tebaida, festejado a 17 de janeiro. **Antun** deu origem ao patronímico **Antunes**, hoje usado como nome de família.

7. Santos de nome **Antônio** há doze no Martirologio Romano, elevando-se o seu número a mais de noventa com os que estão registrados em outros hagiologios. Contam-se várias santas de nome **Antônia**. Há também Santo **Antonino**, Santa **Antonina** e Santa **Antoniana**. **Antonieta**, diminutivo de **Antônia**, consta do calendário a 17 de junho: é o nome de uma bem-aventurada — Antoinette Roussel, carmelita de Compiègne, que, juntamente com quinze companheiras, foi guilhotinada em Paris, na Revolução Francesa.

O Santo Antônio mais popular é o que a Igreja chama **Antonius Lusitanus**, que para nós é Santo Antônio de Lisboa, porque ali nasceu a 15 de agosto de 1195, e para os italianos é Santo Antônio de Pádua, porque lá faleceu a 13 de junho de 1231.

Dêle canta a Igreja, em conhecido responso:

"Si quaeris miracula,
Mors, error, calamitas,
Daemon, lepra fugiunt,
Aegri surgunt sani.
Cedunt mare, vincula,
Membra, resque perditas,
Petunt et accipiunt
Juvenes et cani.
Pereunt pericula,
Cessat et necessitas.
Narrent hi, qui sentiunt,
Dicant Paduani".

Dêsses versos há, em português, várias traduções. Eis uma delas:

Saiba quem busca milagres
Que os enfermos sara Antônio,
Afugenta o erro, a morte,
Calamidade e demônio.
Prisões e mares lhe cedem:
Saúde e coisas perdidas
São aos mancebos e velhos
Por êle restituídas.
Necessidades, perigos
Faz cessar entre os humanos:
Diga-o quem o experimentou,
E mórmente os paduanos".

(Manual das Filhas de Maria, 1ª edição feminina oficial, págs. 257 e 258)

ARTÚRIS

1. **ARTÚRIS** é nome feminino correspondente a **Artur**, nome céltico, em que entra a palavra **artos** "urso", que é aparentada com o grego **árktos**.

Artur é interpretado como "grande urso", estando a idéia de "grande" no elemento **ur** (Dr. Ernst Heimeran, *Namens-Büchlein*, pág. 18; e J. J. Nunes, *Os nomes de batismo*, na *Revista Lusitana*, n. 31, pág. 88). É também interpretado como correspondente ao céltico antigo **artogourios**, em que **gourios** significa "nobre, generoso" e ainda "de cabelos eriçados" (J. Loth, professor de línguas e literaturas célticas no Colégio de França, citado pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos, em *Antroponímia Portuguesa*, pág. 58); poderá, pois, significar "nobre como o urso", "generoso como o urso" ou também "erizado como o urso".

2. **Artur** (francês **Arthur**, italiano **Arturo**), rei lendário da Bretanha, é o centro do ciclo literário **arturiano** ou **artúrico**, também chamado **matéria de Bretanha**, que compreende muitos romances e poemas de cavalaria, de que êle e os seus cinqüenta cavaleiros — os Cavaleiros da Távola Redonda — são os heróis; mas, "segundo os últimos resultados da ciência histórica, viveu realmente, no século V, um príncipe dêste nome, que teria reinado na Inglaterra meridional, comandando um núcleo de indígenas de origem ou, pelo menos, de cultura romana, em sua resistência às invasões saxônicas" (Augusto Magne, *A demanda do Santo Graal*, vol. II, Anotações complementares, pág. 394).

3. Alguns calendários mencionam Santo Artur a 20 de outubro; não há, porém, notícia de santo com esse nome, ocorrendo provavelmente confusão com Santo **Artêmio**, que se comemora naquele dia (P. Viktor Krug, *Unsere Namenspatrone*, pág. 58).

Para o Colégio Coração de Jesus, soará, entretanto, como de santa o nome **Artúris**, porque o sublimou uma de suas antigas Irmãs, exemplar no magistério escolar e no magistério das virtudes.

Senhoras e senhoritas,

uma visita ao "O P A R A I S O" será o complemento de sua elegância !

Rua Felipe Schmidt, 21

Telefone 1.629

Florianópolis

IRMÃOS AMIN

CONCESSIONARIOS

— F O R D —

AGÊNCIA — OFICINA

Agência:

RUA DUARTE SCHUTEL, 11

Edifício próprio

Caixa Postal, 117 — Telefones, 1665 - 1347 - 1605

End. Teleg.: "TUFFI AMIN"

Oficina:

RUA DUARTE SCHUTEL, 7

Edifício próprio

Telefone, 1295 — Florianópolis — Santa Catarina

Peças e acessórios legítimos

Pneus Pirelli

Soldas a oxigênio e elétrica

RECONDICIONAMENTO DE MOTORES

Posto de Serviços: Lavagem — Lubrificação — Gazolina

Óleo Diesel e Óleos Lubrificantes

MEYER & CIA.

Rua Conselheiro Mafra, n. 4

Telefones 1576 — 1109

End. Tel. — M E Y E R

Ferragens em geral

Peças e acessórios para autos e caminhões

O Primeiro Milagre de Jesus

A Exma. e virtuosa senhora

D^a. Clotilde da Luz Fontes, — em

homenagem aos seus nobres e ele-

vados sentimentos cristãos.

Naquela noite feliz do Natal de Jesus, achando-se alguns pastores apascentando os seus rebanhos, nos campos que ficavam nos arredores de Bethlém, viram, entre deslumbrados e atónitos, descer dos altos céus luminoso e brilhante clarão, e do meio d'ele sair, divinamente esplendoroso, lindo anjo do Senhor, o qual lhes falou assim: — "Não temais! Anuncio-vos boa nova, que será de grande alegria para todo o povo! Hoje, na cidade de David, do reino de Judá, nasceu o Salvador, que é Cristo, Senhor Nosso! Eis o sinal para o conhecerdes: Achareis um menino envolto em mantilhas e reclinado num presépio".

Eis que, no momento, inúmeros outros anjos do Senhor, acercaram-se daquele mensageiro dos Céus, entoando hinos de louvor a Deus nas alturas e votos de paz na terra aos homens de boa vontade.

Incontinentemente, os pastores se aprestaram, seguindo todos em romaria para Bethlém, ansiosos por vêr o sucedido, de que o Senhor lhes anunciara: o tão esperado Messias, cuja vinda fôra vaticinada por muitos profetas, como Ezequiel, Jeremias, Daniel e outros.

Isaias, o primeiro dentre todos, asseverara: "Uma virgem conceberá e dará luz a um filho que será chamado EMANUEL, que significa DEUS CONOSCO", e Michéas, que predissera com acerto, a ruína de Samaria e Jerusalém e o cativo de Babilônia, chegou a anunciar que o Messias nasceria em Bethlém: "E tu, Bethlém de Ephrata, és a menor das cidades de Judá, mas de ti ha-de sair o Dominador de Israel, cuja geração não tem princípio, é de toda a eternidade".

E assim, certificar-se-iam da verdade, que seria então por eles transmitida ao povo: tanto aos residentes no lugar, como aos viandantes, cujas caravanas por ali passavam, vindas da Iduméa, Samaria e Galiléa ou de outros lugares da Palestina, em transitio para a Arabia e outras regiões.

Existia, entre os pegureiros daquelas redondezas, um ainda muito jovem, por nome Joabél, o qual tendo ficado orfão de pai, sua pobre mãe, desprovida de meios para subsistência da família, que era numerosa, alugára a um abastado criador, que logo lhe cometera o espinhoso encargo de guardar, com outros pegureiros, o seu imenso rebanho.

Lobos vorazes e famintos, vindos das montanhas adjacentes, costumavam à noite, investir con-

tra as mansas ovelhas daquele rico senhor, cujas pastagens ficavam em um sitio a poucas léguas da cidade. Joabél como outros pastores, precisava estar sempre atento às investidas traiçoeiras do astuto inimigo, evitando que as feras dizimassem o rebanho.

Achava-se o menino naquela noite vigilando sózinho, quando por ali passaram, em grande algazarra, inúmeros pastores, a caminho de Bethlém. Joabél procurou logo saber o que havia acontecido, e um daqueles pegureiros relatou o inédito acontecimento que os anjos lhes anunciaram.

Logo, enorme inquietação d'ele se apoderou. Desejava seguir com os companheiros para o santuário do presépio, afim de vêr e adorar o Menino Jesus, mas como poderia fazê-lo? Abandonar o seu posto de vigília, deixando que os lobos famintos, que ali rondavam, se aproximassem? Bastaria se ausentasse por alguns instantes, para que as feras, esfomeadas e sedentas de sangue, dessem cabo de muitas de suas ovelhas. Entretanto, naquela inquietante relutância entre o dever e a curiosidade, não a fé, não pode resistir ao desejo de seguir com os companheiros, e, dentro em poucas horas, eilo também diante do presépio, contemplando embevecido o Menino que era Deus.

Mas, depois lhe sobreveio grande inquietação por haver abandonado o rebanho.

Considerava agora a enormidade do erro cometido. Antevia, possuído de grande temeridade, o rigoroso castigo que o aguardava, quando o rico Senhor seu amo, pela manhã, ao contar as rezes do rebanho, verificasse a grandeza do prejuizo. E aí então, trémulo pelo desassoço do seu inocente coração, ajoelhou-se junto à mangedoura e confessou ao Menino Jesus aquela imprudência, movida exclusivamente pelo desejo sincero de vê-lo e adorá-lo, e suplicou-lhe a divina proteção.

É certo que o Menino Jesus não retorquirá por meio de palavras, pois ainda não lhe era dada a sublimada faculdade da palavra articulada, mas expressou divino sorriso e acenou com os lindos bracinhos, o que significava dizer: — "Sim, meu bondoso menino, eu te ajudarei. Os meus anjos cuidarão do rebanho, até regressares ao teu posto de sacrificio".

Quando Joabél chegou ao lugar do pastoreio, já era manhã. O sol surgia esplendoroso por detrás das montanhas de Moab, sorvendo, com as verberações dos seus raios quentes e luminosos, o prateado

orvalho que a noite depositara na relva dos prados. Viéra ofegante de cansaço da longa caminhada, e, ao chegar, constatára, impaciente, que os lobos estiveram por ali, furejando, mas verificou depois, satisfeito, que as ovelhas baliavam no redil, para onde se haviam encaminhado.

Entretanto, ao portão, de pé, insofrido, mal humorado e empunhando uma chibata, o esperava o rispido patrão.

— Onde estiveste, que sómente agora regressas? perguntou-lhe enfurecido o rico Senhor, na persuasão de que os lobos lhe haviam dizimado parte do rebanho.

— Fui com alguns pastores vêr e adorar o Menino Jesus, que veio ao mundo esta noite em Belém, — retorquiu o pequeno zagal.

— Abandonaste então o posto de vigília, deixando que as feras esfaimadas dessem cabo do meu rebanho! Pagar-me-hás à custa de chibata. Cada ovelha desaparecida custar-te-ha dez vergastadas.

E foi pressuroso contar as rezes; mas com grande estupefação verificou não faltar uma sequer, o que de ha muito não acontecia, pois ainda, em a noite anterior, atingira a uma dezena o número das ovelhas desaparecidas.

Depois, observando atentamente os lugares por onde passara, e constatando o rastro das feras pelos caminhos, perguntou-lhe admirado: Deixaste acaso alguém em teu lugar?!

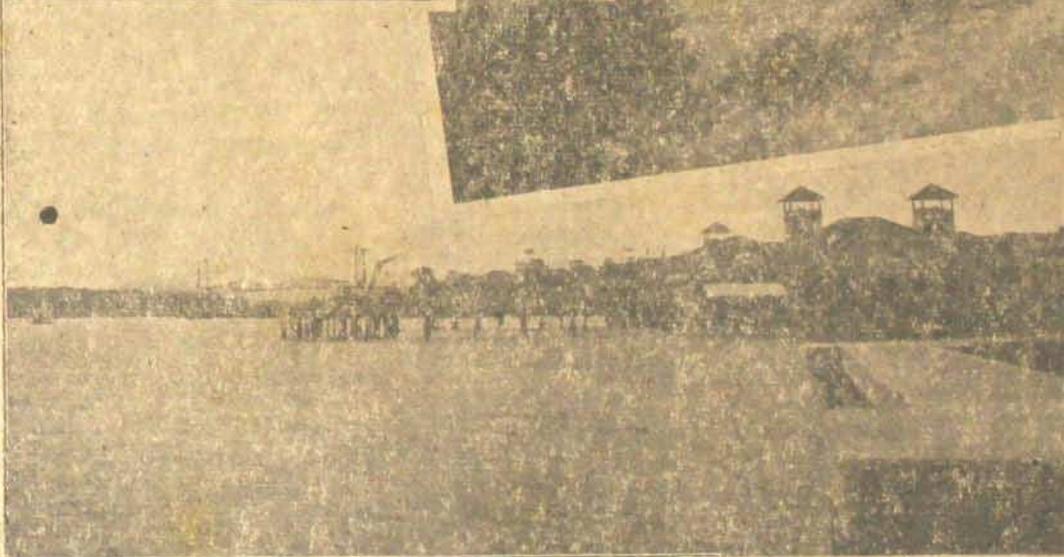
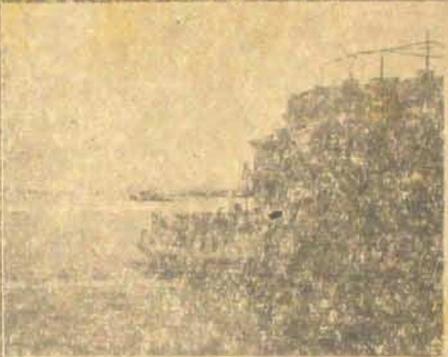
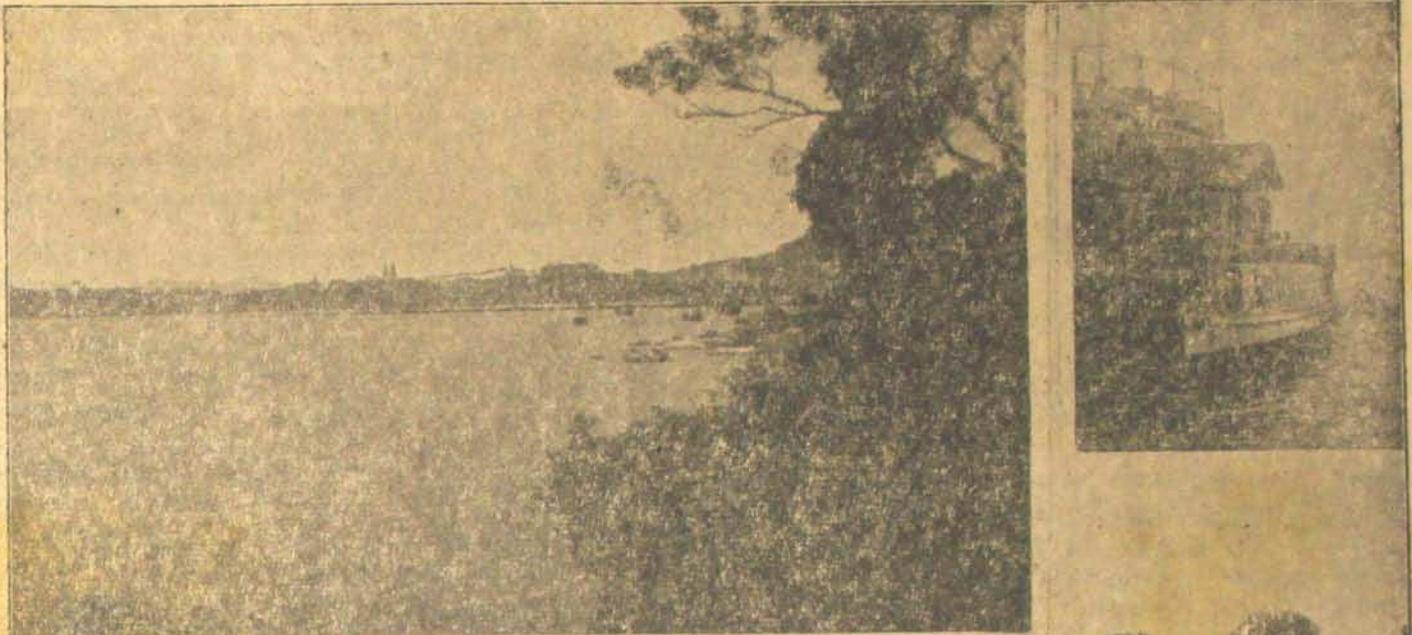
— Não, senhor, — afirmou o pegureiro, — ninguém me prestará no momento, tamanho favor. Todos desejavam ir a Belém vêr o filho de Deus.

— Impossível! Vejo por toda a parte o vestígio da passagem dos lobos! Acaso não teriam eles fome, nem sede de sangue?! Quem os teria afugentado?!

Joabél recordou então, num instante de intraduzível contentamento, o Menino Jesus no seu leito de feno, agasalhado por simples mantilhas, que aos seus olhos pareciam de oiro e purpura, o seu sorriso, cheio de divina doçura, mais belo do que o rosiclér da aurora nas madrugadas estivais, de como a divina criança lhe acenára com os lindos bracinhos, e, fremente de alegria, esclareceu: — Em verdade eu supliquei ao Menino Jesus que velasse pelo vosso rebanho. Ele, misericordioso e bom, atendeu à minha súplica!

Sim, os anjos cuidaram do rebanho, enquanto aquela criança orava em Belém. Jesus havia operado o seu primeiro milagre!

Florianópolis, Natal de 1948.

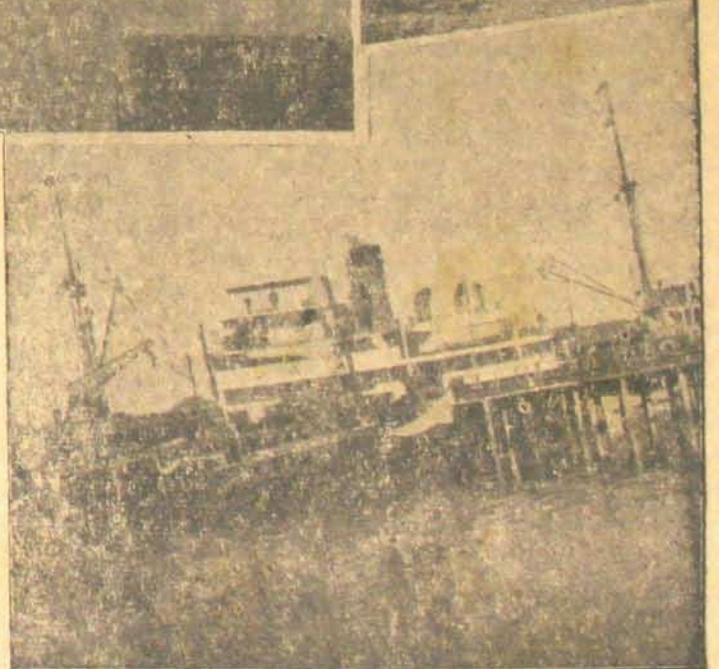


Aspectos do Pôrto de Florianópolis

DR. ORLANDO FILOMENO
Cirurgião-Dentista
(20 anos de prática)

Vários Cursos de Especialização
em dentaduras

Consultório:
Avenida Hercílio Luz, 69, esquina
da Rua Fernando Machado



Caça, Caçadas e Caçadores

EM SANTA CATARINA

Há poucos dias, visitou a nossa capital o eminente oficial da nossa Armada Nacional, capitão de mar e guerra Armando Pina, que é um dos mais consagrados técnicos em assuntos de pesca em geral, e, especialmente, no alto mar. Esse ilustre oficial realizou aqui várias conferências sobre os modernos meios empregados hoje em dia, para a localização dos cardumes e captura do pescado em grande escala. O notável conferencista fez, também, uma completa exposição oral, acompanhada de projeção de fotografias ilustrativas sobre os processos de pesca e a respeito da preservação das reservas de peixes com a adoção de medidas instrutivas. Finalizando, afirmou S. Exa. que a indústria da pesca constitui uma das fontes de renda mais ponderáveis com que pode contar a Nação e muito particularmente o nosso Estado, cujas possibilidades para o exercício da pesca são vantajosíssimas.

Achamos bellissimo o plano do comandante Pina, a quem felicitamos, fazendo votos para que veja coroada de êxito a sua campanha. Nós, entretanto, queremos falar, nesta série de artigos, que vamos publicar sob os auspícios da conceituada revista «Atualidades», não da pesca, porque não entendemos da matéria, e sim da caça e da sua necessária preservação em Santa Catarina, porque esta, como aquela, é uma dádiva preciosa da natureza. Todavia, advertimos a tôdas as pessoas que, por ventura, venham a ler êste trabalho, e os que se lhe seguirem, que não têm êles cunho científico; bem pelo contrário, levarão mesmo muita simplicidade e o linguajar próprio de um caçador, com alguma experiência e conhecedor do território estadual, palmo-a-palmo, bem como de tôdas as caças que nele habitam e as que para êle arribam.

O Estado de Santa Catarina está bem situado, geográfica-mente, e, porisso mesmo, é muito apropriado para nele viverem quase tôdas as caças existentes no Brasil. Constata-se esta particularidade, graças à excelência do seu clima, à exuberância das suas majestosas florestas, que evoluem, poéticamente, nos altiplanos, campos magníficos, ês-

tes e aqueles cortados, ora por caudalosos rios, ora por barulhentos lajeados, modestos arroios e regatos e, no litoral, por êsse número impressionante de lagoas, salobras umas, de água doce outras. Os rios e lajeados, ainda que atravessem grandes extensões de campos, são marginados de rica floresta típica, que oferece boa pastagem e refúgio seguro. Os campos, por mais limpos que sejam, como são os de Herciliópolis, que nos dão a visão de um imenso oceano verde, apresentam, aqui e acolá, «capões» formados por árvores frondosas e pinheiros seculares, emprestando-lhes encanto todo especial.

Porisso, com êsse ambiente cheio de vida e de alegria, Santa Catarina constitui um bom parque de caça. E, embora a abundância de várias espécies não seja muito grande, essa falha é superada pela comodidade e pelas esplêndidas condições de salubridade em que podem ser realizadas excursões e caçadas, pelo fato de ser o clima frio, no período de caça, que vai de 1º de maio a 31 de agosto, isto é, nos meses que não têm a letra «R». Nesse período, em que na serra neva copiosamente, e no litoral caem fortes geadas, a ausência de répteis e insetos peçonhentos é quase completa, não havendo, por outro lado, principalmente, da Serra do Mar para Oeste, o perigo de febres paludosas, e daí a segurança que desfrutam os desportistas que se entregam, nesse tempo, ao exercício da caça.

Esclarecemos, também, que, fora do período de caça acima mencionado, o exercício dos desportos cinegéticos é vedado, por ser o período de procriação. Êsse e, tecnicamente falando, o período do «defeso».

Assim, no intuito mui louvável de respeito à lei, pondo em prática o nosso bom senso, para preservarmos a perpetuidade das espécies, todos nós, caçadores e não caçadores, devemos colaborar com as autoridades, para não permitirmos o exercício da caça no período da procriação, pois os animais e pássaros silvestres, além de constituírem uma fonte de riqueza alimentar e comercial, oferecem-nos um vasto campo para a

prática de sádios exercícios ao ar livre, inclusive o adestramento no tiro.

Infelizmente, em Santa Catarina, até agora, nenhuma medida eficiente foi posta em execução com o fim de coibir a matança indiscriminada dos pássaros e animais que ainda vivem em nossas florestas, nos campos, rios e lagoas. Na verdade, não existe organizado, nesta unidade da Federação, o serviço de proteção à caça, isto é, referimo-nos a organismo aparelhado, capaz de justificar a sua finalidade.

Pelo exposto, é evidente que o exercício da caça em quase todo o território do Estado está sendo feito sem nenhuma restrição, e só os caçadores federados respeitam, em princípio, as leis que regulam tão importante atividade. Mas, mesmo alguns destes últimos, por falta da divulgação intensa de instruções, são levados à prática de erros lamentáveis. E, além disso, pela ignorância das leis, muita gente boa tem a feia mania de dizer que as espécies daninhas podem ser caçadas em qualquer época do ano. Podem sim, porém, quando efetivamente estiverem causando dano à lavoura, à criação ou à própria fauna. Fora dessa hipótese, tudo que for dito não passará de «mentira de caçador». Que dano podem estar causando as ariscas CORSAS que habitam, enriquecendo os lindos «bosques» lajeanos e joaquinenses, quando ali, na sua quase totalidade, pela razão de ser uma zona pecuária não existem roças? Contudo, os exemplares de veados, dessas e de outras zonas e desprotegidas, são abatidos durante o ano inteiro, como o são também, todos os outros animais e pássaros, sem se cogitar de qualquer exceção.

Por tudo isso, fazemos nesta nossa primeira notícia, por intermédio de «Atualidades», um apêlo a todos os amantes do esporte da caça, no sentido de contribuírem com a sua boa vontade, divulgando, por todos os meios ao seu alcance, as leis e regras que regulam as atividades cinegéticas no território brasileiro, e, em particular, em Santa Catarina.

Janeiro de 1949.

A. L. R.

ENTRE OS ÍNDIOS DO LITORAL PAULISTA

Egon Schaden

(Universidade de S. Paulo)

I

Com uma insegurança tremenda da Sorocabana caminha gineando ao longo da Praia Grande e da Praia de Peruibe, ao sul de Santos. Além da pacata cidadezinha de Peruibe, a estrada de ferro se afasta da orla marítima, e algumas horas depois do anoitecer desembarco na estação do Itariri. Pernoito no único hotelzinho da vila: Hotel Kian, modesto e asseado. O dono é um japonês. Luiz Zanella, italiano afável e um dos mais velhos moradores da vila, auxilia-me nos últimos preparativos duma rápida excursão ao aldeamento dos índios Guarani.

Entre a via férrea e o mar eleva-se a Serra dos Itatins, íngreme e convidativa. Imensos bananais, quase todos em mão de japoneses, ocupam boa parte da encosta e quase toda a planície que se espalha diante dela. A meio caminho da aldeia mora José Ferreira, que me empresta um animal de montaria. O filho me acompanha até o aldeamento.

Enquanto se ensilham os animais, passa o meu velho amigo Leocádio, a caminho da estação. Está doente e pretende ir a Itanhaem em procura de recursos

médicos. Resolve, entretanto, voltar comigo à aldeia dos índios.

Leocádio Chagas de Oliveira usa o título de "protetor dos índios". Nasceu em Catas Altas, perto da divisa com o Paraná, e diz-se mestiço de índia e caboclo. Considera-se yvyraidjá, denominação dos espíritos protetores da religião guarani. Doente e pobre, como os próprios índios o yvyraidjá Leocádio é, entretanto, um pouco mais esperto do que eles. Por isso lhe confiaram a pasta das relações exteriores. De tempos em tempos, reúne o que encontra de vendável nas choupanas dos indígenas. Carregado de "Guarani rembiapó" (trabalhos de Guarani), isto é, de arcos e flechas, cestinhos, colares e mais bugigangas, anda então pelas estações e ruas de Itanhaem e de São Vicente, oferecendo a viajantes e turistas os produtos nem sempre artísticos da manufatura indígena. A polícia não gosta dele e ele não gosta da polícia. Com a venda dos artefatos chega a reunir às vezes duas ou mais centenas de cruzeiros, que distribui entre os índios. Leocádio não guarda dinheiro e ajuda sempre os mais necessitados. Professa a religião tribal dos Guarani, mas combina-a com o Cristianiz-

mo, especialmente com as normas de vida de alguma seita de "crentes". Não sabe ler muito bem, mas traz sempre consigo, na mochila ou "mala", um exemplar da Bíblia. O contacto com os "crentes" deu ao yvyraidjá Leocádio uma grande virtude: o desprezo da pinga. Os índios, quando levam os seus artefatos ao Itariri, ou mesmo a uma das cidades litorâneas, não regressam ao aldeamento enquanto não tenham gasto num boteco a mochila da vila o seu último vintém. Leocádio, porém, volta com dinheiro ou, pelo menos, com alguma provisão de arroz e feijão, sal, toucinho, açúcar e café. Procura combater entre os Guarani o consumo excessivo do álcool, mas não parece ter muito êxito em seu apostolado. Apesar de não ser Guarani puro (ou "legítimo", como estes costumam dizer), conquistou, todavia, um status relativamente considerável na comunidade. É porque, graças ao seu senso econômico superior ao dos índios, consegue atenuar, de quando em quando, a situação de extrema penúria em que são lançados às vezes pela sua própria levandade e imprevidência. Leocádio fala um pouco de guarani. É solteiro, tem pouco mais de trinta anos de idade e está morrendo de amarelão. Não tem casa nem roça. Há dois anos encontrei-o na aldeia do Bananal.

Silvino Rufino, o velho "capitão" da aldeia, sente-se honrado com a minha visita. Pede desculpas pela miséria em que vive, mas permite de bom grado que eu arme a minha rede num canto de sua pobre cabana.

Os ranchos do aldeamento do Itariri espalham-se pelas nascentes do Rio do Azeite. Moram aí onze famílias de índios, pertencentes a dois subgrupos de Guarani, os chamados Txiripaí e os Tambeopé, também conhecidos como Kayuá. Aqueles formam o núcleo antigo, e estes vieram há dois anos somente.

Oriundos do Paraguai, os Tambeopé passaram primeiro para a República Argentina. Atravessaram o território de Misiones, chegando a "São Luiz Gonzaga, na costa do Uruguai". Foi de lá que partiram há quase três anos, para uma longa migração através de todo o sul do Brasil. Depois de uma jornada de nove meses, um



O velho chefe da aldeia, capitão Silvino Rufino, com a família e alguns índios Guarani dos ranchos vizinhos

grupo de vinte e oito pessoas alcançou finalmente o litoral paulista. A viagem foi penosa. Quando conseguiram passe, andavam de trem, mas boa parte do percurso teve de ser feita a pé. Em várias cidades fizeram correr subscrições de pedintes, em que se dizia de sua intenção de viajarem até a costa do Atlântico, para dedicarem-se à lavoura. Na verdade, porém, o motivo da migração era outro. Miguel, o "rezador" ou chefe religioso, que além do guarani, fala somente um pouco de espanhol, explicou-me que vieram "por ordem de Deus" para ficar dois anos na praia à espera da ordem do Ketxuita (Jesuita), que os chamaria ao Kaágymináin, a Terra da Felicidade.

A princípio, os Tambeopé foram um verdadeiro peso para os Txi-ri-pai. A não ser um grande ideal, não possuíam coisa alguma e não tinham sequer uma roça em que pudessem catar um pouco de milho ou de feijão. Silvino Rufino e os seus tiveram de sustentá-los, assim, durante um ano. Mais de uma vez passaram fome por isso. Mas agora os Tambeopé já têm os seus ranchos e as suas rocinhas e não precisam mais viver à custa dos irmãos-de-tribo.

A comunidade revela muitos indícios de desorganização social. Nem sempre reina concórdia entre as famílias antigas da aldeia. O índio Antônio Branco me fala com amargura de frequentes rixas e desentendimentos e queixa-se da moleza do chefe. Diz que Silvino Rufino não tem prestígio e nem sequer consegue reunir os homens para o conserto do caminho. Cada qual tem a sua desculpa. Bastante diversas são, entretanto, as atitudes dos Tambeopé, que ainda possuem elevado grau de coesão social. A sua gravita inteiramente em torno de um ideal religioso, que os submete quase incondicionalmente à direção do "rezador" ou nhanderú. Possuem também um chefe civil, o "capitãozinho", de autoridade muito mais limitada. É certo que há muitos anos, também os pais e avós dos Txi-ri-pai vieram das matas do Paraguai, animados do mesmo ideal, e sonhando o mesmo sonho, mas os seus descendentes de hoje já não acreditam na possibilidade de realizá-lo em vida. A sua desilusão se exprime na frase resignada do ve-



Índia Guarani carregando um jacá

lho Rufino: "Nós pecador não merecemos isto".

II

De manhã cedo, dou uma volta pelo aldeamento. Quero conhecer todas as cabanas e visitar todos os moradores. No último rancho, bastante afastado de todos os outros, mora o velho Pedro Pires com a mulher. É um esquisitão retraído e de poucas palavras, que há dois anos vivia na aldeia do Rio Branco, onde me deu algumas aulas de religião guarani. Pegou um tatu no mundo esta noite. Com gestos lentos e quase cerimoniais, o velho Guarani chamusca a caça sobre o fogo e ao mesmo tempo vai raspando os pêlos da barriga e as escamas da couraça. Depois de passar um pouquinho de água na presa, estripa-a e corta-a em dois pedaços compridos juntamente com a casca. Pedro Pires não quer comer hoje, porque a mulher está

doente e sem apetite: "Minha velha não come e eu fico sem jeito". Vende, por isso, as duas metades do tatu, uma a Leocádio e outra a mim. Levámo-las para a cozinha de Silvino Rufino.

Tatu esopado é o prato do dia. A receita, digna de um restaurante exótico de Nova York, é bem simples: o tatu, picado com a casca, é cozido com água, banana verde e um pouco de sal. De ordinário, o Guarani não assa a carne, mas prefere cozinhá-la, aproveitando o caldo para fazer um pirãozinho ou coisa semelhante. A cozinha fica muitas vezes ao ar livre.

O índio Guarani não come muito, mas em compensação tuma a valer. Adultos e crianças de ambos os sexos gostam de pitar. No aldeamento plantaram alguns pés de tabaco, de cujas folhas preparam fumo para o cachimbo; enrolam-nas em forma de uma corda bastante fina, da espessura de um lápis comum. No rancho do "rezador" Miguel existe um cachimbo grande, que é usado de forma "comunista" por todos os índios que se reúnem aí. Parece que, aos poucos, o grande e bonito cachimbo de barro, elemento típico da cultura tambeopé, vai cedendo o seu lugar aos pitos menores, comprados nas vendas do litoral. Dizem que é difícil encontrar argila boa. A meninada em geral não fuma cachimbo. Prefere cigarros. Eu tinha levado alguns maços, e constantemente as crianças me rodeavam para pedí-los. Txevy pety inhomambyré, dê-me um cigarro.

O nhanderú Miguel considera o tabaco um de seus principais alimentos. Contou-me que Nhanderú-Tenondé, o chefe dos deuses, houve por bem proibir-lhe uma série de alimentos, como tatu, tateto, veado, paca, peixes graudos, carne de vaca, carne de porco doméstico, banha, sal e leite. Mas, apesar de todas essas restrições, o "rezador" dizia sentir-se forte e bem disposto, o que atribuía principalmente ao fumo.

Ao emprêgo do tabaco cabe excepcional importância na religião e na medicina guarani. Antes de dar início às danças rituais, o nhanderú acende o cachimbo e com expressão de êxtase sorve freneticamente a fumaça, soprando



A mulher do capitão se encarrega de preparar o almoço



"Guarani rembiapó", isto é, trabalhos de Guarani. Cestos feitos por índios Guarani do grupo Tambeopé ou Kayuá

do-a em forma de densas nuvens para todos os lados, enquanto recita, em sentimental toada de cantochão, algumas rezas compostas de interjeições e frases compridas. Assisti também à prática do montantim, aplicação medicinal do tabaco. Na cabeça do paciente sopram-se umas dez baforadas grandes de fumo, enquanto se vai esfregando o couro cabeludo com a palma da mão. Para o Guarani não há remédio melhor contra enxaqueca e outras dores de cabeça.

Constância, a filha do "capitão" Silvino Rufino, tem uns 14 ou 15 anos de idade. É uma jovem de pele bastante clara, mas possui traços fisionômicos quase negróides. É bem faceira e ri o dia todo. Gosta de tirar o retrato, usa rouge e até fez permanente no Itariri. Apesar de tudo isso, Constância — que em guarani se chama Kunhãtã — se apega ainda, em larga escala, aos modos de vida peculiares à gente de sua tribo. Vi-a participar, durante horas a fio e com grande entusiasmo, das rezas e danças religiosas guarani. Às vezes usa sobre o vestido uma saia que imita, de algum modo, o antigo tupdjaá, que as mulheres guarani aprenderam a usar no Paraguai, provavelmente em contacto com tribos do Chaco. Não há dúvida de que Constância adotou esse traje há pouco tempo, isto é, depois da chegada dos Tambeopé, que ainda conservam em grande parte a tradicional indumentária de "Guarani legítimo". Tanto os homens como as mulheres desse grupo usam-na frequentemente debaixo das roupas que recebem dos moradores civilizados.

À noite, muitos se reúnem na casa do rezador-chefe. Pouco depois do escurecer, inicia-se o porã, a "reza" ou dança ritual acompanhada de cantos religiosos e sons monótonos de instrumentos musicais. Dessas danças, que às vezes se prolongam até altas horas da madrugada, participam homens, mulheres e crianças. Os pequerruchos naturalmente cansam depressa e deitam-se então em



De vez em quando, Silvino Rufino trabalha. Vêmo-lo aqui fazendo um tipiti de timbópeva. Na maioria dos grupos Guarani a arte de trançar é exercida apenas pelos homens



O Yvyraidjá Leocádio, "protetor dos índios", traz as duas metades do tatu que constituirá a parte essencial do prato do dia

qualquer canto da cabana para dormir. Antigamente os homens usavam sempre o mbaraká, chocalho feito de um porongo, mas hoje em dia já se encontra um ou outro nhanderú que se deixou seduzir pelo mundo civilizado, substituindo o antigo instrumento ritual pelo violão. As mulheres, entretanto, usam somente o velho takuapú, com que batem o ritmo das danças. Embora muito rudimentar, esse instrumento — que consiste num simples bambu grosso, de um metro de comprimento e fechado na parte inferior pelo nó natural — produz um efeito extraordinário. Batendo-o no solo compassadamente, e tôdas a um tempo, as mulheres guarani fazem ressoar o chão a grande distância.

As danças são executadas com grande frequência, talvez diariamente. Segundo revelação pessoal de Nhanderú-Tenondé ao "rezador" Miguel, está próximo o novo dilúvio que acabará com este mundo. É preciso, pois, apressar a vinda do navio que o Ketxuita, filho de Nhanderú-Tenondé, mandará para salvar os seus devotos.

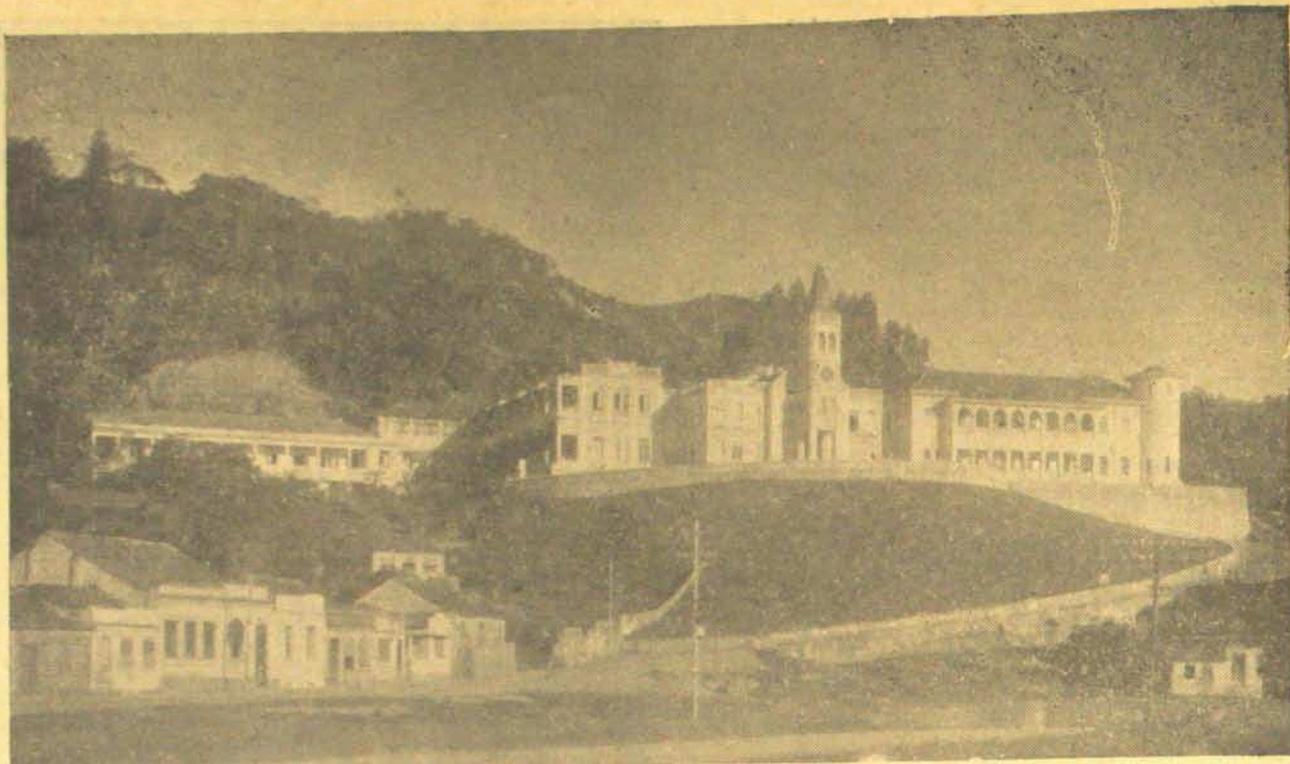
Diante do fanatismo religioso que os domina, não é difícil compreender a relutância dos Guarani em submeter-se aos regulamentos do Serviço de Proteção aos Índios. Sempre descobrem um jeito qualquer de escapar às malhas dessa organização. Como afirmam muitos funcionários do Serviço, os Guarani são a tribo que lhes causa mais preocupações e aborrecimentos. Não querem ser removidos para nenhum dos postos existentes, porque desejam ficar perto do mar, de onde serão

chamados à "terra de nunca acabar". E os que já estão desiludidos desse grandioso sonho não querem tampouco viver sob a fiscalização de funcionários do Governo porque, em virtude do sistema de valores peculiares a sua cultura, não têm nenhuma noção do que nós chamamos senso de disciplina e não compreendem — nem podem compreender — o significado que possam ter as vantagens que lhes oferece o Serviço de Proteção aos Índios.

Todavia merecem muita simpatia e muito carinho. Sentem-se naturalmente magoados quando alguém os trata com ar de superioridade ou até de desprezo, mas sabem também mostrar-se verdadeiramente agradecidos diante da menor atitude de interesse e de compreensão que se lhes manifesta.



Nas "horas vagas", Leocádio se diverte tocando o mbirimbau



HOSPITAL DE CARIDADE

DA

“IRMANDADE DO SENHOR JESUS DOS PASSOS”

FLORIANÓPOLIS

Apartamentos de luxo, com telefone, facilitando ao doente, do seu próprio leito comunicar-se diretamente com todos os pontos do Estado servidos pela Companhia Telefônica Catarinense. Quartos de 1ª e 2ª. classe e salas de quatro leitos. Refeitórios para as diferentes classes.

Salas de estar e avarandados com vista para o mar.

Quatro salas de operações para cirurgia séptica, aséptica e especializada com negatoscópio, sala ortopédica com mesa especial para correção de defeitos e fraturas sob raios X, água esterilizada e aspirador, e nove salas de curativos.

Fisioterapia, diatermia, ondas curtas, pantostato, correntes galvânicas e farádicas, electrocoagulação, bisturi elétrico, infra-vermelho, ultra-violeta, termóforo de Bier, câmara de aquecimento, banho Suda intestinal, nebulização de penicilina e streptomina.

Oxigenoterapia (também em residência) pelo aparelho tenda e máscaras.

Clinica das doenças do coração — Electrocardiografia.

Clinica das glândulas internas — Emagrecimento e engorda — Bócio — Metabolismo Basal. Reumatismo, clínica e cirurgia.

Exames radiológicos em geral (gabinete completo) e especiais com pielograma, seriografia gastro-duodenal, enemas, colecistograma, arteriografia, utero-salpingografia, broncografias e tomografias. Aparelho transportável sobre rodas para exames no leito, durante as operações e em residência.

Clinica médica geral e especial do coração, rins, fígado, vesícula, intestinos (regimes dietéticos). Curas de repouso. Clinica infantil médica e cirúrgica (cozinha dietética).

Conventos especiais com todos os Institutos,* Caixas e Companhias de Seguros para dar a seus beneficiários todos os recursos de aparelhamento em continuo aperfeiçoamento.

Centro de estudos: reuniões bimensais dos Médicos para aperfeiçoamentos dos modernos estudos e tratamentos.

Laboratório — Exames clínicos de urina, sangue, fezes, liquor, derames e pús; dosagens de uréia, creatinina, cálcio, potássio, glicose, hemoculturas, hemossedimentação, contagem de glóbulos. Serviço de transfusão de sangue, seleção de doadores, imunotransfusão — Plasma sanguíneo. Tubagem duodenal.

Centro de aplicação de penicilina (enfermagem especial).

Serviços cirúrgicos em geral, ginecológicos, do estômago, intestinos, da vesícula, rins, unetères e bexiga, uretra e próstata. Clínica e cirurgia do reto e anus (hemorroidas, fistulas e fissuras). Do simpático cervico-torácico (estrelado) lombar e periarteral. Da tuberculose cancer e tumores em geral. Bócio (papo). Ortopédicos (fraturas, defeitos, pés tortos — mesa especial de correção e controle aos raios X).

Estufa de esterilização permitindo ter a qualquer hora todo material pronto para socorro urgente.

Instalações e material especializado da clinica de olhos, nariz, garganta e ouvidos. Aparelhagem de laringo-tráqueo-broncoscopia.

Correção de lábio leporino e guela de lobo.

Radioterapia: aparelho o mais moderno e possante para tratamento dos tumores, dores, inflamações, doenças da pele; radium (110 miligramas).

Corpo de clínicos e cirurgiões especialistas em escala de plantão dia e noite garantindo prontidão e eficiência de socorro.

A ADMINISTRAÇÃO DA IRMANDADE E HOSPITAL NÃO VISANDO LUCROS, AS RENDAS SE DESTINAM À MELHORIA, APERFEIÇOAMENTO E AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS, HOSPITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS INDIGENTES, QUE SE BENEFICIAM DE TODAS AS APARELHAGENS CIDADAS. O HOSPITAL DISPÕE DE SEIS CONFORTÁVEIS ENFERMIARIAS PARA HOMENS, SETE PARA MULHERES E SEIS PARA CRIANÇAS, COMPORTANDO EM MÉDIA TREZENTOS LEITOS PARA INDIGENTES, EM DEPENDÊNCIAS SEPARADAS DAS DOS PARTICULARES.

Vive no coração dos catarinenses

ZEDAR PERFEITO DA SILVA

Há exemplos, pela sua expressão humana e social, que precisam ser divulgados, para servirem de emulação a muitos de nossos milionários, ainda insulados em seu mundo de egoísmo.

Infelizmente, no Brasil, é raro o caso em que um rico tenha legado qualquer importância a uma obra de fundo social. Verdadeiramente, só com a campanha promovida pelos "Diários Associados" foi que se obtiveram numerosas doações de avião e de centros de puericultura. São movimentos altruísticos que precisam ser intensificados.

Nos Estados Unidos, todos os afortunados de bens materiais procuram deixar os nomes ligados à fundação de um hospital, ou de uma universidade, ou de uma biblioteca, ou de um centro de pesquisa científica, ou de uma creche. Lá, convenhamos, a iniciativa particular é quase tudo; o governo não precisa ser um Deus protetor.

A nossa mentalidade está, ainda neste ponto, muito abaixo da pior expectativa. Assim, não será de estranhar que, nesta oportunidade, procuremos exaltar a vida, a obra e os gestos continuados de benemerência do Cônsul Carlos Renaux, para que as novas e afortunadas gerações catarinenses encontrem em seu exemplo um estímulo perene para guiar seus passos ainda indecisos na direção da filantropia.

* * *

O Cônsul Carlos Renaux nasceu em Loerrach, no antigo Grão-Ducado de Baden, Alemanha, aos 11 dias de março de 1862, cujos traços genealógicos são importantes e de origem francesa. A sua educação, na época, foi objetiva. Estudou no Pedagógico Grãoducal e no Ginásio de Loerrach. Obteve, em 15 de julho de 1877, o certificado de serviço militar voluntário de um ano. Em 1879, empregou-se como aprendiz no Banco Hipotecário. Três anos depois, recebeu da gerência um atestado em que eram exaltadas a sua competência, a sua assiduidade, a sua atividade e a sua inteligência, lamentando ainda o seu pedido de demissão.

Não podendo, por força maior, seguir a carreira das armas e desejoso de conhecer algo do mundo, o Cônsul Carlos Renaux, que possuía diploma ginasial e prática bancária, emigrou para o Brasil, isso em 1882. Neste país, tão cheio de problemas, o nosso perfilado lutou com determinação para triunfar. Aportando ao Rio de Janeiro, logo seguiu para Warnow, município de Blumenau, onde iniciou a sua carreira como simples caixeiro na venda do Sr. Lueders. De lá, foi para Brusque, gerindo a filial de Willerding. Encontrou a sua vocação. Não demorou muito, estabeleceu-se por conta própria. Estávamos no ano de 1890. O país se agitava entre monarquistas e republicanos. Inegavelmente, os últimos prometeram e deram, en-



Cônsul Carlos Renaux

tre outras coisas, a nacionalidade brasileira e a liberdade de culto aos colonos recém-imigrados, os quais sofriam muitas restrições.

O Cônsul Carlos Renaux ingressa na política, atuando com entusiasmo e discernimento em prol do progresso da comunidade. Mas nunca se fanatizou por essa ou aquela corrente. Decidia-se sempre pela melhor solução para o município. Foi Prefeito (na época: Superintendente) e presidente do Conselho Municipal. Ascendeu ainda mais alto, colaborando com suas luzes na redação da Constituição do Estado, em 1891, quando foi promulgada a primeira carta magna republicana de Santa Catarina. Em 1893, colocou-se ao lado da legalidade. Os revoltosos perseguiram-no, mas conseguiu alcançar Itajaí sem ser molestado.

Depois disso, decepcionando-se da política, dedicou-se inteiramente ao comércio e à indústria. Realizou uma obra tão sólida e tão útil a sua pátria adotiva, que, atualmente, os produtos manufaturados pelas indústrias Renaux são preferidos pelo mercado nacional e pelos mercados da Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, África do Sul, etc.

Em 1894, casou-se com Selma Wagner, que lhe presenteou a existência com onze filhos, sendo de justiça que se destaquem as

figuras marcantes, cultas e progressistas de Otto Renaux e Dr. Guilherme Renaux. Viúvo, o Cônsul Carlos Renaux casou-se pela segunda vez com D. Joana Maria von Schoenebeck, cuja virtude e magnanimidade o povo brusquense guarda na memória.

Em 1920, resolve residir na Europa por certo tempo. Em Arnhem, Holanda, fixa residência. O governo brasileiro nomeia-o Cônsul, tendo em vista a sua capacidade e o seu amor ao Brasil. Ali, morre a segunda esposa. Dois anos depois, escolheu a cidade alemã de Baden-Baden para a sua nova residência. Continuou lá como nosso Cônsul e contraiu terceira núpcias com D. Maria Luiza Auguste Liensarts. Nesse período, o povo alemão sofria duramente a derrota da Guerra de 1914. Ajudou-o com certa largueza, tendo o Presidente do Reich, Marechal von Hindenburg, conferido-lhe uma distinção.

Voltou à sua querida e saudosa Brusque, para concretizar novas iniciativas industriais. Só em 1937 se retirou da direção de suas empresas, que vinham desde há muito sendo administradas pela clarividência e pela tenacidade de Otto e Guilherme Renaux. Dois anos depois, perdeu a terceira esposa.

O Cônsul Carlos Renaux nunca descansou nos relevantes serviços prestados a Brusque, onde viveu cinquenta e pouco anos. Podemos alinhar algumas de suas iniciativas filantrópicas: — Construiu a sede própria do Sindicato dos Tecelões, o Hospital Arquidiocesano, o Estádio Carlos Renaux, a sede dos Atiradores e o calçamento da rua principal da cidade. Deu vultosos auxílios para a construção do Salão dos Operários, do Seminário de Azambuja e ao combate à malária.

Dificilmente, esquecera-se de uma só das inúmeras instituições de Brusque. Sendo protestante, mandou erguer e auxiliou templos católicos. Sendo capitalista, não se descuroou da sorte do proletariado! Era, em verdade, cristão. O seu exemplo precisa ser meditado pelos nossos políticos e crentes, geralmente tão apaixonados.

Outro traço interessante na vida do Cônsul Carlos Renaux foi o amor que dedicou à segunda pátria e a sua fé no progresso brasileiro. No monumento que mandou erigir para comemorar o cinquentenário da fundação da colônia (1860 — 4 de Agosto — 1910), a inscrição está em português. Para acabar com a exploração de ser alemã a Igreja Protestante, mandou pintá-la internamente com as cores verde e amarela.

* * *

No dia 28 de janeiro de 1945, caiu sobre Brusque a triste notícia do falecimento do Cônsul Carlos Renaux. O povo brusquense, sem exceção, prestou a mais sentida despedida ao seu grande amigo e pranteado benfeitor. Era comum os populares chorarem

EXEMPLO PARA A MOCIDADE

ZEDAR PERFEITO DA SILVA

Destacaremos, neste rodapé, a personalidade por muitos títulos singular de um moço catarinense — Genésio Miranda Lins — o qual se vem impondo à admiração de seus coestaduanos pelos golpes de talento e dedicação ao trabalho.

O presente estudo mostrará aos nossos leitores que não nos move só interesse político, quando focalizamos trechos da vida deste ou daquele cidadão, neste ou naquele campo de atividades catarinenses. Encontra-se a prova provada em Genésio Miranda Lins, que nunca se deixou enlevar pelo irresistível fascínio que a política exerce em tantos espíritos.

Fazendo-se a coleta dos dados de sua infância, vê-se um vulto destacar-se de maneira positiva e enobrecedora. É a sua distinta genitora, a viúva Dona Julieta Miranda Lins, que trabalhou sem desfalecimento, dia e noite, para sustentar três filhos: — Genésio, Cesar e Marinho. Todos os três souberam vencer na vida. Cesar é comandante de longo curso do Loide Brasileiro. Marinho, também formado em Direito, é gerente do Banco do Brasil, atualmente servindo na filial de Uruguaiana.

A pobreza nunca foi obstáculo para a pessoa decidida alcançar o seu nobre ideal. A vida de Genésio Miranda Lins é um exemplo para a nossa mocidade, que atualmente vive tão obscurecida, tratando de assuntos geralmente fúteis e desinteressantes, esquecendo a vitória alcançada por muitos catarinenses, os quais, sem os títulos acadêmicos, lutaram em violentas batalhas para ter um lugar de destaque na sociedade.

Genésio Miranda Lins venceu pela tenacidade e dedicação aos estudos. No Grupo Escolar "Vitor Meireles", de Itajaí, seu céspede natal, fez o curso primário. Não lhe sendo possível matricular-se no curso secundário (na época, somente funcionava o Ginásio Catarinense, em Florianópolis), e precisando ajudar a boa mãe nas despesas de casa, foi, com apenas doze anos de idade, trabalhar como auxiliar de tipógrafo no jornal "O FAROL", de propriedade de seu tio João Honório Mirandá.

Não resta dúvida de que a carterna e o jornalismo são meios



Genésio Miranda Lins

rápidos para desempenhar um rapaz.

Já nas quinze primaveras, empregou-se no Banco Nacional do Comércio, como encarregado de limpeza do escritório. Tendo o olhar fixo no futuro, não lhe passou pela mente a insignificância da modesta função inicial. Não foi preciso muito tempo para que a sua inteligência, capacidade de trabalho e curiosidade de aprender o levassem logo a escalar todos os postos da Agência de Itajaí. Aos vinte e três anos de idade, assume a sua gerência.

Conduziu-se com tal habilidade nessa exigente função, que, em

1935, um grupo de capitalistas catarinenses foi buscá-lo para organizar e dirigir o então nascente Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (INCO) S. A.

Nesse novo setor, o nosso perfilado encontrou a necessária vocação para superintender toda a organização bancária e ainda lhe sobrou tempo para estudar as ciências jurídicas, elaborando o processo inicial. Pôde, dessa forma, evitar a novel sociedade vultosa despesa.

A sua atuação à frente do Banco INCO tem sido marcada por uma série de fatos importantes. Verbi gratia: — Os planos que estabeleceu para desdobrar a ação do Banco por várias regiões do Estado e fóra dele, inclusive na capital do Estado do Paraná e na da República.

Também merece registro a incorporação do "Banco Agrícola e Comercial de Blumenau", do mesmo modo formado por capital catarinense, que foi executada graças à sua proverbial habilidade. Genésio Miranda Lins mostrou por diversas vezes ter nascido com o dom de organizador e de financista.

O Sr. Genésio Miranda Lins é um auto-didata. Apesar de ligeiramente gago, sabe empolgar a assistência quando improvisa para agradecer uma homenagem, para prestar contas de sua gestão ou para ventilar assuntos de ordem econômica ou financeira.

O Brasil, cada dia que passa, mais necessita de técnicos. Contudo, até há bem pouco tempo, não havia as Faculdades de Ciências Econômicas e Administrativas para prepararem os elementos especializados nesse importante setor da vida nacional.

Apresentamos o exemplo de Genésio Miranda Lins aos moços catarinenses, porque estamos absolutamente convencidos de que, se imitado, a sociedade muito ganhará com isso. Havendo sempre um ideal na vida, não há falta de recursos ou incompreensões capazes de matar um talento ou desviar uma vocação.

Rio, 20-10-44.

(Do livro: — "Perfis de alguns catarinenses ilustres").

quando da passagem do caixão fúnebre, que levava o corpo do Cônsul Carlos Renaux. Em seus corações, entretanto, já estava gravada a saudade e o reconhecimento por tudo que tão ilustre varão fizera pela prosperidade de Brusque.

Dentro em breve, será erguida na praça pública, que o Cônsul Carlos Renaux quis vê-la mais larga e mais bonita, a sua estátua. Foi a subscrição popular quem a mandou construir!

Será que em nosso Estado, sem-

pre tão grato a todo aquele que lhe tem dedicado a existência haja alguém capaz de negar-lhe a cidadania catarinense?

Será que em nosso Estado, sempre tão sensível na admiração aos grandes homens, haja alguém capaz de negar a esse cidadão probo e cheio de amor a nossa terra uma homenagem só porque nasceu em outro continente?

Homens da invergadura moral e da capacidade organizadora do Cônsul Carlos Renaux devem ser considerados duplamente catari-

nenses: — Primeiro, porque ao nosso Estado dedicaram toda a existência; e, segundo, pelo seu amor à terra adotiva.

Santa Catarina sempre tão justa e tão generosa por certo não esquecerá jamais o Cônsul Carlos Renaux, que foi seu filho adotivo e muito dedicado ao seu progresso!

Rio, maio de 1945.

(Do livro: — "Perfis de alguns catarinenses ilustres").

VISITA À NOVA USINA

ADELAIDE

UMA GRANDE INDÚSTRIA SURGE EM
PEDRA DE AMOLAR — A CHURRAS-
CADA — VILA OPERÁRIA — ALGUNS
DADOS ESTATÍSTICOS



Marcos Konder
Diretor-Presidente



Irineu Bornhausen
Diretor-Gerente

SILVEIRA JÚNIOR

Fez precisamente um ano a 21 de Abril último que foi colocada a pedra fundamental da nova e moderna Usina de Açúcar Adelaide S/A, localizada em Pedra de Amolar, neste Município. A velha usina, que ainda hoje existe nesta cidade e que esteve em funcionamento até a última safra no dizer de Marcos Konder, era "uma indústria de família", com 28 anos de desgaste, e máquinas obsoletas que não poderiam, em absoluto, competir com as modernas instalações que dão muito mais rendimento sacarífero à cana e exigem quasi a metade do operariado.

Cedo os diretores da usina Adelaide se deram conta de que ou remodelavam o seu parque industrial ou sucumbiriam na voragem da concorrência mais bem aparelhada. E, como quem não quer perder o que tem, optaram pela primeira alternativa. E lançaram as bases de uma sociedade anônima de maior amplitude, com oito milhões de cruzeiros de capital.

Resolveram, também, que a nova Usina fosse localizada em Pedra de Amolar, isto é, dentro dos canaviais e à margem do Itajaí Açú. Nesse local já existia a Fazenda dos Konder. E ela reunia o patrimônio territorial da antiga Companhia Agrícola e Industrial (Caisa), formando assim uma gleba de 10 milhões de metros quadrados. Como ponto de honra, ficou assentado que a usina nova não empregaria uma única peça da velha, que seria desmontada e vendida nos pedaços como está acontecendo.

Para dar acesso às obras da nova indústria era mister fazer ou reconstruir mais de 10 quilômetros de estradas entre particular (ligando as fazendas entre si) e municipal e estadual (ligando a Usina à estrada geral Itajaí-Joinville).

Mas tudo isso já está em vias de conclusão. Para tanto teve a indústria de comprar pedreira, bri-

tador, caminhões, etc. visto que todas as estradas são pavimentadas a macadame.

Concomitantemente com essas obras acessórias, eram construídos os pavilhões e montadas as máquinas, serviços já em fase final de acabamento.

Ao fim de um ano de serviço, a Usina Adelaide houve bem mostrar aos seus acionistas, autoridades e imprensa o andamento das obras. Para isso organizou a 21 de Abril último uma churrascada para a qual fomos gentilmente convidados. Pelo rebocador "Ulla" vencemos os vinte e poucos quilômetros que separam as novas instalações da cidade. Outros convidados, que assim o desejaram, fizeram o percurso por estrada de rodagem.

Mais de 100 pessoas estiveram presentes. Entre elas, todas as altas autoridades federais, estaduais e municipais representantes do alto comércio, profissionais liberais, imprensa e rádio.

Inicialmente os visitantes foram convidados para uma visita às instalações da nova Usina. Durante essa visita, o diretor industrial Sr. Walter Konder Fleischmann presta esclarecimentos sobre o funcionamento das máquinas. Por seu intermédio soubemos, por exemplo, que as novas instalações produzirão por safra 70.000 sacos de açúcar, e que as modernas máquinas adquiridas aumentam a rentabilidade da cana em 50% em relação à usina velha, ou seja: uma tonelada de cana, que nas antigas instalações, produzia, apenas, 60 quilos de açúcar renderá 90 na nova usina. Há um detalhe que excita o nosso "verde amarelismo": toda a maquinaria é fabricada em Piracicaba, pelas oficinas Denini. Apenas um clareador de caldo traz a etiqueta "Made in USA".

Em 24 horas a cana que entra nas moendas está saindo no extremo da Usina em forma de açúcar pronto para o consumo. Ini-

cialmente, apenas haverá produção de açúcar cristal moído. Somente depois de iniciada a fase de produção será equipada a refinaria, que produzirá então o produto tipo "Pérola", ou refinado.

Segundo informações prestadas pelo Sr. Diretor Industrial, atualmente 500 operários trabalham na Usina. Dêsse número, 300 no plantio de cana (50% do consumo sairão dos canaviais próprios) e 200 em obras de construção.

Adiantou-nos também s. s. que o custo total da obra será de 13 milhões de cruzeiros.

Durante o almoço, onde se forneceu churrasco de carne de vaca, de carneiro, de galinha, de porco e outros "bichos", usaram da palavra os Srs. Tiago José da Silva, Dr. José Bahia S. Bittencourt e Francisco Canziani. Agradecendo, falou o Diretor Presidente da Usina Cel. Marcos Konder que externou a sua convicção de que em agosto próximo estaria em pleno funcionamento a nova Usina. Após o ágape visitamos em companhia dos diretores da indústria a vila operária em construção. A mesma, segundo anotamos, constará inicialmente de 40 casas sendo que, destas, 20 já se acham em construção e algumas delas, prontas. À exceção de 5 casas pré-fabricadas, as restantes serão de alvenária e disporão de todas as instalações necessárias: água encanada (a Usina dispõe de reservatória de água potável), luz e esgoto. Haverá um jardim central, além de campos de esporte etc.

Encerrando esta rápida reportagem, cabe aqui agradecer aos Senhores Diretores e aos altos funcionários da administração da Usina, a especial atenção que dispensaram ao representante de "A NOTÍCIA", facilitando-lhe assim os dados que demos acima.

("A NOTÍCIA", de Joinville).

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concorrência.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4 --- Telefone, 1375

MADEIRAS E FÉCULA

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

Dr. Ivo Mosimann

Cirurgião-Dentista

Praça 15 de Novembro, N.º 12

Florianópolis

AUTO-SERVIÇO CATARINENSE

Caixa Postal, 401 — Rua Felipe Schmidt, 60 — TELEfone : 1577
Florianópolis — Santa Catarina grama : PIRES

PIRES, CHAGAS & CIA.

PÔSTO E SERVIÇOS "ESSO"

Garagem de estadia — Lavação — Lubrificação — Vulcanização —
Carga de Baterias — Oficina Mecânica — Pintura — Gazolina e Óleos.
Carga de Baterias — Oficina Mecânica — Pintura — Gazolina e Óleos.

PEÇAS E ACESSÓRIOS

...E a víscera, de todo, estando devorada,
Pela sanha feroz do negro abutre, um dia,
Fulgiu nalma do herói a crença fugidia
De que estivesse, enfim, a pena terminada!

Mas a víscera torna e, com ela, a esfaimada,
Satânica, maldita, excruciante harpia!!
Do acorrentado herói, lentamente, a agonia
Prossegue, sem ter fim, na lóbrega morada...

Enquanto em nós houver uma simples partícula,
Uma fibra sequer de carne, uma fibrícula...
E ainda não de todo o homem for extinto;

Junto a nós há de estar aquele estranho abutre
Que se aninha no inferno e que de nós se nutre,
Forjando-nos — Satã! — as algemas do instinto...

Tôda esta gente corre, assim, apressurada,
Ou atrás do dinheiro, ou atrás do prazer!
No bulício da vida, o esforço de vencer
Não deixa alguém pensar noutra alma abandonada.

Implacável, feroz, alçando à destra a espada,
Passa a força da lei, que aos pobres faz tremer;
Mas, à noite, o silêncio obriga a estremecer
Muitas almas de heróis da diurna jornada...

Oh! nefando cortejo horrível de demônios
Que convertem, assim, em tredos pandemônios,
As ruas da babel ciclópica — a cidade!

Como um rio transbordante, inundas tudo e passas,
Deixando após teu curso um montão de desgraças,
Soterrando a infeliz, terrena humanidade!!

BENDITA LUTA

“...AD SIMILITUDINEM SUAM”

(Para o confr. amigo José Cordeiro).

É a vida um combate aspérrimo, inaudito;
Uma guerra feroz que no mundo travamos,
Sem tréguas, contra os mil demônios que encontramos,
Sempre que em nós existe um calceta, um prescito.

Dos séculos volvido o curso milenário,
Durante o qual a espécie evoluiu, da monera,
À humana forma atual, que os instintos supera,
O Espírito domina o âmbito planetário.

Calceta do pecado é, por êle, proscrito
De algum mundo melhor onde já nos achámos,
Contra o mesmo pecado agora combatamos,
Para ascender de novo aos édens do infinito!

Se outrora o egoísmo impele o nauta mercenário,
Das praias de Sidon à Bretã Cassitera,
Hoje sobe o avião à fluída estratosfera,
Para abrir da verdade o místico velário.

Combater é, portanto, o signo do homem,
A cujo coração estas âncias consomem,
De maior perfeição, de ascender, de subir.

Se nos envolve ainda uma carnal roupagem,
Nosso “ego” imortal — o ESPÍRITO —, que somos,
Já consegue partir o estojo em que nós fomos,

Para lutar, sem trégua, estamos reincarnados.
Sejamos, pois, fiéis, valorosos soldados
Do Christo que nos veio, a todos, redimir.

Quais simples animais, cativos do desejo,
Para nos dar, enfim, o sublimado ensejo
De nos vermos de Deus feitos à essência, à imagem!

ARNALDO S. THIAGO

NOITE DE LUAR

PELO NATAL

X

Em pleno azul, pálida e fria,
Por entre a névoa que flutua,
Como uma branca Eucaristia,
Resplende a lua.

Pelo Natal, já tinhas ido embora...
— E na noite festiva, nós, sózinhos,
Presos da dor que sangra e que devora
Nossas almas doridas de velinhos,

Faz frio. E sobre a terra nua,
Adormecida, se irradia
E espalha e alastra e infiltra e atua,
Algo de atroz melancolia...

Muito sentimos tua falta. Fora,
O luar prateava a areia dos caminhos
E a nossa casa, tão vazia agora!
E nós, tão sós, orfãos dos teus carinhos!

Tudo é silêncio... O luar, filtrando
Por entre a névoa, vai prateando
A Serra, a Mata, a Casaria...

Dentro da noite calma, opalescente,
Um sino bimbilhava alegremente,
Festejando a consoada nos casais!...

É numa noite assim luarenta,
Que esta saudade mais aumenta
E mais aumenta esta agonia!

E a nossa casa tão vazia e triste!..
—... Filho meu, porque foi que tu partiste,
Porque partiste e não voltaste mais?...

CARLOS CORRÊA

Comentários da imprensa, a respeito de nossa «Edição Comemorativa»

“ATUALIDADES”

Recebemos o número 10, da vitoriosa revista “Atualidades” competentemente dirigida pelo Sr. João Kuehne.

O número é comemorativo do Primeiro Congresso de História Catarinense, e traz, em suas 106 páginas, um admirável espelho do ambiente intelectual de Santa Catarina, pela publicação de colaborações dos nomes mais em evidência das letras e da cultura barriga-verde.

Documento precioso, portanto, da nossa época, a edição em referência da “Atualidades”, que vem sendo justa e entusiasticamente apreciada, vale por uma das maiores realizações literárias dos últimos tempos.

Com os nossos efusivos parabéns, pelo êxito da edição comemorativa, nossos votos de contínuas e crescentes prosperidades.

(De “A Gazeta”, 23-11-48)

“ATUALIDADES”

Já está circulando a revista Atualidades com o número comemorativo do Primeiro Congresso de História Catarinense. É uma edição de real valor para futuras referências quanto aos trabalhos do Congresso. Traz, entre muitos trabalhos dos novos intelectuais catarinenses, escritos de interesse de autoridades na cultura do nosso estado, do Brasil e de Portugal. O programa deste número da Revista de João Kuehne é firmar aqueles estreitos laços estabelecidos entre a Pátria Brasileira e Portugal quando aqui se festejou o bi-centenário da Colonização Açoriana.

Dentre os nomes dos intelectuais catarinenses que se destacam por trabalhos importantes nela publicados citam-se: Altino Flores; Des. Henrique Fontes; Lucas A. Boiteux; Marcos Konder; Adolpho Konder; Marcos Konder Reis; Antônio Carlos Konder Reis; Carlos da Costa Pereira; Cônego Tomás Fontes; Ildefonso Juvenal; Othon d’Eça; Pe. Alvino B. Braun S. J.; Oswaldo R. Cabral.

Seria longo enumerar todos os autores que colaboraram neste número de Atualidades.

Felicitemos, pois, por este trabalho o jornalista João Kuehne, bem como a Comissão Executiva das Comemorações do Bi-Centenário e ao Desembargador Henrique Fontes, que não pouparam esforços para deixar um documento do que foi o Congresso Histórico e do que era a cultura de nossa terra por ocasião daqueles festejos.

(Do “Diário da Tarde”).

“ATUALIDADES”

Em número especial, consagrado às comemorações do bi-centenário da colonização açoriana, temos sobre a mesa a vitoriosa re-

vista “Atualidades”. Com cerca de uma centena de páginas, de apenas escritores vivos, catarinenses ou estreitamente ligados à nossa terra, alcançou esplendidamente a finalidade de fotografar o panorama em que se demora a vida cultural de Santa Catarina. De abertura a essa edição, vemos homenagens ao Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, eminente Chefe da Nação, ao Exmo. Sr. Nerêu Ramos, preclaro Vice-presidente da República, a S. Eminência, D. Jaime, Cardeal Câmara, a S. Exa. Revma. D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, a S. Exa. o sr. Governador Aderbal R. da Silva, a S. Exa. o sr. Governador José Boabaid, Presidente da Assembléia Legislativa, de S. Exa. o sr. des. Urbano Müller Sales, Presidente do Tribunal de Justiça, dos exmos. srs. Secretários d’Estado, das altas autoridades civis e militares da União, do Estado e do Município.

A matéria divulgada, com fidelidade, expõe o elevado padrão mental da atualidade barriga-verde. Da eloquência tribúncia contém exemplos nas orações lapidares de Nerêu Ramos, D. Domingues de Oliveira, Ivo d’Aquino, Henrique Fontes, Antonieta de Barros, Adolfo Konder, Henrique Stodieck e outros; da sensibilidade literária, páginas de opulento encanto, de Altino Flores, Joe Colaço, Luz Pinto, Manfredo Leite, Othon d’Eça e tantos mais; de estudos conscienciosos, de Afonso Taunay, Lucas Alexandre Boiteux, Carlos da Costa Pereira, Rubem Ulysséa, Nunes Varela, Egon Schaden e ainda tantos; e, a par dessa exuberante exposição de cultura, as ousadias literárias do Círculo de Arte Moderna.

Pelo magnífico documentário que “Atualidades”, com felicidade e gosto, soube reunir, os nossos cumprimentos ao prezado colega João Kuehne, que acaba de prestar, assim, valioso serviço ao nosso Estado.

(De “O Estado”, 25-10-48).

“ATUALIDADES”

FPOLIS., 19 (Da Surcursal) — Em caprichosa edição, comemorativa do Primeiro Congresso de História Catarinense, a revista “ATUALIDADES”, em seu número 10, referente a Outubro último, foi, ontem, distribuída, nesta Capital.

Após as homenagens aos Chefes da Nação, ao sr. Vice-Presidente da República, ao Cardeal D. Jaime Câmara, ao sr. Arcebispo Metropolitano ao sr. Governador Aderbal R. da Silva, aos srs. Presidentes da Assembléia, e da Câmara Municipal, e, ainda, aos líderes das bancadas, no Legislativo Catarinense, publica artigos dos srs. Nunes Varela, Alexandre Amaral, Afonso Taunay, Nerêu Ramos, Manfredo Leite, João Meeiros, Lucas Alexandre Boiteux,

José Lupercio Lopes, Antenor Moraes, Marcos Konder, Adolfo Konder, Henrique Fontes, Plácido Gomes, Arnaldo S. Thiago, Heitor Blum, Joe Colaço, Laércio Caldeira de Andrade, Carlos da Costa Pereira, Isaura Veiga de Faria, Cônego Tomás Fontes, Altino Flores, Osvaldo Mello, Othon d’Eça, Hermínio Millis, Ivo d’Aquino, Ildefonso Juvenal, Carlos Gomes de Oliveira, Custódio de Campos, Alvaro Augusto Lopes, José Rocha F. Bastos, José Cordeiro, Trajano Souza, Edmundo da Luz, Pinto, Gustavo Neves, Antonieta de Barros, Tito Carvalho, João Frainer, Pe. Alvino B. Braun Manoel Felix Cardoso, Rubem Ulysséa, Osvaldo Cabral, Renato Barbosa, Alexandre Konder, Antônio Gallotti, Hermes Guedes da Fonseca, Jaime de Arruda Ramos, Juvenal Melquiades de Souza, Rubens de Arruda Ramos, Andreino Natividade da Costa, Henrique Stodieck, Adão Miranda, Egon Schaden, Biase Faraco, T. C. Jamundá, Nerêu Corrêa, Telmo Vieira Ribeiro, Paulo Malta Ferraz, Nilson Vieira Borges, Antônio Adolfo Lisboa, Marcos José Konder Reis, Antônio Carlos Konder Reis, Maria Olympia Moreira da Silveira, Aiga Deeke Barreto, José Tito Silva, Hélio Veiga Magalhães, Anibal Nunes Pires, Antônio Paladino, Salim Miguel, Eglê Malheiros, e Ody F. E. S., todos com dados biográficos dos seus autores, além de notícias sobre todos os periódicos de Santa Catarina, e das solenidades comemorativas do memorável conclave histórico.

(De “A Notícia”, 23-11-48).

“ATUALIDADES”

Recebemos, em bela apresentação gráfica, a revista catarinense “Atualidades”, edição comemorativa ao segundo centenário da colonização de Santa Catarina pelos primeiros imigrantes das Ilhas dos Açores. A efeméride, que transcorreu em outubro último, foi celebrada com vários festejos que culminaram com o Primeiro Congresso de História Catarinense, realizado em Florianópolis. “Atualidades” estampa aspectos dessa memorável reunião e copioso texto literário e histórico, subscrito por brilhantes vultos catarinenses das letras e do jornalismo, prestando também homenagem às altas autoridades do país com a inserção de suas efigies. Entre os colaboradores se notam os nomes de Afonso d’Escragnolle Taunay, Cônego Manfredo Leite, dr. Nerêu Ramos, Adolfo Konder, Lucas A. Boiteux, desembargador Henrique Fontes, Carlos da Costa Pereira, Hermes Guedes da Fonseca, Álvaro Augusto Lopes, Osvaldo Cabral, Othon D’Eça, Ivo de Aquino, Edmundo da Luz Pinto e muitos outros.

(D’A TRIBUNA, de Santos, 4-12-48).

G O I V O S

Cantando vou minhas máguas
No meu barquinho veleiro,
Soluçam na praia as águas
E o vento passa ligeiro.

O mar ao longe tem sombras
Como fantasmas gigantes.
Desce o luar nas alfombras
Dos verdes prados distantes.

Foi numa noite assim fria
Que a minha filha expirou
E a Virgem Santa Maria
Ao Paraíso a chamou.

A doce luz dos seus olhos
Não mais est'alma conforta,
E eu temo agora os abrolhos
Que traz-me essa esperança morta.

Se a aurora agora viesse
Por sôbre os vales amenos,

Talvez a luz me trouxesse
Daqueles olhos serenos.

II

Ouço os gemidos do mar
Num triste ilhote deserto
E o cemitério ali perto
Recebe agora o luar.

É lá que jaz sepultada,
Ao pé de uns cedros tristonhos
A rósea flor dos meus sonhos
Tão cedo, ai Deus! desfolhada...

Um ano faz que ela é morta,
Ó forte dór inaudita!
Meu coração não suporta
Esta saudade infinita!

Nos braços tristes da cruz
Do seu jazigo isolado,
Ainda eu ontem depus
Um roxo lírio orvalhado.

Depus também umas rosas
E um cravo branco em botão
— Lembranças, prendas saudosas
Dêste infeliz coração!

III

Que noite longa e tão fria
Por sôbre as ondas do mar!
E nada ainda anuncia
Da madrugada o raiar.

Sômente a lívida Lua
Serena, triste e gelada
Por entre nevoas flutua
Na mansidão constelada.

Cantando, pois, minhas máguas
No meu barquinho volante,
Retorno por sôbre as águas
Ao portozinho distante.

ROBERTO LOPES

ROBERTO AUGUSTO LOPES. Nascido em Florianópolis, em 1871. Foi funcionário da Alfandega dali até 1903, data em que foi removido para a de Recife. Em sua terra natal, em companhia de vários moços catarinenses, fundou os semanários Sul Americano e Diabo a qua-

tro, este humorístico, onde publicou poesias e crônicas, com os pseudônimos de "Ranulfo", X. P. T. O., ou as iniciais R. L. Em 1905, foi transferido para Santos, onde se tornou benquista, fazendo rápida carreira na sua repartição. Faleceu em 1912.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO

DEM DEUTSCHEN VOLKE ZUM WEIHNACHTSTAGE 1948

ER kam zum Verzeihen,
die Menschheit zu erretten.
ER wird auch Euch befreien
vom Leid und seinen Ketten.

Verliert den Glauben nicht,
Verachtet stets den Krieg,
dann kommt die Zuversicht
zum Schaffen und zum Sieg.

Durch Arbeit und durch Frieden
wird ein neues Volk erstehen.
Die Liebe wird immer siegen
und die Schmach vergehen.

Nicht mehr ein Volk der Krieger,
das soviel Elend geschafft,
aber ein Volk der Sieger
fuer Kultur und Wissenschaft.

AO POVO ALEMÃO NO NATAL DE 1948

Cristo nasceu de novo
para a Humanidade converter,
Ele dará ao vosso povo
também forças para sofrer.

Não percais a Esperança,
desprezai a luta inglória,
então virá a Bonança
para o Trabalho e a Vitória.

Da Paz e do Labor
surgirá outra nação,
praticando só o Amor
para vencer a humilhação.

Não mais um povo de guerreiros,
cavando a própria sepultura,
mas um povo de obreiros
da Ciência e da Cultura.

Em Novembro de 1948.

Marcos Konder

(Do Rotary Clube de Itajaí,
Santa Catarina).



COOPERATIVISMO

O COOPERATIVISMO É A ROTA QUE ABRANGE AS ASPIRAÇÕES DO HOMEM E LHE ENTREGA, COM ISENÇÃO ABSOLUTA DE INTENÇÕES SECUNDÁRIAS, O RUMO DEFINITIVO, QUE O FARÁ DE ANIMAL ENJAULADO, EM REPRESENTANTE REAL DA ESPÉCIE.

COOPERATIVISMO

O COOPERATIVISMO SERÁ, TALVEZ, A FORMULA DERRADEIRA DE QUE SE PODERÃO VALER OS INDIVÍDUOS PARA REALIZAR DENTRO DE SI E NOS QUE LHE SÃO IGUAIS, O IDEAL MAIS SIGNIFICATIVO E MAIS IMPRESCINDÍVEL: O DO MUTUALISMO, O DO ASSSENTIMENTO E O DA HUMANA SOLIDARIEDADE.

COOPERATIVISMO

O COOPERATIVISMO É UM SISTEMA SADIO ONDE OS HOMENS APRENDEM A SE AUXILIAR MUTUAMENTE E ONDE AS CLASSES MENOS FAVORECIDAS ENCONTRAM MAIORES E MAIS AMPLAS POSSIBILIDADES.

PRODUÇÃO

O AMPARO E O DESDOBRAMENTO DA PRODUÇÃO SURGE, NO BRASIL, COMO UM IMPERATIVO INADIÁVEL, COMO UMA NECESSIDADE PRIMÁRIA NA VISUALIZAÇÃO E SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS E ANGÚSTIAS NACIONAIS.

COOPERATIVISMO

ESCOLAR

O COOPERATIVISMO ESCOLAR MORALIZA E CONVERGE AS ATIVIDADES DA CRIANÇA PARA A COMPREENSÃO DO SEU VALOR COMO HOMEM, ABRINDO-LHE EM TÓDA A EXTENSÃO, AS PERSPECTIVAS DA SOCIEDADE A QUE PERTENCE E DA QUAL É UM DOS MANTENEDORES E SUSTENTÁ-CULO.

agro-pecuário racional com vista ao abastecimento dos mercados internos e externos.

É forçoso confessar, porém, que no Brasil, éle rareia. Muito poucas são as instituições que os negociam dentro de modalidades praticadas e acessíveis ao agricultor.

Pode-se dizer que hoje, como ontem, não está ausente o auxílio oficial à agricultura, à vista do que se vem fazendo de dois anos para cá, com a concretização de diversos acordos para fomento e defesa da produção agrícola e pecuária. Únicamente, porém o Banco do Brasil S/A., através de uma Carteira Especializada e pelas suas agências no interior, vem facilitando a lavradores e criadores, em alguns municípios, o numerário de que impescindem para as suas atividades.

A parcimônia destes créditos, entretanto, obriga o agricultor e o pecuarista a viverem na dependência do crédito usuário e absorvente dos especuladores.

A adoção ampla do cooperativismo de crédito, objetivada pela fundação e ampliação de estabelecimentos do gênero, acarretará, sem dúvida um impulso à agro-pecuária, rumando-a para horizontes mais amplos e mais seguros. A propaganda intensa e orientada do sistema, calaria fundo no coração da gente obreira, que ela é, como afirmamos, uma semente pródiga que carece unicamente de entusiasmo para germinar e crescer.

— COOPERATIVISMO DE PRODUÇÃO —

O cooperativismo de produção é uma das formas mais interessantes de associação. Além de agremiar e reunir o homem do campo para realizações econômicas que o libertam dos especuladores, o conduz ao aperfeiçoamento dos métodos de produção, beneficiamento e transporte, e, também ao aumento do volume das colheitas. Cada cooperativa de produção é um centro educativo e de animação profissional para a classe agrícola que tudo dá e muito pouco, muito pouco mesmo exige do poder público.



Cooperativa de Consumo dos Mineiros de Crescuma Ltda.
Prédio

O agricultor é um ser que se basta a si mesmo e nada pediria, não fóra a necessidade de ver escoar-se o fruto do seu trabalho diário e instante, e às vezes mal remunerado.

A objetivação de melhores dias para a grande massa produtora que vive nas ribanceiras dos grandes rios ou nos socavões das florestas ainda virgens, impõe-se como uma medida inadiável. O Governo que os amparar com decidida energia, terá o beneplácito e a gratidão da gente simples.

A nós parece que em Santa Catarina se vem cogitando, com afincio, do auxílio às populações do campo.

— COOPERATIVISMO ESCOLAR —

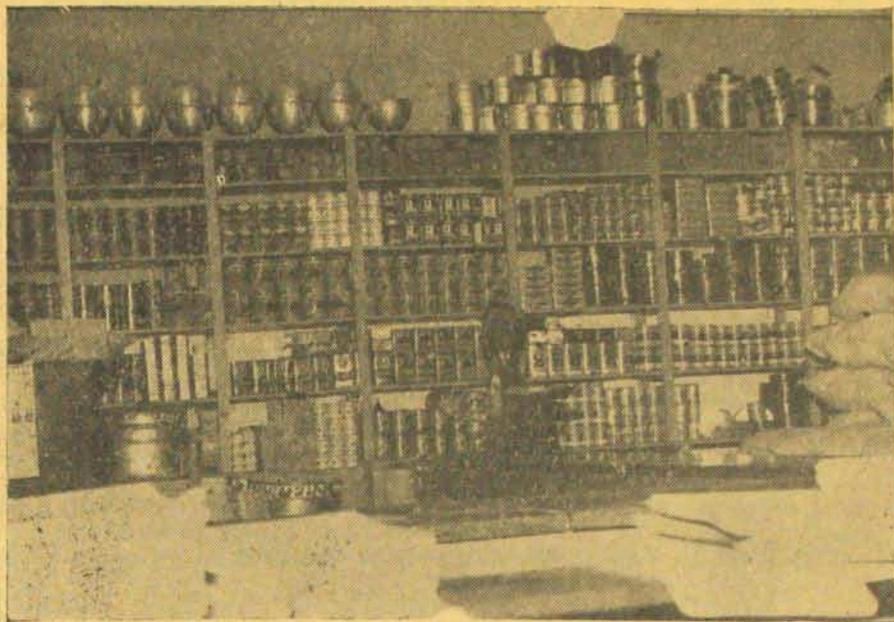
No decurso do ano findo, a modicidade dos recursos de pessoal habilitado, forçou a Diretoria de Economia a um quasi abandono do cooperativismo escolar.

Se se levar em consideração o teor social e econômico que encerra a tese cooperativista, em muito nos entristeceremos com este fato. Mas, em compensação, se se adotasse à vista do fenômeno citado uma solução simplista estaria comprometido o êxito do sistema, derivando-se a sua prática a um rumo errôneo, comprometedor, futuramente, das atividades cooperativas em larga escala.

O cooperativismo escolar é básico para a consecução, em épocas provindouras, do equilíbrio e da estabilidade social, bem como da manutenção e desenvolvimento das entidades pertencentes ao rol cooperativista.

COOPERATIVISMO DE LATICÍNIOS —

A indústria de laticínios, vastamente disseminada pelo Estado, através de estabelecimentos de beneficiamento e transformação, encontrou no cooperativismo uma fórmula salvadora e sanadora das especulações. As entidades que se dedicam a este mistério, revelam o

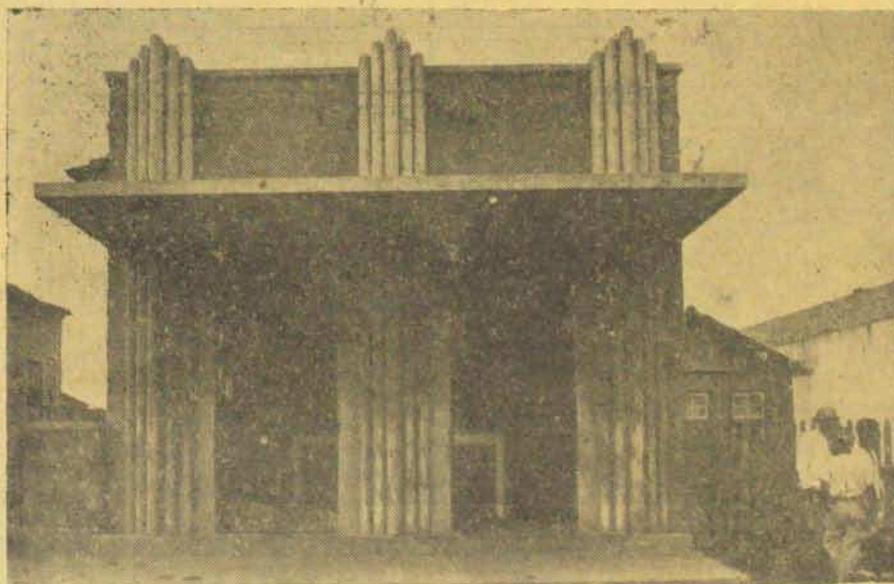


Cooperativa de Consumo Lagunense
Um ângulo do armazem

quanto de útil, de benéfico e de sadio encerra o sistema cooperativo, se praticado com aquele espírito de alta revelância social e de ritmo de compreensão e assentimento.

Afirma-se que a indústria de laticínios é em Santa Catarina, uma indústria em decadência. Acreditamos que o seja, por quanto na órbita da aplicação dos capitais, outras atividades surgiram, muito mais lucrativas e rendosas.

O amparo e amplificação das cooperativas de laticínios coloca-



Cooperativa de Consumo dos Funcionários da Estrada Teresa Cristina
Acoague

ria no nível antigo a elogiada indústria catarinense, alçando-a, novamente, no conceito das indústrias pródigas e próspera.

Despertar o interesse pela criação do gado leiteiro, pela seleção dos rebanhos, pela corrida a uma boa produção eis algumas das realizações do cooperativismo.

Cumpra, portanto, beneficiá-lo e ampará-lo.

— COOPERATIVISMO NO BRASIL —

Vencendo dificuldades de toda ordem, dentre as quais ressalta a debilidade do espírito associativo de nosso povo, adquire, cada dia, expressão mais positiva o movimento cooperativista no Brasil. Transposta a fase propriamente experimental, de aclimação ao nosso meio desse tipo de associação profissional, conta hoje o Brasil com uma rede de cooperativas que o situam em lugar destacado entre aqueles que recolheram os ensinamentos dos tecelões de Rochdale.

Dados coligidos e sistematizados pelo Serviço de Economia Rural e que são divulgados, por intermédio da Secretaria Geral do I. B. G. E.,

COOPERATIVISMO

O COOPERATIVISMO É UM REGIME DE COMPREENSÃO E DESPREENDIMENTO, DE FRANQUEZA E DE OBJETIVOS CERTOS, LÚCIDOS E REAIS.

EDUCAÇÃO

MAIS FORTE QUE O PODERIO BÉLICO, MAIS DIGNIFICANTE QUE AS CATA-DUPAS DOURADAS DE SAFRAS ALARMANTES, A EDUCAÇÃO CONDUZ AO MANIFESTO ANSEIO DAS COLETIVIDADES: PROGRESSO COM PAZ, ESFORÇO COM OBJETIVO ALTRUISTA E ALCANCE DE FINS ALTAMENTE MORAIS.

EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO REPRESENTA TANTO OU MAIS PARA O ESTADO QUANTO AS RIQUEZAS QUE LHE DORMEM NO SUBSOLO OU LHE ROMPEM AS ENTRANHAS, TOMBANDO EM POTENCIAIS HIDROELÉTRICOS DE VALOR INCALCULAVEL E SEMPRE RENOVADO.

COOPERATIVISMO

O TRABALHO QUE O COOPERATIVISMO EFETIVA SE DESENVOLVE NO RÍTMO DAS COISAS QUE CRESCEM DE VAGAR PARA SE NÃO ASSOBERBAREM NEM SE DESTRUIREM A SI PRÓPRIAS, COM OS RECONTROS E OS DESFORÇOS DAS ARREMETIDAS E IMPULSOS VIOLENTOS.

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

É O CRÉDITO AGRÍCOLA UMA DAS PRINCIPAIS ALAVANCAS MOTORAS QUE PODERÁ SER UTILIZADA, ENTRE NÓS, PARA A CONSECUÇÃO DE UM MAIOR DESENVOLVIMENTO AGRO-PECUÁRIO RACIONAL, COM VISTAS AO ABASTECIMENTO DOS MERCADOS INTERNOS E ULTRAMARINHOS.

Relojoaria GOMES

Rua Felipe Schmidt,
N. 42
(ao lado da Auto-
Viação Catarinense)

Para as
suas
compras
dê
preferência
à
**Relojoaria
GOMES**

a casa onde você
compra o que deseja,
pe'lo preço que pôde
pagar!

Rua F. Schmidt, 42

permitem conhecer a evolução do cooperativismo brasileiro nestes últimos anos. Remontando a 1941, verifica-se que existiam em funcionamento, naquele ano 1.381 cooperativas das quais 464 de Consumo, 267 de Crédito, 581 de Produção, duas de 2º Grau, ou seja Federações e Cooperativas Centrais, e trinta e sete de especificações diversas. Das de consumo, 188 eram propriamente de Consumo, 268 Escolares e dez de Compras, e quanto às de Produção, 118 eram de Produção Animal, seis de Produção Mineiral e 457 de Produção Vegetal.

No ano seguinte, verifica-se um acréscimo de 194 entidades, sendo oitenta de Consumo, quatorze de Crédito, noventa e duas de Produção, cinco de especificações diversas e três de 2º grau. O movimento se incrementava entre nós.

O ano de 1945 ofereceu resultados mais promissores, havendo a registrar 337 novas cooperativas, das quais 129 de Consumo, vinte e cinco de Crédito, 177 de Produção, três de 2º grau e três de especificações diversas.

— QUEDA EM 44 E ELEVAÇÃO EM 45 —

Em 1944, o movimento cooperativista, que até ali mostrava tendência para crescer, experimentou ligeiras quedas nas sociedades de Consumo, que ficaram reduzidas a oitenta e três. As de Consumo somaram 141 (doze a mais), as de Crédito vinte e três, (duas a mais) as de 2º grau três (sem alteração) e as Diversas oito (quatro a mais).

Em compensação, o ano que se seguiu — 1945 — assinalou o mais elevado número de novos registros, que se elevaram a 356. Dessas cooperativas, 188 eram de Consumo, 134 de Produção, vinte e oito de Crédito, uma de 2º grau e cinco Diversas.

— 1946 E 1947 —

Em 1946, houve a registrar a fundação de 340 novas sociedades, sendo 299 de Consumo, vinte de Crédito, oitenta e três de Produção, quatro Diversas e quatro de 2º grau.

Finalmente, no ano recém-findo, elevava-se a 231 o número de novos registros. Dêsse total, 135 eram de Consumo, dezesseis de Crédito, sessenta e nove de Produção, oito Diversas e três de 2º grau.



Cooperativa de Consumo dos Mineiros de Cresciuma Ltda.
Escritório

No período em análise, verificaram-se 381 cancelamentos de cooperativas, mas nada obstante, em 1947, elevava-se a 2.716 o número de cooperativas em funcionamento no país. Em comparação com os demais anos do período, o de 1947 registrou um aumento de 511 e meio por cento sobre 1941: 45 por cento em relação a 1942: 34,8 por cento em relação a 1943: 23,3 por cento em relação a 1944: 153 por cento em relação a 1945: e 4,4 por cento em relação a 1946.

— NO SUL, A MAIOR PROPAGAÇÃO DO COOPERATIVISMO —

Das cinco grandes regiões geográficas brasileiras, é do Sul, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde o cooperativismo se acha mais propagado. Contava a mesma, até dezembro de 1947, com 1.292 cooperativas, ou seja, mais 7,5 por cento do total. Em segundo lugar, aparece a região Leste (Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal) com 676 sociedades, representando quase 25 por cento do total. Em seguida, vem o Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) situa-se em quarto lugar, com noventa e quatro cooperativas (3,5%), após a qual se coloca a

No Centro Oeste, compreendendo Goiás e Matro Grosso, com trinta e seis sociedades (1,3%).

— SÃO PAULO NA VANGUARDA —

A Unidade Federal que possuía, no ano recém-findo, o maior número de cooperativas era São Paulo: 698, ou seja 25,8 por cento do total. Logo após aparece o Rio Grande do Sul, na mesma região, com 311 cooperativas. No Norte, o Estado que dispunha de maior número era o Pará (setenta e seis), seguindo-se-lhe o Território do Acre, com oito. No Nordeste, das 618 cooperativas existentes, 244 encontravam-se em Pernambuco (39 e meio por cento do total da região), vindo em segundo lugar Alagoas, com 101 cooperativas, (16,3%). No Leste, caberá Baía o primeiro lugar (164 cooperativas, ou seja, 24,2% do total da região, vindo após o Estado do Rio de Janeiro, onde funcionam 159. O Distrito Federal contava apenas, em 1947, com 154 cooperativas, isto é, vinte e dois por cento do total da região. No Centro-Oeste, cabe a Mato Grosso o maior número de cooperativas registradas: vinte.

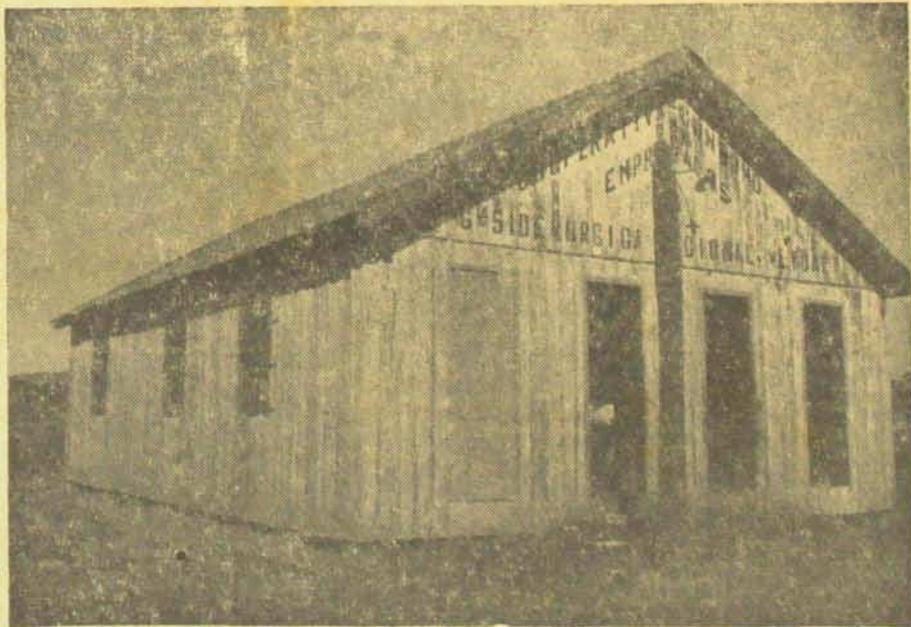
O Território que possuía menor número de cooperativas é o do Guaporé: uma apenas. O Território do Rio Branco não tinha qualquer cooperativa registrada, bem assim o de Fernando de Noronha, únicas exceções em todo o país.

— MAIOR NÚMERO DE COOPERATIVAS DE CONSUMO —

Como vimos linhas atrás, eleva-se a 2.716 o número de cooperativas em funcionamento no país, até dezembro de 1947. Dêsse total, 1.267 eram de Consumo, sendo 292 propriamente desta espécie, 559 Escolares e dezesseis de Compras. Em segundo lugar vêm as de Produção, totalizando 1.045, das quais 262 de Produção Animal, duas de Produção Mineral e 781 de Produção Vegetal. As de Crédito aparecem em terceiro lugar, com 315, seguindo-se-lhes as de especificações diversas (cinquenta e oito) e as de 2º grau (trinta e uma).

— 19.381 NOVOS COOPERADORES DE 1947 —

As 231 novas entidades registradas no decorrer do ano passado congregavam 19.381 sócios, em sua maioria, isto é 75,3% do total, pertencente às cooperativas de Consumo.



Cooperativa dos Empregados da Cia. Siderurgica Nacional

19,2% do total pertenciam às cooperativas de Produção, 4,2% às de Crédito e o restante às Diversas e de 2º grau. Efetivamente promissor, o movimento cooperativista brasileiro.

— CONCLUSÃO —

Como no Brasil, em Santa Catarina, o cooperativismo vem sendo aceito e praticado na variada forma que lhe tem permitido atingir todos os setores do trabalho humano. No seio das fábricas, nas entranhas da terra, à luz do sol nas campinas e montanhas, sob o céu cinzento e opaco das cidades industriais, em todos os lugares é o cooperativismo vivido. Pertence à força coatora das energias pátrias e se amplia na mesma razão e pujança com que crescem as forças brasileiras no rumo dos nossos grandes destinos.

O cooperativismo é, sem dúvida, uma realidade em marcha.

COOPERATIVISMO

O COOPERATIVISMO É UM REGIME DE COMPREENSÃO E DESPREENDIMENTO, DE FRANQUEZA E DE OBJETIVOS CERTOS, LÚCIDOS E REAIS.

EDUCAÇÃO

MAIS FORTE QUE O PODERIO BÉLICO, MAIS DIGNIFICANTE QUE AS CATA-DUPAS DOURADAS DE SAFRAS ALARMANTES, A EDUCAÇÃO CONDUZ AO MANIFESTO ANSEIO DAS COLETIVIDADES: PROGRESSO COM PAZ, ESFORÇO COM OBJETIVO ALTRUISTA E ALCANCE DE FINS ALTAMENTE MORAIS.

EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO REPRESENTA TANTO OU MAIS PARA O ESTADO QUANTO AS RIQUEZAS QUE LHE DORMEM NO SUBSOLO OU LHE ROMPEM AS ENTRANHAS, TOMBANDO EM POTENCIAIS HIDROELÉTRICOS DE VALOR INCALCULAVEL E SEMPRE RENOVADO.

COOPERATIVISMO

O TRABALHO QUE O COOPERATIVISMO EFETIVA SE DESENVOLVE NO RÍTMO DAS COISAS QUE CRESCEM DE VAGAR PARA SE NÃO ASSOBERBAREM NEM SE DESTRUIREM A SI PRÓPRIAS, COM OS RECONTROS E OS DESFORÇOS DAS ARREMETIDAS E IMPULSOS VIOLENTOS.

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

É O CRÉDITO AGRÍCOLA UMA DAS PRINCIPAIS ALAVANCAS MOTORAS QUE PODERÁ SER UTILIZADA, ENTRE NÓS, PARA A CONSECUÇÃO DE UM MAIOR DESENVOLVIMENTO AGRO-PECUÁRIO RACIONAL, COM VISTAS AO ABASTECIMENTO DOS MERCADOS INTERNOS E ULTRAMARINHOS.

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 583

Caixa Postal, 90 - Fone 1055

Blumenau - Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

GRAFICA 43 S. A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

IMPRESSOS EM TIPOGRAFIA E OFFSETT — LIVRARIA — PAPELARIA — ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E ESCOLAR

FILIAL

Rua João Pinto 9-A

Fone 1407-Caixa postal, 305

Florianópolis-Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins e Sedas. - Confeções finas para homens, senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimpie", "Airmec" e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA CREDIÁRIO

FLORIANÓPOLIS

Torrefação e moagem de café

"MIMI"

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

"Tome Café MIMI"

Exije-o de seu fornecedor

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e demais madeiras para construções. Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica : CAMBIRÉLA, mun. de Palhóça

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

LABORATÓRIO ELECTRO TÉCNICO "ELECTRON"

OTOMAR GEORGES BÖHM

Profissional Formado na Europa com 20 Anos de prática

Especializado em reconstrução de

MOTORES, DINAMOS, TRANSFORMADORES, etc.

Rapidez e Garantia

Florianópolis - Estreito. Estado de Santa Catarina

Rua Osvaldo Cruz, n. 613

JANICE

Romance de JOSÉ CORDEIRO

A minha irmã, Clarice Cordeiro da Silva, esta pequena lembrança.

ADVERTÊNCIA

Esta novela é um ligeiro ensaio do que, em certo sentido, talvez se possa chamar — novela moderna.

Nela, como se há de ver, proscreeveram-se elementos a que o romancista contemporâneo ainda preso ao passado dedica especial atenção, — fatores que fixam a obra dar-te no espaço e no tempo: paisagem, cenário, descrição de tipos — em seu aspecto físico — e cronologia, sempre que não se tornem essenciais à clareza. Tais elementos, em suas mínúcias, ficarão a cargo da imaginação do leitor.

*
**

Isenta, portanto, de restrições de tempo, local e tipos, a ação pôde passar-se em qualquer parte, a

qualquer tempo, entre homens de qualquer raça.

*
**

O volume — o número de páginas — queda, assim, reduzido à décima parte, e sem prejuízo da substância, o que se coaduna à maravilha com o espírito da época e suas determinantes: dinamismo sínteses e condensações.

*
**

Esforcei-me por sair bem da empresa; e se o não consegui, — não importa. Voltarei à carga em outra oportunidade e, se me sobrejar tempo, tentarei fazer coisa melhor...

José Cordeiro

I

A pouco e pouco o veículo reduziu a marcha e parou junto ao meio-fio, diante do portão da casa paroquial; eram nove horas da noite.

Quem o conduzia, um homem de estatura mediana, elegante e bem vestido, vinha acompanhado por uma senhora de meia idade, talvez precocemente envelhecida. Ele saiu do carro pela porta da direção, deu volta à frente e abriu a porta do lado oposto, ajudando a dama a descer. Depois, em passos lentos, sem dizerem palavra, caminharam ambos através do jardim por uma alameda ensaibrada, rumo à casa. Subiram juntos a meia dúzia de degraus da escada de acesso à varanda lateral. Já em cima, êle tomou a dianteira e apertou o botão da campainha colocado junto ao portal.

— Pronto — disse êle à dama. — A campainha já tocou. Não tardará, e alguém há de vir atender.

— Frei Gabriel estará em casa a esta hora? — perguntou ela.

— Acredito que sim. Conheço-lhe bem um dos hábitos: logo que soam as nove badaladas, êle senta-se junto ao rádio e põe-se a escutar o noticiário do Vaticano. Raramente sai à noite.

— Ernesto — pediu ela. — Você é que deve falar. Eu ponho-me nervosa, e acabo atrapalhando-me. Conte-lhe tudo bem direitinho.

— Sim, Mamã. Quanto a isso não haja receio; quero que êle tenha perfeito conhecimento do caso, para fazer um juízo seguro.

Abriu-se a porta e a criada, uma jovem gorducha e risonha, atendeu solícita:

— Boa noite. Desejam alguma coisa?

— Queremos falar a Frei Gabriel. Êle está?

— Está. Chegou há pouquinho. A quem devo anunciar? Eu sou nova aqui...

— A Ernesto Piazza e Viuva Piazza, do Hotel Vitória — respondeu êle com presteza.

— Está bem. Façam o favor de esperar alguns instantes. Vou avisar ao sr. Vigário. Com licença...

Saiu rápida para o interior do edifício.

Ernesto e sua mãe puseram-se a olhar em redor: o jardim secular, com suas árvores e flôres, confundidos num mesmo tom de penumbra; o chafariz venerável de pedra de Lioz, corroído pela ação dos anos, com suas torneiras enferrujadas, por onde outrora saíam grossos filetes de água pura; a varanda, cercada de rosas trepadeiras em plena florescência; os velhos pilares de alvenaria cobertos de hera e o gradil de ferro forjado, — tudo era paz e silêncio.

Lá fóra, em contraste, havia agitação: o bulício das ruas, o barulho dos veículos trepidantes e, de permeio, o éco indeciso de um "jazz" ouvido de longe.

Em breve espaço a criada regressou, convidando-os:

— Façam o obséquio de entrar. O sr. Vigário espera-os em seu gabinete. Tenham a bondade de me acompanhar.

Atravessaram o vestíbulo e a sala de visitas, amplos e bem arejados, guarnecidos de móveis antigos de jacarandá entalhado, que lhes davam um ar vetusto; e chegaram ao gabinete do pároco, — uma grande sala, repleta de estantes e livros.

Frei Gabriel correu-lhes ao encontro, abraçando-os efusivamente.

— Que milagre foi êsse? — perguntou êle. — Há quanto tempo! Mas, sentem-se. Acomodem-se como puderem, que o dono da casa não é de cerimônias. D. Júlia, esta poltrona é mais cômoda. Ernesto, você pôde sentar-se aqui mais perto de mim.

— Muito obrigada, Reverendo.

— E o senhor, Padre? Fica de pé?

— Não. Vou sentar-me neste sofá. Pronto — exclamou êle por fim. Estamos todos instalados, e podemos conversar livremente.

Mas, lembrando-se de alguma coisa que faltasse, corrigiu:

TALVEZ...

Olhei a tarde

Clélia Lopes de Mendonça
João Pessoa, Paraíba.

De Sylvia Santa Cruz Marquez, Fortaleza, Ceará.

Talvez te esquecesse, se nunca mais te visse
Talvez se debelasse o mal que me extermina!
Talvez meu coração pulasse muito ainda
Talvez a minha vida não fosse essa neblina
Se não me perseguisse essa saudade infinda!
Talvez te esquecesse se nunca mais sentisse
Esse músculo vital pulsar, dentro do peito...
Talvez a paz que eu clamo
Seguindo um mau precelto
Talvez prá destruir os sonhos que amo
Não venha em meu auxílio!

Talvez te esquecesse, se nunca mais ouvisse
Ninguém em ti falar!
Talvez em terras outras
Talvez em Shangrilá
Eu ouse te olvidar!...

Olhei a tarde que morria lentamente
E onde vagava uma tristeza
Hino singelo da Natureza...
Vi a sublimidade do sol
Que mansamente se escondia
Beijando alegremente as flôres,
Deixando seus últimos raios
No verde bonito da folhagem
Que era acariciada pela aragem!

Olhei a tarde,
A menina-moça bonita e risonha,
Vestida de róseo,
De um róseo saudade...

Olhei a tarde no horizonte
Que se afastava vagarosa...
Olhei o pedaço do dia
Que se extinguia!
Ao meu coração
Uma revelação,
Revelação sublime e vaporosa
Que eu não pude entender!

— Não! Esqueci-me de alguma coisa...
Fez soar a campainha posta sobre sua mesa de trabalho, e em poucos instantes a empregada apareceu:

— Chamou-me, sr. Vigário?

— Chamei, Gertudes. Um cafézinho para as visitas. Para mim chá, como de costume. Café põe-me nervoso e tira-me algumas horas de sono. Bem sei que isto é pura sugestão. Mas vem de longe, — desde os meus tempos de menino...

— Não era preciso café — ponderou Ernesto.

— Incomodando-se por nossa causa — acrescentou D. Júlia.

— Incomodar-me, eu? Que esperança! Quem pôde incomodar-se é a Gertudes, que faz e serve o café — agradeceu êle. Eu conservo-me confortavelmente sentado, sem despender nenhum esforço.

— Sempre de bom humor, Frei Gabriel — comentou Ernesto.

Eu mesma nunca ví Frei Gabriel triste! E olhe que o conheço há uma porção de anos — confirmou D. Júlia.

— Nem há razões para tristezas. A vida é uma dádiva dos céus. Recebendo-a e aceitando-a tal como ela é, vivendo-se integralmente, isto é, com espontaneidade, haverá preenchimento das horas vãs de nossa mente e, portanto, o que chamamos felicidade. Não se compreendendo êsse eterno vir-a-ser que é a vida, ou alterando-lhe as diretrizes, ou vivendo-se incompletamente, ou detendo-lhe o fluxo natural, há como que uma sensação de vacuidade e sobreveem intranquilidade e sofrimento, — indícios de que a vida está sendo desvirtuada... Mas, aí estão o café e o meu chá. Vamos a êles!

Gertrudes chegara com a bandeja. Colocou sobre uma mesinha redonda as chicáras, os bules de chá e café, e o prato com as torradas, perguntando:

— Quer mais alguma coisa, sr. Vigário?

— Não. Póde retirar-se. Olhe, póde ir dormir; eu mesmo atendeirei as visitas e fecharei a porta quando elas saírem.

— Sim, sr. Vigário. Boa noite.

A criada saiu.

Ernesto e D. Júlia entreolharam-se; ela quiz dizer algo, e não articulou palavra; êle também quis falar, mas apenas pigarreou.

Frei Gabriel, que os observava, percebeu a indecisão dos dois. Tirou-os do embaraço, dizendo:

— Ora muito bem. Estamos a sós agora. Não deve existir o menor constrangimento; estão em presença de um sacerdote. Se sua pessoa, em si, vale pouco, a dignidade de que êle se reveste vale muito.

Levantou-se, foi até a mesinha, colocou a chavena vasia na bandeja, tornou a sentar e prosseguiu:

— É claro... Se me procuraram a uma hora destas, deve ser porque o assunto que os traz até cá é de suma gravidade, e urge que dêle se trate sem demora. Estou às ordens. Ouvirei tudo de modo impessoal; darei minha opinião depois, e tão justa quanto possível. E note-se que se é difícil discernir, muito mais difícil será julgar.

D. Júlia encheu-se de coragem e deu comêço:

— É sim, Padre. Nós queremos ouvi-lo a respeito de um caso grave. Ernesto contará tudo como se passou. Eu... eu não posso...

Dirigindo-se ao filho, pergunto-lhe:

— Você trouxe o jornal?

— Trouxe — respondeu êle sem demora. — Está aqui comigo. Tenha a bondade de o ler, Frei Gabriel.

Deu ao frade um exemplar de jornal, já meio amarelado. Tomando-o e guardando-o, o sacerdote prometeu:

— Hei de o ler mais tarde, com vagar; por agora quero ouvi-lo, Ernesto. Póde falar...

(Continúa)

"BOAS FESTAS"

Agradecemos profundamente sensibilizados, a todos os nossos amigos o envio de cartas, telegramas, folhinhas etc., por ocasião do Natal, e retribuimos os votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo.

"Atualidades".

COQUEIROS PRAIA CLUBE

Tiveram lugar a 10 e 11 do corrente grandes festas por motivo da inauguração da sede social do "Coqueiros Praia Clube".

À inauguração estiveram presentes altas autoridades e grande número de sócios e convidados, tendo lugar animado baile.

No dia imediato houve várias competições esportivas, e um elegante sarau dansante.

Gratos pela gentileza do convite fazemos votos pelo crescente desenvolvimento do Coqueiros Praia Clube.

CLUBE INAPIÁRIOS CATARINENSE

Revestiram-se de grande brilho os festejos do "2º Natal do filho do pensionista do I. A. P. I., levados a efeito a 19, no edifício do IPASE.

Gratos pela gentileza do convite.

21ª. EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Acary Margarida, o popular pintor catarinense, levou a efeito mais uma de suas visitadíssimas exposições de pintura, em que expoz 36 quadros, sendo 27 a óleo e 9 aquarelas.

Como de outras vezes, também desta, a crítica objetiva positivou a existência de ótimos quadros.

SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL

A 17 de dezembro a S. C. M., no Teatro Alvaro de Carvalho, levou a efeito o seu XXII Concerto da Orquestra Sinfônica, que, como os anteriores, constou de programa caprichosamente elaborado e magistral execução.

SEMANA DO ENGENHEIRO

Iniciando por uma excursão ao Salto dos Pilões, onde estão sendo levados a efeito os trabalhos de captação de água para abastecimento da Capital, tiveram lugar as festividades da "Semana do Engenheiro".

No dia 10 teve lugar a conferência do engenheiro urbanista Mario Pucci, no amplo salão do Clube 12 de Agosto, versando sobre "o plano urbanístico da cidade de Florianópolis", tendo sido o conferencista muito aplaudido.

Finalizaram as comemorações por um "coquetel" na sede da Associação de Engenheiros".

"Atualidades" que se fez representar, agradece a gentileza do convite.

Natal do pobre

No terreiro do rancho mal se apruma
O pinheirinho amarrotado e triste.
Um galho tórto e outro galho em riste,
Eis o que é o pinheirinho em suma.

Dois caramelos para dez crianças,
Bem douradinhos, lá no galho em cima,
São jóias de valor e de alta estima;
Um vélo de ouro cheio de esperanças.

Os dez heróis, no entanto, fazem planos,
Tiram sortes a ver a quem mais cabe
O pedaço maior, de mais renome.

Quase chorando, diz a de três anos
Que falar muito pouco ainda sabe:
— O meu, é pá mamãi qui tá cum fome! —

Antenor Moraes

184º ANIVERSÁRIO DA IRMANDADE DOS PASSOS

A 1º de janeiro transcorreu o 184º aniversário de fundação, na antiga Desterro, da venerável instituição que é a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.

É atualmente a seguinte a Mesa administrativa: Provedor — des. João da Silva Medeiros Filho; Vice-Provedor — des. José Rocha Ferreira Bastos; Secretário — prof. Luiz Sanches Bezerra da Trindade; Adjunto de Secretário — José Tolentino de Souza; Tesoureiro — Rogério Gustavo da Costa Pereira; Procurador-Geral — Cel. João Cândido Alves Marinho; Mordomo do Culto — Júlio Pereira Vieira; Mordomo dos Órfãos, Álvaro Soares de Oliveira; Mordomo dos Expostos — Nabuco Duarte Silva; Consultores — Ari Nicomedes Lentz, Pedro Duarte Silva, dr. Edio Ortiga Fedrigo, dr. Paulo Philipi, Manfredo da Silveira Leite e major Lupércio Lopes.

OS NOVOS MUNICÍPIOS CATARINENSES

A partir de 1º de Janeiro de 1949, "Dia do Município", o Estado de Santa Catarina contará oficialmente com 52 municípios, 213 Distritos, e 34 Comarcas.

Os sete novos Municípios são: CAPINZAL, desmembrado de Campos Novos e Joaçaba. ITUPORANGA, desmembrado de Bom Retiro e Rio do Sul. MASSARANDUBA, desmembrado de Blumenau, Itajaí e Joinville. PIRATUBA, desmembrado de Campos Novos e Concórdia. TAIÓ, desmembrado de Rio do Sul. TANGARÁ, desmembrado de Videira. TURVO, desmembrado de Araranguá.

GRUPO ESCOLAR MONT'ALVERNE

Na progressista localidade de Ituporanga, Bom Retiro, teve lugar a solene inauguração do Grupo Escolar "Mont'Alverne", tendo comparecido S. Excia., o sr. Governador do Estado, dr. José Boabaid e altas autoridades.

Ao ato compareceu ainda grande massa de pessoas de todas as classes sociais, bem como as autoridades do Município.

JOSÉ DO VALE PEREIRA

No dia de Natal a cidade foi surpreendida com a notícia de fatal desastre, de que resultou a morte do vereador municipal José do Vale Pereira.

Juca do Loid, como era geralmente conhecido, era uma das pessoas mais populares em nossa Capital, pois era muito prestimoso e amigo de todos.

Seus restos mortais ficaram em câmara ardente na Prefeitura Municipal e milhares de pessoas foram ali prestar-lhe as últimas homenagens.

Seu sepultamento constituiu verdadeira consagração, tendo acompanhado as mais altas autoridades. A pé os amigos e enorme acompanhamento conduziram o corpo ao Cemitério da Irmandade Senhor dos Passos, onde foi sepultado.

"Atualidades", que em José do Vale Pereira perdeu um grande amigo, implóra a Deus pelo seu descanso e envia à família enlutada sinceros pezames.

Livros Novos

"PERFIS DE ALGUNS CATARINENSES ILUSTRES"

O nosso assíduo colaborador e brilhante escritor Zedar Perfeito da Silva, autor de "Nem tudo está perdido", contos, e "Até que surja a Alvorada", romance, acaba de enfeixar em livro alguns perfis de catarinenses destacados, muito bem aceito pela crítica.

Zedar Perfeito da Silva, com justiça, ocupa lugar de destaque entre os intelectuais catarinenses.

É nos grato por isso, transcrever algumas das críticas a respeito dos "Perfis".

No "Jornal do Comércio", de 27 de novembro último, na parte referente à sessão que a Academia Brasileira de Letras dedicou à comemoração do centenário da morte de Chateaubriand, lê-se: — "O Sr. Cláudio de Sousa fez entrega à Biblioteca da Academia de um exemplar do livro "Perfis de alguns catarinenses ilustres", de Zedar Perfeito da Silva, cuja dedicação aos grandes fastos e às grandes figuras de sua terra natal resultava em utilísimos documentários para a história do Brasil".

Em "Jornal Literário", secção de Valdemar Cavalcanti, no "O Jornal" do Rio:

"PERFIS — Tem o título de **Perfis de alguns catarinenses ilustres** o pequeno livro que Zedar Perfeito da Silva, escritor catarinense, publicou. Compõe-se de esboços biográficos feitos com esmero e carinho".

E, para finalizar este breve registro, temos o cartão dirigido ao autor pelo acadêmico Peregrino Junior, cujo conteúdo é o seguinte:

Rio, 16 de dezembro de 1948.

A Zedar Perfeito da Silva.

Agradeço-lhe, com um abraço de simpatia intelectual, o seu interessante e utilíssimo trabalho: **Perfis de alguns catarinenses ilustres**".

Cordealmente,

a) Peregrino Junior

REVOLTA — William Woods — Romance — Coleção "Os Maiores Êxitos da Tela" — Editora Vecchi — Rio, 1948.

"REVOLTA", a famosa produção literária que consagrou seu autor, William Woods, é um romance fortemente emotivo e de rara beleza. Descreve-se nêle uma grande paixão amorosa, exaltada e férvida, na qual não há tibiezas nem desacordos. A frivolidade do ambiente não pode empequenecer esse amor que lateja intensamente em dois corações que nasceram para adorar-se e compreender-se, porque

se desenrola numa terra que é castigada a sangue e fogo, onde os jardineiros não cultivam flores e sim abrem sepulturas, onde, em vez de estrélas, iluminam o céu com seus sinistros resplendores as bombas e as rajadas de metralha.

Amar-se e lutar sem descanso contra inimigos ferozes e implacáveis, sempre o divino amor coibido e ameaçado pela morte selvagem e sinistra.

Essa paixão que, noutra época, teria sido idílio plácido e doce, numa tranquila aldeia de pescadores, converte-se em um drama, que é o drama de todos. E Ela e Ele, assim como o médico, o sacerdote, o mestre-escola, o padreiro e o juiz, conspiram, atuam e conseguem opor à invasão inimiga a revolta. Antes morrer do que ser escravos do odiado inimigo!... Mas... nem todos hão de morrer. Mais tarde, muitos voltarão o gozar da liberdade e de todos os bens que a terra nos oferece quando não é assolada pela guerra.

"REVOLTA" é a obra-prima de um romancista de estirpe, como William Woods, que figura entre os mais destacados valores da atual literatura norte-americana. E este empolgante romance, já traduzido para vários idiomas e amplamente celebrado pela crítica de ambos os mundos, motivou um dos melhores filmes modernos. A tradução para o vernáculo foi feita por Alfredo Ferreira e José Castellar. O romance "REVOLTA" acaba de ser publicado em elegante volume, pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, em sua triunfal coleção "Os Maiores Êxitos da Tela".

FELIZMENTE PARA SEMPRE
— Novelas Aldous Huxley

Casa Editora Vecchi — Rio, 1948

Aldous Huxley, o grande escritor inglês de renome universal, é um dos autores preferidos do público seletor brasileiro, como o demonstra o fato bem significativo de se virem editando com invulgar sucesso, em nosso idioma, numerosas obras desse ficcionista que possui o dom de criar personagens nas quais reconhecemos os seres de carne, osso e paixões que a todo momento nos acotovelam na vida real.

Ao extraordinário êxito de livreria alcançado por "As Despedidas Estéries", veio juntar-se o sucesso literário e cinematográfico de "Vingança Pérfida", e agora o lançamento de "FELIZMENTE PARA SEMPRE", um feixe de deliciosas novelas tipicamente representativas da superior ironia e fino espírito filosófico do grande romancista inglês, que é tanto um pintor de quadros sociais como o magistral dissegador de uma sociedade que sobrevive a si mesma.

As novelas que compõem o vo-

lume intitulado "FELIZMENTE PARA SEMPRE", a saber: "Felizmente para sempre", "A história burlesca de Ricardo Greenow", "Eupompo deu esplendor à arte pelos números", "Famílias felizes", "Cintia", "A livreria", "A morte de Lully", são autênticas obras-primas de ironia e humorismo de bom quilate, e constituem verdadeiras miniaturas dos estupendos quadros murais de costumes que nos tem dado o pincel desse artista que possui como ninguém o dom de pintar paisagens sociais com cores roubadas à palheta da própria vida.

"FELIZMENTE PARA SEMPRE" acaba de ser publicado, em excelente tradução de Marina Guaspari, pela Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, em volume de ótimo aspecto gráfico, ornado com bela sobrecapa do pintor Jan Zach.

"ATÉ QUE SURJA A ALVORADA"

O gênero epistolar era cultivado com arte e bom gosto pelo Coronel João Guimarães Pinho. Transcrevemos a carta que o pranteado homem público dirigiu ao escritor conterrâneo Zedar Perfeito da Silva, a respeito do romance "Até que surja a alvorada". Deve-se notar que nessa época já contava 86 anos de idade.

"Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1948.

Prezado lagunense Zedar Silva.

Florianópolis.

No dia seguinte ao de sua partida adoeceu. Um resfriado pôs-me na cama durante três dias, bem desagradáveis. Desagradáveis por me terem privado da leitura do seu: "Até que surja a alvorada".

Quando tive alta, peguei-o e não mais o deixei. A ansia de chegar ao fim e de conhecer o motivo da perturbação da doce harmonia reinante no lar feliz de Marina e Guilherme, a ele prendeu-me, de tal sorte, que o dia passou, a noite chegou, e, só quando ia ela quasi ao "surgir da alvorada", com saudades deixei-o.

Disse-lhe e aqui repito: não tenho competência para fazer a crítica de seu trabalho. Os competentes já disso se incumbiram, e lhe não regatearam elogios, mui merecidos.

A sinceridade manda-me que lhe diga: gostei e gostei muito.

Meus parabens, extensivos a exma. consorte, a quem cumprimento respeitosamente. Abraços do conterrâneo e amigo

a) J. Pinho".

Santos Dumont

Cabe ao Brasil, na solução técnica *do mais pesado que o ar*, um ról de conquistas impagáveis. E, para que não fosse dito que nós nos ensimesmáramos na nossa «barbaria», num arrôjo divinatório de certeza, fomos ao encontro da civilização, antes que ela de nós se aproximasse.

Tanta exatidão tínhamos posto nos cálculos da vitória, que não tememos a luz meridiana da capital do Ocidente. E foi de lá, dessa Pariz que tão caro se vende, que voltámos, de cabeça alevantada, trazendo para a realidade quotidiana da vida, o mito ascensional de Icaro e o fogo sagrado de Prometêu!

Santos Dumont e Augusto Severo conquistaram Pariz, em nome da Ciência. E a França de Dufaux e Leger curvou-se diante de uma raça que surgia para a glória. A velha sentinela do Ocidente apresentava armas diante do gênio brasileiro!

E, desde então, nos quadrados soberbos da Lutécia, começou de vibrar um clarim mais agudo, um clarim mais robusto, um clarim mais imperativo!

Ah! Como devia de ser forte esse clarim! Ele vibrava tão alto, como alto era o seu ponto de partida, lá nos cimos agressivos do Itatiaia! Condor que tinha o ninho nas alturas, nas furnas pétreas das Agulhas Negras, o ar rarefeito que o subli-

mizava, só poderia lavar uma civilização!

Mas, a fatalidade erguia os punhos contra esse arrôjo que domava os ares, contra a corrente que prendia outras correntes, contra o engenho que sentira um plano, além dos velhos planos concebidos...

Atingia-se à quarta dimensão?! Dominava-se a lei da gravidade?!

... E a Torre de Babel havia de rolar... Um genio mau guardava a esfera azul... Ah! Ninguém vibraria o carrilhão da catedral diáfana das nuvens!...

Não seria, de certo, o Padre Eterno... Mas, embuçado na purpurina gaze das celagens, havia um Quasímodo ciumento, havia um Corcunda vingativo, que metia medo...

Quem sabe se o Gigante Adamastor não guardava, outra vez, hirsuto e grave, «os ares nunca dantes navegados?...»

Partem de baixo os dois jovens gigantes... Augusto Severo e Santos Dumont, para vencer, têm que sobrepôr-se a um gigante que é fera e a um tempo corcunda-carrasco...

E Severo alça o vôo, nas asas líricas do PAX... Mas, quando vai fixar a audácia da conquista, quando vai bimbalar no carrilhão a apóstrofe trítica do vencedor das Gálias, Quasímo-

do o estraçalha e o atira para o vácuo...

Depois, Santos Dumont ascende para o espaço... Vai librado nas asas do BRASIL... E vence... E os gênios máus lá das alturas respeitam tanta audácia no triunfo... Sobem segunda, terceira, quarta, quinta, sexta vez... Vai a librar-se, novamente... Era de mais... O homem queria ser um Deus, como nas fantasias técnicas de Wells...

Então, o Adamastor perséguo, vingativo, e Quasímodo o atira... Mas, para esse homem não existe vácuo, nem o domina a vertigem das alturas!...

Não cá, porque Esmeralda, dilacerando, embora, os próprios seios, estênde-os para ele, como travesseiros, como frouxéis de paina, como o gesto da lôba, alimentando os dois heróis...

Esse homem — semi-deus dos ares — arrasando um princípio de física e equilibrando-se num «boulevard», fez consistir a mecânica num paradoxo científico, que é um princípio de moral — *na atração para cima!*

Nascido no Estado mais montanhoso do Brasil, era natural que ele tivesse o espírito como as montanhas — sempre impellido para o alto...

ANTÔNIO LOURENÇO

Pôrto Alegre.

RELEMBRANDO . . .

Duas magnificas e estupendas vitórias

Nelson Maia Machado

Em 1935 estive no Brasil, pela primeira vez, o celebre e famoso River Plate, de Buenos Aires. O River, com o seu formidável conjunto constituído de verdadeiro «ases» do futebol argentino, estreou no Rio de Janeiro e derrotou todos os adversários. Sua fama subiu muito. Mas ao estrear em São Paulo, capitulou.

Foi na noite de 14 de fevereiro de 1935. O valoroso esquadrao do São Paulo Futebol Clube arrasou o adversário logo nos dez minutos iniciais, quando conquistou dois tentos (Luizinho e Friedenreich). Forte foi a réplica do River, mas o tricolor

bandeirante não cedeu sinão um único tento. Venceu assim o São Paulo por 2 a 1. Foi o único clube brasileiro que derrotou o River.

O quadro argentino perdeu depois no Rio, outro jogo por 2 a 1, mas contra a seleção Rio-São Paulo!

Os dois quadros atuaram obedecendo à seguinte organização: SÃO PAULO — Jurandir, Agostinho e Iracino, Rafa, Zarzur, e Orozimbo, Vega, Luizinho, Friedenreich, Araken e Junqueira; RIVER — Bossio, Cuello e Juarez, Santamaria, Rudolphi e Wergifler,

Dorado, Moreno, Rongo, Peucelle e Tello.

Tambem em 1935 visitou o Brasil o prestigioso clube argentino Boca Juniors, campeão da Argentina de 1919, 20, 21, 23, 24, 26, 30, 31 e 34. Trazia um ótimo conjunto, integrado por valores de primeira grandeza do «association» portenho.

Estreou na Capital da República, vencendo o Botafogo e o São Cristovão, respectivamente, por 4 a 0 e 6 a 1 e empatando com o Vasco por 3 a 3.

Depois visitou São Paulo e empatou com o Palestra por

Resposta de Matuto

A. DE PADUA

Vai longe o bom tempo em que tivemos oportunidade de ver e ouvir os já saudosos TERNOS DE REIS.

Violeiros e gaiteiros reuniam grupos de cantadores e dirigiam aos moradores da vila, ou do povoado, as suas cantigas de saudação nas noites de Natal, de Ano Bom e de Reis.

Gaita e viola constituíam o instrumental apropriado. Dois ou tres homens e algumas moças faziam a cantoria. Havia em cada grupo O DO SACO, encarregado de recolher as ofertas: dinheiro, um pouco de farinha, de açúcar, alguns ovos etc. A todos, agradeciam de igual maneira, com as mesmas cantigas, porque a OFERTA não representava pagamento, era como que um complemento à ritualística da cerimônia. Era do programa...

Aos organizadores do TERNO competia evitar que o grupo fôsse dissolvido pelas BUZINAS. Buzinar um TERNO era desmoralizá-lo.

Assim como quando se falava em baile na roça vinha quase sempre a história do sujeito que botou pimenta no baile, havia, também, a do que buzinou o terno, soprando num chifre de boi. Era o tipo do desmancha-prazeres, do amigo da onça...

1 a 1. Finalmente atuou frente ao Corinthians. Apresentando um jogo eficiente e brilhante, o Corinthians venceu o famoso adversário por 2 a 0. E o Boca ainda abandonou o campo no momento em que ia ser cobrada uma penalidade máxima.

Mamede e Wilson assinalaram os tentos do vencedor e os dois quadros apresentaram a seguinte formação: CORINTIANS — José, Jáú e Carlos, Brito, Brandão e Munhoz, Teixeira, Mamede, Teléco, Carlito (Zuza) e Wilson; BOCA JUNIORS — Iustrick, Moisés e Valussi, Vernieres, Lazzati e Martinez, Varaldo, Benedito Caceres, Lazzatti II, Cherro e Cussatti.

Como vemos o Corinthians, a exemplo do São Paulo frente ao River, foi o único clube do Brasil a derrotar o Boca.

Foi há muitos anos passados, na então vila de Biguaçu. Conhecidos e afamados cantadores de TERNO eram o Janguinha e o Leôncio, exímios tocadores de gaita e viola, velhos acompanhadores de desafios, nos serões da venda do Zé Delfino. Se eles organizavam um TERNO, saía coisa boa. Reuniam as moças mais cantadeiras das redondezas.

Noite de Natal!

Maria das Dores, a Dodô, ia cantar no TERNO do «seu» Janguinha. Rapariga bonita e divertida, era disputada pelos rapazes mais bem vestidos do lugar. A notícia correu longe... E de longe veio gente para ver.

Cantaram, primeiro, à casa do Superintendente, do Juiz de Direito, do Delegado. Depois, foram *cumprimentar* as principais famílias da vila, — os Born, os Sardá, os Amorim, os Livramento e outras.

Repetiam, em tôdas as casas, as mesmas cantigas. Algumas, guardo-as, ainda, de lembrança. Diziam assim:

«Acordai se estais dormindo,
Fazei o *signal da Cruz*...
Na cidade de Belém
Nasceu o MENINO JESUS.»

«Estamos à vossa porta
Nesta noite de Natal,
P'ra vos dizer boas festas,
Para vos cumprimentar.»

«Se quizeres dar oferta
Não vos faças demorar,
Pois as noites são pequenas
E temos muito que cantar.»

«A oferta que nos dêstes,
Dada de bom coração,
Lá no céu haveis de achar,
Quando fôr ocasião.»

Ou, então:

«Pela oferta que vós dêstes
Com amor e alegria,
Nosso Senhor que vos pague
E a Santa Virgem Maria.»

Nas noites de Natal e Ano Bom tudo corrêra às mil maravilhas. Muitas famílias haviam oferecido bebidas e doces aos do TERNO. E o *do saco* recolhera muitas ofertas...

Faziam-se comentários. O Duque Borba acompanhara o grupo durante as duas noites, até

madrugada. Diziam que era por causa da Maria das Dores...

Chegara, afinal, a Noite-de-Reis. A última noite. Lá pelas dez, vieram para a rua o Leôncio, o Janguinha, a Dodô e outros. E o grupo saiu...

Visitariam tôdas as casas da vila. Cantariam até amanhecer. Havia grande acompanhamento. De longe veio gente para ver...

Em dado momento, porém, quando ao repinicar da viola o Leôncio reiniciava o «ACORDAI SE ESTAIS DORMINDO...», foi a cantoria interrompida pelo som atordoante da buzina. Os cantadores ficaram entre surpresos e desorientados. Desgraçado! Maldito Buzina! Seria o fracasso...

Foi quando o Janguinha, com aquela imperturbável serenidade que é uma das características do nosso matuto, procurando reanimar os companheiros, safu-se com esta tirada que só muitos anos depois vim a compreender: «Não faz mal, ninguém se aveixe. Cada um toca no instrumento que tem...»

As algemas



da IGNORÂNCIA
podem ser destruídas
A leitura da Sabedoria

Desejando livros
sobre
quaisquer assuntos,
peça-os a

LIVRARIA ROSA
Rua Deodoro, 33
FLORIANÓPOLIS

Atende pelo Serviço
de Reembolso Postal.

Meus Filhos

JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA

1948, véspera de Natal. A tarde escorregara ao encontro da noite.

Eu estava parado a uma esquina; meus olhos pousavam na multidão que se acotovelava na rua, sobraçando pacotes, quando surgiu Roberto.

Vinha abatido, semblante triste, cabisbaixo; quase esbarra em mim — advirto-o: Roberto!

— Olá, como vai você, ?

— Bem. E você, Roberto ?

— Ora bolas. Como quer que eu vá passando? Poderei, por acaso, ir bem, diante do que me sucedeu ?

— Não sei a que se refere, Roberto ! ?

E, realmente, eu nada sabia. Havia chegado há tres dias do interior do Estado por onde viajara por mais de um ano.

Roberto não podendo deter uma lágrima indiscreta que ficou nos seus olhos boiando, passou a narrar-me esta dolorosa história.

— Foi grande de mais o castigo que imputei a mim mesmo.

— Não compreendo, Roberto !

— Explicar-te-hei, meu amigo.

— Não, Roberto. Não desejo que te tortures mais com o problema que te aflige. Falemos de outra coisa — ponderei.

— Não — contrariou êle — narrar-te-hei o meu doloroso drama. Ouve-me. Conheceste Joãozinho e Terezinha ?

— Claro — respondi — teus dois filhinhos.

— Sim, meus filhos.

Tu bem o sabes quanto eu os adorava ...

Dois anos são já decorridos do dia, em que pela primeira vez, Joãozinho entrou em casa, trazendo um livro de histórias em quadrinhos.

Dêsse dia em diante dedicou-se exclusivamente a êsse maldito genero de leituras. Terezinha o imitou.

Gostavam das histórias em quadrinhos. Eram tão bonitas e fáceis de entender — diziam êles.

Os dias prosseguiram rodando através do tempo e Terezinha e Joãozinho, tôdas as tardes, à sombra das árvores de nossa chácara deleitavam-se na leitura perniciososa que tomara conta de tôdas as horas de que dispunham.

Os livros de Monteiro Lobato e outros escritores foram esquecidos em suas estantes. Aquelas histórias que outróra tanto os interessavam já não lhes despertavam o mínimo interesse.

Certa vez proíbi a leitura das histórias em quadrinhos, mas, os meus filhos ficaram tão pesarosos que a pedido de minha espôsa concordei com as crianças. Confesso que se minha espôsa não houvesse intercedido, eu acabaria por tomar essa atitude, pois não suportaria, por mais tempo, vê-los tão tristes.

As historietas em quadrinhos voltaram a ser lidas em nossa casa.

Mais tarde, os brinquedos que possuíam tiveram a mesma sorte das histórias de Monteiro Lobato — foram esquecidos a um canto.

As histórias de aventuras tomaram conta, por completo, da alma de meus filhinhos. Onde quer que fôssem levavam-nos consigo. Sobre a mesa, à hora das refeições, viam-se as publicações, e... dormiam com elas, ao seu lado.

Creio até que os seus sonhos eram também divididos em quadrinhos, como as histórias que liam.

Mais tarde passaram a representa-las. Êsse foi para êles, o melhor passatempo de tôda a sua existência.

Depois os meninos da visão abandonaram também, os seus brinquedos e passaram a frequentar a nossa chácara.

Foi no ano passado. Leonie, minha espôsa, fechada na sala ornamentava um pinheirinho e eu a auxiliava naquela tarefa; lá fora, brincavam as crianças. Até nós chegava a algazarra que faziam e ouvimos nítida a voz de Joãozinho.

— Não atirem. Eu me entrego.

Rimos, eu e Leonie e prosseguimos na nossa tarefa. Lá fora um caminhão cortou a rua numa disparada louca. Ouvimos o gemido de um cão que fôra atropelado, e, comentei :

— Se as crianças estivessem lá fora, estaríamos preocupados.

Ouvimos uma correria no corredor da casa e logo depois, a voz de Joãozinho : — «Eu libertarei a princesa, bandoleiros imundos».

Rimos novamente ...

Outra vez, os passos de Joãozinho no corredor e lá fora, a algazarra da gurizada.

Leonie acabava de prender a última lanterna de papel multicor a um ramo do pinheirinho, quando um estampido, lá fora, sufocou a algazarra da rapaziada.

Meu pensamento correu como uma flexa até a gaveta da penteadeira. Lá guardava o meu revolver. Lembrei-me então que quando chegara em casa esquecera-me — como era meu costume — de retirar a carga da arma. Eu o usava, apenas, quando saía a viajar. Na véspera havia percorrido quase duzentos quilômetros, já alta noite, pois desejava chegar a tempo de preparar o pinheirinho, como o fazia todos os anos.

Às duas da madrugada, Leonie abriu-me a porta. Eu estava cansadíssimo e esquecera de descarregar o revolver.

Ao chegar no quarto, deparei com a gaveta da penteadeira aberta. Corri como um louco para o quintal e o que vi então, — ó meu amigo, que cena horrível !

Roberto fez uma pausa e res-



Treno para Celme

Espraiar de folhas
aventadas ao mar
com luzes de faiança
Debussy chorando.

Melancolia de exílio
Angústia de um lenço
a rasgar adeuses
da orla, na amurada
à flor das ondas.

Sob os arcos ogivais
o vermelho do poente
a esvair-se com ânsia
nas sombras íntimas
do caminho sem retorno.

Subtraído de tudo
ao marulhar jogado
e reinar no tédio
como patético som
de lágrima caindo.

Nos dias remotos, jaz
o inusitado alento
vicejando em jardins
tatuado no azul.

Fernando Ferreira de Loanda

Sonhai, Poeta!

ODE PARA SEYXAS NETTO

Sonhai, poeta!
Foge do vitral
e cõrre liberto, cançado...
atrás da felicidade nunca vista.

Nos vórtices das ruas
desertas e sem inspiração,
nos campos entre o efêmero
e o colorido vergonhoso de si mesmo.
Procurai poeta, o sonho da felicidade.

Ide aos horizontes sem vida
sentir a evolução do cérebro.
Procurai no cristal
das estrelas frias,
na face esverdeada da lua
a felicidade, poeta.

Vai, poeta!
foge do vitral
e cõrre liberto, cançado...
atrás da felicidade nunca vista.

Rio de Janeiro 1948.

AOR RIBEIRO

Meus filhos

(Conclusão)

pirou profundamente, seus olhos marejados falavam da sua grande dor.

la pedir-lhe que não prosseguisse mas, êle já havia continuado.

— As crianças passeavam o olhar por Joãozinho, depois fitavam Terezinha, para outra vez, espantadas, olharem para Joãozinho. Nada diziam.

E eu, meu bom amigo, vi sobre uma pôça de sangue, imóvel, no chão, o corpinho frágil de minha adorada filha e fumegante ainda, na mão de Joãozinho, a arma assassina.

O que se seguiu é impossível descrever...

Quando a noite caiu, em lugar das velinhas de Natal, quatro círios iluminavam a sala, e, entre êles, Terezinha.

Uma lágrima rolou pela face de Roberto e ficou na poeira do chão. Foi o ponto final da narrativa.

CAMPANHA DE AUXILIO

«A Gazeta», o popular diário catarinense iniciou campanha para auxílio das vítimas da catastrophe que assolou parte do Estado de Minas, onde os prejuizos, em muitas localidades, foram totais, pois que as mesmas foram como que riscadas do sólo por gigantesca tromba d'agua.

Em todo o país imediatamente teve início ação de socorro. Nesta Capital, com o apelo da «Gazeta», constituíram-se comissões de senhoras que tudo tem feito para que Santa Catarina também remeta seu quinhão de auxílio às vítimas.

À «Gazeta» a nossa solidariedade.

COLCHOARIA
Gonzaga DE
APOLONIO GONZAGA

Especialista em

REFORMAS DE MOVEIS ESTOFADOS, AGOLCHOADOS PARA AUTOMOVEIS, CAPAS, COLCHÃO DE MOLAS E MOVEIS EM GERAL.

Felipe Schmidt 31 - Fpolis. STA CATARINA

CÔMERCIO E INDÚSTRIA
K. RAMTOUR
Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestiveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fábrica de Choco-
late Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

CASTULIO DO AMARAL
Engenheiro Civil
Casas prefabricadas — casas eco-
nômicas — casas populares
Loteamento — Arruamento
Engenharia Sanitária
Rua Raymundo Correia, 81
ESTREITO
Caixa Postal 9 — Florianópolis

DRS.
J. B. BONASSIS
A. G. DE ALMEIDA
F. MAY FILHO
— A D V O G A D O S —

Causas civeis, comerciais, criminaes, traba-
lhistas, contratos, naturalizações, consultas
e pareceres

Escritórios:
Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

Bazar de Módas

OLGA DAUER MAFRA

Especialista em confecções femininas,
segundo o rigor dos ultimos figurinos. —
Confecções em geral para senhoras e cri-
anças. — Aceita encomendas para rapido
aviamento e perfeição garantida.
Rua Felipe Schmidt, 34 - FLORIANOPOLIS

Mantem estoque permanente de lãs e sedas,
nacionais e estrangeiras, dos mais moder-
nos padrões.

O único

FLORISBELO
Rua João Pinto, 21

Alfaiate

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELUDO.
TONICO CAPILAR
POR EXCELENCIA

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA

- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do
Professor Brandão Filho — Rio

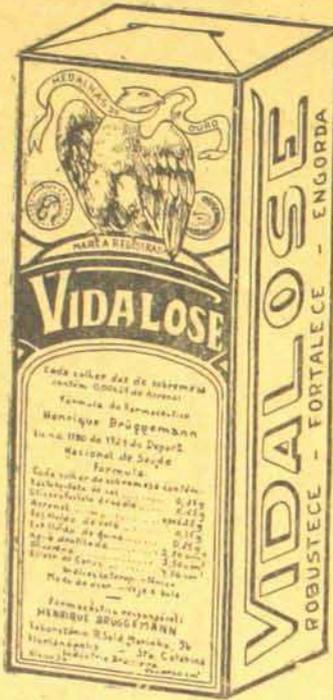
Consultório:

RUA VIDAL RAMOS, 28

Consultas:

Das 9,30 - 12 e das 16,30 - 18

Telefone 1009



MATE é a mais saudável e a
melhor bebida do Brasil, re-
comendada pelos mais notáveis
cientistas do mundo

**Tomar MATE
é garantir a
saúde!**

**Escritório Imobiliário
A. L. Alves**

Rua Deodoro n° 35
-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra,
venda, hipoteca, legalização,
avaliação e administração
de imóveis.

Organiza, também, papeis
para compra de proprieda-
des pelos Institutos de Pre-
vidência e Montepio
Estadual.

ALFAIATARIA

FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo!

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doen-
ças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt

Edif. Amélia Neto — Fone: 1592

Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 6

Fone: 1392

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS

Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duráveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES

VIBRALITE CERAMITE

para todos os fins

TUBOS DE CIMENTO

com e sem armação

POSTES, PIAS,
TANQUES

MAQUINAS DE COSTURA

(de pé e de mão)

de diversas marcas, fabricação italiana e
sueca, novas e garantidas

Peçam informações detalhadas, inclusive
quanto a facilidade de pagamentos, a

COSTA & SCHADEN

Rua Alvaro de Carvalho, 21 — C. Postal 338

Florianópolis

O cacique Doble e sua horda

Francisco S. G. Schaden

(Do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina)

11

As autoridades nem sempre tiveram uma atitude justa para com Doble e sua horda, o que se explica talvez como reação às maneiras arrogantes do cacique e, em parte, pela convicção de estar debelado o perigo dos índios bravios. Pelo ano de 1864, Doble, acompanhado de um grupo de Kaingáng, fez uma de suas visitas a Pôrto Alegre, afim de receber o auxílio que se lhe havia prometido. O govêrno mandou presentear os índios com uniformes de soldados falecidos em consequência da varíola, que, havia pouco se manifestara no quartel. As roupas foram entregues a Doble sem que se tivesse o cuidado de desinfetá-las. A epidemia logo se alastrou pelo tóldo, que estava inteiramente desprovido de recursos médicos. Como, além disso, os índios se lançavam na água fria logo que sentiam o calor da febre, a mortalidade assumiu proporções catastrofais. Dentro em pouco, reinava a confusão no tóldo. Os que ainda se julgavam isentos da moléstia procuravam salvar-se pela fuga, embrenhando-se nas florestas, e abandonando na aldeia os pobres enfermos. (*Nota*: Para contar esta triste história tive de valer-me das indicações de vários autores, que preferem apresentá-la de modo fragmentário. Em todo caso trata-se de fatos verídicos. Uma referência à epidemia encontra-se também no artigo de Hensel, que nessa época estava em Pôrto Alegre e que pouco mais tarde fez uma visita ao tóldo do cacique.)

Em seu estudo sôbre os Kaingáng, Teschauer se refere repetidamente ao grande cuidado que dispensam aos doentes. Para corroborar a observação, há um caso registado por Hensel, que se deu por ocasião da epidemia de varíola e que será citado mais adiante. No trabalho de F. W., «*Bilder aus dem Leben der ersten deutschen Ansiedler in Rio Grande do Sul*» (*Familienfreund-Kalender*, 1912 e 1913) lê-se, porém, a seguinte frase: Os doentes são abandonados sem mais nem menos à sua própria sorte».

Nesta última fonte lê-se igualmente que a referida epidemia de varíola teria vitimado também o então quase centenário cacique Doble. Ao que se depreende das palavras de Hensel, que esteve no tóldo em 1865, parece, entretanto, haver engano nessa afirmação. Possivelmente se tratava de um parente próximo de Doble ou de outro chefe, cuja sepultura foi aberta por Hensel.

Algum tempo depois da epidemia, os índios sobreviventes voltaram da mata, estabelecendo-se a uma légua ao norte do antigo tóldo. Era, aliás, costume entre eles abandonarem o lugar em que se tivessem verificado várias mortes sucessivas em curto espaço de tempo.

O cacique Doble era um indivíduo de gênio rude, que não recuava diante de soluções drásticas. Vejamos algumas notícias que a êste respeito se encontram na bibliografia consultada.

«Em uma viagem feita pelo cacique Doble com sua horda, acamparam num matto situado entre Mundo Novo e Campo Bom, no chamado Campo Prazinho, afim de prepararem uma refeição nas panelas de ferro fundido, que haviam recebi-

do em Pôrto Alegre. A água fervia nas panelas, junto à fogueira, e perto os meninos se divertiam de modo turbulento. De repente um deles derrubou uma panela e sofreu graves queimaduras. Os bugres opinaram logo que êle ficaria aleijado. — Um alemão, que passava pelo caminho, solicitou ao cacique a entrega do menino, que êle se propunha curar e educar. Todavia o velho replicou de maneira terminante: «Êste agora não vale mais nada», pegou pelo braço, matou-o com golpes de clava e lançou-o no matto». (F. W.)

«Contaram os serranos, que, na ocasião em que o bando empreendeu a mencionada viagem a Pôrto Alegre, havia nêle homens velhos, que, não sendo mais capazes de suportar as fadigas da longa caminhada, dificultavam a viagem aos outros. Por ordem do cacique, os homens mais jovens do grupo mataram-nos a pauladas ao pé da serra, enterrando-os à beira do caminho, de modo que o bando pudesse continuar a viagem sem mais delongas. Um outro velho, cujas forças ainda lhe permitiam acompanhar os outros, foi obrigado a carregar tóda a cria que uma cadela tivera durante a viagem, ao passo que os homens moços e resistentes andavam sem carga alguma, levando somente as suas armas nas mãos.» (Hensel)

E na ação dirigida contra o acampamento dos Kaingáng que em 1853 haviam assaltado uma colônia, ocorrência que já tive oportunidade de mencionar, foram mortos, pelos índios de Doble, a própria filha e o genro do cacique. Em seguida o avô sacrificou pessoalmente os netos, por se portarem de maneira impaciente. (F. W.)

Fatos como êsses interpretam-se às vezes como índices de extraordinária rudeza e falta de sensibilidade como traços característicos da tribo. Essa generalização apressada, é porém, desmentida, pelo testemunho de Hensel, relativo a um jovem índio da tribo, casado com uma das filhas de Doble. Vendo que a esposa estava atacada de varíola, o Kaingáng a tomou nas costas, juntamente com todos os utensílios domésticos, levando-a para o interior da mata, onde cuidou dela até estar restabelecida. E' interessante notar que, segundo o mesmo autor, essa índia manifestava depois bastante acanhamento diante de pessoas estranhas por causa das cicatrizes que lhe afeavam o rosto.

Uma de nossas fontes (F. W.) traz alguns dados sôbre as atitudes dêsses Kaingáng em face da prole. Depois de se referir à rudeza dos métodos educativos, informa que as crianças dêbeis e doentias são mortas a golpes de clava. A seguir, conta o caso duma jovem mulher que dera à luz a duas meninas robustas examinou-as detidamente, ficou com uma e matou a outra.

Segundo o mesmo autor, ligava-se extraordinária importância à felicidade conjugal. Era permitida a poligamia, mas não se tolerava o adultério. Todo homem que seduzisse a mulher de outrem ou que transgredisse de qualquer modo os preceitos da felicidade conjugal era castigado com

(Continúa)

COMÉRCIO & TRANSPORTES

C. RAMOS S. A.

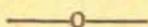
Matriz: Florianópolis

Filial: Lajes

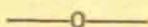
Rua João Pinto, 9

Rua Cel. Córdova s/n.

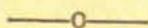
Concessionários da
INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS S/A.
Caminhões "International" — Tratores de rodas e esteiras — Motores
Industriais — Conjuntos Elétricos



Distribuidores dos
Automóveis CITROEN
para os municípios de Lajes, Curitibanos, Campos Novos,
Bom Retiro e São Joaquim



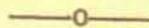
Distribuidores
para o Sul do Estado dos óleos e lubrificantes
"VEEDOL MOTOR OIL"



Distribuidores
dos afamados motores de popa marca
"JOHNSON SEE HORSE"



Secção de Peças e Acessórios
para caminhões **"INTERNATIONAL"**
— Peças Chevrolet e Ford —
Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.



Posto de gasolina **"Esso"** e serviços
Óleos e lubrificantes de todos os tipos e marcas
Gasolina Esso — Baterias — Pneus — Serviço de lavação,
lubrificação e consertos
Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.



Marilita Pozzoli, nasceu na Paraíba, viveu no Brasil inteiro. «Para amar essa grande terra e quere-la como eu a quero é preciso te-la palmilhado passo a passo, como eu e o general Rondon o fizemos». Marilita diz isso com os olhos fulgurantes de entusiasmo. E, por isso, talvez chamam-na de *a mais brasileira das declamadoras brasileiras*. Só por isso não. Os seus versos são hinos de brasilidade. Ela nos fala de «Sol cangaceiro que a cada beijo, de fôgo transforma o corpo em bra-seiro». E se orgulha de ter visto de perto as coisas grandiosas e bonitas do Brasil: O rio Amazonas; a cachoeira de Paulo Afonso, a gruta de Ituassú; o salto das sete quedas no Iguassú; As sete cidade de Piracuruca; — Usou todos os meios de transporte do avião ao carro de boi, a canôa que se não era furada, às vezes, fazia agua... E conheceu o trote duro do cavalo magro de aluguel... Marilita, na sua peregrinação, tem qual-quer coisa de sacerdote. Suas recitas rendem pouco. Ela parece desconhecer o valor do dinheiro, ao contrario de uma sua colega de quem Agripino Grieco, disse que tinha a alma na bilheteria... Marilita já deu recitais com entrada franca; já deu recitais para soldados sem que ninguém lhe pagasse para isso. E' autora de dois livros de versos «Pecados» e «Banjo». Quando os leremos? — Quando Marilita aprender a sonhar mas... mercadejar seus sonhos... Esteve entre nós, deu dois recitais e seguiu para o Rio Grande do Sul. Foi conhecer o pampeiro, o minuano. Quanto tempo ficará por lá? Nós não sabemos.

Felicidade cabocla

Ouçó alguém interpretando «Tristeza do Jeca», uma toada cabocla, música essa que ouvi muitas vêzes no sertão onde nasci, cantada por aqueles simples matutos que dedilhavam sua viola com carinho, unica e sua fiel companheira, como diziam.

Sim! Essa música me transporta para o longinquo sertão onde passei minha infância; para o seio daquela gente boa, que sempre me acolheu com esmero e dedicação.

Recordo as noites enluaradas: sentado ao pé do fogo, tomando o saboroso chimarrão, em companhia daqueles amigos sinceros. Tião toca a viola, cuja música parece um lamento saído do fundo da alma do sertanejo. Chico escuta silencioso. Pedro sofisma as labaredas do fogo e, no momento em que Tião canta um trechinho em que a «cabocla Marica abandona o Juca», diz baixinho: «Caboca marvada! Eu num digo que muié não presta?» Depois dessa triste música, os comentários. Um cachorro muito magro, talvez com fome, de vez em quando dá uma voltinha por ali, não sei se para lambar as mãos do seu dono ou para procurar umas migalhas.

Gente boa aquela do meu sertão!

«Tristezas do Jeca»!... E' essa mesma a toada que Tião cantava nas noites de serenata.

Um dia ainda hei de voltar para aquele meio de paz, sinceridade e simplicidade.

Caboclo, tú és feliz!... Feliz com tua viola e teu sertão!...

WALMOR ADÃO SCHMITT

Ela também não o sabe. — Tanto quanto lhe fascine a poesia dos pampas. Felicidades, Marilita!

Pelas Sociedades

Do «LIRA TENIS CLUBE FLORIANÓPOLIS», recebemos comunicação de ter sido eleita e empossada a seguinte diretoria para 1948-49.

Presidente: Dr. Oswaldo Bulcão Viana (reeleito); 1º Vice-presidente: Snr. Francisco Medeiros (reeleito); 2º Vice-presidente: Dr. Afonso Maria Cardoso da Veiga (reeleito); Secretário Geral: Snr. José Antônio de S. Thiago: (reeleito); Tesoureiro: Snr. Darnúbio Mello (reeleito); Diretor Geral de Esportes: Snr. Walter Belo Wanderley (reeleito); Bibliotecário: Snr. Joel Lange (reeleito); Orador: Snr. Alcides Abreu. CONSELHO FISCAL: Snr. Walter Lange (reeleito); Dr. Marcílio Mota (reeleito); Snr. Hubert Beck (reeleito).

Do «CLUBE R. 5 DE NOVEMBRO», fundado em 1905 no Distrito de Estreito, recebemos comunicação de ter sido eleita a seguinte diretoria para 1948-49:

Presidente de Honra: Jairo Callado; Presidente: Eudalicio Amorim; Vice-presidente: Lourenço Bianchini; 1º Secretário: Dalmiro Duarte Silva; 2º Secretário: Pedro Sartorato; 1º Tesoureiro: Clóvis d'Acâmpora; 2º Tesoureiro: Ivan Vaz; Diretor Artístico: Fredevino Santana; Orador Thiago Vieira de Castro. CONSELHO FISCAL: João Batista Vieira, Estevão P. dos Santos, Heitor W. dos Santos, Belmiro Garcia, Numa Cardoso, Arnaldo O. Silva, Theófilo Weingärtner, Dimas dos Anjos, Mauro Vieira Brisck, José Ouriques e Santino Andrade.

Do CENTRO ACADEMICO «XXII DE JANEIRO», Órgão dos Estudantes da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, recebemos comunicação de ter sido assim constituída a primeira Diretoria:

Presidente de Honra: Dr. Agripa de Castro Faria; Presidente: Acadêmico Romeu Sebastião Neves; Vice-Presidente: Claudio Beduschi; Secretário: Werner Springmann; 2º Secretário: Erwin Schwarz; Tesoureiro: Vinício Olinger; 2º, Renato Valente; Orador: Ney Aragão Paz. CONSELHO FISCAL: Silvio Ferraro, Alcides Oliveira e Acy Aviano Varela Xavier.

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-
BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras
em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer
espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos produtos de ferro e aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

Equipamentos para construções de estradas de rodagem.

Máquinas de escrever
"CONTINENTAL"

Motores a gasolina, querosene e a óleo cru
Grupos eletrogêneos para fornecer luz para sítios

Porcelana técnica

Produtos veterinários

Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes, pás, enxadas

Válvulas Igassú

Móveis da Cia. Industrial "CIMOS" (Rio Negrinho)

Passadeiras de veludo, linolium
Tampos de vidro e de borracha — Cereais
Pneumáticos e câmaras de ar

WESTINGHOUSE

Geladeiras, Aspiradores de pó, Enceradeiras, Máquinas de lavar roupas.

RÁDIOS: — O novo e incomparável rádio-fonografo "Westinghouse", com tom VITAL, traz o mundo ao seu lar!

Compare e comprará um rádio "WESTINGHOUSE".

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação.

Rua Jerônimo Coelho, 14-A. — Caixa Postal, 239 — Telefone 1607.

FLORIANÓPOLIS

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE:

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal
em 6 lindas côres

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

SEIS DIAS DE VIAGEM, de Florianópolis a Laguna!

O hiate "PINHO"

JOÃO MEDEIROS
Blumenau

Ao historiador conterrâneo Dr. OSWALDO CABRAL

Durante os atribulados dias da revolução de 1893, todos os vapores que viajavam no litoral catarinense, achavam-se armados em guerra.

As viagens entre Laguna e a Capital, eram feitas com grande desconforto, a bordo dos hiates cargueiros daquele pôrto.

Certa vez, diversas pessoas residentes em Laguna, inclusive o autor destas linhas, aguardavam, na Capital, ansiosos, a saída de algum hiate, para regressarem aos seus lares.

Mez de Fevereiro. Calor intenso. Certo dia, circulou a noticia da proxima partida do hiate "Pinho", excelente veleiro.

Estava resolvido o problema.

Numa bela tarde, embarcavam no referido hiate, os saudosos conterraneos, José Fernandes Martins, Bento Monteiro Cabral, Polidonio Pessôa, Eugenio Magalhães, Jose de Araujo Teixeira, um oficial das forças federalistas riograndenses, e mais dois passageiros do interior e o autor desta desataviada crônica.

O mestre do hiate, o Daniel, valente marinheiro, português, moreno, residente em Magalhães, foi pródigo em gentilezas.

A pequena câmara do hiate, não tinha espaço para acomodar o elevado numero de passageiros.

O Daniel não se apertou, e

improvisou, no convés, uma coberta de lona, a guisa de barraca, sob a qual se abrigaram os passageiros, do melhor modo possivel.

A' tarde, o «Pinho», suspendeu a âncora e singrou as aguas da baía do sul, encrespadas pelo nordeste fresco, em demanda a barra, ancorando, ao anoitecer, em frente a pitoresca freguezia do Ribeirão, onde ia aguardar o vento de feição, pela madrugada.

O assunto dominante da conversa daquela noite, que empolgava a todos, foi a revolução federalista.

No silêncio da noite, ouvia-se, vindos de terra, os sons de um trombone, talvez d'algum músico da banda local.

A's quatro da madrugada, despertavamos, com o ruido das correntes, ao suspender da âncora.

O terral matutino, enfunou as vélas do hiate, que deslisou, suavemente, sobre a superficie do mar sereno, em direção à barra.

Uma hora após, sentia-se a arfagem do navio. Ao alvorecer do dia, foi servido aos passageiros, saboroso café, com roscas de trigo, torradinhas.

Mar calmo. Até a altura de

Garopaba, a viagem transcorreu sem novidade.

Soprava ainda o terral.

Inesperadamente, o vento rondonou para o quadrante sul, com rajadas frescas.

O «Pinho», virou de bórdo, retornando ao ancoradouro do Ribeirão.

Todos os passageiros, decepcionados, procuravam resignar-se com o contratempo.

O Daniel, porém não se conformou e soltou umas pragas: raios que te partam, etc. etc.

Ao anoitecer, calmou o vento sul, renascendo em todos a esperança de boa viagem, no dia seguinte.

Pela madrugada, soprava o mesmo vento do quadrante oeste; e, o «Pinho», fez nova tentativa, saindo à barra. Duas horas após, virava de bórdo, numa desabalada corrida, impellido pelo teimoso vento sul, abrigando-se, novamente, no ancoradouro do Ribeirão.

O Daniel, furioso, exgotou todo o seu vasto repertorio de pragas e nomes feios. Esta situação desagradavel prolongouse durante seis dias.

Alguns passageiros, os mais jovens da turma, enquanto o «Pinho» aguardava o suspirado

(Continúa no verso)

Restaurante Lira Tennis Clube de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos

Cozinha de 18,

Confôrto - Higiene = Ótima vista - Ambiente próprio para homenagear uma familia ou amigos de fóra

(Cont. da pág. anterior)

nordeste, resolveram um passeio à freguesia do Ribeirão.

Existia lá, naquele tempo, uma imponente cachoeira.

O pequeno batelão do hiate fez o transporte dos excursionistas à terra, correndo o risco de sossobrar, dado o peso da excessiva carga humana.

Durante a travessia, irrompeu uma violenta discussão entre os passageiros, Eugenio Magalhães, Zeca Teixeira e o autor destas linhas. Questão de *lana caprina*...

Com os géstos dos exaltados, o batelão começou a oscilar, de bordo a bombordo, aterrorizando os que não sabiam nadar.

O oficial riograndense, empalideceu de susto e bradou: — Vocês querem *peleia*, vão *peleia* lá em terra, o bichinho está

corcoveando e pode ir ao fundo!

Felizmente, o batelão, com vigorosas remadas, imbicou na alva praia do Ribeirão.

Após uma visita ao povoado, os excursionistas tomaram o rumo da cachoeira, uma maravilha da natureza. Após o indispensável banho, lavaram toda a roupa branca, acumulada a bordo.

A' tarde, realizou-se o regresso a bordo, com grande gaudío do oficial riograndense, que era valente só em terra, no lombo do cavalo.

Na madrugada seguinte, um grande brado, acordou os passageiros.

— Nordeste fresco, rapaziada! Pucha a âncora! Solta todo o pano! assim gritava o Daniel, á tripulação do navio.

E o «Pinho», com velame en-

funado, transpunha a barra do sul, com destino a Laguna.

Pelas onze horas, foi servido o almoço, que constou de bacalhau ensopado com batatas, e pirão de farinha de mandioca, café e roscas de trigo.

Durante os dias que permanecemos a bordo, o menu foi sempre farto e variado, graças ao ótimo cozinheiro do hiate.

A' tarde, o «Pinho», transpunha a perigosa barra de Laguna, (naquele tempo) sendo acossado por alguns vagalhões, em cima do banco de areia, que causaram grande susto ao velho Polidonio. Dentro de poucos minutos, saltávamos em terra.

Daniel, sempre cavalheiro e amigo, cobrou, apenas, de cada passageiro, dez mil reis! Bons tempos!

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

Dr. Rafael G. Cruz Lima

— E —

Dr. Carlos Loureiro da Luz

ADVOGADOS

Escritório: — RUA JOÃO PINTO N. 18

Organização Comercial Catarinense

Indústria e Comércio Bortoluzzi S. A.

Importadores — Comerciantes — Exportadores

COMÉRCIO EM GERAL:

Fazendas, armarinhos, roupas feitas,
Chapeus, calçados

Ferragens, louças, tintas, oleos etc.

FABRICA DE PRODUTOS SUINOS:

fabrica de banha marca «PORCO»
salames tipo italiano e linguiça

ENGENHO DE ARROZ:

beneficiadores de arroz «DORA»

Endereço Telegrafico: BORTOLUZZI

Nova Veneza - Municipio de Cresciuma - Estado de Santa Catarina

Mate é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saude!

A História de um Cofre

NOSSOS AMIGUINHOS

Eu creio não existir juiz de aldeia ou metrópole que não tenha casos interessantes, dignos de registo especial.

Nas capitais populares e ultra civilizadas, onde acontecimentos vários, de mais vulto, absorvem as atenções do povo, passam, quasi sempre, despercebidos muitos desses que dizem respeito à vida forense, o que não acontece nas pequenas cidades, onde pódem ser assinalados com mais frequência, com o interesse que sempre despertam.

Dentre muitos que conhecemos, seja-nos, portanto, permitido narrar o seguinte: hábil causídico apresenta-se, certo dia, ao modesto juiz de direito de uma pequena localidade do sul matogrossense, a que solicita, em bem fundamentada petição, o livramento condicional de um seu constituinte, detido por crime de homicídio.

O aludido preso pretendia ir à casa comercial de sua propriedade, fechada desde o fatídico dia da prática do crime, onde desejava abrir um grande e pesadíssimo cofre, para retirar-lhe documentos e dinheiro. Iria devidamente escoltado, como propunha, por praças da polícia local, e demorar-se-ia, apenas, algumas horas.

Em a mencionada petição, o advogado salientava, ainda: — que sómente o dito réo conhecia, do cofre, o segredo da fechadura, que permitiria abri-lo; que não havendo, no lugarejo, quem pudesse abrir o cofre, mesmo de posse do segredo, só o próprio dono o poderia fazer; que, por

todos esses justos motivos, esperava deferimento ... etc.

E o magistrado, depois de, cautelosamente, ler todos os *itens* do dito requerimento, pega da pena e, à margem esquerda da lauda apresentada, dá o despacho seguinte:

* ... J. aos A. e ... Á vista dos motivos alegados pelo requerente, por seu advogado ... e ... Considerando que o risco de ser morto, ao sair da prisão o criminoso, embora escoltado, correrá onde se acha;

Considerando que, mesmo não venha a perecer, a Justiça poderá ficar privada de julgá-lo, como é de direito, pelo crime que cometeu, pois que é de presumir que queira evadir-se ... Por tudo isto ... hei por bem, apenas, autorizar a remoção do cofre, que se acha no estabelecimento comercial de propriedade do indiciado, sito à rua X ... n. ... X, afim de que o mesmo réo, único conhecedor do segredo da fechadura, possa abrir-lhe a porta na cadeia pública desta cidade, para onde deverá ser o mesmo cofre conduzido independentemente de escolta ...

E como o despacho supra decepçionasse, sobremaneira, o nobre advogado, preferiu este, não remover o pesado cofre e deixar o preso, no desconfortável cubículo em que se achava, aguardando o necessário julgamento ...

VICENTE MAURANO



JOÃO FELIPE ZATAR, filho do casal Felipe Zatar e dd. esposa Da. Dulcinéa de Oliveira Zatar, cujo aniversário transcorre a 9 de janeiro. 



TANIA CHEILA DOS SANTOS LIRA, filhinha do casal Rubem Lira e dd. esposa da. Aida Santos Lira.

ILSE KREILING
CIRURGIÃ-DENTISTA

Consultas das 8 às 12 e 2 às 6 = sábados das 8 às 12

RUA ESTEVES JUNIOR, 6

Noite de Natal

SELMA LAGERLOEFF

(Trad. e adapt. do Prof. Mello e Souza)

Naquela noite um pobre saiu a implorar auxilio batendo de porta em porta:

— Socorrei-me, boas almas! Em minha casa acaba de nascer uma criança e eu preciso de acender o lume para aquecer minha esposa e o pequenino. Dai-me um pouco de brasa, pelo amor de Deus!

Mas era alta noite. Toda a gente estava a dormir, e ninguem lhe respondia. De repente o homem avistou, ao longe, um clarão e, caminhando para lá, encontrou uma fogueira acesa, e à volta dela um rebanho de carneiros brancos dormindo, e um velho pastor a guardá-los, também mergulhado no sono.

Quando o homem que andava em busca de brasas chegou ao pé dos carneiros, a bulha dos seus passos acordou tres canzarrões que dormiam aos pés do pastor. As largas bocas dos rafeiros abriram-se; mas nenhum som saiu delas. O homem notou que o pelo dos ferozes animais se eriçava e que as suas presas aguçadas luziam ao clarão da fogueira. E todos tres se atiraram assanhados contra êle. Um abocanhou-lhe uma perna, outro a dextra, e o terceiro segurou-lhe pela garganta; mas as mandíbulas dos molossos ficaram inertes, e o homem não foi mordido.

Quis êle, então, aproximar-se mais do fogo, para de lá

tirar algumas brasas. Mas os carneiros eram tantos e estavam deitados tão juntinhos, que não havia como passar por entre eles. Foi-lhe forçoso pisá-los para avançar; e nenhum deles acordou nem se mexeu.

Quando o homem chegou ao pé da fogueira, o pastor, que dormitava em sua enxerga de peles, ergueu-se impetuoso e irado. Era criatura ruim e mal encarada. Ao ver ali o desconhecido, agarrou, lesto, enorme pedra e arremessou-a contra êle. O perigoso seixo partiu direito ao homem, quando ia, porém, atingi-lo, desviou-se e foi espantifitar-se no chão.

Então o homem, aproximando-se do pastor, falou-lhe assim:

— Compadece-te de mim, amigo, e deixa-me levar algumas brasas. Em minha casa acaba de nascer uma criança e eu preciso acender o lume, para agasalhar minha esposa e o pequenino.

O primeiro impulso do pastor foi o de uma recusa cruel; pensou, porém, nos cães que não tinha ladrado nem mordido, nos cordeiros que não tinham fugido, na pedra que não tinha querido ferir o homem. E sentiu um terror vago, indefinível.

— Leva o que quizeres — respondeu secamente.

Ora, o lume estava agora quasi a apagar-se. Nem ramos a ar-

der, nem achas grandes. Só havia um monte de brasas miudadas, e o homem não tinha pá, nem qualquer outra coisa que pudesse levá-las. Ao ver isto, o pastor repetiu:

— Podes apanhar as brasas que quizeres.

Mas no íntimo regosijava-se, maldoso, ao ver que o homem não poderia levar um braseiro nas mãos nuas. Mas o outro abaixou-se, afastou as cinzas, tomou de uma porção dos carvões incandescentes e pô-los numa aba esfarrapada da túnica. E as brasas não lhe queimaram as mãos, não lhe queimaram as véstias e ficaram a brilhar nele como rutilos rubis. E o desconhecido partiu.

O pastor, vendo tudo isto, disse de si consigo:

— Mas, que noite é esta em que os cães não mordem, e os carneiros não se espantam, e a pedra não fere, e as brasas não queimam?

Foi ao encalço do homem e interrogou-o:

— Que noite é esta, em que até as proprias coisas se mostram inclinadas ao amor e à piedade?

O homem respondeu:

— E' a noite de Natal, meu amigo. Jesus, salvador, acaba de nascer.

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuida pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc.

EMPRESA COMERCIAL

R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

-:- Comércio por Atacado -:-

IMPORTAÇÃO -:- EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU



O maior e o mais antigo Clube de Sorteios do Estado

Sob autorização e fiscalização do Governo Federal, de acôrdo com o Decreto 7.930,
de 3 de setembro de 1945

CAPITAL FIXO Cr\$ 200.000,00

Praça 15 de Novembro, 22 — 2º andar. Florianópolis — Santa Catarina

Endereço Telegráfico — "Cretomútuo" — Telefones: 1324 -- 1388 — Caixa Postal n. 5

Distribuição mensal de prêmios em mercadorias nos seguintes valores:

1º Prêmio: — Cr\$ 6.000,00.

5 Prêmios de Cr\$ 1.000,00 cada um (aproximações superiores).

5 Prêmios de Cr\$ 500,00 cada um (aproximações inferiores).

CASA

FOTO-AMADOR

G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596

Telefone 1010

BLUMENAU

Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de
preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41. - Telefone 1350

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

Recomenda-se para fundição de peças e construção de máquinas

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados: MASCOTE 1ª e 2ª edição

FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado, repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais. Mantém carteira especial para administração de prédios

Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre) 2%

C/C Limitada 5%

C/C Aviso Prévio 6%

C/C Prazo Fixo 7%

Aceta procuração para receber vencimentos em todas as

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho (Estreito)

Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520

Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício Colon)

Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51

Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4

Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024

Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAI, S. C., Rua Blumenau, nº 456

Telegramas: FLORESTAL

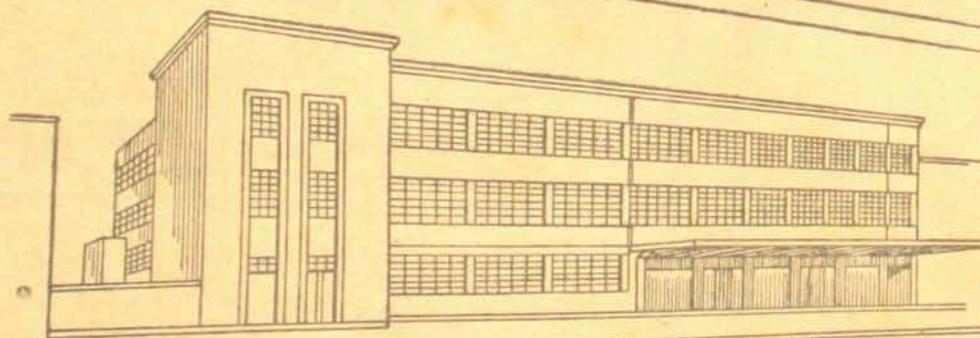
BOM RETIRO, S. C. — Telegramas: FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

Drogaria e Farmacia "Catarinense" S. A.

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SEDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, nº 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., nº 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, nº 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 58

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.

Laboratório Xavier

Química Baruel Ltda.

E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)

Johnson & Johnson do Brasil, Prod.

Cirúrgicos

Laboratórios Andrômaco S. A.

A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)

Bernard Bruggemann (Perli-It)

Perfumaria Anhangá Ltda.

Laboratório Vitex Ltda.

Renato Guimarães (Safrol etc.)



A jovem declamadora gaucha, Mafalda Busato, que, ha pouco tempo esteve nesta Capital, encontra-se atualmente numa vitoriosa «tournée» no norte do país. Em seu retorno ao Rio Grande do Sul, prometeu visitar novamente a nossa Capital.

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:

E. I. KUEHNE

—O—
Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00

Número avulso Cr\$ 1,50

NOSSOS AMIGUINHOS



Francisco Meira Neto, filho do sr. Osmar Meira e de sua exma. esposa d. Levasti Meira.



Completo, a 10, 50 anos de casado, o benquisto casal Nicolau José Vieira e d. Joana Vieira, residentes nesta cidade.

Votado desde a juventude ás artes gráficas, o sr. Nicolau Vieira é um dos mais antigos profissionais da cidade, tendo emprestado o esforço de seus serviços e de sua dedicação, a diversas oficinas do jornalismo local.

Casado com a exma. sra. d. Joana Vieira, viu seu lar enriquecido com os seguintes filhos: Francisco José Vieira chefe da Secção de Obras da Imprensa Oficial; Otilia Vieira, casada com o sr. Avelino José Pinheiro, residente no Rio, Romeu Vieira, chefe das Oficinas de "A Gazeta"; casado com a exma. sra. d. Zilá Gevaerd Vieira; Eulalia Vieira, casada com o sr. Alberto Alves.

Senhora de belas virtudes, esposa dedicada e mãe carinhosa, a exma. sra. d. Joana Vieira goza da estima e consideração de seu vasto círculo de relações.

Festejando suas bodas de ouro, o distinto casal recebeu os abraços dos amigos, aos quais, embora tardiamente, juntamos os nossos, mui cordiais e afetuosos.

INFANTILIDADES

JOSÉ CORDEIRO

IV

— Lá no armário da cozinha, diz D. Dora agastada, eu deixei uma latinha bem cheia de marmelada.

E você, dona Ilianinha, tem a cara lambuzada de doce e suja a mãozinha... Logo, você é a culpada!

Comeu — comeu escondida! Isto é feio... Estou sentida. Devia ficar zangada...

— Escondida eu não estava, diz a menina. — Eu me achava bem à vista da criada...



NICOLAU VIEIRA NETO, filhinho do casal Romeu Vieira e dd. esposa, da, Zilá Vieira.

O Cacique Doble e sua horda

(Conclusão)

a morte. Atadas as mãos e os pés do criminoso, suspendiam-no por um gancho pontudo que se lhe cravava na carne, debaixo da mandíbula. Interpelado sôbre a razão-de-ser desse método, um Kaingáng disse que os criminosos enforcados à maneira dos brancos não sofriam pròpriamente castigo, porquanto morriam logo.

Hensel dá alguns informes muito sumários sôbre o matrimônio. Destoam dos que acabamos de reproduzir. São os seguintes: «As mulheres ocupam uma posição subordinada e não gozam de consideração. Embora se realizem casamentos, deles não parecem decorrer laços muito firmes, pois não há receio em se oferecerem as mulheres a pessoas estranhas, na esperança de uma remuneração. E' claro que há exceções».

O poder do cacique era quasi absoluto. Doble não era um simples chefe, mas um verdadeiro déspota, cujas ordens eram executadas sem a menor objeção. Tinha direito de vida e morte sôbre os membros da horda. E tinha ao mesmo tempo funções religiosos e civis. Era êle quem fazia os casamentos, mas permitia que fossem confirmados depois pelos missionários católicos que, de vez em quando, visitavam a aldeia.

O cacique entretanto não interferia de modo sensível na vida econômica da horda. Cada família entregava-se à coleta e à caça por própria conta. Também nas viagens pelas povoações civilizadas as famílias consumiam isoladamente o produto de sua mendicância. O comunismo que existe entre outras tribos não vigorava entre êsses Kaingáng. Se alguém dava a um deles um pão inteiro, na expectativa de que o repartisse com os companheiros, verificava, ao contrário, que o felizardo seguia o seu caminho, ao passo que os irmãos-de-tribo continuavam a pedinchar. De outro lado, repartiam fraternalmente a carne dos animais de porte, que, aliás, era obtida por meio de caçadas em comum. Nessas ocasiões, também se podiam fartar as pessoas civilizadas que viviam como cativos entre Kaingáng bravios e que em geral se deviam contentar com as sobras deixadas pelos índios. (Indicações de F. W.)

Os dados de que dispomos não permitem nenhuma conclusão sôbre a existência duma estratificação social entre êsses índios. Hensel alude apenas a um tratamento desigual dispensado às sepulturas, referindo-se a uma delas como contendo o corpo «de um chefe conceituado, de descendência aristocrática.» Êsse indivíduo era possivelmente um parente próximo de Doble.

É muito provável que os Kaingáng do Rio Grande do Sul possuíssem uma divisão em clãs igual ou semelhante à que se registrou em outros grupos da tribo. Para os Kaingáng de Palmas (Paraná) eucontram-se informações bastante minuciosas no citado trabalho do Dr. Baldus. No tocante ao grupo de Doble, escreve Hensel: «Parentes próximos não se casam entre si, regra essa que observam com muito rigor.» Esta informação se refere provávelmente ao preceito de exogamia, que vigora também entre outros Kaingáng. «Parentes próximos» corresponderia neste caso a membros de um determinado clã ou de uma metade exógama.

A tonsura era uma espécie de distintivo tribal dos Kaingáng. Os homens como as mulheres cortam ou cortavam o cabelo à maneira dos franciscanos, o que lhes valeu o apelido de «Coroados», pelo qual são conhecidos em todo o Brasil Meridional.



HOMENAGEM

À memória do grande poeta

OLAVO BILAC

As rimas magistrais dos teus versos tão finos
Cintilam com fulgor nas lindas madrugada,
Deprendendo no céu, aos beijos peregrinos,
O olor dos bogaris das manhãs orvalhadas...

Teu genio inspirador produz som como os sinos,
Que à tarde, ao pôr do sol, dão fortes badaladas,
Resoando pelo espaço em canticos divinos,
Vibrando os corações das almas bem formadas.

Tenho orgulho de ti, ó vate sonhador,
Cheio de canto e luz, brilhos de flores mil,
O' bardo consagrado em grande resplendor!

E assim, ante o teu nome e teu canto febril,
Tão cheio de doçura, ó meigo trovador,
Eu louvo a tua gloria em terras do Brasil!

ERNESTO XAVIER DE SOUZA



No tempo de Hensel, os índios da horda de Doble já não revelavam grande apêgo a êsse costume. Informa êsse autor que cortavam a coroa às crianças apenas uma vez, i. é, pouco tempo depois do nascimento, e depois deixavam crescer a cabeleira indefinidamente.

Notou-se que as pessoas mantidas como cativos entre os Kaingáng da horda de Doble eram também obrigadas a usar o corte de cabelo característico da tribo. O mesmo se afirma, aliás, com relação a indivíduos que espontâneamente se haviam agregado ao grupo.

No tocante à pacificação dos índios Kaingáng do Rio Grande do Sul na época colonial, cumpre salientar, como um dos fatos mais importantes, o estabelecimento duma redução jesuítica no alto curso do Uruguai. Ficava no território dos Guandaná e tinha o nome de «Conceição». Diz-se existirem ainda, perto de Forquilha, as ruínas desse estabelecimento, fundado em 1630, no qual segundo os cronistas, se teria aldeado um total de 3000 índios. Não tive possibilidade de verificar a data em que deixou de existir essa grande redução.

Em 1842, quando ocorreu a expulsão dos jesuítas do Uruguai êstes fixaram residência em Pôrto Alegre, onde se dedicaram ao ensino e à cura de almas. Não tardou, porém, que o govêrno provincial decidisse incumbi-los do aldeamento de hordas indígenas do território riograndense. Em 1848 iniciaram os trabalhos da catequese entre os índios de Guarita e de Nonoai. Um ou dois anos mais tarde, começaram também com a cristianização da horda de Doble. Nessa ocasião, o cacique se apresentou com cêrca de noventa pessoas, que levantaram as suas habitações no Campo do Meio, i. é, a oeste de seu aldeamento futuro. — O tra-

Soneto

Êsses teus olhos de um fulgor tão claro...
Os lindos lábios de um rubi tão lindo!...
Êsses cabelos de um negrume infindo!...
E o corpo esbelto... curvilíneo... raro...

E a esbeltez do busto colorindo
O meu desejo cintilante... avaro...
E a morbidez da carne... e o corpo raro...
Os lábios rubros, sempre a mim sorrindo...

A palidez da face, enrubescendo
Ao meu contato, de fogoso anelo...
O corpo esbelto... curvilíneo... belo!...

Os olhos teus amortecidos, lendo
Na minha face a palidez do sonho...
Nos olhos meus... o teu olhar tristonho!...
Novembro de 1948.

Sorriso

Por um sorriso teu, mulher formosa,
Esquecerei as mágoas do Universo...
Empunharei a Lira... e em cada verso...
Teu nome escreverei... botão de rosa...

Caminharei na esteira perfumosa
Por onde tu passares... e dispersos
Meus cantos rolarão, em tons diversos,
Na senda apaixonada e venturosa...

Se acaso o teu sorriso alegre e ardente
Componho, na penumbra do meu peito,
Os sonhos, que envolvem a minha mente,

S'espraim, num langor voluptuoso,
Ao ver o corpo ardente, já desfeito,
Nas formas dum sorriso veludoso...
Novembro de 1948.

O. RONILLA.

balho dessas missões foi confiado pelo Pe. Parés, superior dos jesuitas, aos Pes. Pedro Ladera e Miguel Cabeza.

Os resultados da obra de pacificação não parecem ter sido muito satisfatórios, pois já em 1852 o governo resolveu subtrair aos jesuitas os privilégios concedidos e naturalmente também a subvenção que lhes vinha pagando. Os capuchinhos, que estavam em contacto com os Kaingáng do Paraná, declinaram o convite de estender a sua atividade também aos do Rio Grande do Sul. Em 1854 o governo propôs aos jesuitas que retornassem os trabalhos, mas estes, considerando-se vítimas de injustiça, não aceitaram a proposta. E assim ficaram suspensas durante quase meio século as tentativas de catequese e civilização desses índios.

Em princípios deste século, porém, vários pastores da igreja evangélica no Rio Grande do Sul conceberam o plano de fazer alguma coisa em prol dos aborígenes. Enviou-se então a Lagoa Vermelha e depois a Nonoai um representante, Bruno Stysinski, com a incumbência de estudar a questão. Stysinski publicou um trabalho sobre cada uma das viagens e forneceu também os relatórios ao governo. (Nota: Não me foi possível, até hoje, obter indicações bibliográficas exatas sô-

Sociedade Anonima Comercial CASA MOELLMANN

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.
FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2
Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE.
Aceitamos encomendas para entrega
oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscrição,
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL

bre o trabalho relativo à primeira viagem. As impressões da segunda foram insertos no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (volume 21; São Leopoldo, 1902), sob o título de «Unsere Indianer in Nonohay». O projeto da igreja evangélica não chegou a ser executado.

Não existem informes exatos sôbre o número de Kaingáng existentes no Rio Grande do Sul. Em geral, encontram-se apenas estimativas um tanto vagas sôbre o total dos índios do estado. Os dados mais recentes de que dispomos são de 1944 e constam de um relatório oficial do Serviço de Proteção aos Índios. Referem-se à população dos postos mantidos pelo governo federal em território riograndense.

São os Seguintes :

Postos	Índios Kaingáng
Guarita	632
Nonoai	494
Ligeiro	356
Cacique Doble	284
Total	1.766

Além desses, há ainda alguns toldos menores, assistidos em parte pelo serviço federal e em parte pelo governo do estado.

Um pouco de HUMORISMO



NO TRIBUNAL

Juiz — Como se chama?

Acusado — João Pedro.

Juiz — Seu estado civil?

Acusado — Casado.

Juiz — Com quem?

Acusado — Com uma mulher.

Juiz — Pudera!

Acusado — Pudera, não, senhor juiz, porque tenho uma irmã que é casada com um homem.

—
Dizia uma cantora de rádio:
— Não imagina. O auditório fez-me cantar três vezes a minha última aria...

Respondeu outra:

— Não admira. Êle reconheceu que você precisa praticar.

—
A dona da casa precisa de um copeiro e anuncia. Apresenta-se um, a quem ela faz as seguintes perguntas:

— Quanto tempo esteve servindo na última casa?

— Dez anos, minha senhora.

— Bom sinal! E que casa era?

— A Casa da Correção.

CONVERSAS

Uma pobre senhora lamentava em conversas com uma vizinha:

— Não sei o que fazer. O médico disse-me que, si eu desse a meu marido qualquer bebida que não agua pura, com certeza o mataria.

— E então?

— Si eu lhe der só agua pura, é êle que me mata, a mim.

AVISO AOS DESCUIDADOS

Num café em Dez Moines, nos Estados Unidos, existe o «aviso»: Se o senhor precisa pôr a cinza e as pontas de cigarro no pires ou na xicara, avise ao garção para que êle lhe sirva o café no cinzeiro.

NA CIDADE

Na cidade de San Javier, no Uruguai, quando era exibido no cinema local o filme «O bandido do caminhão», no momento exato em que o bandido da tela assaltava uma granja com o propósito de roubar, o espectador Bonifácios Nieves, julgou de seu dever ir em auxílio das vítimas. Sacou de uma pistola automática e atirou rapidamente contra o «bandido», alarmando os demais espectadores. A polícia deteve Bonifácio, sem levar em conta seus nobres e generosos impulsos de justiça.

FORMALIDADE

O rapaz dirige-se ao pai da sua amada para pedi-la em casamento:

— Venho, senhor, preencher uma mera formalidade, porquanto...

— Mera formalidade? Quem lhe disse que me pedir minha filha em casamento é mera formalidade?

— Sua esposa...

— Pai, compra um tambor para mim?

— Eu? Para viver com os ouvidos atordoados em casa?

— Não, papai. Eu te prometo só tocar tambor quando tú estiveres dormindo...

PSICANÁLISE

Uma senhora procura o psicanalista e queixa-se dos seus sonhos.

— Conte-me detalhadamente como êles são.

— Sonho tôdas as noites com um rapaz bonito que possui 10 milhões de cruzeiros e me suplica que me case com êle.

— Muito interessante. Mas que é que tem de ruim êste sonho?

— Acordar! — responde a senhora.

—
Quando nos casarmos, faço questão de ter três empregadas.

— Terás vinte, meu amor. Mas não de uma só vez...

—
O gerente, ao sair do escritório diz à sua secretária.

— Creio que a senhorita necessita de um descanso, pois escreveu esta carta na máquina de somar...

MA' REDAÇÃO

Maupassant foi empregado em ministério e ha algum tempo encontraram uma nota de informação a respeito do grande escritor; «Funcionário concienzoso, porém escrevia mal».

A informação não poderia ser mais sensacional para o seu grande público...

PERSPICACIA

Do relatório de um interno no Pronto Socorro:

«Paciente visitado a 1 hora. Ausencia de respiração, ausencia de coração, pulso ausente, reflexos ausentes, ausencia de reflexos de córnea. Paciente aparentemente morto».

Linhos Para Terno de Cavalheiros
da fabrica diretamente ao consumidor
pelo Serviço Reembolso Postal
FABRICA DE TECIDOS DE LINHO
Acêita-se agentes em todas as cidades

ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)

Com prática nos hospitais europeus

CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças, doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: **DR. PAULO TAVARES**

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e saúde pública pela Universidade do Rio de Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIOS X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doenças internas — Coração — Pulmões — Viscerula Biliar — Estomago, etc. — Radiografias osseas e radiografias dentárias

ELETROCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANÁLISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Ascheim Zondeck, para diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz, escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anexo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: **DR. DJALMA MOELLMANN**
Viagem de especialização em radioterapia, nos Institutos de Montevideo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: **DR. PAULO TAVARES**
Curso de especialização em radioterapia, com os Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo Roentgenterapia profunda, semi-profunda e superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM, importados dos EE. UU. trazendo atestados de eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANOPOLIS

SANTA CATARINA

Casa de Saude e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de

Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprasivel chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e modernissimo para tratamento médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - Ondas curtas - Eletricidade médica - Exames endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria. Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

O doente pôde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANOPOLIS

Telefone 1.153